

Revista /

MÚLTIPLA

NÚMERO 11 – ANO VI – 2001

EDITORA

Mercedes G. Kothe

CONSELHO

Alcides Costa Vaz
Arlei José Machado de Freitas
João Alfredo Leite Miranda
Josaphat Marinho
José Flávio Sombra Saraiva
Josué Alfredo Pellegrini
Manoel Moacir C. Macêdo



Faculdades Integradas

Diretor-Presidente
Diretor Administrativo
Diretor Financeiro
Diretor de Relações Públicas
Diretor de Ensino
Diretor de Pós-Graduação
Diretor de Avaliação

Vicente Nogueira Filho
Ruy Montenegro
José Rodolpho Montenegro Assenço
Ivonel Krebs Montenegro
José Ronaldo Montalvão Monte Santo
Arlei José Machado de Freitas
Celso Silva Fonseca

A **Revista Múltipla** é uma publicação semestral das Faculdades Integradas da União Pioneira de Integração Social – UPIS.

SEP/Sul - EQ. 712/912 - Conjunto “A”

CEP 70390-125 - Brasília - DF

As informações e opiniões expressas nos artigos assinados são da inteira responsabilidade dos respectivos autores.

Revista Múltipla – Ano VI - vol. 7 – nº 11, Dezembro de 2001.

ISSN 1414-6304

Brasília, DF, Brasil

Publicação semestral

236 p.

1 - Ciências Sociais – Periódico

União Pioneira de Integração Social – UPIS

CDU

301(05)

Internet: <http://www.upis.br>

Revisão de Originais

Rosane A. Garcia

Capa

Ton Vieira

Diagramação, editoração eletrônica e impressão

Gráfica e Editora Inconfidência Ltda

SUMÁRIO

- 5** **Apresentação**
- 9** *ENSAIOS*
Revisionismo histórico y autoritarismo
Guido Rodríguez Alcalá
- 29** **A teoria do valor em Marx: a dialética da mercadoria ao dinheiro**
Luis Carlos Cavalcanti de Albuquerque
- 51** **O Mercosul é um espaço público? Os dilemas das centrais sindicais e da sociedade civil**
Alan Barbiero e Yves Chaloult
- 75** **Rio Branco e a consolidação da Amazônia brasileira: a questão do Amapá**
Francisco Fernando Monteoliva Doratioto
- 97** **Interfaces entre o conceito de ideologia em Marx e o conceito de ilusão em Freud: anotações para uma análise do discurso das recentes políticas de educação superior no Brasil**
Rubens de Oliveira Martins
- 127** *OPINIÃO*
A profissionalização da gestão das empresas familiares num contexto de mudança: um estudo de caso no setor têxtil
Carlos Henrique Maurício da Rocha
- 151** **O desafio da gestão integrada dos recursos hídricos no Brasil**
Heliton Leal Silva
- 161** **Turismo rural e ecoturismo no Distrito Federal**
Ruy Montenegro, Paulo Vicente Guimarães e Manoel Moacir C. Macêdo
- 197** *INFORMAÇÃO*
Novas espacialidades nas áreas de cerrado brasileiro: considerações sobre a rede urbana
Kelly Cristine F. O. Bessa e Beatriz Ribeiro Soares
- 219** **Oswaldiando: notas sobre *Um ciclone na paulicéia***
Pedro Paulo Gomes Pereira
- 227** **Marketing: o sucesso em cinco movimentos (resenha)**
Larissa Cristina Sampaio Macêdo
- 229** **Relações Internacionais: dois séculos de história (resenha)**
Albene Miriam F. Menezes
- 235** **Normas para colaboradores**

SUMMARY

- 5** **Foreword**
- 9** *ESSAYS*
Historic revisionism and authoritarianism
Guido Rodríguez Alcalá
- 29** **The theory of value in Marx: dialectics from merchandise to money**
Luis Carlos Cavalcanti de Albuquerque
- 51** **Is Mercosur a public space? The dilemmas of labor unions and civil society**
Alan Barbiero and Yves Chalout
- 75** **Rio Branco and the consolidation of the Brazilian Amazon: the Amapá case**
Francisco Fernando Monteoliva Doratioto
- 97** **Interfaces between the concept of ideology in Marx and the concept of illusion in Freud: remarks for an analysis of Brazilian education policies**
Rubens de Oliveira Martins
- OPINION*
- 127** **Professionalization of family business management within a changing environment: a case in the textile sector.**
Carlos Henrique Maurício da Rocha
- 151** **The challenge of integrated management of hydric resources in Brazil**
Heliton Leal Silva
- 161** **Country tourism and ecotourism in the Federal District**
Ruy Montenegro, Paulo Vicente Guimarães e Manoel Moacir C. Macêdo
- INFORMATION*
- 197** **New specialities in areas of the Brazilian savanna: remarks on the urban network**
Kelly Cristine F. O. Bessa e Beatriz Ribeiro Soares
- 219** **Oswaldiando: notes on *Um ciclone na paulicéia***
Pedro Paulo Gomes Pereira
- 227** **Marketing: Success in five movements (book review)**
Larissa Cristina Sampaio Macêdo
- 229** **International Relations: two centuries of history (book review)**
Albene Miriam F. Menezes
- 235** **Norms for contributors**

APRESENTAÇÃO

A presente edição marca a passagem dos 30 anos da UPIS, que vem se consolidando como Instituição de ensino superior no Distrito Federal. Também culmina seis anos de existência da **Revista Múltipla**, ao longo dos quais foram publicados mais de uma centena de artigos em variadas áreas das Ciências Sociais focalizando questões de relevância nos cenários local, nacional e internacional, e que permitiram profícuo intercâmbio acadêmico entre a Instituição e suas congêneres no Brasil e no exterior.

Neste sentido, contemplamos, no decorrer do percurso, uma variada gama de temas relativos ao Distrito Federal, à região Centro-Oeste e ao Brasil, bem como outros referentes à inserção externa do País e ao contexto internacional, com enfoques multidisciplinar e específicos nas áreas da geografia, sociologia, antropologia, história, política e economia, atendendo a um amplo público acadêmico, objetivo esse que norteou a criação da **Revista Múltipla**. Seguindo essa mesma trajetória, publicamos, no presente número, artigos que abordam o ecoturismo no Distrito Federal, a geografia humana no Centro-Oeste, o gerenciamento de recursos hídricos no Brasil, a atuação do Barão do Rio Branco na consolidação da Amazônia brasileira e a gestão de empresas familiares.

Desde perspectivas mais teóricas, temos a análise das aproximações e afastamentos entre o conceito de ideologia em Marx e o de ilusão em Freud com sentido aplicado à interpretação dos discursos das políticas de educação superior no Brasil; apresentamos ademais minuciosa análise do conceito de valor em Marx sob os auspícios da dialética hegeliana.

No panorama do Cone Sul, contemplamos os dilemas das centrais sindicais e da sociedade civil em sua participação no Mercosul e a análise do revisionismo histórico como base ideológica para os governos ditatoriais no Paraguai, no século XX. Por fim, apresentamos resenhas de obras recentes sobre Marketing e sobre Relações Internacionais da América Latina.

Esperamos que o público leitor sinta-se adequadamente atendido com temas tão diversos e continue a prestigiar a **Revista Múltipla**.

A Editora.

ENSAIOS

Guido Rodríguez Alcalá

Escritor, cientista político e jornalista paraguai. Doutor em Letras pela Universidade de Albuquerque (Novo México, EUA).

Revisionismo Histórico y Autoritarismo

En 1957, el historiador paraguayo Benjamín Velilla dictó una conferencia donde criticaba, discretamente, la capacidad militar de un dictador decimonónico, el mariscal Francisco Solano López. La crítica tenía su fundamento. Nombrado general a los 18 años por su padre, el presidente del Paraguay, el joven general se nombró a sí mismo mariscal cuando sucedió a su padre en la presidencia; poco después, desató una guerra contra el Brasil, la Argentina y el Uruguay, de resultado previsible para todos menos para el propio mariscal. Velilla se cuidó de mencionar ciertos actos censurados del personaje histórico, como la ejecución de sus hermanos y de un número elevado de personas, sin consideración de sexo ni edad. Apenas terminada la conferencia, Velilla fue apresado y desterrado. ¿La razón? Haber molestado con la crítica al presidente Alfredo Stroessner. Ese dictador sentía un gran respeto por su colega López. Y esa no era sólo una cuestión de preferencia personal sino que estaba relacionada con la ideología sustentada por su gobierno, una ideología donde ocupa un lugar muy importante el revisionismo histórico.¹ Para comentar las relaciones entre el revisionismo y la tradición autoritaria, comenzaremos con una reseña histórica.

Breve reseña histórica

La historia independiente del Paraguay puede dividirse en tres etapas: de la independencia a la guerra de la Triple Alianza (1811-1870); era liberal (1870-1936); regresión autoritaria (1936-1989). Las presentaremos brevemente.

(I) *De la Independencia a la guerra de la Triple Alianza.* Esta época está dominada por tres largas dictaduras: la de José Rodríguez de Francia (1814-1840), Carlos Antonio López (1842-1862) y Francisco Solano López (1862-1870). Estas dictaduras significan la prolongación de la Colonia. En materia económica, siguen con ideas y prácticas mercantilistas, e incluso significan una regresión frente al relativo progreso alcanzado en los últimos años de gobierno español.² En materia política, perpetúan instituciones coloniales: diezmo, corvea, servidumbre y esclavitud. Gobiernan con las Leyes de las Siete Partidas y las Leyes de Indias (vigentes en el Paraguay hasta 1870 y después) e imparten una educación basada en principios medievales.³ Exigen permiso

para viajar y para casarse. ⁴ La ley de 1844 (mal llamada constitución de 1844) reserva a los propietarios el acceso a los cargos públicos superiores (el presidente deberá tener un capital de 8.000 pesos, establece la ley). La ley de 1848 despoja a los indígenas de sus tierras, respetadas por la legislación colonial. ⁵ La tortura y la pena de muerte son procedimientos rutinarios y alcanzan proporciones monstruosas durante la guerra de la Triple Alianza. ⁶ *Last but not least*, esas dictaduras fomentaron en el pueblo una mentalidad xenófoba y chovinista y tomaron medidas en esa misma línea. Además de apresar al célebre Aimé Bonpland, Francia decidió, a partir de 1818 el confinamiento de todos los correntinos residentes en el Paraguay y en 1823, apresó a todos los santafesinos de Asunción (unos y otros quedaron en libertad después de la muerte del dictador). Aunque en tiempos de guerra la propaganda de cada bando no sea justa con el enemigo, la propaganda de los periódicos del mariscal López resulta excesiva, como puede ver cualquier lector de *Cabichui*. ⁷

Es probable que Francisco López abrigara propósitos monárquicos, pero el pretendido rey murió el 1 de marzo de 1870 en Cerro Corá. Así terminaron la guerra de la Triple Alianza (1864-1870) y la autocracia en el Paraguay. Si bien destruido, el país tuvo la posibilidad de orientarse hacia formas políticas menos represivas, dada la destrucción del aparato militar y policial de la dictadura.

(II) *La era liberal*. Blanco de las críticas del revisionismo histórico, la era liberal significa un gran progreso con relación a la de Francia y López. Progreso en lo relativo al respeto de los derechos humanos: en 1870, con su primera constitución, el Paraguay proscribió la esclavitud, la tortura, el exilio y la pena de muerte por razones políticas. Aquella época no conoce las ejecuciones en masa ni los encierros de por vida de la época anterior. Por primera vez, el país elige sus autoridades (elegidas anteriormente por congresos previamente elegidos por el candidato); aunque las elecciones hayan sido con harta frecuencia falseadas, ningún presidente liberal se eternizó en el poder. Por primera vez se organizó la administración del estado, distinguiéndose entre las finanzas del gobernante y las del fisco; ningún presidente liberal llegó a ser dueño de más de la mitad del país como los López-sin negar por eso la supervivencia de la corrupción. También se creó un sistema de educación pública aceptable: se descartaron las cuartillas absolutistas como el *Catecismo de San Alberto* usado por López; se fundaron el Colegio Nacional (1877) y la Universidad Nacional (1889). Surgió la prensa independiente y, con ella, la vida literaria y cultural. En tiempos de Francia, no se publicaron libros ni periódicos; en los de López, sólo literatura del gobierno.

Lamentablemente, la era liberal no pudo liberarse de su pasado inmediato. Si Francia & López fueron la prolongación de la colonia, la era liberal tuvo que convi-

vir con la tradición de aquellos dictadores. Terminada la guerra, el Paraguay fue ocupado militarmente hasta 1879. Los ocupantes se encargaron de que continuaran en el poder elementos de la vieja burocracia lopista.⁸ Sobrevivió la burocracia y, en gran medida, el sistema económica y social anterior. El país siguió siendo una economía rural dominada por el latifundio que, como durante la Colonia, utilizaba trabajo forzado o mal pagado. Como en los tiempos coloniales, la iglesia y las autoridades locales eran poderes de facto. La violencia fue una forma frecuente de dirimir cuestiones políticas. Por otra parte, el *small government liberal*, si no aseguró la estabilidad ni resolvió los problemas sociales, tampoco permitió la implantación de dictaduras militares. Estas se vieron obstruidas por dos factores: la reducción del ejército y la ausencia de monopolios de estado. El ejército, que tenía unos 40.000 hombres en 1864, no tenía más de 600 en 1885 y unos 4.000 en 1931. Los monopolios de gobierno resurgidos después, a partir de la dictadura de Morínigo, fueron la fuente del poder y la corrupción de Stroessner. Militarismo y estatismo, característica de los gobiernos de Francia & López, lo son también de las dictaduras surgidas después de la era liberal.

(III) *La regresión autoritaria*. El 17 de febrero de 1936, un golpe militar llevó a la presidencia al coronel Rafael Franco, héroe de la guerra con Bolivia. El ejército sería, en las décadas siguientes, el factor determinante de la política paraguaya. La guerra con Bolivia (1932-1935) había permitido la movilización de unos 100.000 hombres; con ese número y la infatuación de haber ganado la guerra, el “ejército de la victoria” se sintió con el derecho de dirigir el país de acuerdo con el parecer de sus jefes. Días después del golpe, Franco declara: “No es nueva en mí la admiración por Alemania y por el brillante caudillo de su revolución, el señor Hitler, uno de los valores morales más puros de la posguerra”.⁹ Y unos días después, el 10 de marzo, su decreto 152 identifica la revolución *febrerista* con la fascista en los siguientes términos: “la Revolución Libertadora en el Paraguay reviste la misma índole de las transformaciones totalitarias de la Europa contemporánea, en el sentido de que la Revolución Libertadora y el Estado son ya una misma cosa”. Sin embargo, sería injusto considerar a Franco un simple fascista. A pesar de gobernar con poderes extraordinarios, no violó derechos humanos básicos y fue honesto en el manejo de los fondos públicos. Su decreto 152 y otras manifestaciones desafortunadas fueron más bien el resultado de la confusión ideológica imperante en la época.¹⁰

Lo que en Franco fue una cuestión de error, fue una cuestión de decisión deliberada del régimen del general Higinio Morínigo (1940-1948), la primera dictadura estable del país desde 1870 – el ensayo general de la dictadura de Stroessner. Inspirándose en Hitler, Morínigo exigió al ejército un juramento de lealtad a su

persona. Fundó el DENAPRO (Departamento Nacional de Propaganda) inspirándose en el Ministerio de Propaganda de Goebbels. Dio libertad a los agentes italianos y alemanes. Organizó dentro del ejército una camarilla fascista, el Frente de Guerra. Reforzó el aparato policíaco e hizo de la tortura una rutina en la policía. Como reacción, los liberales, febreristas y comunistas se rebelaron en 1947. Sin embargo, triunfó Morínigo con las armas enviadas por Juan Perón y el apoyo del partido colorado. Como recompensa, el partido colorado es, desde 1947, partido del gobierno y aliado del ejército.¹¹

La alianza de colorados y militares fue conflictiva por numerosas razones, incluyendo que el partido había organizado grupos paramilitares que competían con las fuerzas armadas. Entre las milicias se encontraba el grupo llamado guión rojo (formado sobre el modelo de los *fasci di combattimento* fascistas). Las rivalidades entre milicianos y militares fueron causa de numerosos golpes de estado: entre junio de 1948 y noviembre de 1949, el Paraguay tuvo cinco presidentes (Frutos, González, Rolón, Molas y Chaves). El orden llegó recién, lamentablemente, con el general Alfredo Stroessner, surgido como el hombre capaz de imponer *law and order* en un país devastado por la persecución política y el bandidismo rural, una suerte de gobierno bonapartista.

Stroessner y el revisionismo

De la larga dictadura estronista (1954-1989), queremos recalcar un aspecto: el culto de los héroes. Stroessner se consideró el auténtico heredero de los ‘grandes hombres’ del pasado: Francia y los López. Por eso consideraba una crítica al gobierno la crítica contra aquellos dictadores decimonónicos y desterró al historiador Velilla, a causa de su discreta crítica contra el talento militar del Mariscal Presidente.

La prensa oficial no se cansaba de insistir en el parentesco moral entre los Padres de la Patria y el gobierno Stroessner. La prensa oficialista presentaba, con el destaque debido a las noticias recientes, lo sucedido en los días ‘patrios’: 1 de marzo de 1870 (muerte de López), 24 de julio de 1827 (cumpleaños de López), 20 de setiembre de 1840 (muerte de Francia); sin olvidar, por supuesto, el 3 de noviembre (cumpleaños de Stroessner). Un ejemplo: el 13 de mayo de 1961 (víspera del día de la independencia), *El País* dedica su primera plana a los retratos de los héroes oficiales: Francia, los López, Caballero (fundador del partido colorado) y, por supuesto, Stroessner. La publicación lleva el título: “El gobierno colorado del Presidente Stroessner en el día de la Patria”. Dos meses después, gran festejo oficial: del cementerio de Père Lachai-

se (París) llegan al país los restos de Elisa Lynch, amante del mariscal López. También en primera plana, *El País* informa: “Llegaron los restos de Elisa A. Lynch”. Y el periódico agrega: “Nadie la superó jamás en el valor, la Abnegación, la lealtad”. El ataúd fue recibido por representantes del gobierno y fue maestro de ceremonias Juan O’Leary, quien manifestó al *País* su agradecimiento “al primer magistrado de la República, que me ha hecho posible completar mi obra de suprema justicia histórica en este crepúsculo de mi vida”. El mismo O’Leary había sido objeto de un homenaje oficial algunos años atrás. *Patria* informó entonces en su primera página: “Rindióse homenaje al Escritor e Historiador Nacional D. Juan E. O’Leary” (3 de marzo de 1955). La publicación se ilustra con una foto del monumento a O’Leary levantado por Stroessner. En 1958, *El País* inició una campaña a favor del revisionismo histórico, que incluyó su editorial del 12 de setiembre (“Al margen del revisionismo”) y profusa información sobre la visita de los revisionistas argentinos Atilio García Mellid y José María Rosa, recibidos y condecorados por el gobierno.

Quienes querían adular al dictador lo declaraban continuador de tradición ‘auténticamente paraguaya’. Un ejemplo es la publicación aparecida en *El País* con el título “Una carta al Presidente” y la advertencia: “Es de la pluma bronceada de O’Leary y es digna del cantor de nuestras glorias y del máximo vindicador de nuestros héroes”. Escribiendo desde París, O’Leary (de quien diremos más en las páginas siguientes) evocaba la independencia paraguaya:

Llegan los días gloriosos de la Patria. El 14 y el 15 de mayo asoman en las lontananzas del pasado como un largo canto de fraternidad y de esperanza. Y pienso en nuestra amada tierra natal y en todos los que son caros a mi corazón de paraguayos, a todos los que son parte de mi propia vida por el afecto, por la sangre, por la amistad... En días como los presentes, aproximémonos a reverenciar al Padre, al Hijo y al Espíritu Santo de nuestra Trinidad Patriótica: al doctor Francia, al Patriarca de nuestro progreso y al Mártir de Cerro Corá.

El escrito termina con una exhortación al dictador: “usted siga siendo, como ya lo es, el continuador de la obra constructiva de los tres grandes que forjaron la nacionalidad.”¹² La carta es una obra maestra de oportunismo, mas no por eso carece de interés, pues expresa algo muy arraigado, y no solo entre los oportunistas políticos: el culto del mariscal López y de los hombres providenciales. Este culto también pertenece a personas de mayor prestigio literario que O’Leary, como el escritor Augusto Roa Bastos. Refiriéndose al mariscal López, Roa dice:

*Nuestro Mariscal de Hierro fue un hombre auténticamente providencial en el sentido de lo necesario. ¿Por qué? Porque encarnó el afán de pervivencia de nuestra raza y de nuestra nación... A los ochenta y tres años de su sacrificio, a pesar de la infame lápida de plomo de los legionarios y del señoritismo urbano de dentro y de fuera, Solano López, paraguayo ejemplar, maravilloso ejemplo americano de fortaleza moral y de patriotismo militante, no académico ni especulativo, sigue presidiendo la vida nacional junto con los otros hombres de nuestra historia auténticamente providenciales como él y sigue reencarnándose en sus descendientes espirituales más meritorios.*¹³

Este escrito de Roa puede relacionarse con otro del mismo Roa:

*Después de haber alcanzado, a mediados del siglo XIX, los niveles más altos de progreso material y cultural sobre la base de una efectiva independencia y de su autonomía económica y política, el Paraguay fue arrasado a sangre y fuego por los ejércitos de la Triple Alianza. Esta guerra fue tramada y financiada por la política de dominación del Imperio británico en connivencia con las oligarquías portuarias de Buenos Aires y los centros financieros del Brasil.*¹⁴

Con lo anterior, el escritor se declara partidario del revisionismo histórico, cuyas características son, según Bobbio:

- a) necesidad de un conductor nacional, de un héroe como hacedor de la historia, en el que se encarne todo un sistema de valores considerado positivos para la sociedad;
- b) el antiintelectualismo, en tanto que actitud propia de intelectuales, 'que si creen que una ideología tiene por sí sola fuerza suficiente para deshacer todo un orden secular, es porque creen implícitamente que las ideas gobiernan la historia;
- c) la política británica en el Río de la Plata, presentada como un plan consciente para impedir la realización de la grandeza nacional y su correlato necesario, la imbricación de esta política con los grupos liberales de la *intelligentsia*.¹⁵

La definición de Bobbio, con las necesarias limitaciones de cualquier definición, ayuda a comprender el fenómeno. Antiliberalismo, antiintelectualismo y crítica del imperialismo británico son rasgos esenciales del revisionismo latinoamericano.

no y también del revisionismo histórico de las dictaduras paraguayas. Naturalmente, dentro de esa tendencia, hay diferencias y matices que sería injusto desconocer. Existen una izquierda y una derecha; una voluntad de conocer la historia y un propósito de ocultar la verdad. Mientras Eduardo Galeano y Jorge Abelardo Ramos fueron críticos del *establishment*; los abanderados del revisionismo paraguayo, en general, fueron oportunistas y empleados públicos carentes de rigor intelectual. Una cosa son las especulaciones histórico-literarias de Augusto Roa Bastos; otras, las manipulaciones políticas de Alfredo Stroessner. Aunque se debe reparar en las diferencias, también debe insistirse en que el revisionismo histórico ha formado parte de la ideología de las dictaduras paraguayas de las décadas recientes. Para comprenderlo, se deben mencionar los nombres de sus dos principales publicistas: Juan O'Leary y Natalicio González.

Juan O'Leary (1879-1965) comenzó su carrera como un periodista liberal. Pertenecía a una familia perseguida por el régimen de López; su madre, Dolores Urdapilleta, había pasado los últimos momentos de la guerra en un campo de concentración del cual pudo volver recién después de 1870. “A los tiranos, madre, mi maldición”, había escrito el autor en sus años juveniles. Luego conoció a Enrique Solano López, hijo del Mariscal Presidente, y decidió emprender una campaña de reivindicación del dictador. Como otros literatos de principios de siglo, O'Leary manifestó una gran admiración por ciertos escritores franceses de la época: Hipólito Taine, Maurice Barrès, Charles Maurras; en especial por el último, del cual se puede considerar discípulo.¹⁶ De Maurras, O'Leary tomó la pretensión de reivindicar una tradición auténticamente nacional amenazada por las influencias antipatrióticas. Como su maestro francés, que consideraba al nacionalismo una “religión de la diosa Francia”, el paraguayo se siente poseído de una vocación religiosa:

‘Pontífice máximo del lopismo’, se me ha llamado. Esta afirmación despectiva me da, a pesar de todo, un carácter sacerdotal que me place. Me eleva a la suprema magistratura de un culto, que se empeñan en que sea el de un hombre. Indirectamente, reconocen que se trata de una religión y de un sacerdocio. La pasión no les impide entrever la verdad... El patriotismo es una religión y, como tal, está basado en la fe.¹⁷

En los escritos de O'Leary no debe buscarse rigor histórico ni lógica, aunque si una considerable *vis dramática*, que los hace aptos para la polémica y la inventiva. La ‘revisión’ emprendida por O'Leary no aporta nada nuevo al conocimiento del pasado, excepto la tendencia a calificar de traidor a la patria, o legionario,

a quien no comparte sus puntos de vista, un tipo de discurso que presenta la realidad ‘como cosa juzgada’ y que caracteriza a la tradición reaccionaria francesa.¹⁸ O’Leary no describe sino impone sus puntos de vista con recursos sentimentales y reaccionarios; del mariscal López dice

*Esa figura es como el nudo de nuestra historia, principio y fin de nuestra epopeya, clave de nuestro pasado, cumbre y sima, aurora y ocaso, resplandor de luz meridional, tristeza crepuscular, encarnación de todas nuestras grandezas morales y símbolo vivo de nuestros dolores. Imposible derribarla y mucho menos negarla.*¹⁹

Este estilo semi-poético ha sido característico de la prensa apologética de Stroessner, en especial de los editoriales de sus diarios *Patria* y *El País*.

Natalicio González (1897-1966), el continuador de la campaña nacionalista de O’Leary, fue una particular mezcla de *littérateur*, político y oportunista. Estuvo al servicio del dictador Juan Vicente Gómez y llegó al gobierno con el eslógan de “a tiros y a sablazos, Natalicio al palacio”. Al asumir la presidencia en 1948 prometió: “dentro de un año no habrá un solo colorado pobre”. Con Charles Maurras, González dice que el liberalismo es una doctrina antinacional que llega al país por obra de la intervención extranjera y con el propósito deliberado de arruinar el país; es el mal y por eso

*el Paraguay, para salvarse, necesita estrangular el liberalismo sin piedad, con fría decisión. Así tornará a ser la nación grande y fuerte que fundó la civilización en el Río de la Plata. La doctrina liberal es el veneno que emponzoña el alma de la patria.*²⁰

El estrangulamiento del liberalismo es posible porque, a pesar de la decadencia que invade el Paraguay a partir de 1870, “el pueblo conserva vivas su capacidad creadora y las viejas virtudes de la raza”. Por debajo de la superestructura que constituye el Estado Liberal (que llama *Estado exótico*), se encuentra la *Nación autóctona*. González propone tomar partido por lo esencial, lo autóctono, para ‘estrangular’ definitivamente lo exótico. Encarnación de lo exótico era el presidente Eusebio Ayala, que profesaba “la concepción judaica de la patria”:

Concepción propia de esa gran nación errante que carece de expresión física sobre el globo. Pero para un francés, por ejemplo, hijo de una vieja raza

*sedentaria y agricultora, que se siente adherida a la tierra de sus mayores, la patria es una cosa diversa. Un Renan, un Taine, un Barrès, la definen de otra manera que el doctor [Eusebio] Ayala y no por puro capricho.*²¹

La distinción entre lo autóctono y lo exótico es una imitación de la diferencia entre país legal y país real hecha por Maurras. Este proponía volver a la tradición auténticamente francesa, la del rey Enrique IV, suprimiendo mediante “rudas medidas de policía” la influencia exógena de la Reforma y la Revolución, un aporte de los *metecos*, los malos franceses, los enemigos de adentro. Para González, los metecos sentaron reales en el Paraguay a partir de 1870, cuando murió López y con él la tradición auténticamente paraguaya, la de los gobiernos autoritarios. Estrangular el liberalismo para volver a esa tradición imponiendo en el Paraguay un socialismo de Estado es la propuesta del *Paraguay Eterno*. La distinción entre los ‘buenos’ y los ‘malos’ paraguayos siempre estuvo presente en el discurso excluyente de Stroessner, donde el adversario político era presentado como el enemigo de la nacionalidad. Esta distinción entre el bien y el mal absolutos también se manifestó en los estudios históricos, o que pretendían pasar como tales, y que desde luego no avanzaron mucho durante la dictadura. Más que un contenido preciso, lo que aportaron González y O’Leary fue un estilo, una cierta retórica intransigente y reaccionaria.

Evolución del revisionismo histórico paraguayo

El revisionismo histórico comenzó en el Paraguay muy temprano. Para fijar una fecha, puede mencionarse el año 1883, cuando volvió de Europa Enrique Solano López. Este hijo del mariscal López y de Elisa Alicia Lynch, que había permanecido en el extranjero durante la guerra y la década siguiente, regresó con el propósito de reclamar del estado paraguayo las propiedades de su familia, que constituían la mitad del país y fueron confiscadas por los gobiernos poslopistas. La petición fracasó: en 1887, los tribunales declararon ilegal la donación. Pero Enrique Solano siguió con el propósito de rehabilitar la memoria de su padre, y tuvo la suerte de incorporar a su bando al joven O’Leary, quien llegaría a recibir el título de “cantor de las glorias nacionales” y sería honrado por Stroessner con la estatua que todavía hoy preside la Plaza O’Leary de Asunción. A través del diario *La Patria*, López y el “Reivindicador” emprendieron una virulenta campaña de exaltación del “Mártir de Cerro Corá”. La campaña fue tan lejos, que propuso la recuperación del territorio ocupado por el Brasil después de 1870 y se convirtió en un obstáculo para las relaciones entre los dos países vecinos. El gobierno del general

Escurra entonces decidió dejar de subsidiar *Patria* y la obra patriótica murió de inanición.

Rafael Barrett, el escritor español llegado al Paraguay a principios de siglo, lamentó esa fijación en el pasado que impedía ver los graves problemas presentes. Haciendo de lado ciertos aspectos ridículos de la propaganda lopista, había en ella un problema de fondo. Si los revisionistas

En el culto de los héroes del pasado como conductores de la nación y defensores de la soberanía establecen un modelo para nuevos líderes carismáticos, en su visión del presente político pretenden encontrar la reiteración o repetición de los hechos del pasado, convirtiendo la historia precedente en una gran cantera de ejemplo y modelos para la acción inmediata... el r. H. Está proponiendo un ideal de gobierno y conducción para los problemas contemporáneos. ²²

No es casual que Stroessner se haya declarado heredero de López; al proponer como ideal de gobierno una dictadura, justificaba con eso su propia dictadura. Hacia 1900, sin embargo, no estaban dadas las condiciones para el surgimiento de un Stroessner, porque la opinión pública era antilopista a consecuencia del recuerdo todavía vivo de la tiranía. Además, las ideas dominantes del momento eran las liberales, que dejaban poco espacio para la admiración de un caudillo, tratase de un caudillo decimonónico, o de un Caudillo al estilo de Franco o cualquier otro espécimen fascista. Aunque ya comenzaban a llegar ciertas ideas de la derecha europea, y en especial de la derecha francesa, estas no tenían aceptación ni difusión.

Dos décadas después, dichas ideas comenzaban a ganar terreno: en 1926, los discípulos de O'Leary decidieron festejar el centenario del nacimiento del mariscal con un acto público. El día 24 de julio, un grupo reducido pero ruidoso desfiló por el centro de Asunción bajo el liderazgo de Natalicio González. (Los ecos de la manifestación se encuentran en los periódicos de la fecha). Para consternación de los lopistas, alguien recordó que, si López nació en 1826, no podía ser hijo legítimo de Carlos López. (El error se subsanó muchos años después, cuando los textos oficiales fijaron la fecha del nacimiento en 1827). Aunque la causa del "Mártir de Cerro Corá" se llevó al Congreso, no pasó de ser una curiosidad sociológica. El gobierno, con buen tino, declaró que no había razones para convertir en cuestión de estado una disputa histórica, y se negó a emitir decretos o resoluciones sobre el punto. ²³

La rehabilitación tuvo que esperar diez años más, hasta el 1 de marzo de 1936. Aquel día, el coronel Rafael Franco, por decreto, declaró a López héroe máximo; desde entonces, el 1 de marzo es fiesta nacional. En el *día de la raza*, el 12 de octubre de 1936, Franco inauguró el Panteón Nacional de los Héroes, monumento adonde se trasladaron los supuestos restos mortales del mariscal. No es coincidencia que el glorificador del “héroe epónimo” haya sido también el autor del decreto 152. El revisionismo histórico, en el Paraguay como en el resto de América, cobra especial vigor con la popularización del fascismo. En 1935 había aparecido *El Paraguay Eterno*, el libro de Natalicio González que proponía “estrangular el liberalismo”. El 20 de diciembre del mismo año, la revista *Guaranía*, cuyo director era González, había dedicado todo un número al fascismo. Esa revista llegó a tener difusión continental, y colaboraron en ella literatos como Luis Alberto Sánchez, Gabriel del Mazo y Germán Arciniegas. Si O’Leary fue un precursor del revisionismo latinoamericano, González ya se incorporó a una corriente internacional bastante fuerte a partir de 1930, y donde convivían varias tendencias (indigenismo, fascismo, marxismo, etc.). A González se debe la autoría de un nuevo ideario del partido colorado, donde se preconizaba la intervención del estado en la economía y se descartaban las ideas liberales con que había nacido aquel partido en 1887. Llegado a la presidencia en agosto de 1948, González se mantuvo en ella hasta enero de 1949.

Sus ideas duraron más que su presidencia. Stroessner las heredó y utilizó eficazmente, adaptándolas a las condiciones de la guerra fría. A nivel internacional, descartó las consignas populistas y americanistas de González para convertirse en el interlocutor válido de los organismos crediticios e inversionistas internacionales. Fue protector del capital pero también flirteó con el trabajo incorporando a su equipo personas de antecedentes izquierdistas. Socialista por momentos y por momentos anticomunistas, utilizó la semántica de ese socialismo de derecha que es el fascismo para procurarse apoyo popular. En gran medida lo logró: Stroessner no fue un simple dictador militar sino un militar que gobernó con apoyo civil. Por eso le resultaba tan importante la manipulación ideológica.

El lavado de cerebro fue parte de su poder. Pero este no se realizaba en forma ortodoxa; el régimen stronista fue una tiranía *soft*. Con unas 1.000 muertes en su haber, no incurrió en las masacres de Somoza ni Trujillo. Prefirió mas bien los métodos de coacción incruentos como la discriminación laboral y la ‘concientización’: la preparación para el sistema comenzaba de abajo, desde la escuela primaria, reorganizada para la integración al sistema. En esta nueva pedagogía, tenía gran importancia la ‘instrucción cívica’, entendiéndose la instrucción en el culto supersticioso de la autoridad, de lo heroico y de lo pasado. La educación secundaria y universitaria también fueron intervenidas, y

se reforzó el sistema con el copamiento de las instituciones culturales, deportivas o sociales (en el sentido trivial), además de la censura e instrumentación de los medios masivos de comunicación. El resultado fue una atmósfera oprimiente que cuesta recordar sin caer en lo subjetivo. Pero, ¿no se tiene derecho a hablar-bien o mal-de lo que se conoce? Hablar, por ejemplo, de aquella multiplicación de las figuras de los ‘héroes’ en las calles, plazas y lugares públicos, con una persistencia semejante a la de las imágenes de la propaganda oficial en Berlín Oriental. Canciones, desfiles, posters, banderas, ceremonias, estribillos de las emisiones en cadena. Recordación hasta el hartazgo de las fiestas nacionales. Exhibición de los trofeos de guerra (del setenta) en locales céntricos. Finalmente, la anulación de los límites entre lo público y lo privado, dentro de la tradición totalitaria, pero de un totalitarismo que prefería idiotizar antes que asesinar.

La propaganda sistemática, la destrucción de la universidad y la ausencia de la investigación histórica tuvieron una consecuencia: la oposición-un sector considerable de la oposición, al menos- participó del discurso oficial. Aunque con propósitos diferentes, Stroessner y sus enemigos se declararon herederos del mariscal López. Los supuestos del revisionismo histórico saturaron la discusión política. Se lo puede ver en un debate parlamentario sobre el tratado de Itaipú, donde el diputado Domingo Laíno, líder de la oposición, criticó el tratado de Itaipú en estos términos:

porque realmente el Mariscal López, su padre Don Carlos y aquel padre de todos los paraguayos y de la nacionalidad, Dr. Francia, jamás hubieran permitido un tratado de Itaipú.

Laíno coincide plenamente con los revisionistas al afirmar:

*La desnacionalización fue el modelo inocultable después de la guerra imperialista de 1865-70; esta línea se siguió desde entonces y debemos reconocer como paraguayos, aquí todos los Diputados: esa línea de desnacionalización y de entrega al extranjero, esa línea se siguió desde entonces hasta nuestros días.*²⁴

¡Curiosa evolución la del revisionismo histórico paraguayo! Iniciado por un movimiento militarista, minoritario y reaccionario a fines del siglo XIX, fue oficializado por los gobiernos militares en 1930, enriquecido con aportes del revisionismo argentino en 1960, y convertido en credo de la izquierda en 1970, a partir de su combinación con la teoría de la dependencia. La derecha, el centro y la izquierda han rendido culto al “Mariscal de Hierro”.

Stroessner y después

El 3 de febrero de 1989, el golpe militar el general Rodríguez terminó con una dictadura del general Stroessner, surgida de un golpe militar. Meses después, el gobierno de Rodríguez prohibió el estreno de una obra de teatro, *San Fernando*. Era aquella una recreación de los procesos de San Fernando, un episodio sangriento de la represión lopista. A pesar de la apertura política operada tras la caída de Stroessner, continuaban ciertos hábitos del régimen anterior: se prohibió la obra porque “faltaba al respeto al Mariscal López”. Pero el nuevo gobierno terminó por ceder y *San Fernando* se estrenó. Desde entonces, las cosas han cambiado bastante, porque se concede mayor interés al presente y menor al pasado. Las discusiones ‘históricas’ (lopismo versus antilopismo) van perdiendo interés. La referencia a Francia & López en los discursos oficiales ha disminuido.

Para explicar el fenómeno podrían darse dos razones. La primera es que el culto de los héroes estaba demasiado asociado a la dictadura de Stroessner y, caído Stroessner, se da un rechazo contra toda aquella mitología fascista. La segunda es que el partido de gobierno, el colorado, ha decidido *aggiornar* su ideología. Si en 1940 incorporó en su programa las ideas fascistas de González, en 1990 prefiere el liberalismo-sin confesarse liberal, desde luego, pues eso sería transigir con su tradicional adversario, el partido liberal. El presidente Wasmosy tuvo como asesor económico al ex ministro de Pinochet, Hernán Büchi. Su sucesor, Cubas, tenía un programa económico liberal. El actual gobierno ha prescindido de la distinción tajante entre paraguayos y legionarios; entre colorados y no colorados. Este cambio de orientación deja poco espacio para la retórica de O’Leary y González. ¿Son dos causas o una sola? Sería cuestión de analizarlo. Al fin y al cabo, el revisionismo histórico se impuso desde el gobierno y es posible que, sin el gobierno, quede reducido a pasatiempo de eruditos a la violeta, de los que no faltan entre los historiógrafos tradicionalistas. Es de esperarlo porque, en la era de la integración y del Mercosur, un nacionalismo rabioso como el lopista constituye la peor rémora.

Notas

¹ El concepto de revisionismo histórico usado en este ensayo se tomó del artículo “Revisionismo histórico del libro de Norberto Bobbio y Nicola Matteucci titulado *Diccionario de política* (México: Siglo XXI, 1976).

² Un inteligente estudio de la política económica de Francia & López ofrece Thomas Whigham en *The Politics of the River Trade* (Albuquerque: The University of New Mexico Press, 1991). El libro constituye una revisión del revisionismo histórico, según el cual el Paraguay había alcanza-

do, bajo Francia & López, un grado extraordinario de desarrollo económico. Whigham demuestra que el Paraguay, antes y después de la Colonia, y hasta 1870, fue un productor y exportador agrícola, siendo sus principales productos de exportación la yerba, el tabaco y la madera, vendidos en el Río de la Plata; demuestra, además, que las exportaciones de yerba (principal producto) alcanzaron a fines del siglo XVIII niveles nunca alcanzados en el siglo XIX. Agregando a lo anterior que la ganadería no aumentó desde finales de la Colonia pero sí aumentó la población, Whigham afirma que las condiciones sociales y económicas empeoraron en tiempos de Francia y López, que siguieron una política tardíamente mercantilista, y de ninguna manera revolucionaria, como pretendieron algunos autores que idealizaron las dictaduras paraguayas. El análisis de Whigham, dicho sea de paso, deja sin sustento la teoría de la conspiración británica contra el ‘modelo paraguayo’: el Paraguay no tenía nada de suficiente interés como para justificar una intervención británica. Otras razones de peso en contra de la teoría de la intervención británica pueden encontrarse en: Diego Abente Brun, “La guerra de la Triple Alianza: tres modelos explicativos”, *Revista Paraguaya de Sociología* (enero-abril de 1989), pp. 175-198; Pelhan Horton Box, *Los orígenes de la Guerra de la Triple Alianza*. (Asunción: Nizza, 1958); Juan Carlos Herken, *Gran Bretaña y la Guerra de la Triple Alianza*. (Asunción: 1983).

³ En las escuelas de Francia se enseñaba con el *Catecismo patrio reformado*, de orientación decididamente reaccionaria. En tiempos de Francisco López se reimprimió, para su uso en la enseñanza elemental, el *Catecismo de San Alberto*, cuartilla política colonial, con la aclaración de que en vez de Rey debía entenderse presidente de la República. En el *Catecismo* leemos: “Sea pues la conclusión que el origen de los Reyes [presidentes] es la misma divinidad, que su potestad procede de Dios, y que sus tronos son tronos de Dios”. En el texto, desarrollado en forma de preguntas y respuestas, hay líneas como estas: “¿Quién pues es el origen de los Reyes? Dios mismo, de quien se deriva toda potestad”. “¿El Rey está sujeto al pueblo? No, que esto sería estar sujeta la cabeza a los pies”. En *Cabichui*, periódico oficial de Francisco López, encontramos párrafos como este. “¡El Mariscal López!, es el más grande y portentoso destello de la Divinidad representado en el hombre. Su conspicua personalidad es el más grande lumínar que por vez primera ha visto la tierra bañar sus ámbitos”. Ver mi libro *Ideología autoritaria*. Asunción: RP Ediciones, 1987.

⁴ Las restricciones comenzaron en 1814, cuando se prohibió a los españoles casarse con “blancas”, quedándoles la posibilidad de hacerlo con “Indias de los Pueblos, mulatas conocidas y reputadas públicamente por tales y las negras”. Con el tiempo, las restricciones afectaron a todos los extranjeros y todos los paraguayos. Por casarse sin permiso, Juan Bautista Carfísimo fue a la cárcel con el testigo y el cura que ofició la boda; además se les confiscaron todos sus bienes. Estas prohibiciones no existían en tiempos de la colonia. Ver mi libro *Justicia penal de Francia*. Asunción, RP Ediciones. 1997.

⁵ Carlos Pastore, *La lucha por la tierra en el Paraguay* (Montevideo: Antequera, 1972), p. 114.

⁶ Existen pocos testimonios de paraguayos sobre el punto, pero los existentes coinciden en que la represión fue brutal. Los libros escritos por paraguayos que vivieron la guerra son muy pocos: las memorias de Fidel Maíz, Juan Crisóstomo Centurión, Silvestre Aveiro e Isidoro Resquín, todos funcionarios de López, muestra el poder absoluto de López. (Maíz, Fidel. *Etapas de mi vida*. Asunción: 1919; Centurión, Juan Crisóstomo. *Memorias ó sean reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay*. Asunción: Guaranía. 1944. Aveiro, Silvestre. *Memorias*. Asunción: Comuneros, 1970; Resquín, Francisco Isidoro. *Datos históricos de la guerra del Paraguay con la Triple Alianza*. Buenos Aires, 1896. A estos habría que agregar el libro de Héctor Francisco Decoud, *Una década de vida nacional* (Asunción: 1925) y los escritos de dos mujeres, Silvia Cordal y Encarnación de Bedoya, compilados en mi obra *Residentas, destinadas y traidoras*. (Asunción: RP Ediciones, 1991). Debiera agregarse que ni los revisionistas han negado el rigor de la represión, sólo que lo han justificado como una cuestión de necesidad política.

⁷ No son expresión del mayor espíritu americanista ciertas afirmaciones de Francia, como la siguiente: “Buenos Ayres, en donde todos los que quieren insultar, calumniar, zaherir y ofender reputaciones, toman el infame y ruin arbitrio, indigno de gente honrada, de fraguar y hacer insertar en sus Gazetas los más inicuos papeles, encubriéndose bajo nombres apelativos y generales, siendo este desenfreno una de las perradas, maldades y bribonadas, que desahogando ridículamente viles pasiones, acostumbran en Buenos Ayres los malvados y bárbaros porteños y sus adheridos tan malvados y bárbaros como ellos, sin avergonzarse unos ni otros de tales infamias como gente perdida, la mas vil y la mas indigna del mundo”. Ver *Justicia penal de Francia*. Asunción, RP Ediciones. 1997.

⁸ Durante la guerra se formó en la Argentina la Legión Paraguaya, cuerpo militar de exiliados que pelearon en contra de López. Sin embargo, los legionarios no tuvieron peso en la política paraguaya de posguerra. Esto se ve tomando la lista de presidentes paraguayos: Juan B. Gill (1874-1877) era primo de López; Cándido Bareiro (1878-1880) era sobrino de López; Bernardino Caballero (1880-1886) fue lugarteniente de López; Patricio Escobar (1886-1890) también había sido oficial de alto rango de López. La palabra legionario, en el léxico patrioter, sirvió después para designar a los ‘traidores a la patria’.

⁹ “Palabras del Presidente Rafael Franco”, *Patria*, 1 de marzo de 1936, p. 2

¹⁰ Una prueba de esta confusión es un manifiesto de adhesión a la invasión italiana de Abisinia, publicado el 12 de enero de 1936 en *El Liberal* y que transcribimos. “Italia. Paraguayos, hijos de vuestros hijos y amigos vuestros, solidarios de vuestro destino en el dolor y la gloria, ahora que de nuevo guerreáis en tierras de Africa, alentada por el impulso civilizador de vuestro genio y raza latinos, sabiendóos acosada por la conspiración universal dirigida a aniquilar por el aislamiento y por la inedia vuestro esfuerzo libertador de los últimos seres humanos que todavía yacen en la abyección de la esclavitud, os envían su adhesión fervorosa y sus ardientes votos de triunfo y os saludan, vencedora inmortal”. Nótese que *El Liberal* era el periódico oficial del partido liberal paraguayo. Entre los firmantes están importantes dirigentes de los partidos liberal y colorado, incluyendo dos ex presidentes liberales (José Guggiari y Eduardo Schaerer) y dos futuros presidentes colorados (Natalicio González y Federico Chaves).

¹¹ Los dos partidos políticos tradicionales, el liberal y el colorado, nacen en 1887, ambos con ideología de orientación liberal. En 1936, con la revolución de Franco, nace un nuevo partido, el febrerista, hoy afiliado a la socialdemocracia después de una confusión inicial y una lucha entre el ala derecha de orientación fascista y el ala izquierda de orientación marxista.

¹² “Una carta al Presidente”, *El País*, 21 de mayo de 1959, p. 1

¹³ “Del poeta y escritor paraguayo Augusto Roa Bastos a don Epifanio Méndez”, *La Unión*, 7 de agosto de 1953. En la misma línea, la carta enviada al Jefe de Policía y publicada en *La Unión* el 22 de agosto de 1953. Y el poema dedicado al Stroessner y Perón y publicado en *El País* el 20 de agosto de 1954. En el poema, Stroessner aparece como el auténtico heredero de López.

¹⁴ Augusto Roa Bastos, “La narrativa paraguaya en el contexto de la narrativa latinoamericana”, ABC, Suplemento cultural, 18 de julio de 1982, p. 5. Sobre el desarrollo económico del Paraguay y la supuesta conspiración inglesa, véase la nota 2.

¹⁵ Norberto Bobbio y Nicola Matteuci, *Diccionario de política* (México: Siglo XXI, 1976), p. 1453.

¹⁶ Sobre la influencia de Maurras en O’Leary, ver *Ideología autoritaria*. Asunción: RP Ediciones, 1977.

- ¹⁷ Juan O'Leary, *Prosa polémica* (Asunción: Napa, 1982), p. 151.
- ¹⁸ Ver Paul Lidsky, *Les écrivains contre la Commune*. Paris: Maspero, 1970.
- ¹⁹ Juan O'Leary, *Prosa polémica* (Asunción: Napa, 1982), p. 151.
- ²⁰ Natalicio González, *El Paraguay Eterno* (Asunción: Cuadernos Republicanos, 1986), p. 113.
- ²¹ Idem, p. 103
- ²² Norberto Bobbio, *Diccionario de política*, p. 1458.
- ²³ Sobre el temperamento del momento, podría citarse la opinión de Borges: “Hacia 1922, nadie presentía el revisionismo. Este pasatiempo consiste en ‘revisar’ la historia argentina, no para indagar la verdad sino para arribar a una conclusión de antemano resuelta: la justificación de Rosas o de cualquier otro déspota disponible”. *Obras completas* (Buenos Aires: Emece, 1974), p. 52.
- ²⁴ *Diario de sesiones de la Cámara de Diputados*. Diario de la sesión del día 9 de agosto de 1973, p. 130.

Referência bibliográfica

- AVEIRO, Silvestre. *Memorias*. Asunción: Comuneros, 1970.
- BÁEZ, Cecilio. *Ensayo sobre el doctor Francia y la dictadura en Sudamérica*. Asunción: Cromos, 1985.
- BOX, Pelhan Horton. *Los orígenes de la Guerra de la Triple Alianza*. Asunción: Nizza. 1958.
- BRAY, Arturo. *Armas y letras*. Asunción: Napa, 1981. 3 tomos.
- CENTURIÓN, Carlos. *Historia de la cultura paraguaya*. Asunción: 1961. 2 tomos.
- CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias ó sean reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay*. Asunción: Guaranía. 1944/45. 4 tomos.
- DECOUD, Héctor. *Una década de vida nacional (1869-1880)*. Asunción: 1925.
- FREIRE ESTEVES, Gomes. *Historia contemporánea del Paraguay*. Asunción: Napa, 1983.
- GILL NAVARRO, Ramón. *Veinte años en un calabozo*. Asunción: Zamphiropolos, sin fecha.
- GARCÍA MELLID, Atilio. *Proceso a los falsificadores de la historia del Paraguay*. Buenos Aires. 1963-1964. 2 tomos.
- GONZÁLEZ, Natalicio. *El Paraguay Eterno*. Asunción: Cuadernos Republicanos, 1986.
- GONZÁLEZ, Teodosio. *Infortunios del Paraguay*. Buenos Aires: 1931.

- HERKEN, Juan Carlos. *Gran Bretaña y la Guerra de la Triple Alianza*. Asunción: 1983.
- _____. *El Paraguay rural entre 1869 y 1913*. Asunción: CPES, 1984.
- LEWIS, Paul. *Paraguay bajo Stroessner*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- MAÍZ, Fidel. *Etapas de mi vida*. Asunción: 1919.
- MASTERMAN, Jorge. *Siete años de aventuras en el Paraguay*. Buenos Aires: Palumbo, 1911.
- MIRANDA, Aníbal. *E.E.U.U. y el régimen militar paraguayo (1954-1958)*. Asunción: El Lector, 1987.
- MIRANDA, Aníbal. *Partidos políticos y autoritarismo en Paraguay*. Asunción: El Lector, 1988.
- PAMPLIEGA, Amancio. *Fusil al hombro*. Asunción: Napa, 1982.
- PAMPLIEGA, Amancio. *Misión cumplida*. Asunción: Editorial Histórica, 1987.
- PASTORE, Carlos. *La lucha por la tierra en el Paraguay*. Montevideo: Antequera, 1972.
- PASTORE, Carlos. *El Paraguay y la tiranía de Morínigo*. Asunción: Archivo del Libro, 1988.
- PLA, Josefina. *Hermano negro: la esclavitud en el Paraguay*. Madrid: 1972.
- PLA, Josefina. *Los británicos en el Paraguay*. Asunción: Arte Nuevo, 1984.
- PRIETO YEGROS, Leandro. *El proceso de la dictadura liberal de 1940*. Asunción: Cuadernos Republicanos, 1985.
- RAMOS, Alfredo. *Concepción 1947*. Asunción: Editorial Histórica. 1985.
- RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. *Ideología autoritaria*. Asunción: RP Ediciones, 1987.
- _____. *Justicia penal de Francia*. Asunción: RP Ediciones, 1996.
- _____. *Residentas, destinadas y traidoras*. Asunción: RP Ediciones, 1991.
- RESQUÍN, Francisco Isidoro. *Datos históricos de la guerra del Paraguay con la Triple Alianza*. Buenos Aires, 1896.
- SEIFERHELD, Alfredo. *Nazismo y Fascismo en el Paraguay*. Asunción: Editorial Histórica, 1985/1986. 2 tomos.
- _____. *El asilo a Perón y la caída de Epifanio Méndez*. Asunción: Editorial Histórica, 1988.
- STEFANICH, Juan. *El Paraguay en febrero de 1936*. Buenos Aires: Editorial Mundo Nuevo, 1946.
- THOMPSON, Carlos. *La guerra del Paraguay*. Asunción: RP Ediciones, 1992.

WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay and the Triple Alliance*. Austin: The University of Texas at Austin, 1978.

_____. *Rebirth of the Paraguayan Republic*. Pittsburg: The University of Pittsburg Press, 1985.

WHITE, Richard. *La primera revolución radical de América*. Asunción: Ediciones La República, 1984.

WILLIAMS, John Hoyt. *The Rise and Fall of the Paraguayan Republic*. Austin: The University of Texas at Austin, 1979.

Resumo

O artigo analisa as origens e a lógica do chamado revisionismo histórico paraguaio. É demonstrado que esse revisionismo, ao fazer a apologia dos ditadores paraguaios do século XIX – José Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López y Francisco Solano López –, constitui-se em base ideológica “legitimadora” das ditaduras posteriores no Paraguai. Sob o regime de Alfredo Stroessner (1954-1989), o revisionismo histórico tornou-se ideologia oficial de Estado.

Palavras-chave: revisionismo histórico paraguaio, autoritarismo paraguaio, Solano Lopez, Stroessner.

Abstract

This article analyses the origins and the logic of the so-called Paraguayan historical revisionism. It shows that this revisionism, as it makes apology of the Paraguayan dictators from the 19th century – José Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López and Francisco Solano López – constitutes itself into an ideological base that legitimates the post-dictatorships in Paraguay. Under the regime of Alfredo Stroessner (1954-1989), the historical revisionism came to be the official ideology of the State.

Key words: Paraguayan historical revisionism, Paraguayan authoritarianism, Solano López, Stroessner.

Resumen

El artículo aborda el origen y la lógica del llamado revisionismo histórico paraguayo. Ese revisionismo, por hacer la apología de los dictadores paraguayos del

siglo XIX – José Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López y Francisco Solano López –, termina por ser la base ideológica para «legitimar» las dictaduras posteriores en Paraguay. Bajo el régimen de Alfredo Stroessner (1954-1989), el revisionismo histórico fue ideología oficial de Estado.

Palabras clave: revisionismo histórico paraguayo, autoritarismo paraguayo, Solano López, Stroessner.

Introdução

Uma questão preliminar chama a atenção de quem se ocupa do estudo da economia¹: por que diferem as teorias econômicas se o fenômeno investigado é o mesmo? Abstraindo-nos dos motivos ideológicos, não por irrelevância, mas pela dificuldade de reduzir a subjetividade das intenções a leis universais – como algo dotado de uma organização em si – as teorias econômicas se apresentam como um constructo do pensamento que visa a formulação do conceito do seu objeto. Mas de que depende a formulação de tal conceito? Da forma de constituir e articular suas categorias num todo organizado. E a quem está condicionado esse conjunto de operações? À natureza da lógica adotada: a lógica formal – clássica ou simbólica moderna – e a dialética de extração hegeliana.

Não estamos afirmando, com isto, que as teorias concebidas a partir de determinado tipo de lógica sejam iguais entre si, mesmo porque, se assim fosse, todas – sob cada corrente lógica – se reduziriam a uma só. Dizemos apenas que suas relações constitutivas são modeladas pela lógica que as fundamenta, porque cada tipo de lógica conduz a uma forma de conceituar diferente da outra.

Diante disto, cabe a indagação: quais as diferenças básicas entre a lógica formal – clássica ou moderna – e a dialética? O primeiro tipo de lógica é uma teoria da inferência puramente formal. Trata dos mecanismos através dos quais é possível derivar, validamente, proposições a partir de outras, independentemente do conteúdo que possa lhes corresponder. A inferência é, por isto, puramente analítica. Nada figura no termo conseqüente – conclusão – que já não esteja nos termos antecedentes, porque o conteúdo é dado de fora, extrinsecamente, não provém dos desenvolvimentos que ocorrem ao nível da forma como fruto de relações internas e necessárias. Tomemos um caso ilustrativo do silogismo na lógica clássica:

Todas as mercadorias são valores (premissa maior).

O chapéu é uma mercadoria (premissa menor).

Logo, o chapéu é valor (conclusão).

O fato conclusivo de o chapéu ser valor deriva dele ser mercadoria e da

mercadoria ser valor. O encadeamento lógico é assim explicado por Aristóteles:

*“Cuando tres determinaciones se comportan entre ellas de manera que uno de los extremos se halla en toda la determinación media, y esta determinación media se halla en todo el otro extremo, entonces estos dos extremos están vinculados de manera necesaria.”*²

No nosso exemplo, os dois termos extremos são chapéu e valor, e o termo médio é mercadoria. Chapéu está em mercadoria – termo médio – e mercadoria está em valor. Conseqüentemente, chapéu está em valor. Um extremo está relacionado com outro através do termo médio.³ O silogismo obedece à forma: I (Individual), P (Particular) e U (Universal). O indivíduo chapéu está contido no particular (mercadoria), e o particular está contido no universal (valor). Portanto, o individual é universal por meio do particular. O sujeito da primeira proposição ao se tornar predicado na segunda carrega consigo a sua qualidade anterior – ser valor – e a transmite a este novo sujeito na forma da terceira proposição.⁴ De modo que os extremos se encontram numa unidade mediatizada pela particularidade – ou termo médio. O silogismo funciona como uma correia de transmissão de um conteúdo dado externamente. É assegurada apenas a certeza propiciada pela validade do mecanismo inferencial, e não a verdade⁵ como unidade comprovada da forma e do conteúdo.

Mas se o silogismo visa a demonstração de que o conhecimento é algo a que se chega por um processo de mediação – não é um conhecimento revelado, mas deduzido – é preciso, então, que todos os termos sejam demonstrados pelo mesmo processo. É necessário comprovar a veracidade das premissas⁶. Um tal processo de mediação implicaria no desenvolvimento de relações formais que levasse à determinação do conteúdo de maneira interna e necessária, e não externa, arbitrária e acidental⁷. Teríamos de demonstrar o que é a mercadoria e o que é o valor, para concluirmos que o chapéu por ser mercadoria é valor. A forma mercadoria do valor se apresentaria como expressão necessária determinada pela natureza do conteúdo. E o valor como conteúdo emergiria do desenvolvimento da forma mercadoria, sendo necessariamente por esta determinado. Não haveria separação entre um e outro.

A dialética busca superar essa dualidade entre forma e conteúdo⁸. Para isso, a inferência além de analítica é sintética⁹: há criação de um elemento novo que não se encontrava expresso nos termos antecedentes dos quais a conclusão procede. Como isto é possível no âmbito da dialética hegeliana? Isolando a ques-

tão do corpo da Lógica de Hegel, onde as complexas relações de inferência estão imersas – o que já é uma simplificação indevida – o processo dedutivo que é também um processo constitutivo, se dá no curso da formação de antíteses que se resolvem não mecanicamente por meio de operadores universalmente válidos. Mas por uma espécie de imaginação especulativa em que Hegel procura exaurir a natureza de uma relação contraditória pela formulação de um novo conceito que conduza à superação ou supressão dos termos opostos. A superação ou supressão consiste num ato de conservação e de mudança ao mesmo tempo, em que os elementos contrapostos são eliminados no sentido de que se convertem num outro superior que os contem sob nova forma e novo conteúdo. Isto ocorre num duplo movimento derivado do duplo aspecto da relação contraditória. De um lado, é exclusão ou separação. De outro, é inclusão ou unidade. A exclusão implica na negação de um termo pelo outro, ou negação relativa. A unidade conduz à ação contrária: a negação da negação ou negação absoluta. Através dela é engendrada a forma e o conteúdo que não só resolvem a pendência anterior como a determinam e fundamentam, a exemplo de uma cadeia progressiva em que o passo seguinte constitui a verdade do anterior, percorrendo um círculo de determinações que se fecha em si mesmo, de modo a demonstrar a veracidade do ponto de partida. Para tanto, inicia Hegel pelo mais indeterminado na Doutrina do Ser cujo desenvolvimento dialético leva à Doutrina da Essência, a qual conduz à Doutrina do Conceito que finda por internalizar em suas determinações o imediato – indeterminado – do qual partiu. Aí é realizada, por via das determinações totalizantes, a unidade da idealidade e da objetividade na forma de um sujeito que se constitui contraditoriamente. Todo esse movimento só se completa porque é a forma superior que determina e fundamenta a anterior, em que o momento originário passa a ser o fundado e o conceito que a lógica desenvolve e em que se constitui passa a ser o fundante

É este processo que, com as devidas simplificações, pretendemos seguir e demonstrar sua pertinência na formulação do conceito de trabalho abstrato e do dinheiro, a partir da mercadoria. É dela que partimos para mostrar a contradição que lhe é subjacente e, daí, desenvolvermos a trama conceitual que a fundamenta. Para isto, é preciso deter-nos no que seja uma relação dialética: explicar as condições formais de existência da contradição neste tipo de lógica e, daí, desenvolvê-la: 1) rumo às relações entre forma, matéria, essência e conteúdo; e 2) ao nível das conexões entre o universal, o particular e o singular, passando pelo encadeamento das relações entre a realidade imediata, a possibilidade, a contingência e a necessidade. Transcurso essencial à compreensão da gênese lógica do dinheiro.

Toda esta explanação lógico-conceitual não é nada mais que uma tímida contribuição ao volumoso e recorrente debate acerca da teoria do valor em Marx. As razões do retorno ao tema à luz da dialética hegeliana podem ser simplificada-mente reduzidas a três principais: 1) que as relações entre forma, matéria, essência e conteúdo desautorizam a versão de que o valor-trabalho é uma entidade metafísica, segundo Joan Robinson; 2) que o sistema de preços de produção, formulado por Sraffa não permite – ao contrário do que se pensa – a determinação simultânea dos preços relativos e da taxa de lucro, independentemente dos valores, porque sem o valor o conceito de preço fica indeterminado, cabendo-lhe, isto sim, o caráter de entidade metafísica; e 3) que a dialética não é o produto de mentes delirantes, mas uma lógica que se auto fundamenta. Portanto, a pertinência do assunto se contextualiza de modo histórico e analítico. Historicamente, porque um problema que perdura ao longo do tempo é um problema atual. Analiticamente, porque a forma de resolvê-lo não é compatível com os recursos da lógica formal, mas sim com os da lógica dialética.

Para tanto, vamos fazer o seguinte caminho. Na seção 1 apresentar os princípios da lógica formal clássica e o correspondente conceito de contradição. Na seção 2 mostrar a passagem da lógica formal clássica para a dialética. Na seção 3 desenvolver o conceito de relação contraditória: da mercadoria ao trabalho abstrato. E na seção 4 expor o curso das diversas formas do valor que se completam com a forma dinheiro ou universal concreto. Aí chegaremos ao conceito de valor nos seus três momentos: universal, particular e singular. E, à seção 5, conclusão.

A Lógica formal clássica

A lógica clássica, que remonta a Aristóteles, se funda em três princípios básicos: o da identidade, o da não-contradição e o do terceiro excluído.

- 1) O princípio da identidade postula a relação do ser consigo mesmo: $A \text{ é } A$. Na linguagem simbólica é expresso por: (se p , então p), onde p é uma variável proposicional. Ele significa que “Toda proposição possui um e um único valor de verdade”¹⁰.
- 2) O princípio da não-contradição afirma que “ A não pode ser, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, B e não- B ”¹¹. Em termos da lógica simbólica toma a forma, onde \emptyset representa a negação e $\dot{\cup}$ o conectivo e. Constitui a contrapartida do princípio da identidade e significa que duas proposições contra-

ditórias não podem ter o mesmo valor de verdade, por isso se excluem mutuamente.

- 3) O princípio do terceiro excluído é assim enunciado: “A é B ou não-B”, ou, em outros termos, existe A ou não-A. Ele é representado simbolicamente por, onde $\dot{\cup}$ equivale a ou. Significa que de duas proposições contraditórias é verdadeira uma ou verdadeira a outra¹². Pode ser interpretado como a negação de um terceiro termo que seja igual aos dois termos contraditórios. Se o princípio da identidade garante que duas proposições iguais a uma terceira são iguais entre si, o princípio do terceiro excluído assegura que duas proposições contraditórias não podem ser iguais a uma terceira.

Os três princípios se completam, formando uma estrutura integrada. Pelo primeiro, a coisa tem a sua verdade formal garantida. Dizer A implica no reconhecimento de A como A. Mas isto não é suficiente porque pela mesma razão que A é idêntico a A, não-A é também idêntico a não-A, o que implicaria no fato de que ambos poderiam ser tomados como verdadeiros, tornando a verdade indeterminada. O segundo princípio resolve a questão à medida que faz a determinação de A. O que isto significa precisamente? Que A é determinado por tudo aquilo que não é ele, e tudo aquilo que não é ele é não-A: o limite que recorta A frente à um outro. Assim, a afirmação da identidade de um implica a negação – exclusão – do outro. Afirmar A é negar não-A, afirmar não-A é negar A. É tudo o que garante o segundo princípio.

Mas poderia ocorrer outra alternativa: a de existir um terceiro termo simultaneamente igual a A e a não-A. Admiti-lo seria aceitar que A, através desse terceiro termo, fosse igual a A e a não-A. Tal possibilidade é negada pelo princípio do terceiro excluído ao afirmar que existe A ou não-A; não havendo, portanto, um terceiro termo que os relacione entre si. Por isso, um é verdadeiro ou o outro é verdadeiro, Sem ele, cairia o segundo princípio e sem o segundo, cairia o primeiro. Desses princípios deriva o conceito de bivalência que assegura que cada proposição tem um e um único valor de verdade – verdadeiro (V) ou Falso (F).

Dentro deste sistema lógico a contradição ocorre quando duas proposições possuem o mesmo sujeito, o mesmo predicado e se opõem pela qualidade (uma afirmativa e outra negativa), e pela quantidade (uma universal, a outra particular)¹³. Por conseguinte, duas proposições contraditórias não podem ser simultaneamente verdadeiras, nem simultaneamente falsas. Se uma é verdadeira, a outra é necessariamente falsa. Se uma é falsa, a outra é necessariamente verdadeira. Negar uma

proposição é considerá-la falsa. Mas, de que maneira se decide qual a falsa e qual a verdadeira?

Como esse sistema lógico é puramente formal, ele nos garante apenas a certeza pela validade das regras inferenciais, e não a verdade como unidade necessária da forma e do conteúdo. Por isto, os valores veritativos são estabelecidos externamente. Daí os mecanismos lógicos funcionarem como correia de transmissão de um conteúdo dado, podendo-se dizer que “Um argumento é correto se e somente se não é possível que suas premissas sejam verdadeiras e sua conclusão falsa”¹⁴. Embora nada impeça que as premissas sejam falsas, as conclusões falsas e a inferência válida. Na exata observação de Júlio Cabrera: “Ainda que a verdade esteja sempre estreitamente vinculada à validade acentua-se que, em todos os casos, a verdade (ou falsidade) é algo que se predica de enunciados e não de raciocínios.”¹⁵. Conseqüentemente, a verdade na lógica formal não é decidida no interior da própria lógica, porque o conteúdo não é extraído de relações suscitadas ao nível da forma. A dialética intenta superar essa dualidade entre certeza e verdade, forma e conteúdo, através de outra concepção lógica, centrada naturalmente, em outro conceito de negação.

Passagem da Lógica formal clássica à dialética

A crítica à formulação anteriormente exposta inicia pelo exame da determinação de A – e de não- A – e de suas conseqüências. Sabemos que a determinação de A faz-se pela sua negação, que é o estabelecimento do seu limite frente a um outro. Evidentemente, que A só é ele pela sua determinação. Sem a determinação de A nada podemos dizer de sua identidade. Portanto, a determinação faz parte do determinado.

Se A é determinado por tudo aquilo que não é ele, e tudo aquilo que não é ele é a sua negação – não- A – então não- A está contido em A pela sua determinação. Do mesmo modo, se não- A é determinado por tudo aquilo que não é ele, e tudo aquilo que não é ele é a sua negação – A –, então A está contido em não- A pela sua determinação. Forma-se, assim, um termo médio onde figuram: 1) A e sua negação, isto é, A e não- A ; 2) não- A e sua negação, isto é, não- A e A ¹⁶. Fica constituído então pela unidade de contrários um termo que nega o princípio do terceiro excluído. Nele encontram-se os elementos que se excluem – A e não- A . Temos configuradas as condições formais da contradição: exclusão e unidade numa mesma relação.

Desenvolvimento do conceito de relação contraditória: Da mercadoria ao trabalho abstrato

Na acepção de Hegel, a negação de A por não – A consiste na primeira determinação do ser. Na base da negação há evidentemente uma diferença. Em que diferem eles? Eles diferem – e se negam – como qualidades distintas¹⁷. A qualidade é o que diferencia e identifica o ser na sua existência imediata, por isto constitui sua primeira determinação. Através dela se relacionam e essa relação é a forma que os determina contraditoriamente, porque ao postular a separação dos termos – exclusão – nega a sua unidade, e ao afirmar a unidade nega a separação. Há unidade e exclusão numa mesma relação de caráter qualitativo. Como resolver o problema? Para que A esteja em unidade com não-A é necessário que sejam reduzidos a um terceiro elemento. Para que A exclua de si não-A e vice-versa, é necessário que aquilo que eles têm de comum se manifeste diferentemente sob a forma de A e de não-A. O que perpassa a forma da relação promovendo a unidade dos diferentes? É algo que está na forma mas não é a forma. Trata-se da essência. Aquilo que se encontra em A e em não-A, sendo ao mesmo tempo diferente deles. É a diferença comum aos diferentes – uma substância homogênea, idêntica a si mesma¹⁸ – que permite a relação efetiva entre os diferentes entre si. Como isto se dá em termos lógicos? Se a diferença entre A e não-A é uma diferença qualitativa que se patenteia pela negação de um pelo outro – negação relativa –, e a essência se instaura pela supressão do qualitativo, então ela decorre da negação da negação: a negação que elimina e suplanta a negação puramente qualitativa. Constitui a negação absoluta: a negação da diferença extrínseca, qualitativa, entre A e não-A, fazendo emergir a verdadeira razão da sua unidade: a identidade essencial consubstanciada na essência¹⁹. Aí já não temos mais a identidade abstrata como a referência do ser a si mesmo pela negação da diferença com respeito a um outro. A identidade agora é substancial: referência da essência a si como algo homogêneo.

Tomemos o nosso objeto privilegiado – a mercadoria. Ela é unidade do valor-de-uso e do valor-de-troca. O valor-de-uso diz respeito à utilidade da coisa. O valor-de-troca se patenteia numa relação de troca de valores-de-uso distintos. Se o valor-de-troca é diferente do valor-de-uso como podem estar em unidade? Só existe valor-de-troca se existe troca. De quê? De dois valores-de-uso diferentes. Logo, temos:

X do valor-de-uso A = Y do valor-de-uso B
um chapéu = um par de sapatos

É esta relação que imprime em cada termo a condição de mercadoria. Daí a expressão anterior se converter em: X da mercadoria A = Y da mercadoria B. Mas isto nos diz apenas que a mercadoria é uma relação entre valores-de-uso. Pouco acrescenta sobre a natureza da unidade entre valor-de-uso e valor de troca. É necessário algo mais – Vejamos.

Embora não exista valor-de-troca sem valor-de-uso²⁰, cada mercadoria é um não valor de uso para o seu proprietário. Do contrário, não a permutaria. Ela é valor-de-uso para o proprietário da outra. O chapéu é valor-de-uso para o proprietário do sapato, e o sapato valor-de-uso para o proprietário do chapéu. Nenhum deles, no entanto, aliena o seu valor-de-uso – passa-o adiante – sem receber em contrapartida um valor-de-troca correspondente. A mercadoria para se realizar como valor-de-uso, ser útil para alguém, tem antes que se realizar como valor de troca. O valor de troca é condicionante, o valor-de-uso é condicionado. Mas ela só se revela valor-de-troca, só se realiza como tal, se antes se manifestar como valor-de-uso.²¹ O valor de troca é condicionado, o valor-de-uso, condicionante. Há circularidade e contradição. A circularidade consiste no fato de que a solução de um dos termos da questão supõe o outro resolvido.²² A contradição: cada termo é condicionado e condicionante, simultaneamente. Isso significa que “... a realização de uma das condições está diretamente ligada à realização do seu contrário”.²³ A negação do valor-de-uso do chapéu, por parte do seu proprietário, implica na afirmação do seu valor-de-troca na forma do sapato. A negação do valor-de-uso é a afirmação do valor-de-troca. Porém o que é afirmar o valor-de-troca do chapéu na forma do sapato? É receber o sapato em troca do chapéu. Mas quem o recebe o faz pelo seu valor-de-uso. Então, afirmar o valor-de-troca e negar o valor-de-uso é o mesmo que negar o valor-de-troca e afirmar o valor-de-uso. Uma condição é a negação da outra. Há diferença e exclusão. No entanto, cada uma ao ser ela mesma é, simultaneamente, o seu contrário. Há identidade e inclusão. E assim, temos diferença e identidade numa mesma relação, encontrando-se satisfeitas as condições formais – e sumamente abstratas – para a existência de uma relação contraditória. Como resolvê-la

O primeiro passo consiste em formular o problema subjacente ao nível formal da contradição. Se existe unidade da diferença e da identidade, é negado o princípio do terceiro excluído. Logo, impõe-se um termo médio que faça a mediação entre valor-de-uso e valor-de-troca. Para isso, retomemos a expressão:

Um chapéu = Um par de sapatos.

A forma da relação afirma a unidade dos termos através da igualdade. A matéria, qualitativamente determinada, a diferença: um valor-de-uso é distinto do outro. A forma é a negação da matéria (qualitativamente determinada) e vice-versa, embora cada uma esteja em unidade com a outra. Como solucionar o problema? Cada valor-de-uso é produzido pelo trabalho concreto: trabalho útil dirigido a certa finalidade. Do trabalho do chapeleiro sai chapéu, do trabalho do sapateiro, sapato. Tratam-se de trabalhos qualitativamente distintos, incomparáveis entre si. Abstraindo-nos do caráter útil dos trabalhos chegamos a tempo de trabalho. Mas além das diferenças qualitativas dos trabalhos concretos, existem as diferentes qualificações dos trabalhadores. Como comparar uma hora de trabalho do chapeleiro com uma hora de trabalho do sapateiro? Reduzindo o trabalho qualificado a trabalho simples: o trabalho realizado pelo trabalhador médio existente em cada sociedade.²⁴

A negação das determinações qualitativas do trabalho conduz ao trabalho simples, igual, homogêneo que é a essência: uma substância indiferenciada, idêntica a si mesma, que existe no chapéu e no sapato, e permite, a princípio, sua comparação através da forma da igualdade. Por isto, é a essência que faz a mediação entre a forma e a matéria.²⁵

Mas não sabemos quanto da essência encontra-se de um lado e do outro da expressão. A forma relaciona explicitamente apenas quantidades de dois valores-de-uso. Assim, o que está quantitativamente determinado pela forma – os diferentes valores-de-uso – não serve de base para comparação dos termos. E o que serve de base de comparação – a essência – não está quantitativamente determinado. Então, a determinação quantitativa expressa pela forma é a negação da essência. Por sua vez, a determinação identitária da essência como algo indiferenciado, idêntico a si mesmo, é a negação da forma, dado que não são quantidades da essência que igualam os diferentes valores-de-uso. Há, portanto, contradição entre forma e essência: uma está como negação da outra e, simultaneamente, uma está em unidade com a outra. Impõe-se a necessária mediação entre ambas, através da determinação quantitativa da essência. De que modo?

Cada espécie de mercadoria é produzida por distintos produtores e com diferentes tempos de trabalho – que é trabalho concreto. Qual desses diversos tempos é o representativo da produção de cada valor-de-uso? É o tempo de trabalho socialmente necessário, assim conceituado por Marx: 1) aquele “requerido para produzir um valor-de-uso qualquer nas condições de produção socialmente normais existentes e, com grau médio de destreza e intensidade do trabalho”;²⁶ e 2) realizado na escala necessária para garantir... “a quantidade socialmente requerida das espécies de mercadorias que estão no mercado”,²⁷ ou seja, o trabalho exigido

para assegurar a igualdade entre a oferta e a demanda das mercadorias em condições de produtividade e intensidade médias. Ora, se o trabalho socialmente necessário é trabalho produtor de valor-de-uso, e o valor-de-uso remete à matéria, então é a matéria que faz a mediação entre a essência e a forma, porquanto é “a absoluta unidade de la esencia y de la forma”.²⁸

Através do trabalho socialmente necessário – produtor de valor-de-uso em condições médias de produtividade intensidade – chegamos à determinação quantitativa do trabalho. Aqui, no entanto, surge um novo problema. Embora a quantidade de trabalho não exista em separado da condição dele enquanto essência, (uma qualidade assumida pelo trabalho, segundo Marx), uma é diferente da outra. O trabalho socialmente necessário é trabalho produtor de valor-de-uso. Compreende, portanto, o momento da diferença. Já o trabalho simples, igual, homogêneo, é trabalho indiferenciado, idêntico a si mesmo, por meio da igualação dos diferentes trabalhos. Consubstancia o momento da identidade. Há, por conseqüência, identidade e diferença numa mesma relação. Este problema é resolvido pela forma, ou seja, pela relação de troca entre os produtos do trabalho. É ela que faz a mediação entre a matéria e a essência. Por quê?

Para que os diferentes trabalhos socialmente necessários sejam quantitativamente comparados é preciso que se tornem qualitativamente iguais. E para se tornarem qualitativamente iguais, é necessário que sejam quantitativamente comparados. Processos que só podem ocorrer através da troca, o que implica na mediação da forma de uma relação de troca. Caso nos fixemos apenas no trabalho simples, igual, homogêneo, não poderemos determinar a relação quantitativa entre o chapéu e o casaco. Ela fica indeterminada. Caso nos limitemos ao trabalho socialmente necessário, a relação entre o chapéu e o sapato permanece indeterminada, porque os trabalhos não podem ser comparados.

O trabalho socialmente necessário – momento da diferença – só adquire a condição de medida imanente do valor quando expresso em termos do simples, igual. E o trabalho simples, igual, homogêneo – momento da identidade – só adquire existência efetiva através do socialmente necessário. O ato instaurador da diferença é também da identidade, porque as determinações de uma se fazem através das determinações da outra. O que pressupõe a ação da troca. Assim, chegamos ao conteúdo – trabalho abstrato – unidade da essência (trabalho simples, igual, homogêneo) e da matéria (trabalho socialmente necessário) através da forma.

Portanto, a essência faz a mediação entre a matéria e a forma. A matéria faz a mediação entre a essência e a forma. E a forma faz a mediação entre a essência e a

matéria. Cada uma pressupõe a outra e o todo que as determina. Todo este conjunto de mediações resulta no conceito de trabalho abstrato que fundamenta a relação original – imediata – entre valor-de-uso e valor-de-troca. Pelo lado do trabalho socialmente necessário fica fundamentada a diferença relativa aos valores-de-uso. Pelo lado do simples, igual, homogêneo, fica fundamentada a identidade relacionada ao valor-de-troca. E por meio da unidade de ambos – o trabalho abstrato – fica fundamentada a relação entre valor-de-uso e valor-de-troca existente na mercadoria. Consequentemente, o conceito está como fundante, e o imediato do qual partimos – a mercadoria – aparece como fundado, segundo a concepção hegeliana da relação entre o conceito e o seu objeto.

O curso de todo esse processo de determinação desenha um percurso de ida e volta: parte da relação exterior – imediata – entre dois valores-de-uso e pelo desenvolvimento de mediações sucessivas chega à interioridade do conteúdo; o trabalho abstrato que encerra a unidade de momento da identidade (trabalho simples, igual, homogêneo) e do momento da diferença (trabalho socialmente necessário). Depois retorna à relação da qual partiu, determinando-a. A identidade existente no trabalho abstrato se exterioriza na forma da igualdade postulada pelo valor-de-troca. E a diferença se exterioriza na desigualdade pertinente aos valores-de-uso. Nada existe na mercadoria que não seja fundamentado pelo trabalho abstrato. Ele constitui o universal que tudo compreende, e se manifesta como indivíduo numa mercadoria e como particular na diversidade delas. O problema agora consiste na determinação de uma forma adequada à natureza do seu conteúdo, que resolva a contradição entre valor-de-uso e valor-de-troca. Para isto, retornaremos à forma simples do valor.

Do trabalho abstrato como universal ao dinheiro como singular ou universal concreto.

A forma simples de valor.

A expressão já anteriormente vista:

X da mercadoria A = Y da mercadoria B ou

Um chapéu = um par de sapatos

constitui a forma simples do valor. O chapéu ocupa o polo relativo. Exerce papel ativo porque expressa o seu valor no sapato. Este, por sua vez, está no pólo

equivalente e desempenha papel passivo ao servir apenas de expressão do valor do chapéu.. Nesta relação, a mercadoria que tem o seu valor expresso – o chapéu – não expressa valor, e a outra que expressa valor – o sapato – não tem o seu valor expresso. Por isto, diz Marx:

*“Na mesma expressão de valor, a mesma mercadoria não pode aparecer, ao mesmo tempo, sob essas duas formas. Elas se repelem polarmente”.*²⁹

O que isto significa mais concretamente? A mercadoria que está no pólo relativo encarna o valor-de-uso, e a que figura no pólo equivalente, o valor-de-troca. Assim, na forma do valor temos a exteriorização da contradição existente na mercadoria:

*“A contradição interna, oculta na mercadoria, entre valor-de-uso e valor, patenteia-se, portanto, por meio da oposição externa, isto é, através da relação de duas mercadorias, em que uma, aquela cujo valor tem de ser expresso, figura apenas como valor-de-uso, e a outra, aquela na qual o valor é expresso, é considerada como valor de troca. A forma simples do valor é, por conseguinte, a forma elementar de manifestar-se a oposição nela existente entre valor-de-uso e valor.”*³⁰

Apesar de a mercadoria que está no pólo relativo figurar como a própria materialização do valor-de-uso(o chapéu), ela é um não-valor-de-uso para o seu proprietário. Importa-lhe o valor materializado no pólo equivalente. Ele nega o valor-de-uso de sua mercadoria para afirmar o seu valor-de-troca configurado na que habita o pólo equivalente. E embora a mercadoria que está no pólo equivalente apareça como a própria encarnação do valor, para o seu proprietário, ela é um não-valor, interessa-lhe o valor de uso da outra que pousa no pólo relativo. Portanto, ele nega o valor dela para afirmar o valor de uso da outra. Até aí, as coisas estão às mil maravilhas. Vejamos o que sucede quando o ato de troca é realizado.

Para o afortunado proprietário da mercadoria que está no pólo equivalente, o seu propósito é satisfeito: ao negar o valor de sua mercadoria, passá-la adiante como expressão do valor, recebe em troca o valor de uso da outra – o chapéu – tanto almejado. Aí vem a pergunta: o que o proprietário recebe em troca de sua mercadoria cujo valor de uso foi por ele negado? Um valor de uso na forma material do sapato e não o valor em sua forma autônoma, como

desejava. Desaparece, neste, ato a distinção entre valor de uso e valor de troca. Eles se anulam como determinações opostas. A contradição entre valor de uso e valor de troca leva à destruição deles enquanto categorias econômicas formais, passando a existir como objetos de consumo fora do circuito econômico. O problema é que o valor como universal está sendo expresso por um indivíduo: a mercadoria sapato. Desse modo, a consecução da forma, através do movimento que ela postula, resulta na radical negação do conteúdo: o valor deixa de existir, mesmo porque ele pressupõe a igualação de todos os trabalhos, o que é impedido pelo ato isolado da troca entre apenas duas mercadorias. De outro lado, a consumação do conteúdo – quando se realiza numa individualidade – implica na total negação da forma: a expressão do valor deixa de existir.

Trata-se de uma contradição entre a universalidade e a individualidade, há unidade dos termos: o indivíduo está contido no universal. Mas, a universalidade como conteúdo (valor) é negada pela individualidade como sua forma de expressão. E a individualidade como forma de expressão é negada pela universalidade como conteúdo. Por que isso? Porque as determinações do pólo relativo e do equivalente não são inerentes as mercadorias que os ocupam. Elas não são em si e por si o que representam na forma. Não há razão alguma que vincule necessariamente o chapéu ao pólo relativo e o sapato ao pólo equivalente. Eles podem estar num ou no outro. Só não podem estar nos dois simultaneamente.³¹ Há, por assim dizer, objetividade formal: cada mercadoria contrai as determinações do pólo que ocupa enquanto o ocupa. Não há, contudo, objetividade real: as determinações de cada pólo não aderem de modo definitivo às mercadorias tornando-se propriedades inerentes delas que as diferenciam, fazendo ocupar por si este e não aquele pólo. Em suma: as determinações não saem do campo abstrato da forma para penetrar nas coisas, objetivando-se nelas. Ao contrário, elas só as adquirem quando submetidas à forma que estabelece abstratamente as suas funções específicas.

Onde encontrar a chave do problema? O trabalho abstrato criador de valor – universal – resulta do processo de igualação dos diferentes trabalhos, reduzindo-os a trabalho simples, igual, homogêneo e socialmente necessário. Logo, o valor supõe a relação de todas as mercadorias entre si. Do contrário, os trabalhos não poderão ser igualados. Consequentemente, o valor deve ser expresso não por uma mercadoria, mas pela multiplicidade das mercadorias existentes. Isto significa a conversão da forma simples na forma extensiva do valor.

A forma extensiva do valor: a contradição entre a universalidade e a particularidade.

$$\text{Um chapéu} \left\{ \begin{array}{l} = 1 \text{ casaco, ou} \\ = 1 \text{ par de sapatos, ou} \\ = 1/2 \text{ tonelada de ferro, ou} \\ = \text{etc., mercadoria} \end{array} \right.$$

O chapéu tem múltiplas expressões de valor: um chapéu é igual a um casaco, ou igual a um par de sapatos, ou igual a meia tonelada de ferro, e assim por diante. Pela primeira vez – diz Marx – o valor revela seu caráter eminentemente social como “massa de trabalho humano homogêneo”.³² Porém, ao mesmo tempo que a forma extensiva manifesta a sociabilidade do valor, apresenta contradições com respeito à natureza de seu conteúdo: 1) O valor como trabalho abstrato é algo que se impõe como força universal determinante do reino das mercadorias, a exemplo da lei da gravidade em relação à qual é indiferente a multiplicidade dos corpos sobre os quais atua. Mas o que acontece com a forma extensiva de expressá-lo? Por ser interminável, sempre inconclusa, aberta quantitativa e qualitativamente, sugere o contrário, que a universalidade se fundamenta na multiplicidade. O gênero permanece indefinido porque depende de novas espécies que ingressam constitutivamente no seu universo. Assim, por maior que seja, a multiplicidade se reduz à particularidade e nunca alcança a totalidade.³³ Há contradição entre a universalidade totalizante do conteúdo e a particularidade indefinida – inacabada – da forma; 2) Além disso, cada expressão exclui a outra, o que nega o caráter unitário do valor. Portanto, a segmentação da forma está em contradição com a unicidade do conteúdo (valor); e 3) Finalmente, a forma extensiva não supera a variedade qualitativa dos valores de uso.³⁴ O valor como algo indiferenciado está em contradição com a diferenciação qualitativa da forma posta no valor de uso das mercadorias.

Embora inacabada, excludente e diferenciada, a forma extensiva do valor contém o germe de sua própria superação. Onde está ele? Se o chapéu é trocado por todas as mercadorias, então todas elas são trocadas pelo chapéu. A inversão da forma extensiva a converte em forma geral do valor.

Forma geral do valor: contradição entre a realidade imediata e a possibilidade

$$\left. \begin{array}{l} 1 \text{ casaco,} = \\ 1 \text{ par de sapatos,} = \\ 1/2 \text{ tonelada de ferro,} = \\ \text{etc., mercadoria} = \end{array} \right\} \text{Um chapéu}$$

Nesta figura ficam superados dois defeitos da anterior: 1) ela não é inacabada, incompleta; 2) também não é segmentada, porque apenas uma mercadoria serve de expressão de valor de todas as demais. Porém, vamos ter dois problemas:

Primeiro: a mercadoria que está como equivalente geral é um valor-de-uso como qualquer outro. Não foi superada a condição qualitativa, diferenciada da forma em oposição à natureza indiferenciada do valor. Segundo: qualquer mercadoria que escolhermos para ocupar o pólo relativo da forma simples se torna, através da inversão da forma extensiva, um equivalente geral. De maneira que podemos ter tantos equivalentes gerais quantas mercadorias existentes e sucessivamente fixadas no pólo relativo.

Qual o significado, então, da forma geral do valor? No nosso entender ela explicita a possibilidade de uma mercadoria no universo da particularidade delas se identificar com a natureza abstrata do valor – o universal. E do valor como universal se identificar com a natureza concreta – material – de determinada mercadoria existente no âmbito da particularidade. Como se dá, logicamente, este movimento de mútua identificação?

A diversidade de mercadorias que passa no pólo equivalente da forma geral contém na sucessividade de cada uma que o ocupa a possibilidade de se converter no verdadeiro equivalente geral. Na acepção de Hegel, trata-se de uma realidade imediata que contém em si a possibilidade. A realidade imediata, no nosso caso, é cada mercadoria com todas as limitações impostas pelo seu valor-de-uso que forma o conjunto da particularidade. A possibilidade é o que existe nela como ser-por-si: o germe de se tornar no processo geral de trocas, a mercadoria adequada a exercer o papel de equivalente geral, e assim sair da condição de potência para a da realidade efetiva³⁶. A unidade formal da realidade imediata e da possibilidade é a acidentalidade ou contingência³⁷.

O ser contingente – um real que se acha determinado como possível – apresenta duplo aspecto. É uma realidade imediata que contém a possibilidade, e uma possibilidade que encontra na forma de uma realidade imediata. Nem a realidade que aí aparece é aquela que a possibilidade assume quando efetivada, nem a possibilidade é a possibilidade desta realidade imediata, mas da outra que se investe quando realizada. Há unidade entre elas: a realidade imediata contém em si a possibilidade e a possibilidade encontra-se na forma de uma realidade imediata. Elas se excluem mutuamente: a realidade imediata é a negação da possibilidade e vice-versa. Enquanto a possibilidade está como realidade imediata, ela não se converte naquilo que vai ser. E quando se converte naquilo que vai ser, deixa de ser outra realidade imediata. Ora, se cada uma é a negação da outra e está em unidade com a outra, – contém a outra em si – cada uma exclui de si a si mesma e se converte na outra.

A negação da realidade imediata pela possibilidade consiste na supressão dela enquanto valor-de-uso qualitativamente determinado. Ela deixa de ser o que é para ser aquilo que o valor é. Há identidade da matéria com o conteúdo (valor), ou seja, a matéria identifica-se abstratamente com o conteúdo (valor). Tem nele a sua identidade abstrata. Por sua vez, a negação da possibilidade pela realidade – quando a possibilidade se efetiva – consiste na supressão da identidade abstrata do valor. O que isto quer dizer? Que o valor passa a ter a sua identidade concreta na matéria. Para tanto, a matéria deve comportar as seguintes propriedades: divisibilidade, durabilidade e homogeneidade qualitativa, “susceptível de apresentar apenas diferenças puramente quantitativas”.³⁸ Ora, o que tem a sua identidade no outro tem com o outro uma relação necessária. A matéria que tem sua identidade no valor (e vice-versa) é o ouro (e a prata) e, por consubstanciar esta relação necessária, se torna dinheiro.³⁹ A forma geral se converte na forma dinheiro do valor.

A forma dinheiro do valor: o singular ou o universal concreto.

$$\left. \begin{array}{l}
 1 \text{ casaco,} = \\
 1 \text{ par de sapatos,} = \\
 \frac{1}{2} \text{ tonelada de ferro,} = \\
 \text{etc., mercadoria} =
 \end{array} \right\} 3 \text{ onças de ouro}$$

Há nesta forma uma questão a ser explicada. De que maneira é possível a matéria (o valor-de-uso) ter a sua identidade no conteúdo (valor) e vice-versa, sem que haja a anulação de um pelo outro? Afinal de contas, quando o valor-de-uso do ouro se identifica o valor (trabalho abstrato) não desaparece a diferença do valor-de-uso em relação ao valor? A negação da diferença pela identidade através do processo de identificação da matéria com o conteúdo é a negação dela enquanto separada da identidade. Assim, cada termo só é ele mesmo em unidade com o outro. Consequentemente, eles formam um só termo. A unidade da diferença e da identidade é o fundamento.⁴⁰ “La contradicción solucionada es así el fundamento, la esencia como unidad de lo positivo y negativo”.⁴¹ No dinheiro encontra-se resolvida a contradição entre valor-de-uso e valor-de-troca, porque o seu valor-de-uso consiste em servir de base material de existência do valor. Além do valor-de-uso comum utilizado na obturação de dentes, ou como jóias, etc., o ouro adquire valor-de-uso formal geral no processo de troca. Basta indagar: o que é o valor expresso monetariamente? Trabalho abstrato materializado no ouro. E o que é o ouro nesta função? É a matéria em que se objetiva o trabalho abstrato; por isto, se torna a expressão geral do valor. Assim chegamos ao conceito do valor nos seus três momentos constitutivos:

Universal: valor, trabalho abstrato.

Particular: diversidade das mercadorias que diferem pelos respectivos valores-de-uso; e o

Singular ou universal concreto: o dinheiro que faz a mediação entre o universal e o particular.

A contradição na lógica dialética se expressa numa relação entre dois termos onde cada um ao ser determinado pelo outro exclui de si o outro e o contém em si, simultaneamente. Ela se resolve quando, a partir do desenvolvimento lógico dessa relação, é engendrado um terceiro termo pela fusão dos dois, o qual permite a mediação entre ambos. A solução de uma contradição dialética não consiste em eliminá-la, mas em constituir a forma de movê-la, realizando a mediação entre os opostos. No nosso caso, é o dinheiro que resolve a contradição entre valor e valor-de-uso ao fazer a mediação entre o universal e o particular.

Conclusão

A questão fundamental consiste no desenvolvimento lógico que vai da forma mercadoria à forma dinheiro, na teoria do valor em Marx. Partimos de algumas

considerações preliminares acerca da lógica formal clássica e da dialética, mostrando a passagem de uma a outra até chegar às condições formais da contradição em Hegel. Cumprida esta etapa avançamos em direção à segunda: fundamentar a contradição entre valor de uso e valor de troca existente na mercadoria, através das mediações sucessivas entre forma, matéria, essência e conteúdo, num desenho circular. A contradição entre forma e matéria é resolvida – mediada – pela essência. Daí surge uma outra contradição entre essência e forma, mediada pela matéria. Em seguida, vem a contradição entre matéria e essência, mediada pela forma. Do conjunto destas mediações emerge o trabalho abstrato como unidade do trabalho simples, igual, homogêneo e do trabalho socialmente necessário.

O trabalho abstrato fundamenta a contradição entre valor de uso e valor de troca, sob a forma simples do valor, mas não a resolve. Com isto, entramos na terceira etapa que consiste em mostrar como as contradições da forma simples do valor são resolvidas pela forma extensiva; as da forma extensiva, solucionadas pela forma geral e as destas, suprimidas pela forma dinheiro. Através do dinheiro é resolvida a contradição original entre valor de uso e valor de troca, ou seja, o dinheiro constitui a forma de resolvê-la: o meio segundo o qual todas as mercadorias passam a ser relacionadas entre si, dando caráter universal ao valor. Assim, chegamos ao conceito do valor nos seus três momentos constitutivos: o universal (trabalho abstrato), o particular (diversidade das mercadorias) e o singular ou universal concreto (dinheiro) que realiza a unidade do particular e do universal.

De todo este desenvolvimento nos parece plenamente aceitável a adequação da lógica dialética à teoria do valor trabalho. Ficando evidenciado o fato de que só através da contradição dialética é possível demonstrar as relações intrínsecas entre forma e conteúdo necessárias à formulação do conceito de dinheiro.

Notas

¹ Tratamos aqui da economia mercantil desenvolvida.

² Aristóteles – Apud Hegel, G.W.F. – *Ciencia de la Lógica*, Solar S.A./Hachette S.A. Buenos Aires, 1968, p. 588.

³ Aristóteles *Organon – Analíticos Posteriores IV*, Guimarães Editores LTDA, pp. 66: “Todo silogismo se constrói com três termos. Uma espécie de silogismo serve para demonstrar que A é predicável de C, porque A se predica de B e B de C...”. Isto significa que o individual (A) é universal (C), porque o individual (A) é particular (B), e o particular (B) é universal (C). Ou seja, se A tem B por predicado, e B tem C por predicado, então A tem C por predicado. Nas palavras de Aristóteles: A se predica de C, porque A se predica de B e B de C.

⁴ Hegel, G.W.F. – *Ciencia de la Lógica*, op. cit., p. 589: “Lo particular, de un lado, es decir, frente

a lo universal, es sujeto; frente al individuo es predicado; o sea frente a aquel es individuo, frente a este es universal. Por el hecho de que en él se hallan juntas las dos determinaciones, los extremos se hallan concluidos por esta unidad suya».

⁵ Acerca da discussão sobre certeza e verdade na lógica vide Cabrera, J. *A Lógica Condenada*. Hucitec – Edusp, São Paulo, 1987 – cap. 4.

⁶ Hegel, G.W.F. *Ciencia de la Lógica*, op. cit., p. 592: “Por consiguiente, lo que se pide a las premisas, es ordinariamente que sean demostradas, es decir, que deben ser igualmente presentadas como conclusiones.»

⁷ Ibidem, p. 590.

⁸ Ibidem p. 42: «Hasta ahora el concepto de la lógica se fundaba sobre la separación dada de una vez para siempre en la conciencia ordinaria del conteúdo del conocimiento y de la forma de éste, es decir, en la separación de la verdade y la certeza. Se presupone ante todo que la materia del conocimiento existe como un mundo acabado, en sí y por sí, fuera del pensamiento; que el pensamiento por si es vacío y que se añade como una forma extrínseca a aquella materia, se llena de ella, y solamente entonces adquiere un contenido y se convierte así en conocimiento real».

⁹ Mondolfo, R. – «Prólogo», in Hegel, G. W. F. *Ciencia de la Lógica*, op. cit., p. 11. Para Kant (Crítica da Razão Pura) a proposição analítica é aquela cujo predicado está contido no conceito de sujeito. Na lógica moderna o termo analítico é objeto de discussões que fogem aos propósitos e limites deste artigo.

¹⁰ Da Costa, M. *Ensaio Sobre os Fundamentos da Lógica*. Edusp, São Paulo, 1980, p. 96.

¹¹ Ibidem, p. 97.

¹² Ibidem, p. 99.

¹³ Maritain, J. *Elementos de Filosofia: II – A ordem dos conceitos – Lógica Menor (Formal)*, Agir Editora, Rio 1966, p. 154 – Exemplos de proposições contraditórias: 1º Todo homem é sensato (Afirmativa, universal) Algum homem não é sensato (Negativa, particular) 2º Algum homem é sensato (Afirmativa, particular) Nenhum homem é sensato (Negativa, universal)

¹⁴ Mates, B. “Lógica Matemática Elementar” Apud Cabrera, J. *A Lógica Condenada*. Hucitec – Edusp. São Paulo, 1987, p. 74

¹⁵ Cabrera, J. *A Lógica Condenada*, op cit; p. 76.

¹⁶ Hegel, G.W.F. *Ciencia de la Lógica*, op. cit., p. 117.

¹⁷ Ibidem, p. 101.

¹⁸ Hegel, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*. Volume I, Edições 70, Lisboa, 1988, p. 15.

¹⁹ A maneira pela qual deduzimos a essência – pela negação de todo o qualitativo – é extremamente simplificada. A exposição de Hegel é bastante complexa e rica. 1) A partir da determinação qualitativa do ser chega-se ao termo médio, onde o ser contém a negação de si que o faz converter-se num outro, e este outro num outro de maneira infinita; 2) assim o finito – ser qualitativo – se reproduz numa

sucessividade infinita, e o infinito se põe de forma finita; 3) a unidade do finito e do infinito é o ser-para-si: ser que saiu de si, passou no outro, infinitamente, e retornou a si, realizando a unidade de si e do outro em si mesmo na forma do uno; 4) o uno constitui uma unidade discreta que se antepõe ao múltiplo, a unidade de ambos é a quantidade. Na quantidade, a qualidade – como expressão da diferença – é indiferente, por isto suprimida. A quantidade limitada, determinada é o quanto que pode ser extensivo e intensivo; 5) Embora na quantidade a qualidade esteja suprimida, a quantidade é quantidade de uma qualidade; 6) quando a quantidade ultrapassa determinado ponto, muda a qualidade que lhe correspondia; 7) a unidade da qualidade e da quantidade é a medida; 8) e o que permanece nas mudanças de qualidade quando a quantidade se altera é a essência. Por isto a essência é a negação de todo o qualitativo.

²⁰ Marx, K. *O Capital*, Livro Primeiro, Vol I DIFEL, São Paulo, 1982, p. 49.

²¹ Marx, K. *Contribuição à Crítica da Economia Política* – Martins Fontes Editora LTDA. São Paulo, 1977, p. 47: “... para se manifestar como valor-de-troca, como trabalho materializado, a mercadoria deve ser previamente alienada como valor-de-uso, achar comprador, ao passo que, por outro lado, a sua alienação como valor-de-uso, supõe a sua existência como valor-de-troca”.

²² *Ibidem*, p. 46

²³ *Ibidem*, p. 46

²⁴ Marx, K. *O Capital*, Livro Primeiro, Vol. I, op. cit p. 45.

²⁵ Hegel, G. W. F. *Ciencia de la Lógica*, op. cit, p. 400: “o bien, el determinarse de la materia por medio de la forma es la mediación de la esencia...”

²⁶ Marx, K. *O Capital*, Livro Primeiro, Volume I, DIFEL São Paulo, 1982, p. 46.

²⁷ Marx, K. *O Capital*, Livro 3, vol. 6, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1ª Edição, p. 735.

²⁸ Hegel, G. W. F. *Ciencia de la Lógica*, op. cit, p. 400.

²⁹ Marx, K. *O Capital*, Livro Primeiro, volume I, op. cit., p. 56-57.

³⁰ *Ibidem*, pp. 69-70.

³¹ *Ibidem*, p. 56.

³² *Ibidem*, p. 71.

³³ Hegel, G.W.F. *Ciencia de la Lógica*, op.cit., p. 571.

³⁴ Fausto, R. *Marx: Lógica e Política I*, op.cit., p. 166.

³⁶ Hegel, G.W.F. *Ciencia de la Lógica*, op.cit., p. 482.

³⁷ *Ibidem*, p. 482.

³⁸ Marx, K. *Contribuição à Crítica da Economia Política*, op. cit., p. 51-52.

³⁹ Ibidem, p. 51.

⁴⁰ Hegel, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*, p. 161, Textos filosóficos. Edições 70. Lisboa, 1988.

⁴¹ Hegel, G.W.F. *Ciencia de la Lógica*, op. cit., p. 382.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Organon. Analíticos Posteriores IV*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

CABRERA, J. *A Lógica Condenada*. São Paulo: Hucitec – Edusp, 1987.

DA COSTA, M. *Ensaio Sobre os Fundamentos da Lógica*. São Paulo: Edusp 1980.

FAUSTO, R. *Marx: Lógica e Política I*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GIANNOTTI, J. A. *Trabalho e Reflexão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la Lógic*. Buenos Aires: Solar S. A./ Hachette S. A., 1968.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*. Lisboa: Edições 70, 1988.

HEGEL G. W. F. *Propedêutica Filosófica. Textos Filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MARX, K. *O Capital. Livro I*, vol. 1, 7ª ed. São Paulo: DIFEL.

MARX, K. *O Capital. Livro III*, vol. 6, 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MARX, K. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda., 1977.

MARX, K. *Elementos Fundamentais para la Crítica de la Economía Política (GRUNDRISSE) I*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1978.

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar o conceito de valor em Marx sob os auspícios da dialética hegeliana. A análise estrutura-se em três eixos. O primeiro focaliza os aspectos que permitem entender a contradição na lógica dialética. O segundo compreende os passos dedutivos que levam ao conceito de trabalho abstrato por meio das relações entre forma, matéria, essência e conteúdo. O terceiro aborda as diferentes formas do valor em seus três momentos: o trabalho abstrato (universal), a diversidade de mercadorias (particular) e o dinheiro (singular ou

universal concreto) que encerra o meio de mover a contradição entre valor de uso e valor de troca.

Palavras-chave: dialética, trabalho, valor-trabalho

Abstract

The aim of this article is to analyze the concept of value in the writings of Marx, under the auspices of the Hegelian dialectic. There are three instances to define the analysis. The first focuses on the aspects that lead to the understanding of the contradiction in the dialectic logic. The second one refers to the deductive steps that lead to the concept of abstract work through the relations between form, matter, essence, and content. The third deals with the different forms of value in its three moments: abstract work (universal), the diversity of merchandise (particular) and, finally, money (singular or concrete universal) that encompasses the means to move the contradiction between usage value and trade value.

Key words: dialectic, work, labor value

Resumen

El objetivo del artículo es analizar el concepto de valor en los escritos de Marx, bajo el auspicio de la dialéctica Hegeliana. El análisis está estructurado en tres ejes. El primero focaliza los aspectos que permiten comprender la contradicción en la lógica dialéctica. El segundo abarca los pasos deductivos que llevan al concepto de trabajo abstrato por medio de las relaciones entre forma, materia, esencia y contenido. El tercero trata las diferentes formas del valor en sus tres momentos: el trabajo abstrato (universal), la diversidad de mercancías (particular) y el dinero (singular o concreto universal) que abarca el medio de mover la contradicción entre valor de uso y valor de cambio.

Palabras clave: dialéctica, trabajo, valor-trabajo

Alan Barbiero

Doutor em sociologia pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre a América Latina e Caribe, da Universidade de Brasília (Ceppac/UnB). Professor da Universidade do Tocantins (Unitins) e do Centro Universitário Luterano de Palmas (Ulbra).

Yves Chalout

Ph.D em Sociologia do Desenvolvimento pela Universidade de Cornell (EUA). Professor do Departamento de Sociologia da UnB. Coordenador de uma pesquisa multidisciplinar sobre “Mercosul e Alca: transnacionalização das práticas dos atores sociais”.

O Mercosul é um espaço público? Os dilemas das centrais sindicais e da sociedade civil

Introdução

Uma simples aventura intelectual é o que poderia parecer a reflexão sobre o processo de integração, aparentemente econômico, a partir da categoria de “espaço público”, não fosse a dimensão que o Mercado Comum do Sul (Mercosul) alcançou ou poderá alcançar, a despeito de suas múltiplas crises e contradições.

Com a assinatura do Tratado de Assunção em 1991, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai tinham em vista a constituição de um mercado comum. Como passo inicial, foram constituídos conselhos e órgãos de natureza intergovernamental, bem como criados órgãos subsidiários. Reuniões de ministros de pastas diversas, como do Trabalho, da Justiça, da Educação, da Agricultura, da Economia, e de presidentes de Bancos Centrais foram instituídas. Reuniões especializadas como de meio ambiente, ciência e tecnologia, turismo e cultura também passaram a ser organizadas. Ademais, dez Subgrupos de Trabalho (SG), entre eles os de Comunicações, Energia, Assuntos Trabalhistas, Emprego e Seguridade Social, foram sendo formados. O Mercosul se transformou assim em palco de debate dos mais variados temas, extrapolando a esfera meramente econômica.

Segundo Deblock e Brunelle (1996), os acordos de integração regional não respondem apenas a preocupações de natureza estritamente econômica. Nos processos de regionalismo econômico, sempre se cruzam duas ordens de racionalidade: a do Estado de um lado e a das empresas de outro. Essas duas ordens de racionalidade estão inter-relacionadas, mas não são necessariamente coincidentes. Cabe-nos aqui acrescentar uma terceira ordem de racionalidade, a qual passa progressivamente a fazer parte desse jogo: a da sociedade civil.

Dela participam sindicatos, associações, organizações não-governamentais, intelectuais etc., atores esses que buscam participar do processo de integração em curso, tentando de alguma forma influir na definição de seus rumos. Podemos observar esse fenômeno tanto no Mercosul como no Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) e na Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Ao que parece, a sociedade civil quer cada vez menos deixar essa temática sob a responsabilidade da burocracia e dos governantes, e começa a exigir um papel de protagonista na integração regional. No Mercosul particularmente, as centrais sindicais têm definido estratégias e alianças visando garantir algum poder de influência nas tomadas de decisão.

Diante da emergência desses novos espaços de crítica, de discussão e de elaboração de propostas, parece-nos oportuno formular duas indagações, que se traduzem nas questões centrais deste artigo: podemos pensar o Mercosul como um espaço público? É possível afirmar, a partir do debate sobre espaço público, que existe um déficit democrático no Mercosul? Entendido como o espaço do debate, da palavra, da crítica, da diversidade e da pluralidade, o conceito de espaço público, quando aplicado ao estudo do Mercosul, põe a dimensão política deste no centro das atenções, aportando uma importante contribuição ao debate sobre a democracia do mesmo.

No desenvolvimento de nossa abordagem, primeiro analisamos a categoria sociológica “espaço público” em Hannah Arendt e Jürgen Habermas, considerados os dois principais autores contemporâneos que trataram do tema. Na continuação, por estarem intimamente relacionados com a questão do espaço público, debatemos o poder e a democracia com base nesses dois autores. Prosseguimos com a reflexão sobre a tensão existente entre poder comunicativo e poder administrativo no Mercosul. Em seguida é a vez de discutirmos a democracia no processo de integração do Cone Sul a partir de nossa leitura sobre espaço público. Em face da realidade evidenciada, somos levados a afirmar, na conclusão, que o Mercosul se configura mais como espaço estatal do que como espaço público.

O espaço público como categoria sociológica em Hannah Arendt e Jürgen Habermas

Hannah Arendt estrutura o seu pensamento político-filosófico em torno das categorias *público* e *privado*. O espaço público é para ela o lugar da palavra e da ação. Repousa essencialmente sobre dois fundamentos: a liberdade e a igualdade. O espaço público é o espaço da aparência. É o espaço consagrado ao estar com

outros, à diversidade de opiniões, ao agir em comum. É, enfim, o lugar por excelência da política, cujo sentido último é o da liberdade. Para Arendt (1999), o sentido da política é a liberdade.

Como Arendt, Habermas também faz uso do conceito de público como uma categoria de análise das sociedades modernas. Sua crítica política é centrada nas transformações da esfera pública burguesa e suas implicações. A partir de um conceito normativo de espaço público, quer dizer, partindo do ponto de vista de uma concepção radical de democracia, Habermas busca demonstrar como a imbricação entre o Estado e a sociedade coloca em risco as instituições democráticas. Para ele, o espaço público é o lugar da mediação entre o Estado e a sociedade. É o lugar de formação da opinião pública. Uma sociedade verdadeiramente democrática só poderá existir quando houver espaços públicos constituídos com função política.

A construção habermasiana é um pouco posterior à arendtiana. Habermas ainda se encontra vivo, tendo presenciado todas as transformações ocorridas no mundo a partir da queda do Muro de Berlim. Este acontecimento, de certa forma, confirmou algumas teses de Arendt, em especial a sua crítica ao stalinismo e ao socialismo de Estado dos países do Leste Europeu. Na ocasião, Arendt foi tachada de conservadora, tendo sido alvo de críticas por parte de teóricos marxistas.

Em Cottureau e Ladrière (1992), podemos observar divergências entre as abordagens de Habermas e Arendt acerca de temas como opinião e legitimidade. O mesmo se verifica na relação entre espaço público, liberdade e comunidade quando comparamos as duas abordagens. Na visão habermasiana, a liberdade e a autonomia seriam os correlatos de uma reflexão crítica, que toma a forma dialógica através da confrontação argumentativa de pretensões à validade; ambas supõem, portanto, uma intersubjetividade instaurada pela linguagem. A comunidade emerge também de tais discussões, supondo uma racionalidade comunicativa. Já a abordagem arendtiana relaciona a instituição de um mundo comum ao “*l'apparaître commun des êtres*” sobre a cena de aparição, e ao exercício do julgamento (Tassin, 1992). Arendt estabelece uma relação da liberdade com a ação pública guiada não pela vontade, mas por princípios inspirados do exterior.

A despeito das diferenças entre as duas abordagens, a primeira idéia comum importante já aparece aqui: a comunidade e a liberdade se constituem da instituição do espaço público político. Comentando essa idéia em Arendt, Lefort sublinha: “é participando deste espaço político, tendo acesso à visibilidade num contexto público, que os homens se definem e se percebem uns aos outros como iguais” (1986: 66)¹.

Dentro dessa perspectiva, tanto para Habermas quanto para Arendt a existência de espaços públicos é fundamental para que a democracia seja verdadeiramente instalada. Ambos utilizam a categoria espaço público para formular sua crítica às sociedades modernas.

O espaço público arendtiano é o lugar da aparência, da palavra, da liberdade e da pluralidade. Para a autora, é somente à luz do espaço público que os homens podem se distinguir uns dos outros e realizar sua atividade mais nobre: a política como expressão maior da ação. Arendt ressalta que a supressão do público e do privado, com a emergência do social e a formação da sociedade de massas, põe em perigo a própria sociedade como um todo. É sua a advertência de que a destruição completa dos espaços públicos está na origem dos sistemas totalitários.

Habermas desenvolve a idéia de privatização ou refeudalização do espaço público. Segundo ele, por um lado ocorre uma autodestruição da publicidade no Estado social do capitalismo avançado e, por outro, uma privatização da autoridade pública. Verifica-se assim uma estatização da sociedade e uma socialização do Estado, consubstanciadas na imbricação deste com aquela. O espaço público teria perdido sua função de mediação entre Estado e sociedade, e a esfera pública tenderia a se identificar com o “domínio público”, o domínio do Estado, num movimento equivalente ao de uma refeudalização, posto que a representação feudal repousava sobre a identificação da coisa pública no príncipe.

Percebe-se que os dois autores estão preocupados com o destino das sociedades modernas e propõem uma reabilitação da política. Existe um denominador comum entre Arendt e Habermas quando desenvolvem suas análises sobre o espaço público: a preocupação com a democracia. Ambos propõem o estabelecimento de uma sociedade verdadeiramente democrática, em benefício da própria saúde da sociedade, a partir da constituição de espaços públicos exercendo uma função política. No centro de tais espaços estariam associações, comunidades de base, sindicatos, fóruns de discussão, clubes de leitura, organizações não-governamentais em geral, igrejas, mídias alternativas, entre tantas outras organizações da chamada sociedade civil cujo papel fundamental é o de reconstituir a sociedade sobre novas bases. A expectativa de Arendt está depositada na capacidade humana de encetar um novo começo, ao passo que Habermas, após ter vivido as transformações no Leste Europeu, aponta para o grande potencial de transformação existente no seio da sociedade civil organizada emergente.

A relação entre espaço público, poder e democracia

Existe estreita relação entre espaço público, poder e democracia. Discutir o espaço público dentro do campo da política nos remete necessariamente à discussão sobre o poder. Sendo assim, no âmbito da abordagem que estamos desenvolvendo, parece-nos justificável a percepção da noção de poder que não acarrete a destruição ou a impossibilidade de todo espaço público, mas que, ao contrário, seja compatível com o espaço público democrático. Uma breve análise sobre o poder em Arendt e Habermas nos possibilitará essa construção, a qual aplicaremos posteriormente em nossa reflexão sobre o Mercosul.

Hannah Arendt se opõe à tradição, à qual Max Weber se filia, que define o poder como dominação. Já em sua tese de doutorado *O conceito de amor em Santo Agostinho*, de 1929 (Arendt, 1991), ela exprime pela primeira vez uma idéia que lhe é bastante pessoal: o “estar-com-outros” como poder. A construção arendtiana busca outra tradição: a da compreensão do poder como o acordo quanto ao agir comum. Na tradição que contesta, na qual toda forma de governo é vista como sistema de dominação, ela destaca a confusão que conduz a praticamente identificar poder com violência.

A tradição em que Arendt se apóia tem raízes no pensamento grego, nos filósofos do Iluminismo e nos pensadores das revoluções americana e francesa. A autora se reporta à antiguidade grega e latina, esquecida pela tradição à qual se opõe. Todos os momentos em que o espaço público ressurgem como lugar da aparência do poder esquecido, não institucional, como os conselhos operários e a insurreição de Budapeste ou a Primavera de Praga, servem-lhe de inspiração para desenvolver seu conceito de poder. Para ela, a isonomia grega, a *civitas* romana, a república dos pensadores revolucionários, o apelo aos direitos do homem pelos dissidentes dos regimes totalitários têm como denominador comum a concepção de poder que não se reduz ao poder de comandar e à correspondente obrigação de obedecer. A tradição de que Arendt se aproxima é aquela de um poder que tem como base a persuasão e o convencimento. Este convencimento se situa fora da relação de dominação. Nos regimes democráticos constitucionais representativos, as instituições políticas obtêm seu poder pelo apoio popular. Quando a soberania popular é desconsiderada, toma lugar a violência.

Na obra *Du mensonge à la violence*, Arendt define de forma mais fenomenológica sua percepção de poder: “O poder corresponde à atitude do homem de agir de forma concertada. O poder jamais é propriedade individual, ele pertence ao grupo e continua a lhe pertencer por todo o tempo até que este grupo se divida”

(1986: 153). O poder emana do povo. Caso o povo se desagregue, o poder político institucional se dissolverá. Assim, quando passa a se associar ao indivíduo, o poder já não é mais poder, e sim o que Arendt chama de “potência”².

A autora estabelece estreita relação entre poder e ação. O poder é para ela a faculdade de agir em comum acordo. Este poder implica a livre opinião, o livre debate e a livre associação.

Segundo Arendt, a violência é por natureza instrumental, diferentemente do poder, que é um fim em si mesmo. Para se justificar, a violência necessita de algo exterior a ela. Esta justificação exterior não pode representar o princípio constitutivo do poder. A violência, em razão do que é, é incapaz de estruturar o poder. Ela pode destruir o poder, mas nunca o criar.

Habermas escreveu um artigo publicado na Alemanha, poucos meses antes da queda do Muro de Berlim, e na França, quando se comemorava o bicentenário da Revolução Francesa, em que faz referência explícita a Arendt ao estabelecer a distinção, no seio do espaço público político, entre o “poder engendrado comunicativamente” e o “poder aplicado administrativamente”, ou seja, entre “a produção comunicativa de um poder legítimo, sobre o qual Arendt propôs um modelo normativo, e a constituição da legitimação pelo sistema político através do qual o poder administrativo se torna reflexivo” (1989: 47).

Tanto para um quanto para o outro, o poder – que Habermas qualifica de “comunicativo” – existe fora de toda dominação. Ambos se referem à *polis* como sendo o primeiro detentor deste poder. O poder é originado do conjunto de cidadãos como algo que dispensa qualquer justificação externa, bastando apenas uma auto-referência, ou, como diz Arendt, um princípio de determinação interna.

Em que pesem tais semelhanças, a concepção habermasiana de poder não é idêntica à de sua colega. Segundo quer nos parecer, o pensamento de Habermas é mais avançado na medida em que tematiza a tensão estrutural que existe, nos Estados constitucionais democráticos, entre poder comunicativo e poder administrativo.

Habermas se inspira no modelo de Arendt para desenvolver a sua teoria de poder comunicativo. Na sua visão, o poder comunicativo, para existir, supõe e necessita do espaço público onde o poder político se manifesta anteriormente à sua institucionalização. Antes de ser uma organização própria do sistema político, o poder é gerado pela associação de cidadãos livres. Como tal, seu objetivo específico é o de intercompreensão adquirida pela via argumentativa como meio de interação. Sua racionalidade é a da razão prática que é própria da ação. Dentro desta perspectiva, o espaço público exerce uma função política.

A forma de constituição própria das associações voluntárias é “um conceito *sociológico* que permite conceber relações criadas espontaneamente e livres de dominação não contratual” (Habermas, 1989: 44). A sociedade não é concebida como uma ordem instrumental pré-política que se estabelece sobre a base de contratos, quer dizer, por acordos regidos pelos interesses entre atores mais orientados para a eficácia do que para a solidariedade. Habermas (1993) faz uma crítica a Hannah Arendt quando ela recorre à figura do contrato para preencher o espaço vazio existente entre o conhecimento e a opinião, o poder e a liberdade, que para a autora não pode ser suprido por meio de argumentos.

No sentido habermasiano, pode-se falar em associações voluntárias quando os contatos horizontais de interação se realizam dentro de uma prática comunicativa, ou seja, orientados para o entendimento. O acesso a esse entendimento se dá pelo tipo preciso de discussão onde os argumentos explicitamente fundados na razão são, para uns e para outros, reciprocamente, submetidos à crítica.

Os espaços públicos são os lugares próprios onde se pode realizar livremente a formação da opinião e da vontade segundo um processo argumentativo. Assim, a democracia no pensamento habermasiano não pode ser concebida se, antes de todo o sistema político, não se constituírem redes de associações voluntárias. Os espaços públicos democráticos, como lugares permanentes e autônomos da formação da opinião e da vontade política, não são determinados nem pela urgência da decisão nem pela tutela do Estado (Habermas, 1989: 50). Os agrupamentos voluntários externos à esfera do Estado se formam dentro do espaço público não penetrado pelo poder detido pelo Estado. Eles tomam, segundo Habermas, formas bem diversas: associações, clubes, academias, sindicatos, igrejas, iniciativas cívicas, fóruns, entre outras. De sua parte, o poder administrativo funciona com uma lógica própria, podendo ser permeado ou não pelo debate que se faz em sua volta. Todavia, constitui um poder.

Em 1976, num artigo dedicado à análise do conceito de poder em Hannah Arendt, Habermas (1993) escreve que a autora, contrariamente a Weber, concebe o poder como a “faculdade de alcançar um acordo quanto à ação comum, no contexto da comunicação livre de violência”. Habermas critica Arendt por ela perceber apenas a existência da modalidade comunicativa de ação, quando existiria ainda a ação estratégica, não considerada pela autora em sua concepção de poder. Sua crítica está centrada no fato de Arendt conceber o poder comunicativo como o poder propriamente dito, como se a formação de um consenso estivesse no princípio do poder político, existindo em função da preservação do consenso em que se funda. Procedendo assim, Arendt, segundo seu crítico afirma, elimina da política os ele-

mentos estratégicos, localizando-os na “força” e não no “poder”, e ainda dissocia a política dos contextos econômicos e sociais em que está embutida através do sistema administrativo.

O poder administrativo se situa dentro do campo da dominação, tratando-se de um outro aspecto do político. A inspiração de Habermas para tratar esse tema vem da teoria funcionalista de sistema. O político enquanto *organização* é um sistema, possuindo todas as suas características como a auto-regulação e a autonomia em face do que lhe é exterior. Sendo determinado por si mesmo por meio do direito e do poder político institucional, sua racionalidade é do tipo estritamente instrumental e sua lógica interna é a da eficácia. Desta forma, o aspecto sistêmico do político implica comandar, impor, coagir e dominar. O fato da legitimidade, num regime democrático, de os poderes legislativo, executivo e judiciário repousarem ulteriormente sobre a soberania popular, expressa pelo sufrágio universal, não suprime esses elementos do poder político.

Habermas identifica, portanto, uma tensão existente entre, de um lado, o aspecto sistêmico do poder político, indispensável à sua implantação efetiva, mas que, por sua natureza, relega à sua periferia uma instância (o poder comunicativo) percebida como um fator perturbador de sua auto-regulação, e, de outra parte, o aspecto comunicativo do poder político, única fonte democrática de legitimidade, que por sua natureza mesma deve exercer um direito de ingerência no sistema político.

No entanto, mesmo nas democracias, existe um risco permanente de haver uma inversão entre poder comunicativo e poder administrativo. O poder administrativo, ao contrário de ser programado pelo poder comunicativo, tende, dentro de sua forma sistêmica de se autoprogramar, a programar o poder comunicativo como se este fosse parte integrante dele.

De seu lado, o poder comunicativo só pode se impor ao poder administrativo de maneira voluntária. Este voluntarismo quer dizer que ele busca pela via do debate público argumentado a adequação da razão prática e da vontade livre. Sendo assim, somente quando o debate se instala livremente nos espaços públicos é que o poder comunicativo passa a ser válido. Entretanto, suas deliberações devem tomar forma nas resoluções e decisões do poder jurídico-administrativo. O poder comunicativo é fonte de legitimidade para o administrativo. O primeiro vem da soberania popular antes de qualquer institucionalização. O segundo decorre da autoridade pública institucionalmente estabelecida e encarnada dentro do sistema político. Enquanto o primeiro delibera livremente as orientações que uma sociedade se dá, o segundo tem a responsabilidade de entendê-las e execu-

tá-las. Logo, poder comunicativo e poder administrativo são necessários um ao outro.

Poder comunicativo e poder administrativo no Mercosul

Na evolução do Mercosul, podemos perceber a tensão existente entre poder comunicativo e poder administrativo de que nos fala Habermas. Esses dois poderes se cruzam no interior da integração, possuindo lógica e dinâmica de funcionamento bastante distintas. Seus interesses, temas, posições ora se aproximam, ora se distanciam. Apesar disso, ambos têm-se reforçado mutuamente. Porém, ao invés de se processar pela via da cooperação, a interação entre eles se dá, principalmente, por meio do conflito.

O Mercosul aparece como uma fonte de conflito para as centrais sindicais por pelo menos três razões. Pelos seus possíveis impactos nas relações sociolaborais dos Estados partes; pela exclusão dos sindicatos das negociações levadas a cabo pelos Executivos; e também pela própria estrutura do movimento sindical que, por se pautar fortemente em torno de um eixo nacional, não estava preparada para enfrentar os desafios colocados por um processo subcontinental. A pergunta que se coloca então é: que relação esse conflito tem com o desenvolvimento de espaços de argumentação, de debate e de ação concertada?

Simmel (1983) nos mostra que o conflito pode ser percebido como algo positivo na medida em que possibilita a unidade. Aparentemente isto pode parecer contraditório quando se pensa que o conflito provoca dissociação. Mas, guardando certos limites, o conflito é em si uma forma de sociação. Ele está destinado a resolver tensão entre contrastes ou a resolver dualismos divergentes. A indiferença, contrastando com a positividade do conflito, pode implicar a rejeição ou o fim da sociação, tornando-se assim puramente negativa. Na verdade, Simmel vê nas forças de repulsão de um grupo a mesma importância que têm as forças de cooperação e de convergência. O conflito atua, desta forma, como força integradora do grupo.

Recorrendo a documentos publicados pela Coordenadora das Centrais Sindicais do Cone Sul (CCSCS), podemos demonstrar como as centrais enunciam a existência de um conflito³. Trata-se da discrepância entre duas perspectivas diferentes de integração: uma idealizada pelas centrais e outra implantada pelo Estado.

A proposta inicial da CCSCS representava um projeto de integração regional alternativo ao estabelecido pelo Tratado de Assunção. Concebida dentro de uma perspectiva de “integração bolivariana”, ou seja, uma integração dos povos

latino-americanos em amplas dimensões, a formulação da CCSCS chocava-se com o diagnóstico que ela fazia acerca do projeto implantado. Para o movimento sindical, a integração, na forma como estava sendo realizada pelos governos, favorecia os interesses econômicos em detrimento das questões sociais, havendo então a necessidade de se propor uma alternativa de integração cujo objetivo maior seria o bem-estar da população envolvida. Tal preocupação já constava na primeira carta da CCSCS aos governos dos países-membros, onde se lê: “La adopción de una postura crítica hacia la perspectiva de integración que hoy predomina, reafirma nuestra autonomía de organizaciones sindicales y nuestro derecho a plantear alternativas de resolución de la crisis económica y social, diferentes a las provenientes de sectores gubernamentales y empresarios” (CCSCS, 1991: 1).

Embora exista heterogeneidade entre as centrais no que diz respeito ao contexto nacional onde elas se inserem, o diagnóstico a respeito da integração do Cone Sul feito por elas individualmente era bastante próximo uns dos outros. Existe um certo consenso de que a integração pode ser um elemento positivo na promoção do desenvolvimento econômico e social da região. Entretanto, ao se darem conta de que o modelo aplicado subjugava os aspectos sociais e culturais do processo em favor dos interesses comerciais e financeiros, as centrais trataram de unificar o seu discurso. Em seu segundo documento enviado aos presidentes dos quatro países do Mercosul, a CCSCS propunha “construir la integración económica y social con otros principios”:

En primer lugar, queremos reafirmar nuestra certeza de que es necesaria y fundamental la conformación de un AREA ECONOMICA, SOCIAL Y CULTURAL de los países del Cono Sur y, en el futuro, de América Latina, como instrumento que aumente la capacidad de respuestas autónomas a las necesidades de la región, a través del establecimiento de relaciones más justas y equitativas (CCSCS, 1992: 1).

O processo de integração caminhava rapidamente, com os países adequando suas barreiras tarifárias a fim de possibilitar a implantação de uma Tarifa Externa Comum (TEC). Os efeitos dessas mudanças começaram a ser sentidos pelos sindicatos, ao mesmo tempo em que eles postulavam maiores informações e espaços de discussão sobre o Mercosul. Seus esforços para sensibilizar os governos pareciam não produzir ecos. No terceiro documento apresentado aos presidentes, a CCSCS reitera suas críticas quanto ao modelo adotado e apresenta uma proposta à integração. A elaboração da Carta de Direitos Fundamentais do Mercosul pelo conjunto

das centrais já demonstrava uma maior organização da CCSCS.

Nuevamente nos dirigimos a Vuestras Excelencias para exponer nuestros puntos de vistas sobre el Proceso de Integración y reafirmar nuestra preocupación en relación al impacto social provocado por las medidas económicas que están siendo adoptadas, con escaso esclarecimiento de la opinión pública de los países involucrados, y con participación restringida de las organizaciones representativas de los trabajadores (...). Aprovechamos igualmente esta oportunidad para hacer entrega formal, del Proyecto de Carta Social que inscribimos en el marco general del denominado espacio social del Mercosur... (CCSCS, 1993: 1).

A Carta de Direitos Fundamentais podia perfeitamente ter sido implementada no estágio em que se encontrava o Mercosul, o que não aconteceu. Posteriormente, ela evoluiu para um Protocolo Sociolaboral, chegando-se finalmente à aprovação da Declaração Sociolaboral do Mercosul pelos quatro presidentes, em dezembro de 1998. Entretanto, o seu processo de formulação, assim como o das demais propostas, teve um efeito altamente positivo na organização da unidade e no estabelecimento de um espaço plural de discussão. Voltaremos a este ponto logo mais.

Até agora apresentamos uma dimensão do conflito: aquela que se dá entre as duas partes presentes no processo, ou seja, entre o Estado e as centrais sindicais. No entanto, existe outra dimensão a ser considerada. Dentro da perspectiva de Simmel, o conflito tem significação sociológica não apenas para as partes entre si, mas também para a estrutura interna de cada uma. O conflito gera mudanças e adaptações internas.

Sendo um palco de conflito, o Mercosul cria novas situações internas tanto para o Estado enquanto organização administrativa do processo, como para as centrais enquanto organização de um espaço de manifestação dos trabalhadores. As diferentes centrais sindicais envolvidas se viram na necessidade de buscar um lugar comum capaz de abrigar suas divergências e que paralelamente lhes possibilitasse uma ação consensual. O conflito se manifesta, desta forma, no seio das centrais sindicais do Cone Sul.

As condições de conflito motivadas pelo Mercosul foram atuando no interior da CCSCS, transformando sua estrutura interna em direção à consolidação deste espaço de articulação e de definição de novas estratégias e práticas sindicais. A existência de um “adversário” comum veio a ser uma condição importante

para uma ação unificada. A dessubstancialização dos antagonismos no interior da Coordenadora não significa seu total desaparecimento entre as centrais sindicais. Embora haja uma convergência entre as centrais, existem pontos de tensão e de conflito interno quando alguns temas são abordados, entre eles o fluxo de mão-de-obra entre os quatro países.

Por exemplo, as centrais não são favoráveis às migrações clandestinas de trabalhadores rurais que partem do Paraguai e do Brasil para trabalhar nos campos agrícolas da Argentina, onde os salários para uma mesma atividade são melhores que em seus países e onde eles são contratados, em substituição à mão-de-obra local, por um salário abaixo do praticado normalmente em território argentino. Um conflito como este não teria como não repercutir no interior das centrais sindicais. Na qualidade de espaço privilegiado para a sua discussão e encaminhamento, a CCSCS enviou carta aos quatro presidentes, ponderando que “problemas como el traslado de mano de obra subcontratada y/o clandestina de un país a otro vienen creciendo, creando fuertes distorsiones salariales y favoreciendo, en algunos sectores, sentimientos nacionales, sentimientos nacionales de rechazo a la libre circulación de trabajadores en el futuro del Mercosur” (1993: 3).

A migração é apenas um dos fatores de onde o conflito pode surgir. Poderíamos referir outros, como a utilização do *dumping* social na concorrência entre as empresas, as diferenças de políticas macroeconômicas que incidem sobre o trabalho, a desvalorização do real alterando o fluxo de comércio entre os países, o deslocamento de empresas sediadas na Argentina para o Brasil e as divergências entre as leis laborais de cada país. Todas essas questões são motivo de conflitos – às vezes latentes, às vezes declarados – que movimentam o debate no seio da CCSCS.

Retornando à Carta de Direitos Fundamentais do Mercosul e às outras proposições formuladas pela Coordenadora, importa averiguar o efeito que tais documentos exercem sobre a organização de um espaço de ação do movimento sindical. Trata-se, como já foi dito, de alternativas elaboradas para dar conta do conflito anunciado.

A elaboração de alternativas tem uma dimensão totalmente diferente da contestação pura. Existe uma razão estratégica e uma razão ainda mais fundamental na elaboração de alternativas. A razão estratégica encontra-se no fato de que quanto mais o grupo se reúne para redigir uma proposta, mais ele é obrigado a buscar um maior grau de reflexão sobre a situação em apreço e a encontrar respostas para os problemas colocados. Existe aí um processo cumulativo, o que possibilita outras manifestações, não se começando mais do zero. Mesmo inexistindo um consenso

total, o exercício de elaborar alternativas faz sempre avançar alguns pontos. Esta é uma razão estratégica e pedagógica que não se pode ignorar.

Mas há outra razão mais importante. O cerne do problema é saber ordenar as diferentes propostas no interior do grupo formado por centrais sindicais bastantes distintas, heterogêneas e plurais. O centro da questão está em fazer o trabalho de convergência de diferentes pontos de vista. Trata-se de se colocarem à mesma mesa centrais de perfil tão diverso quanto as brasileiras Central Única dos Trabalhadores (CUT), Central Geral dos Trabalhadores (CGT) e Força Sindical, e as argentinas Confederación General del Trabajo (CGT) e Central de Trabajadores Argentinos (CTA). O trabalho de confluência das proposições é um trabalho político em si. Necessita do debate e da argumentação em busca de um consenso. Este consenso não é dado; é alcançado a partir do uso da palavra. Assim, forma-se um espaço da aparência, no sentido arendtiano, onde cada um pode expressar livremente sua opinião. Este espaço expressa a igualdade e a pluralidade tendo em vista uma ação que se traduz na iniciativa e no debate entre vários. Faz-se o uso da singularidade de cada um a fim de se alcançar algo que expresse a vontade comum. Neste sentido, podemos perceber que, em torno das centrais sindicais, surge um espaço político ou, por assim dizer, um espaço público.

É bem verdade que somente a existência do conflito decorrente da criação do Mercosul não seria suficiente para o fortalecimento da articulação das centrais sindicais partícipes da Coordenadora e o início da formação de um espaço público. Segundo Simmel, as relações de conflito, por si mesmas, não produzem uma estrutura social. Somente em cooperação com “forças unificadoras” é que elas podem atuar na constituição do grupo como “uma unidade viva e concreta” (Simmel, 1983: 128). Destacaremos alguns pontos de unificação que desempenham papel substancial na articulação das centrais do Cone Sul.

Embora a CCSCS se constitua em um todo heterogêneo, existe uma proximidade entre a CUT, as centrais uruguaias, Plenário Intersindical de Trabajadores (PIT) e Convención Nacional de Trabajadores (CNT) e a CTA. São centrais que possuem uma identidade maior em suas intervenções em nível nacional, em suas estratégias de ação e em suas percepções políticas. Isto favorece a formação de um “núcleo” importante na manutenção da unidade do movimento.

Outro aspecto que contribui para a emergência de uma dinâmica compartilhada, dentro de um mesmo espaço, é a existência de valores culturais comuns. Este é um ponto mais subjetivo. Nossa idéia sobre a existência de valores culturais comuns vem, entre outros, de Morse (1995), que, além de percorrer as origens de uma cultura ibero-americana, busca mostrar a positividade desta matriz cultural.

Existe ainda um outro ponto a ser destacado como unificador: o ideal de um “sindicalismo sem fronteiras”. Em seu congresso de 1991, a CUT já apontava para a necessidade de se adaptar a um novo ambiente onde as ações individuais dariam lugar a uma coalizão transnacional (Pasquariello, 1996). Esta idéia aparece posteriormente na Carta de Direitos Fundamentais, elaborada pelo conjunto das centrais, na seção IV, sobre os direitos coletivos, onde se afirma que “os sindicatos e demais organizações sindicais podem ser nacionais ou internacionais” (CCSCS, 1993). Trata-se de uma tentativa do movimento sindical no sentido de dar resposta, do ponto de vista de sua organização, aos desafios colocados pela globalização econômica. É uma vontade de “globalizar a luta”, expressão essa reiteradamente pronunciada pelos dirigentes sindicais da Argentina e do Brasil em entrevistas que realizamos nas cidades de São Paulo e Buenos Aires em 1999. Embora esse ideário seja de consecução difícil e complexa, sua existência entre os sindicalistas do Cone Sul certamente atuou como fator de aproximação das centrais sindicais em sua busca de novas estratégias e alianças em face de uma nova realidade regional e mundial.

Em vista do exposto, podemos afirmar que as centrais articularam um espaço de ação política no Mercosul. Por maiores que sejam os limites da intervenção sindical na integração em curso, ou por menor que tenha sido a influência das centrais na formação de uma opinião pública mais ampla sobre o tema, não se pode negar que a CCSCS realizou a crítica ao Mercosul. Entretanto, tudo indica que ela foi a única entidade representativa e articulada em nível regional a fazê-lo. Percebem-se, é verdade, alguns movimentos localizados de crítica, como os de alguns setores agropecuários do sul do Brasil e da indústria argentina, de comerciantes do Paraguai e mesmo de setores político-partidários do Uruguai. Nenhum deles, contudo, resultou na formação de um espaço regional de discussão, debate e crítica ao processo que estava sendo implantado, sobretudo, pelos Executivos dos quatro países. Foram somente as centrais sindicais que, de fato, mesmo tendo uma capacidade reduzida de pressão sobre o Estado, lograram êxito em agir de forma concertada no âmbito do Mercosul.

Esta ação concertada faz emergir um tipo de poder baseado na comunicação. Como vimos, o poder se manifesta no momento em que vários se reúnem e passam a agir conjuntamente; o poder é a possibilidade de *agir em comum*; é a livre associação de cidadãos que o gera, havendo uma prática comunicativa explícita entre essas associações. Em torno da CCSCS, surge um espaço com a capacidade de enunciação do conflito, onde as formas consensuais de conflito não partem de um consenso prévio. Não são consensos absolutos, mas consensos provisórios

que vão sendo construídos a partir da diversidade de opiniões e da ação política das centrais. A pouca consideração do poder aplicado administrativamente por este poder comunicativo, oriundo de um espaço público, de forma alguma desubstancializa a sua existência. Ao contrário, a democracia e a legitimidade na construção do Mercosul repousam exatamente aí.

De que democracia estamos falando?

O espaço público que vem se formando em torno da CCSCS, único até o momento com capacidade de crítica ao Mercosul, é a base do surgimento de um poder comunicativo que busca se estabelecer frente ao funcionamento do poder administrativo. No Mercosul, os vários documentos e manifestações públicas das centrais sindicais expressam a tensão existente entre esses dois poderes. Porém, a condução da integração tem sido feita pelo poder administrativo considerando pouco a crítica que lhe é formulada. Habermas nos mostra que a crítica política feita pela esfera pública é a garantia para o exercício da democracia em nossa sociedade. Posto assim, de que tipo de democracia estamos falando?

A princípio, pode-se pensar que o conjunto da sociedade estaria representado nas negociações do Mercosul através dos Poderes Executivos eleitos democraticamente, em sufrágio universal, por processos transparentes e garantidos por instituições consolidadas. Mas não se trata aqui de representação. A idéia de democracia sobre a qual estamos falando tem como núcleo a existência de espaços onde se possa forjar uma argumentação capaz de colocar em xeque o Estado, de modo a evitar que ele funcione segundo a sua própria lógica. Formas institucionais devem ser pensadas para que os Poderes Executivos, assim como a Justiça, fiquem mais permeáveis à expressão originada dos espaços públicos.

Pensando assim, a formação de uma opinião organizada no interior dos fóruns decisórios do Mercosul, levando a decisões responsáveis, não poderia se fazer sem estar permeada pelos valores, temas, contribuições e argumentos que circulam livremente no seio da comunicação política que o contorna. Em outras palavras, as decisões tomadas no Mercosul pelos Executivos dos quatro países deveriam considerar a existência de espaços públicos com capacidade de crítica e que, embora possuam lógica diferente da sua, são a fonte de toda legitimidade.

Se é verdade que a criação de espaços de participação de atores sociais não estatais confere uma maior legitimidade ao processo, o mesmo tem de ser dito, ainda com mais razão, em relação aos processos de deliberação no interior desses espaços. Como já ressaltamos, não se trata de exercer a soberania popular com

todos incluídos. Trata-se de estabelecer processos de formação de uma opinião pública, que por sua vez seja capaz de influenciar as tomadas de decisão no Mercosul, fazendo com que estas sejam permeadas não somente pela lógica do Estado, mas também por aquela advinda dos espaços públicos.

Cabe argumentar ainda que a democracia vista a partir da consideração de espaços públicos com função política confronta-se com a idéia de democracia como base para a estabilidade. Em Hannah Arendt isto é muito claro; é uma noção que difere, sobremaneira, daquela inscrita nas instituições internacionais ou nos acordos de integração regional. Recordando a autora, o espaço público é o lugar onde se pode fazer um novo começo, onde nada é para sempre e onde tudo pode ser questionado. Sendo o espaço da contingência, não há lugar para verdades absolutas. Uma democracia pensada nestes termos deve dar espaço à instabilidade. Portanto, não é a estabilidade, mas a instabilidade que, de fato, pode garantir a existência de processos democráticos.

Mas o poder administrativo tem dificuldade de lidar com a instabilidade, criando aí uma tensão. Vimos que a administração, operando no quadro das leis, obedece a critérios de racionalidade próprios e, do ponto de vista da aplicação de seu poder, não é a razão prática que opera, mas a eficácia na implantação de um programa dado. Isto é bem visível no Mercosul, que aceita alguns espaços consultivos, como o Foro Consultivo Econômico-Social (FCES) e as instâncias criadas pela Declaração Sociolaboral do Mercosul, mas ao mesmo tempo guarda certos limites com o temor de que tais espaços coloquem em risco a estabilidade cobrada pelo sistema administrativo, ou forcem o Estado a abandonar sua lógica própria na definição dos rumos do processo.

É possível perceber que o poder aplicado administrativamente, além de se deixar penetrar pouco pelo debate que o contorna, busca programar o poder comunicativo no Mercosul. Pasquariello (1996) desenvolve a tese de que as ações das centrais sindicais no antigo Subgrupo de Trabalho 11 (atualmente SG 10) pautaram-se na própria ação do Estado. Com isso, as estratégias e debates sindicais foram se transformando à medida que o Estado ia tomando suas decisões no Mercosul. Não se parte de um debate prévio e repleto de argumentos. Os sindicatos, parlamentos, associações e outras organizações sociais começaram a se envolver no momento em que os impactos da integração – positivos ou negativos – começaram a surgir. Além disso, os debates ocorridos no meio sindical muitas vezes são definidos nos espaços institucionais do Mercosul. A agenda sindical passa a ser definida, de certa forma, pelo sistema administrativo através do SG10. Por seu turno, os assuntos próprios das centrais, como a criação de espaços de participa-

ção da sociedade com maior poder de decisão, são vistos como “perturbadores” ao acenarem com a possibilidade de desestabilizar a autoprogramação do sistema administrativo; como tais, são geralmente colocados na periferia da discussão.

Da nossa leitura prévia de Habermas, fica evidente que as discussões não governam. Elas geram um poder comunicativo que não pode substituir, mas simplesmente influenciar o poder administrativo. Esta influência se limita ao reconhecimento ou à privação de legitimidade. O poder comunicativo não toma o lugar do poder do sistema político; busca se impor a ele como incitador de suas decisões, mantendo sobre ele sua pressão, sem refutar sua necessidade. Contudo, uma mudança democrática radical do processo de legitimação tem de visar a um novo equilíbrio entre os diferentes poderes “... a fim de que a força de integração social da solidariedade – ‘a força produtiva de comunicação’ – possa se impor face às potências de dois recursos reguladores, o dinheiro e o poder administrativo...” (Habermas, 1992: 178).

No desenvolvimento do Mercosul existem, de um lado, as funções de organização assumidas pelo sistema administrativo de um Estado gestor e, de outro, as orientações visadas e construídas pelas associações – as centrais sindicais principalmente – nos espaços públicos articulados em torno das mesmas. Uma democracia não pode ser verdadeiramente concebida se uma rede de associações voluntárias não se constituir tendo como lugar próprio os espaços públicos, onde se realiza livremente a formação da opinião e da vontade segundo um procedimento argumentativo. O sistema político tende a sofrer influências desses espaços públicos, que por sua vez fornecem razões a partir das quais as disposições administrativas devem ser tomadas.

Considerando que os espaços públicos têm o seu lugar no interior mesmo do funcionamento das instituições, podemos notar que as deliberações do Mercosul são vazias no sentido de serem tomadas sem qualquer debate público. Pouco adianta criar espaços institucionais consultivos, como o FCES, os Subgrupos (SGs) ou a Comissão Sociolaboral (CSL) do Mercosul, se a discussão em seu interior não é uma fonte racional em que o Estado se baseie em sua tomada de decisão.

Dentro da perspectiva democrática tratada aqui, é inaceitável uma relação entre poder comunicativo e poder administrativo no Mercosul em que o segundo praticamente desconsidera o primeiro. No entanto, várias decisões no Mercosul são tomadas de forma monolítica, com pouco diálogo, sem questionamentos no interior dos Parlamentos, dos partidos políticos ou de outros espaços, institucionalizados ou não, de discussão. Esta situação, em nossa forma de ver, compromete a construção de uma verdadeira democracia no processo de integração regional.

Para a efetivação de uma democracia a partir da consideração dos espaços públicos, uma nova relação entre os poderes administrativo e comunicativo deve ser pensada, buscando a existência de um maior equilíbrio entre ambos. Da forma como está, o Mercosul se afigura mais como um espaço estatal do que como um espaço público.

Para finalizar este ponto, faremos referência à crítica de Lenoble e Berten (1992) dirigida a Habermas; ela nos fornece mais um elemento para a reflexão sobre o Mercosul. Os dois autores buscam uma redefinição da análise sobre a proceduralização do espaço político a partir do debate entre Habermas e Luhmann. No seu entender, a oposição que Habermas faz entre *sistema* e *mundo-vivo* é bastante rígida, acarretando uma certa resignação em face do caráter incontornável das regulações sistêmicas. Se Habermas peca ao atribuir um papel excessivo às pretensões normativas que acompanham os atos de linguagem, para Lenoble e Berten (1992) a solução de Luhmann é igualmente insatisfatória, só que pela razão inversa e simétrica.

Orientada pela questão central de como desenvolver uma concepção mais adequada da proceduralização para oferecer sua contribuição a uma teoria moderna da democracia, a dupla de autores retira um ensinamento do debate entre Habermas e Luhmann. Duas linhas de reflexão são desenvolvidas, sendo a primeira voltada para uma redefinição do conceito de julgamento jurídico, e a segunda para os domínios institucionais onde novas formas de proceduralização poderiam ser atualizadas. Interessa-nos aqui esta última.

A concepção de mecanismos institucionais que garantam uma nova relação entre a sociedade civil e a esfera do Estado e do subsistema econômico está na raiz da reflexão a ser colocada. A proceduralização progressiva da concertação e da decisão, apesar de já existir no Estado social, deve ser pensada em uma dimensão ampliada. O que se requer são mecanismos de decisão articulados com as exigências de um debate aberto e argumentado, multiplicando as possibilidades de participação de diferentes grupos representativos da sociedade civil. Não somente a submissão de processos de decisão às exigências de uma troca argumentada, mas também a procura, por exemplo, de uma inserção das autoridades administrativas dotadas de competência de decisão nos meios interessados, como os meios profissionais, assim como nos mais abertos às diferentes sensibilidades do espaço público próprio à sociedade civil. Uma reorganização progressiva dos espaços institucionais deve reconhecer a racionalidade dos mecanismos funcionais de uma sociedade diferenciada e complexa, permitindo uma melhor integração de uma ética comunicativa.

Legítimo, portanto, é o anseio das centrais quando reclamam maiores espaços de participação da sociedade civil nos processos decisórios do Mercosul. Numa concepção mais avançada de democracia, novas formas institucionais de participação dos diferentes atores sociais nas decisões governamentais devem ser imaginadas. Estas formas têm de considerar uma diversidade maior de interesses, o que muitas vezes é negligenciado pelo sistema administrativo. Vista desse prisma, a democracia representativa se apresenta limitada para dar conta da complexidade atual. O Mercosul assume dimensões cujos impactos, embora não sejam bem percebidos pelo conjunto das sociedades dos países que o integram, têm provocado mudanças tanto na vida pública como na vida privada de milhões de pessoas. Confinar o poder decisório ao Estado, sem realmente estabelecer processos argumentativos de debate público com poder de influência nas tomadas de decisão do Mercosul, seria afirmar a existência de um déficit democrático na integração do Cone Sul.

Conclusão

No processo de construção do Mercosul verifica-se uma centralização das decisões nos poderes executivos, havendo pouca permeabilidade com relação à argumentação que se desenvolve nos espaços consultivos institucionalmente instalados. Tanto é assim que as organizações sindicais criticam a escassa influência que detêm no desenvolvimento da integração do Cone Sul. Embora, como vimos, avanços significativos tenham sido logrados, podemos dizer que o Mercosul se constitui mais como um espaço estatal do que como um espaço público, existindo aí um déficit democrático.

Em sua proposta original, esboçada pelo Tratado de Assunção, houve uma falta de participação pública nas instâncias oficiais. Contudo, podem-se observar alterações nessa situação, motivadas pelo acesso das centrais aos SGs, assim como pela criação do Foro Consultivo Econômico-Social e da Comissão Sociolaboral. Trata-se de novos espaços políticos que se abrem em um processo que se fazia de maneira quase privada. O envolvimento dos Parlamentos, partidos políticos, ONGs, universidades, grupos de estudo e sindicatos em geral ainda está aquém do que seria de se esperar de um Mercosul concebido como espaço público. Mas não podemos deixar de ressaltar que uma dimensão política, crítica e propositiva emerge do seio da sociedade civil a partir da articulação das centrais sindicais do Cone Sul. Em torno da Coordenadora das Centrais Sindicais do Cone Sul, elas estão construindo um espaço público possibilitado pelo próprio conflito nascido do

Mercosul. Esse espaço público busca uma racionalidade na qual um destaque maior é conferido à dimensão social da integração.

Parece existir uma luz no fim do túnel, que extrapola os horizontes do Cone Sul. Espaços públicos transnacionais estão sendo constituídos, buscando estabelecer novas relações de mediação entre a sociedade e o Estado. A supremacia do estatal sobre o público parece estar ameaçada. A sociedade civil não quer ficar alheia às questões de ordem global, que agora passam a fazer parte de um espaço público que rompe os limites nacionais. Novos temas são problematizados por uma pluralidade de atores que surgem num contexto marcado pela globalização. O público se distingue do Estado; este passa a ser pressionado por aquele no que tange aos assuntos internacionais. Formam-se redes relacionais configurando uma nova situação política mundial onde conexões complexas são construídas. Como consequência, as decisões acerca dos temas mundiais tendem a ser permeadas por diferentes lógicas e racionalidades, e não somente pelas do Estado e das empresas privadas. Isso, a nosso ver, será cada vez mais percebido nos processos de integração econômica regional, sejam eles o Mercosul, o Nafta ou a Alca.

Com efeito, tornaram-se comuns as manifestações de protesto durante os encontros de instituições internacionais como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), assim como por ocasião dos encontros dos dirigentes de blocos regionais como, por exemplo, na III Cúpula dos 34 Chefes de Estado da Alca em Quebec, Canadá, no mês de abril de 2001, quando realizou-se paralelamente a II Cúpula dos Povos das Américas. Existe na sociedade civil contemporânea um movimento que busca problematizar temas que antes escapavam ao domínio público, como ocorreu, por exemplo, durante o I Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre em janeiro de 2001.

Embalados pelas facilidades dos meios modernos de comunicação, entre eles a Internet, cidadãos de diferentes partes do mundo interagem e constroem redes de comunicação múltiplas e complexas, e não somente virtuais. Esse novo público emergente, que debate e que critica, é o público que se manifesta em cidades como Seattle e protesta durante uma reunião da OMC. Ele se diferencia do Estado e tenta impor a sua lógica nas discussões dos temas internacionais. Será esse público o sujeito coletivo que faltava para inaugurar uma nova democracia, conforme vimos em Habermas? Será ele o protagonista da reabilitação da política, como propõe Arendt?

Cumpre inventar novos debates sociais, novas formas de participação política. Os protestos e as erupções de 1968 na França, EUA, Itália e outros países marcaram o seu tempo. Agora é a vez de grupos que se encontram espalhados em diversas partes do mundo, seja em Seattle, Praga, Nice, Quebec ou Rio de Janeiro. Eles estão

medindo o poder de sua força, decerto conscientes de que as grandes reformas no mundo resultaram de pressão da “base”. No século XX foram os grandes sindicatos que dominaram a cena política. Eles ainda continuarão tendo relevância e poder no mundo, mas o mais provável é que o cenário que está surgindo seja ocupado por um outro público formado, principalmente, por novos cidadãos.

Notas

¹ As citações em francês foram traduzidas pelos autores do artigo.

² Contrariamente ao poder, que é uma propriedade coletiva, a “potência”, segundo Arendt, é uma propriedade individual que caracteriza a natureza independente e singular de um indivíduo. O poder de vários e a potência de um só se afrontam (Arendt, 1986).

³ Sobre a participação das centrais sindicais no Mercosul, consultar os artigos de Barbiero e Chaloult (1999 e 2000).

Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *Du mensonge à la violence*. Paris: Pocet Presses, 1986. 249 p.

_____. *Essai sur la révolution*. Paris: Gallimard, 1990. 475 p.

_____. *Le concept d’amour chez Augustin*. Essai d’interprétation philosophique. Paris: Deuxtemps Tierce, 1991, 376 p.

_____. *A condição humana*. 9. ed. Rio de Janeiro: Florensa Universitária, 1999. 352 p.

BARBIERO, Alan, CHALOULT, Yves. A declaração sociolaboral do Mercosul: avanços na dimensão social? In: *Revista Múltipla*, Brasília, v. 5, n. 7, p. 9-34, dez. 1999.

_____. *Desafios, estratégias e alianças das centrais sindicais no Mercosul*. Porto Alegre: Civitas, v. 1, n. 1, p. 55-80, 2000.

CCSCS (Coordenadora das Centrais Sindicais do Cone Sul). *Documento a los Ministros de Trabajo*. Foz do Iguaçu, 1991.

_____. *Documento a los Pre-sidentes*. Montevideú, 1992.

_____. *Carta de los derechos fundamentales del Mercosur*. Montevideú, 1993.

COTTEREAU, Alain, LADRIÈRE, Paul (orgs.). *Pouvoir et légitimité: figures de l’espace publique*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1992, 295 p.

- DEBLOCK, Christian, BRUNELLE, Dorval. *Le régionalisme économique international: de la première à la deuxième génération*. Montréal, 1996. www.unites.uqam.ca/gric
- HABERMAS, Jürgen. *La souveraineté populaire comme procédure. Un concept normatif d'espace publique*. Paris: Lignes n. 7, p. 29-58, 1989.
- _____. *L'espace publique, 30 ans après*. Paris: Quadrini, n. 18, p. 161-191, 1992.
- _____. O conceito de poder de Hannah Arendt. In: FREITAG, Barbara, ROUANET, Sérgio Paulo (orgs). *Habermas*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1993. p. 100-118, 216 p.
- LEFORT, Claude. *Essais sur le politique*. Paris: Le Seuil, 1986.
- LENOBLE, Jacques, BERTEN, André. L'espace publique comme procédure. In: COTTEREAU, Alain, LADRIÈRE, Paul (orgs.). *Pouvoir et légitimité: figures de l'espace publique*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1992. p. 83-108, 295 p.
- MORSE, Richard. *O espelho de Próspero. Culturas e idéias nas Américas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. 190 p.
- PASQUARIELLO, Karina Lilia. *Mercosul e sindicatos: a participação das centrais sindicais no Subgrupo II*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 1996. mimeo, 147 p.
- SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: MORAIS FILHO, Evaristo de (org). *Georg Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. p.123-164. 192 p.
- TASSIN, Etienne. *Espace commun ou espace publique? L'antagonisme de la communauté et de la publicité*. Paris: Hermès, 10, p. 23-28, 1992.

Resumo

A partir da categoria sociológica “espaço público” em Hannah Arendt e Jürgen Habermas, objetiva-se, neste trabalho, discutir a existência de déficit democrático no Mercosul, focalizando, em particular, o papel das centrais sindicais no processo de integração. O espaço público enquanto espaço do debate, da palavra, da crítica, da diversidade e da pluralidade, aplicado ao estudo do Mercosul, faz emergir a dimensão política da integração regional, aportando importante contribuição ao debate sobre a legitimidade democrática desse processo.

Palavras-chave: Mercosul, espaço público, centrais sindicais

Abstract

From the perspective of the sociological category of “public space” as proposed by Hannah Arendt and Jurgen Habermas, this article discusses the *democratic deficit* in Mercosul, focusing, especially, on the role of labor unions in the integration process. The concept of public space, encompassing the debate, criticism, diversity and plurality of ideas, when applied to the study of Mercosul, allows one to focus on the political dimension of regional integration, thus contributing significantly to the debate on its democratic legitimacy.

Key words: Mercosul, public space, labor unions

Resumen

A partir de la categoría sociológica “espacio público” en Hannah Arendt y Jurgen Habermas, el presente texto discute el déficit democrático en el Mercosur, focalizando, en particular, el rol de las centrales sindicales en el proceso de integración. El espacio público, como espacio de debate, de la palabra, de la crítica, de la diversidad y de la pluralidad, aplicado al Mercosur hace emerger la dimensión política de la integración regional, aportando importante contribución al debate acerca de la legitimidad democrática de dicho proceso.

Palabras clave: Mercosur, espacio público, centrales sindicales

Francisco Fernando Monteoliva Doratioto
Doutor em História das Relações Internacionais pela UnB. Professor da UPIS e Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores.

Rio Branco e a Consolidação da Amazônia Brasileira: A Questão do Amapá*

No século XV, Portugal e Espanha foram pioneiros na expansão marítima europeia, na busca de um caminho marítimo para as Índias. Este romperia o monopólio das cidades italianas sobre o comércio das especiarias orientais, de alto valor de revenda na Europa. A posição geográfica, a fome de terras por parte da nobreza e, principalmente, a centralização política precoce, explicam o pioneirismo ibérico.

O Tratado de Alcáçovas, de 1479, e Bula do Papa Xisto IV, de 1484, garantiram à Coroa portuguesa as terras descobertas no avanço de seus súditos no Atlântico, em direção a oeste. Contudo, navegando também nesse sentido, em busca das Índias, Cristóvão Colombo, a serviço de Castela, chegou, em 1492, ao continente que viria a ser chamado de América. Pensando ter alcançado as Índias ou terras próximas, o navegador, retornando à Espanha, aportou em Portugal e comunicou, pessoalmente, ao rei D. João II sua descoberta. Esta ocorrera, conforme aqueles dois documentos, dentro dos limites portugueses, o que gerou protestos do rei lusitano.¹

O polêmico Papa Alexandre VI, o cardeal espanhol Alexandre Bórgia, pelas Bulas *Inter Caetera*, datadas de 3 e 4 de maio de 1493, concedeu à Espanha as ilhas e terra firme que viesse a descobrir. A segunda *Inter Caetera* considerou espanholas as terras que estivessem além do meridiano a 100 léguas a oeste de Açores e Cabo Verde. Tratava-se de limite impreciso, pois o documento não explicitava a medida da légua, pois, à época, seu valor não era padronizado. A *Inter Caetera* garantiu, porém, os direitos de posse existentes, até o Natal de 1492, de terras, além daquele meridiano, em favor de qualquer rei cristão: ficavam garantidas a D. João II as terras já descobertas pela expansão portuguesa.

Portugal resistiu em aceitar a redução dos direitos que lhe tinham sido impostos pelos documentos de 1479 e 1484. A nova situação, gerada pela expedição de Cristóvão Colombo, levou os soberanos espanhol e português a se entenderem diretamente, o que resultou no Tratado de Tordesilhas, de 1494. A diplomacia portuguesa conseguiu, então, avançar a linha de 100 léguas, estabelecida por Alexandre VI, para 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde. Persistia, porém, a falta de especificação da medida da légua utilizada e, mais, não se determinava qual

das ilhas de Cabo Verde seria tomada como ponto de medida inicial, quando era de 330 quilômetros a distância entre as extremidades oriental e ocidental desse arquipélago. À essa imprecisão somava-se o fato de, à época, os europeus não saberem calcular as longitudes. Não se poderia, portanto, definir com exatidão as novas terras pertencentes à Coroa portuguesa e à espanhola.

Retardatários no processo de centralização política, envolvidos em guerras externas e instabilidade política interna, a França, a Holanda e a Inglaterra não se conformaram em ficar alijados das terras americanas. Não reconheceram os direitos de posse estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas, nem os documentos papais em favor de Portugal e da Espanha. A partir do século XVI, ingleses, franceses e holandeses passaram a reivindicar a partilha das terras americanas e organizaram sua expansão marítima por meio de companhias comerciais, ativas no comércio com as Índias e a América. A pirataria e a ação de corsários também foram características desse expansionismo retardatário.

Entre os retardatários, foram os franceses que se tornaram a maior ameaça ao domínio português na América. Realizaram incursões seguidas no litoral brasileiro, para obter a valiosa madeira do pau-brasil. Em 1555, huguenotes franceses, fugindo da perseguição religiosa que sofriam da maioria católica em seu país, invadiram as ilhas da baía da Guanabara e fundaram a *França Antártica*. Foram expulsos somente em 1567, como resultado da reação lusitana comandada por Estácio de Sá, sobrinho do Governador-Geral do Brasil, da qual resultou a fundação, em 1565, da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Os franceses não desistiram e voltaram sua atenção para o litoral norte da América do Sul. Neste, o trecho hoje brasileiro e guianense somente foi ocupado no século XVII, embora os espanhóis tivessem descoberto e explorado o rio Amazonas, em 1499 ou 1500. A linha de Tordesilhas, devido à incerteza quanto à sua localização, poderia passar pela foz desse rio, mas seu curso, por esse Tratado, era indubitavelmente espanhol.² Os espanhóis mostraram-se pouco interessados em se instalar no vale do Amazonas, quer por se verem bloqueados pelo formidável obstáculo representado pelos Andes, quer por não possuir a região minerais preciosos disponíveis de imediato.

Em 1605, o rei francês Henrique IV concedeu carta-patente nomeando La Ravardière seu representante “nas regiões da América, desde o rio Amazonas até a ilha de Trindade”.³ Os franceses buscaram estabelecer colônias na região norte do Brasil, entre os atuais Estados da Paraíba e do Maranhão. Neste criaram, em 1612, a *França Equinocial*, fundando a cidade de *Louisville*, atual São Luís, em homenagem ao rei Luís XIII. A reação do Estado português pôs fim à nova aventura já em

1615, expulsando os invasores, e, para garantir a soberania lusitana sobre a região, foram construídos fortes, origem de capitais estaduais nortistas. O desafio francês resultou na reação do Estado português, levando-o a promover a exploração e ocupação de norte a sul da sua parte na América. Iniciava-se o processo de penetração lusitana do interior, que tornaria portuguesas terras declaradas espanholas pelo Tratado de Tordesilhas.

Os portugueses se instalaram na foz do Amazonas, fundando, em 1616, o forte de Nossa Senhora de Belém. Era o primeiro passo para a ocupação das terras nas duas margens do grande rio, facilitada pela União Ibérica (1580-1640), pela qual o Rei da Espanha ocupou o trono de Portugal. O próprio Monarca espanhol solicitou aos portugueses se instalarem no vale do Amazonas, de forma a se contraporem à presença de franceses, ingleses e holandeses na região. Persistindo em ignorar o Tratado de Tordesilhas, os reis Jaime I, da Inglaterra, e Luís XIII, da França, doaram a súditos suas terras entre os rios Essequibo e Amazonas, com os franceses fundando a primeira colônia em 1626, à margem do rio Sinamari, e transferida, em 1634, para a ilha de Caiena, núcleo que deu origem à Guiana Francesa.⁴

Para assegurar a conquista portuguesa do norte foi criado, em 1621, o Estado do Maranhão, com capital em São Luís, subordinado a Lisboa, e estendendo-se até o rio Pinzón (Oiapoque). Esse Estado perdurou até 1774, passando antes, em 1737, a chamar-se Grão-Pará e Maranhão, quando Belém tornou-se sua capital. Para consolidar sua posição na margem esquerda do baixo Amazonas e impedir o avanço dos franceses de Caiena para o sul, Felipe IV doou, em 1637, a Bento Manuel Parente a Capitania do Cabo Norte, cuja área corresponderia à do atual Estado do Amapá, ampliado um pouco mais para o interior do continente. No litoral, a capitania estendia-se da foz do Amazonas até o rio Oiapoque, que deságua no oceano, a oeste do cabo Orange.⁵ Os portugueses avançaram pelo interior amazônico obedecendo a Madri, mas faziam-no em nome de Portugal, tanto que chamaram a Amazônia de *Feliz Lusitania*.⁶

Enquanto a França buscava, às custas de Portugal e Espanha, ocupar território amazônico, os Países Baixos e a Inglaterra tinham o mesmo projeto e, em parte, à custa de áreas que os franceses consideravam suas. Caiena foi ocupada pelos neerlandeses em 1656 e retornou aos domínios da França somente oito anos depois. Incendiada pelos ingleses em 1667, reocupada pela França em 1667, Caiena foi reconquistada pelos holandeses em 1674 que só foram expulsos em 1676, tornando-se, então, definitivamente, possessão francesa. No ano seguinte, em 1677, os franceses destruíram dois fortins neerlandeses na margem esquerda dos rios Oiapoque e Arouague, ocupando a região até o rio Maroni, limite com a Guiana

holandesa a oeste, na serra do Tumucumaque, onde estavam os portugueses.⁷

O último rei Habsburgo da Espanha, Carlos II (1644-1700), não mostrou interesse pelas possessões amazônicas. Após sua morte, os acontecimentos europeus não criaram condições para a Espanha dedicar-se à Amazônia, resultando na consolidação da presença portuguesa na região, a ponto de, em 1701, os lusitanos já estarem instalados no rio Javari. O Governo francês, por sua vez, persistindo em seu projeto expansionista, pleiteou que os limites de sua possessão sul-americana fossem até o Cabo do Norte e, daí, pelo litoral, até o Oiapoque, acima do rio Araguari. Em 1697, cumprindo ordens especiais de Luís XIV para levar a fronteira guianense até o rio Amazonas, uma expedição militar partiu de Caiena e tomou, em maio desse ano, o forte de Macapá. Fulminante reação militar do Capitão-General Antônio de Albuquerque, do Estado do Maranhão, expulsou os franceses de volta para Caiena, retornando Macapá à mão dos portugueses em 10 de julho de 1697.⁸

A invasão de 1697 foi “a primeira demonstração drástica dos sentimentos imperiais franceses”. A França teve, porém, que se conter devido à tensa situação na Europa, em decorrência da sucessão do trono da Espanha, que impunha precauções e aconselhava Paris a paz na América. Um *Tratado Provisório*, assinado em 1700, em Lisboa, neutralizou o território disputado, compreendido entre a ponta de Macapá e o cabo do Norte, e ordenou a demolição dos dois fortes portugueses na área. Portugal fazia essa concessão, como preço a ser pago para ter a França aliada nos negócios europeus, desconsiderando o esforço de soldados, missionários e colonos que haviam se instalado até o Oiapoque, tornando a região portuguesa.⁹

O *Tratado Provisório* foi anulado pela participação de Portugal na Guerra da Sucessão da Espanha, aliado a Inglaterra, Holanda e Áustria, contra a França de Luís XIV e a Espanha de Felipe V. Esse conflito teve fim quando, em 11 de abril de 1713, os países nele envolvidos assinaram sete tratados em Utrecht. Um deles era entre portugueses e franceses e, nele, graças ao apoio britânico, Portugal obteve da França a renúncia ao Amapá (artigo VIII); o reconhecimento de ser português os territórios nas duas margens do Amazonas (artigo X) e a proibição do comércio francês ao sul do Oiapoque (artigo XII). O artigo VIII, mais importante na delimitação territorial, afirmava:

A fim de prevenir toda a ocasião de discórdia, que poderia haver entre os vassallos da Coroa da França e os da Coroa de Portugal, sua Majestade Cristianíssima deistirá para sempre, como presentemente desiste por este Tratado pelos termos mais fortes e mais autênticos, e com todas as cláusulas

*las que se requerem, como se elas aqui fossem declaradas, assim em seu nome, como de seus Descendentes, Sucessores & Herdeiros, de todo e qualquer direito e pretensão que pode ou poderá ter sobre a propriedade das Terras chamadas de Cabo Norte & situadas entre o Rio das Amazonas e o de Vicente Pinzón, sem reservar ou reter porção alguma das ditas Terras, para que elas sejam possuídas daqui em diante por Sua Majestade Portuguesa, seus Descendentes, Sucessores & Herdeiros, com todos os direitos de Soberania, Poder Absoluto & inteiro Domínio, como parte de seus Estados, & lhe fiquem perpetuamente, sem que Sua Majestade portuguesa, seus Descendentes, Sucessores & Herdeiros possam jamais ser perturbados na dita posse por Sua Majestade Cristianíssima, seus Descendentes, Sucessores & Herdeiros.*¹⁰

A questão do Oiapoque, sintetizou Joaquim Caetano da Silva, era, na verdade, a questão do Amazonas. A França, durante dois séculos, alimentara pretensões de ter territórios à margem desse rio, às quais renunciou, forçada pelas circunstâncias das relações internacionais na Europa, ao assinar o Tratado de Utrecht de 1713. Para Portugal, esse documento tinha duplo objetivo em relação à Amazônia:

*Assurer exclusivement au Brésil la navigation et l'usage de l'Amazone: et le but estatteint en laissant au Brésil la moitié orientale de l'Oyapoc et la moitié méridionale de la chaîne Tumucumaque.*¹¹

O Tratado de Utrecht definia de forma clara os limites entre as colônias portuguesa e francesa na América do Sul. A partir de então, a única forma de o Governo francês retomar o projeto de controlar terras às margens do Amazonas seria a de colocar em dúvida a localização do rio Oiapoque. Contudo, nos primeiros 14 anos após o Tratado de Utrecht, todos, franceses e portugueses, reconheceram que o «Japoc ou Vicente Pinzón» não era outro que o rio Oiapoque. A partir de meados da década de 1720, porém, as autoridades francesas de Caiena começaram a manifestar dúvidas sobre a localização desse rio.¹²

A fraqueza de Portugal frente à expansão napoleônica levou seu Governo a fazer uma série de concessões à França quanto à fronteira com a Guiana. Em 1797 a Coroa portuguesa assinou tratado estabelecendo o limite da Guiana Francesa no rio Calçoene, entre o Oiapoque e o Araguari. Em 1801, pelo Tratado de Badajoz, Portugal concordou com a fronteira no rio Araguari e, em seguida, pelo Tratado de Madri de 29 de setembro de 1801, cedeu ainda mais, aceitando que a fronteira

passasse pelo pequeno rio Carapanatuba, que deságua no estuário do Amazonas, próximo do forte de Macapá. No ano seguinte, o Tratado de Amiens, entre a França e a Espanha, restaurou a fronteira pelo rio Araguari.¹³

Esses atos posteriores a Utrecht foram declarados nulos pelo Príncipe Regente D. João, sob a correta alegação de terem sido obtidos pela força e, inclusive, sem a participação de representante português, como no caso do Tratado de Amiens. Em represália à invasão francesa de Portugal, D. João, refugiado no Brasil, ordenou a ocupação da Guiana. Em novembro de 1808, 600 soldados, portugueses e voluntários paraenses, comandados pelo Coronel Manoel Marques, partiram de Belém e se instalaram na margem oriental do rio Oiapoque, ocupando o território que o Tratado de Utrecht declarara pertencer a Portugal. No mês seguinte, essas tropas atravessaram o rio e marcharam sobre Caiena, onde entraram em 14 de janeiro de 1809, após obterem a rendição dos 593 soldados que defendiam a cidade.¹⁴

Derrotado Napoleão, os países europeus se reuniram no Congresso de Viena para negociar a restauração, tanto quanto possível, do equilíbrio pré-revolucionário na Europa, não excluindo, porém, a situação das colônias. Em relação à Guiana, o artigo 107 do Ato Final do Congresso de Viena, assinado em 9 de junho de 1815, estipulou sua restituição à França, até o rio Oiapoque. Era ratificado, portanto, o limite estabelecido pelo Tratado de Utrecht, de 1713. Em 28 de agosto de 1817, o Ministro Plenipotenciário português em Paris, Francisco José Maria de Brito, e o Ministro dos Negócios Estrangeiros francês, duque de Richelieu, assinaram a convenção para a devolução da Guiana, até o Oiapoque, entre os 4º e 5º de latitude norte, comprometendo-se os contratantes a mandar proceder à fixação dos limites definitivos. Foi uma vitória da França, pois recuperou a Guiana sem reconhecer o limite interior reclamado por Portugal. Ademais, o Governo francês não cumpriu o prazo de um ano para nomear comissários que fixassem, definitivamente, os limites, sob o argumento de que a difícil situação em que se encontrava o país não o permitia, mas, nas décadas seguintes, também não os nomeou.¹⁵

O impasse após a Independência brasileira

Independente o Brasil, em 1822, a Amazônia brasileira continuou a ter como base administrativa a Província do Pará. Desde o início do século XIX, a Amazônia se encontrava em decadência econômica, em decorrência da retração dos mercados consumidores do cacau, seu principal produto de exportação. Essa situação agravou-se com o esforço de guerra na ocupação portuguesa da Guiana Francesa.¹⁶

A necessidade de uma redivisão territorial apareceu em 1826, através do projeto de autonomia para a comarca de Rio Negro, medida compartilhada por agricultores e comerciantes do Rio Negro e políticos do Pará. Em agosto de 1839, o deputado paraense João Candido de Deus e Silva apresentou novo projeto nesse sentido na Assembléia Geral do Império, defendendo a criação da província com o argumento da decadência econômica, em comparação com o período colonial, e a convicção de que a segurança e manutenção da soberania territorial brasileira na Amazônia se relacionavam com sua melhor administração. A expansão inglesa e francesa no norte, a partir de suas colônias já estabelecidas na área, era uma das principais preocupações do proponente do projeto.¹⁷

De fato, com a independência do Brasil recomeçaram os conflitos de jurisdição na Amazônia entre autoridades brasileiras e francesas. Desde 1832, com o novo rei Luís Felipe, a França retomou a política expansionista e, na Ibero-América, houve a ocupação francesa de Vera Cruz, no México. A diplomacia francesa, respaldada por navios de guerra, interveio nos assuntos do Rio da Prata, apoiou o Governo de Montevidéu, na guerra civil uruguaia, iniciada em 1838, e hostilizou o líder da Confederação Argentina, Juan Manuel de Rosas. Em relação à Amazônia, em 1834, com estímulo oficial, um membro do Instituto de França e da Sociéte de Géographie de Paris, o irlandês Warden, inseriu uma falsa latitude no *Corografia Brazilica ou Relação Histórico-Geografica do Reino do Brazil*, elaborado pelo padre Manoel Ayres de Casal, pela qual o rio Oiapoque, citado no Tratado de Utrecht, passava a ser o Araguari. Ainda em 1834, Warden publicou livro afirmando que a fronteira entre a Guiana e o Brasil era o rio Amazonas, dando início à verdadeira “ofensiva científica”, em que geógrafos franceses sustentavam as conclusões do irlandês.¹⁸ Os partidários da expansão colonial clamavam pela ocupação do território contestado, enquanto comissões científicas francesas percorriam a Guiana, sendo insultadas pelas autoridades de Caiena para, em Paris, pressionarem para que o Governo francês agisse firmemente em favor dessa expansão.¹⁹

Em 1836, tropas francesas ergueram um forte no lago Amapá, sob pretexto de proteger conterrâneos, que estariam ameaçados pelas lutas políticas no Pará, e, ainda, pela necessidade de se fixarem os limites entre o Império e a Guiana. Em agosto desse ano, o Governador de Caiena, Laurens de Choisy, comunicou ao Governador do Pará, general Soares de Andréia, que forças francesas tinham ocupado o território até o Araguari, conforme estabelecia o Tratado de Amiens.²⁰ O ato provocou reações contrárias no Brasil e, além de infrutífero protesto do Governo Imperial, houve a indignação da opinião pública do Rio de Janeiro, apaixonados debates no Senado e na Câmara, enquanto o jornal

Liga Americana propôs à população boicotar os produtos de origem francesa.²¹

Frente ao silêncio francês às suas reclamações contra a ocupação do território até o rio Araguari, o Governo brasileiro recorreu à diplomacia britânica. O Encarregado de Negócios brasileiro em Londres, José Marques Lisboa, solicitou, em 1º de abril de 1839, a intervenção britânica no assunto. Frente a essa solicitação e, ainda, de posse de informações enviadas pela Legação britânica no Rio de Janeiro, o representante diplomático inglês em Paris solicitou ao Governo francês que retirasse o posto militar instalado naquele território, brasileiro em virtude do Tratado de Utrecht e do Ato de Viena. Simultaneamente, o Foreign Office ordenou ao capitão Harris, comandante da corveta *Race*, descobrir esse posto e fazer um relatório, tarefas que foram cumpridas. À Grã-Bretanha não interessava a expansão territorial francesa na região amazônica, nas proximidades com a fronteira da Guiana Inglesa. Desde maio de 1838, o Governo francês tinha suspenso negociação com o representante brasileiro em Paris, Araújo Ribeiro, mas a interferência da representação diplomática britânica, bem como a pequena demonstração de força naval, representada pela presença da *Race*, produziram resultado. As autoridades de Paris ordenaram, em 1840, a evacuação daquele território, que foi declarado neutro, em troca de notas entre os Governos brasileiro e francês, de 1841.²²

No início da década de 1850, houve uma inflexão na história da Amazônia brasileira, com importantes ações governamentais para promover a integração do espaço amazônico.²³ O fortalecimento do Estado Monárquico brasileiro nos anos 1840, quando se alcançou a estabilidade política interna, lhe permitiu adotar uma política externa ativa em diferentes temas. Assim, o Império do Brasil recusou-se a renovar privilégios comerciais que diferentes potências haviam obtido, quase duas décadas antes, como preço do reconhecimento da independência brasileira. Também implementou uma política para o Rio da Prata, de defesa das independências paraguaia e uruguaia as quais, ao dar caráter internacional aos rios platinos, facilitavam sua livre navegação, essencial para o contato entre a Província de Mato Grosso e o resto do Brasil.²⁴ Ao norte, em relação à Amazônia, o Governo Imperial tomou medidas para evitar o aumento da presença estrangeira, potencial ameaça à soberania brasileira na região, ao impedir a navegação de barcos de outras potências no rio Amazonas.

Como critério para a definição de fronteiras, a diplomacia imperial adotou o princípio do *uti possidetis* pelo qual era de soberania de cada país o território no qual tinha instalações oficiais ou de seus cidadãos, quando da independência das metrópoles. O princípio do *uti possidetis* foi levantado, pela primeira vez, por Ale-

xandre de Gusmão na negociação do Tratado de Madri (1750), mas foi motivo de dúvidas sobre sua conveniência, por parte das autoridades do Império do Brasil, nos anos 1830 e 1840, até ser adotado como norma da diplomacia brasileira com a ascensão do Visconde de Uruguai, Paulino José Soares de Souza, ao cargo de Chanceler, em 1849.²⁵

Fracassadas, em 1842 e 1844, as conversações para o estabelecimento de limites entre a Guiana Francesa e o Império do Brasil, somente em 1853 o Governo francês propôs se retomarem as negociações com essa finalidade. Foi enviado, então, em 1855, o Visconde do Uruguai em missão especial a Paris. Em quinze conferências, de agosto de 1855 a julho de 1856, foram apresentados documentos importantes por ambas as partes. Apesar da postura conciliadora do negociador brasileiro, que chegou a oferecer o rio Calçoene como divisa, não se chegou a um acordo, pois o imperialismo do governo de Napoleão III só admitiria a fronteira no Araguari.²⁶

Duas ações nortearam, a partir de meados do século XIX, a consistente política do Governo Imperial na defesa dos direitos brasileiros na Amazônia: a resistência às pressões para a internacionalização da navegação do rio Amazonas e a busca da definição das fronteiras com os países integrantes do espaço amazônico. O Brasil resistiu às pressões, principalmente dos Estados Unidos, mas também dos países hispano-amazônicos no sentido de liberar a navegação internacional desse rio. Para fazer frente a essas pressões, a diplomacia imperial estabeleceu a abertura restrita, mantendo o controle nacional sobre a navegação fluvial. Paralelamente, desencadeou uma ofensiva diplomática sobre os países vizinhos, com o objetivo de assinar tratados definindo as fronteiras, com base no *uti possidetis*. A resposta desses países foi diferenciada, resultando, até o final da década de 1860, em convênios de limites com o Peru, a Venezuela e a Bolívia que, posteriormente, serviram como base para uma demarcação definitiva de fronteiras. Essa ofensiva diplomática, bem como a expansão geográfica da exploração da borracha e a conseqüente mobilidade da população, permitiram reafirmar a soberania brasileira na Amazônia.²⁷

O Governo brasileiro protelou a decisão de abrir o rio Amazonas ao comércio mundial e implementou, junto aos países ribeirinhos, política de exclusividade na navegação dos rios comuns. Uma medida concreta para garantir o controle brasileiro sobre a navegação foi a concessão, em 1852, da exclusividade da navegação a vapor, nesse rio, ao Barão de Mauá que, em 1853, inaugurou a ligação entre Manaus e Nauta, no Peru. Dois anos antes, em 1850, por tratado assinado com o Peru, o Império se comprometera a subvencionar uma linha de navegação brasileira

que fizesse essa ligação, além de prever a exclusividade do trânsito fluvial para navios dos dois países em seus rios comuns. O contrato entre Mauá e o Governo Imperial previa, para a introdução da navegação a vapor, o privilégio exclusivo do contratante por 30 anos e uma subvenção anual de 160 contos de réis.²⁸

Anteriormente à década de 1850, já havia ocorrido pressões estrangeiras no sentido de o rio Amazonas ser aberto à navegação internacional. Apenas quatro anos após a independência, em 1826, uma companhia foi organizada nos Estados Unidos da América para fazer a navegação desse rio contando, inclusive, com o apoio do representante brasileiro em Washington, José Silvestre Rebelo. A companhia chegou a enviar um barco à Belém, que foi impedido de prosseguir viagem pelas autoridades brasileiras. O Governo inglês, por sua vez, solicitou, em 1833, licença para estabelecer a navegação a vapor no Amazonas, pedido que foi recusado.²⁹

Na década de 1850, porém, houve verdadeira campanha internacional pela abertura do rio Amazonas à navegação. Essa abertura significaria, na verdade, viabilizar a instalação de estrangeiros no território amazônico sob diferentes pretextos, colocando em risco, a soberania brasileira. A campanha foi iniciada por cidadãos norte-americanos, coincidindo com a expansão da presença dos Estados Unidos na América Central, antecedida esta pela anexação de território mexicano. Inicialmente, esteve à frente da campanha de internacionalização do rio Amazonas, o tenente da Marinha norte-americana, Mathew Fontaine Maury. Este procurou interessar seus conterrâneos sulistas com a possibilidade da transferência de escravos para o plantio de algodão na Amazônia e obter do Governo brasileiro permissão para supostas explorações científicas dessa região. As pretensões de Maury ganharam intensidade por volta de 1852, quando sua campanha atingiu âmbito interamericano e o Governo norte-americano tomou a questão para si.³⁰

O Governo brasileiro tinha, porém, consciência da gravidade da situação, “e (...) da forma como os [norte-] americanos pretendiam a anexação da Amazônia”. Em 1849, logo após o aparecimento das idéias de Maury, Sérgio Teixeira de Macedo, representante brasileiro em Washington, advertiu o Chanceler Paulino José Soares de Sousa de que a eventual abertura do Amazonas à navegação internacional abriria a porta para a instalação de empreendimentos, a imigração de norte-americanos e, portanto, “à manobra com que se verificou a usurpação do Texas”. Três anos depois, em 1852, Francisco Inácio de Carvalho Moreira, substituto de Macedo, informou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros que a instalação de escravos norte-americanos à margem do rio Amazonas, como defendia Maury, serviria a futuros planos de anexação da região pelos Estados Unidos. Carvalho Moreira

estava convencido de que, mais cedo ou mais tarde, o Brasil teria sérios problemas com os Estados Unidos devido à Amazônia.³¹

Frente à persistência do Governo Imperial em impedir a presença, na Amazônia, de interesses exógenos à região, os norte-americanos buscaram se utilizar do Peru para obter a livre navegação dos principais rios amazônicos. Em 1853, decreto do Governo peruano interpretou o Tratado assinado dois anos antes com o Brasil, que previa a exclusividade de navegação dos dois países em seus rios comuns. Pela interpretação, países que possuísem tratados com o Peru contendo a cláusula de nação mais favorecida teriam o direito de penetrar no Amazonas peruano, desde que lá pudessem chegar, o que implicava em navegar pela Amazônia brasileira. Esse decreto tem sido considerado resultado das pressões exercidas junto ao Governo peruano pelo Ministro norte-americano em Lima, J. Randolph Clay. A questão foi um dos principais pontos do folheto *The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America*,³² publicado em 1853, reunindo uma série de artigos publicados por Maury na imprensa norte-americana, sob o pseudônimo de *Inca*. O folheto foi traduzido, no mesmo ano de sua publicação, para o português e o espanhol, e defendia a necessidade de se expandir o “desenvolvimento” do vale amazônico. Maury afirmava que, graças à convenção brasileiro-peruana de 1851, os norte-americanos tinham o direito de navegar pelos rios interiores do Peru, pois o tratado com os Estados Unidos antecedia o assinado entre os dois países sul-americanos. A concessão do Governo peruano aos Estados Unidos não resultava, claro está, em obrigação para o do Brasil, mas ainda assim o Governo norte-americano fez gestões no sentido de obter a alteração da política brasileira em relação à Amazônia.³³

Durante quase vinte anos, nas décadas de 1850 e 1860, a ação diplomática do Brasil, na fronteira norte e noroeste, desenvolveu-se sob forte pressão externa, pela internacionalização do rio Amazonas, e de setores internos, de liberalismo extremado, adeptos de sua livre navegação. Esta também foi proposta, em 1864, por congresso de países americanos em Lima e acabou sendo conseguida, porém por motivo alheio à região amazônica ou à pressão de grandes potências. Em dezembro desse ano, o Presidente paraguaio Francisco Solano López ordenou a invasão de Mato Grosso e, em abril de 1865, a província argentina de Corrientes, iniciando uma guerra em que se associaram contra ele, na Tríplice Aliança, Brasil, Argentina e Uruguai. Tendo em vista anular as simpatias dos países amazônicos em relação a Solano López, o Governo brasileiro liberou a navegação internacional do Amazonas, em dezembro de 1866. Na discussão do Conselho de Estado sobre as condições em que se daria a abertura, o parecer de José Maria da Silva Paranhos, futuro

Visconde do Rio Branco e pai do Barão do Rio Branco, afirmou não haver mais condições de adiá-la junto aos países hispânicos. O decreto estabeleceu que a abertura vigiria a partir de 7 de setembro de 1867, nove meses após sua assinatura, definindo quais rios estariam abertos à livre navegação, evitando o acesso irrestrito de estrangeiros à região.³⁴

A regulamentação do acesso estrangeiro à bacia hidrográfica do Amazonas solucionava um problema diplomático para o Império do Brasil na região. Persistia, porém, como ameaça à soberania brasileira, as ambições francesas sobre o Amapá. Em resposta, o gaúcho Joaquim Caetano da Silva apresentou, em 1857, na Sociedade de Geografia de Paris, a defesa da soberania brasileira sobre esse território, com documentos e mapas. Quatro anos depois, em 1861, essa defesa foi publicada, na capital francesa, em forma de livro, com o título *L'Oyapoc et l'Amazone; question brésilienne et française*.

A situação anômala do território contestado entre o Império do Brasil e a França permitiu, em 1886, uma iniciativa cômica. Um grupo de aventureiros internacionais proclamou uma república independente na região do Cunani, entre os rios Araguari e Oiapoque, nomeando para presidí-la o geógrafo Jules Gros. A iniciativa esgotou-se em seu próprio ridículo, não sem antes enganar incautos com a venda de títulos e condecorações, além de fazer fantasiosas concessões de terras.³⁵

O Barão do Rio Branco e a arbitragem

Proclamada a República no Brasil, em 15 de novembro de 1889, o novo regime concentrou sua atenção, quanto aos litígios fronteiriços, na disputa com a Argentina sobre a região de Palmas. O Governo Imperial e argentino haviam assinado, em 7 de setembro de 1889, uma convenção pela qual caberia ao Presidente dos Estados Unidos ser o árbitro que definiria a qual país cabia a soberania sobre Palmas. Em um primeiro momento da República houve a romantização de sua política externa,³⁶ e Quintino Bocaiúva, Chanceler do Governo Provisório de Deodoro da Fonseca, colocou em segundo plano os direitos históricos do país. Assim, Bocaiúva aceitou a proposta do seu colega argentino, Estanislao Zeballos, de dividir a região litigiosa, assinando em Montevidéu, em 25 de janeiro de 1890, Tratado nesse sentido. Este foi, porém, rejeitado pela Câmara dos Deputados em agosto do ano seguinte.

Para defender os direitos nacionais, o Governo republicano brasileiro deixou de lado preconceitos políticos. O Presidente Floriano Peixoto recorreu, em março de 1893, ao monarquista José Maria da Silva Paranhos Júnior, Barão do Rio

Branco, para ocupar o cargo de Embaixador Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em Missão Especial, para chefiar a delegação que defenderia, em Washington, a posição brasileira junto ao Presidente norte-americano. Esse cargo ficara acéfalo em virtude da morte do seu titular, Barão Aguiar d' Andrada, e foi lembrado, então, por seus conhecimentos sobre o tema, o nome de Paranhos Júnior. Cônsul em Liverpool desde 1876, o Barão do Rio Branco era profundo conhecedor da história brasileira, quer devido a seus estudos, quer por ter acompanhado as atividades de seu pai, o Visconde do Rio Branco, expoente do Partido Conservador que foi Presidente do Conselho de Ministros e titular de vários Ministérios, em diferentes momentos, inclusive o dos Negócios Estrangeiros. Respalhado na erudição histórica e contando com eficiente equipe de apoio, Rio Branco redigiu a Memória que justificava a posição brasileira e, em 5 de janeiro de 1895, o laudo do Presidente Grover Cleveland declarou brasileira a área litigiosa.

Embora desejasse retornar à sua rotina no Consulado em Liverpool, logo o Governo brasileiro recorreu novamente ao Barão do Rio Branco, encarregando-o de preparar uma *Memória justificativa dos direitos do Brasil na controvérsia de fronteiras com a Guiana francesa*. No ano anterior, em 1894, a descoberta de ouro nas cabeceiras do rio Calçoene atraía aventureiros, provindos de diferentes partes do mundo. Os brasileiros na área constituíram um triunvirato para governar a região e as autoridades de Caiena delegaram poderes, nessa região brasileira, a um antigo escravo fugido, natural do Pará, chamado Trajano, investido do pomposo título de capitão-governador do Amapá. Logo surgiram desinteligências entre os membros do Governo local brasileiro e Trajano, que acabou sendo preso por Francisco Xavier da Veiga Cabral, um dos triúmviros. Contra esse ato reagiu o Governador da Guiana Francesa que, sem instrução do seu governo, organizou e enviou ao Amapá uma expedição militar, a bordo do pequeno navio de guerra *Bengali*. Houve choque entre os expedicionários e brasileiros, terminando com a morte de vários soldados franceses e do seu comandante, capitão Lunier. A população brasileira indefesa foi, por sua vez, vítima de represálias dos franceses. No Brasil e na França houve indignação por parte da imprensa e da opinião pública, reclamando o fim dessa situação. Apurada sua culpa pelos acontecimentos, o Governador da Guiana foi afastado e os Governos dos dois países entraram em entendimentos para pôr fim, definitivamente, à questão de limites, optando, em 1896, pelo arbitramento.³⁷

Carlos Augusto de Carvalho, Ministro das Relações Exteriores de Floriano Peixoto, consultou o Barão do Rio Branco sobre a redação das bases do tratado de arbitramento. O Barão defendeu essa solução, desde que houvesse absoluta clareza e precisão quanto a abrangência quer dos poderes do árbitro, quer dos limites do

território a ser arbitrado, pois a França pretendia levá-lo até à margem esquerda do rio Branco. Também aconselhou o recurso não a um tribunal ou comissão de arbitramento, onde os trabalhos eram mais imperfeitos, mas, sim, a um árbitro único, de preferência um Chefe de Estado, que oferecia maiores garantias de exatidão no trabalho de arbitragem.³⁸

Apesar dos esforços do representante brasileiro em Paris, Gabriel de Toledo Piza, junto a três ministros que se sucederam, entre março e setembro de 1896, frente ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, não houve a abertura o início da negociação em torno das condições da arbitragem. Piza chegou a indispor-se pessoalmente com o Chanceler Hanotaux, o que dificultou as negociações para o início das negociações. Hanotaux recebeu Rio Branco e, em conversa particular, afirmou que o Governo francês fora ofendido por Piza e, embora a diplomacia francesa desejasse a paz, “há alguns dias recebi do meu colega do Ministério das Colônias um plano completo de expedição militar” para pôr fim às divergências de limites com o Brasil. Herdeiro de conceitos caros à diplomacia do Segundo Reinado no Brasil, um deles o de o país manter posturas firmes em relação às grandes potências, Rio Branco respondeu:

Julgo do meu dever declarar a V. Excia que, se tal hipótese se verificasse, o Brasil se portaria à altura dos acontecimentos e não ficaria isolado em frente à França.³⁹

As posturas firmes da diplomacia do Segundo Reinado, porém, não prescindiam da análise realista da situação. E Rio Branco, escrevendo ao Chanceler Carlos de Carvalho, mostrou-se pragmático quanto a como tratar com a França:

Os meios persuasivos são, a meu ver, os únicos de que lança mão, para saírem de negociações delicadas como esta, uma nação como o Brasil, que ainda não dispõe de força suficiente para impor sua vontade a uma grande potência militar.⁴⁰

À época não se usava ainda o conceito de correlação internacional de forças. Porém, para este, destaca Rubens Ricupero, dificilmente haveria melhor definição do que essas palavras de Rio Branco e “suas implicações para o eixo assimétrico de nossas relações com as potências européias”.⁴¹

Para a percepção do quadro internacional por parte do Barão do Rio Branco contribuiu presenciar, durante seus anos de serviço em Liverpool, a ação do imperialismo europeu na partilha da África e no domínio de quase toda a Ásia. Nesse período, Rio Branco parece ter-se convencido de que havia uma ameaça imperialista sobre o território da América do Sul e, como consequência, sua visão da inserção brasileira no contexto internacional pautou-se pelo realismo e pelo pragmatismo, de modo a anular tal risco.⁴² Daí o Barão buscar utilizar, em favor do interesse

nacional brasileiro, as divergências intra-imperialistas, ameaçando recorrer aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha para anular eventuais intenções agressivas da França contra o Brasil. Poucos anos depois, em 1904, após assistir aos Estados Unidos desmembrarem parte da Colômbia e criar o Panamá, o então Chanceler Rio Branco escreveu que:

(...) Quando as grandes potências da Europa não tiverem mais terras a (...) colonizar na África e na Austrália hão de voltar os olhos para os países da América Latina, devastados pelas guerras civis, se assim o estiverem, e não é provável que os ampare a chamada Doutrina de Monroe, porque na América do Norte também haverá excesso de população (bem como continuará a política imperialista) e já ali se sustenta hoje o direito de desapropriação pelos mais fortes dos povos mais in-competentes (...).⁴³

Os partidários da expansão colonial da França e os interessados na exploração do ouro do Calçoene estimulavam o tom agressivo de jornais, espalhavam todo tipo de rumores para criar um sentimento nacional francês contra o Brasil e contrário à arbitragem. Em ofício dirigido ao Ministério das Relações Exteriores, Rio Branco recomendou interessar o Governo dos Estados Unidos na questão da Guiana Francesa e, se necessário, obter, como ocorrera no passado, a mediação britânica. Rio Branco acreditava que o Governo francês se continha em promover uma ação mais enérgica contra o Brasil em decorrência de receios de reação norte-americana ou britânica” talvez mesmo a desconfiança de que já tenhamos alguma inteligência secreta com os governos dessas duas grandes potências para a interposição dos seus bons ofícios no caso de ocupação militar do território contestado”.⁴⁴

Por fim, em 10 de abril de 1897, o ministro da França no Rio de Janeiro, S. Pichon, assinou com o novo Ministro de Relações Exteriores do Brasil do Governo Prudente de Moraes, General Dionísio Cerqueira, desafeto de Rio Branco, o Compromisso arbitral, atribuindo-se a função de juiz ao Presidente do Conselho Federal Suíço. Este deveria, segundo o Tratado, declarar qual era o rio “Japoc ou Vicente Pizón”, citado no artigo 8º do Tratado de Utrecht, se o Oiapoque, conforme defendia o Brasil, ou se o Araguari, como queria a França. O árbitro também poderia escolher um rio intermediário entre esses dois, caso estivesse convencido ser ele o verdadeiro Oiapoque. Deveria, ainda, definir a fronteira para o interior, a oeste. Estavam em jogo 260 mil quilômetros quadrados de território, constituindo-se, na verdade, em uma questão mais difícil do que a de Palmas, quer por tratar de litígio com uma potência mundial, quer porque o Império propusera o limite no Calçoene e, no período colonial, Portugal assinara documentos abdicando dos limites de Utrecht.⁴⁵ Rio Branco não ficou contente com o texto do Compromisso, por permitir

ao árbitro dividir o território contestado; por não fazer referência ao artigo 10 do Ato de Viena e por declarar como provisório o limite interior estabelecido pelo Tratado de 1817, pela linha do paralelo 2° 24', quando o Barão afirmava, em Paris, que seria defendida pelo Brasil como fronteira definitiva.⁴⁶

Em abril de 1899, Brasil e França entregaram seus argumentos ao Presidente da Confederação Suíça. O problema essencial era, na verdade, identificar o rio Japoc ou Vicente Pizón. Na primeira Memória, composta de cinco volumes, entregues ao árbitro, Rio Branco demonstrou que os tratados de limites entre o Brasil e o território francês haviam sido anulados, restando em vigor o Tratado de Utrecht. Sustentou que o Araguari desembocava no Amazonas e não no oceano, o que provava não ser ele o rio mencionado no Tratado de 1713. Neste, ademais, havia referências aos nomes Japoc e Araguari, aplicados a rios diferentes, e isto não ocorreria se os negociadores desse documento achassem ser ambos os nomes a designação para um mesmo curso de água. Conhecida também a defesa francesa, Rio Branco comentou que os franceses “citam documentos truncados e torturam os textos nas traduções, procedendo em tudo com a mais insigne má fé”. O Barão e sua equipe, da qual fazia parte o cientista suíço Emilio Goeldi que se instalara no Pará, prepararam, durante 8 meses, uma réplica, a segunda Memória, para a qual guardara documentos importantes.⁴⁷

Durante os trabalhos de arbitragem, o Governo francês tentou levar o árbitro suíço a propor uma “transação”, em lugar de se ater estritamente às condições arbitrais, sob o pretexto de que essa maleabilidade facilitaria chegar a uma solução definitiva. Rio Branco protestou, em sua segunda Memória, contra essa interpretação, incompatível com o acordo arbitral, e o árbitro suíço recusou, por falta de embasamento, a proposta francesa.⁴⁸

Entregue a segunda Memória por Rio Branco, composta de seis volumes, e pelo lado francês, o Governo suíço tinha um ano para examinar as alegações mútuas. Foi na segunda Memória que ambos os litigantes apresentaram toda a documentação e, no caso da França, ampliou a pretensão quanto ao limite interior, a oeste, de forma exorbitante. Essa nova pretensão irritou Rio Branco, que escreveu: “Têm petulância, esses senhores, de reclamarem 500.000 quilômetros quadrados, quase um sexto do Brasil [sic]”. Enquanto aguardava o laudo arbitral, Rio Branco buscou cultivar relações sociais, de modo a conquistar simpatias, manter-se bem informado do que pensavam os peritos suíços e criar ambiente favorável à causa do Brasil.⁴⁹

A sentença arbitral foi proferida em 1º de dezembro de 1.900. Ela foi inteiramente favorável ao Brasil:

Sentence

I

Conformément au sens précis de l'article 8 du traité d'Utrecht, la rivière Japoc ou Vicent Pinçon est l'Oyapoc qui se jette dans l'Océan immédiatement à l'ouest du Cap d'Orange et qui par son thalweg forme la ligne frontière

II

A partir de la source principale de cette rivière Oyapoc jusqu'à la frontière hollandaise, la ligne de partage des eaux du bassin des Amazones qui, dans cette région, est constituée dans sa presque totalité par la ligne de faite des montes umuc-Hu-mac, forme la limite intérieure.⁵⁰

A Amazônia foi, desde o início dos tempos coloniais, motivo de ambições de diferentes potências européias. Pelo Tratado de Tordesilhas, essa região pertencia aos espanhóis, pelo menos até a foz do Amazonas, mas não foi por eles ocupada devido à junção do seu desinteresse e sua incapacidade para cumprir essa tarefa. Com isso, franceses, ingleses e holandeses tentaram se instalar na região, mas foram portugueses os mais bem sucedidos em o fazer.

A colonização portuguesa ocupou, já no século XVIII, quase todo o território que viria a constituir o espaço nacional brasileiro. Os portugueses dominaram um vasto litoral, instalando vários núcleos separados por grandes distâncias, como resultado, também, das lutas coloniais contra as tentativas de posse francesa da baía de Guanabara e do norte. Também dominaram a imensidão do interior, como resultado do bandeirantismo, da “desordenada ambição” dos paulistas, “de sua extraordinária capacidade de iniciativa”.⁵¹ Embora a ambição individual por riquezas seja fator explicativo para a ampliação do território colonial português na América, ela não teria se consolidado não fosse o respaldo e a habilidade diplomática da Coroa portuguesa, principalmente quanto ao vale do Amazonas.

Quando da independência brasileira, a Amazônia era uma herança formal de Portugal, posto que o recém-nascido Estado monárquico brasileiro era herdeiro das possessões portuguesas nesta parte da América. O Tratado de Utrecht de 1713 e o

Ato Final do Congresso de Viena, de 1815, não deixavam dúvidas jurídicas quanto a soberania portuguesa sobre a maior parte da Amazônia e que, em relação à Guiana Francesa, o limite era o rio Oiapoque. Esses atos, perfeitos pelo Direito Internacional, não foram suficientes, porém, para garantir a uma nação jovem, a brasileira, seus direitos frente às ambições imperialistas de países que contrapunham ao formalismo jurídico o fato de serem mais poderosos. Norte-americanos e franceses tentaram se instalar no vale do rio Amazonas e os ingleses no norte, sendo contidos pela firme decisão do Estado monárquico brasileiro em preservar sua soberania sobre a Amazônia. Para tanto, o Governo brasileiro utilizou-se do escasso poder que dispunha na região, em conjunção com a habilidade de sua máquina diplomática, tendo a norteá-la o critério do *uti possidetis*, adotado para definir as fronteiras brasileiras, e manobrando com as divergências intra-imperialistas. De fato, a proximidade dos territórios coloniais da França e da Grã-Bretanha na Amazônia, transferiu para a região a dinâmica do equilíbrio europeu, “funcionando como elemento de mútua dissuasão e condicionando a moderação com que ambas conduziram as disputas fronteiriças com o Brasil”.⁵² A pressão norte-americana sobre a Amazônia, por sua vez, foi relaxada por um conjunto de fatores: a rivalidade entre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e, em menor grau, a França, pelo controle da América Central e do Caribe⁵³; o expansionismo americano no Pacífico; a própria situação interna da República do norte, que evoluiu para a Guerra Civil (1860-1865); e a crítica da corrente antiescravista às idéias expansionistas do tenente Maury em relação ao vale do Amazonas.⁵⁴

Em 1822 o Estado monárquico brasileiro recebeu, como herança do período colonial, o direito de soberania sobre a Amazônia e uma rala ocupação da região. Do Império, por sua vez, a República, instalada em 1889, recebeu como herança o robustecimento da presença e a reafirmação da soberania brasileira na região, bem como o princípio do *uti possidetis* para nortear a definição de limites com os vizinhos. A Amazônia brasileira, com as dimensões que conhecemos hoje, é resultado de decisão política de manter a soberania sobre esse território. Essa decisão se traduziu em firme ação diplomática e medidas de ocupação patrocinadas pelo Estado, quer pela Coroa portuguesa, no período colonial, quer pelos diferentes governos do Brasil independente. Respaldaado pela história dessa ação, o Barão do Rio Branco, utilizando-se de seus conhecimentos históricos e habilidade diplomática, obteve, na questão do Amapá, arbitrada pelo Presidente da Confederação Suíça, o reconhecimento de que os limites com a Guiana Francesa eram o rio Oiapoque e a serra do Tumucumaque, como estabelecia o Tratado de Utrecht, de 1713. Aliás, durante a gestão de Rio Branco à frente do Itamaraty (1902-1912), obteve-se, em acordos com os vizinhos do norte, a delimitação de limites da Amazônia brasileira.

É de justiça, portanto, associar a figura do Barão com a consolidação da soberania brasileira sobre o território amazônico.

Notas

* O texto foi apresentado, em dezembro de 2.000, no seminário comemorativo do Centenário do Laudo Arbitral sobre a Fronteira entre o Amapá e a Guiana Francesa, organizado pelo Instituto Rio Branco.

¹ CALÓGERAS, J. Pandiá. *A política exterior do Império; da Regência à queda de Rozas*. Ed. fac-similar. Brasília: Senado Federal, 1998, p. 38-39.

² GOES FILHO, Synesio Sampaio. *Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 137.

³ JORGE, Arthur Guimarães de Araújo. *Rio Branco e as fronteiras do Brasil: uma introdução às obras do Barão do Rio Branco*. Brasília: Senado Federal, 1999, p. 55.

⁴ Idem, ibidem, p. 56.

⁵ CARVALHO, Carlos Delgado de. *História Diplomática do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1959, p. 198.

⁶ REIS, Arthur César Ferreira. *A política de Portugal no Valle Amazônico*. 2. ed. Belém: SECULT, 1993, p. 7.

⁷ J. Pandiá CALÓGERAS, op. cit., p. 154-156.

⁸ REIS, Arthur César Ferreira. *Limites e demarcações na Amazônia brasileira*. 2 ed. Belém: SECULT, 1993, v. 1 (*A fronteira colonial com a Guiana Francesa*), p. 95-98.

⁹ Idem, ibidem, p. 101; 113-114.

¹⁰ Carlos Delgado de CARVALHO, op. cit., p. 198.

¹¹ SILVA, Joaquim Caetano da. *L'Oyapoc et L'Amazone: question brésilienne et française*. Paris: Imprimerie de L. Martinet, 1861, v. 2, p. 472.

¹² Idem, ibidem, v. 2, p. 2.

¹³ Synesio Sampaio GOES FILHO, op. cit., p. 271-272.

¹⁴ Joaquim Caetano da SILVA, op. cit., v. 1, p. 182-183.

¹⁵ GOYCOCHÊA, Luís Felipe Castilhos de. *A diplomacia de Dom João VI em Caiena*. p. 184-190; 198-201

¹⁶ CARVALHO, Valéria Nely César de. *O Brasil e a Amazônia internacional no século XIX*. Brasília (1990), Dissertação (Mestrado), Departamento de História da Universidade de Brasília, mimeo, p. 9-10.

- ¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 12-13.
- ¹⁸ WILLIAMS, Donn Alan. *Brazil and French Guyana: the four-hundred year struggle for Amapá*. Texas: Christian University, Ph.D., 1975.
J. Pandiá CALÓGERAS, *op. cit.*, p. 253.
- ¹⁹ Arthur Guimarães de Araújo JORGE, *op. cit.*, p. 62.
- ²⁰ *Relatório da Repartição dos Negócios Estrangeiros apresentado à Assembléia Geral do Império*, 1836, p. 10; 1837, p. 7.
- ²¹ Arthur Guimarães de Araújo JORGE, *op. cit.*, p. 62.
- ²² Idem, *ibidem*, p. 64.
- ²³ Valéria Nely César de CARVALHO, *op. cit.*, p. 13.
- ²⁴ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Formação dos Estados Nacionais e expansão do capitalismo no século XIX in CERVO, Amado Luiz; RAPOPORT, Mario (orgs). *História do Cone Sul*. Brasília: Editora da UnB; Rio de Janeiro: REVAN, 1998, p. 167-238.
- ²⁵ CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1992, p. 82-83.
- ²⁶ Synesio Sampaio GOES FILHO, *op. cit.*, p. 273.
- ²⁷ Valéria Nely César de CARVALHO, *op. cit.*, p. 41-42; 51; 75.
- ²⁸ Idem, *ibidem*, p. 43-46.
- ²⁹ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de história)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 87 *Relatório da Repartição dos Negócios Estrangeiros*, 1833, p. 5.
- ³⁰ Valéria Nely César de CARVALHO, *op. cit.*, p. 44.
- ³¹ Luiz Alberto Moniz BANDEIRA, *op. cit.*, p. 88-89.
- ³² MAURY, Mathew Fontaine. *The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America*. Washington: F. Taylor, 1853. 63 p. front. (map).
- ³³ Valéria Nely César de CARVALHO, *op. cit.*, p. 49.
- ³⁴ Idem, *ibidem*, p. 98-99; 106-107.
- ³⁵ Arthur Guimarães de Araújo JORGE, *op. cit.*, p. 65-66.
- ³⁶ Amado Luiz CERVO; Clodoaldo BUENO, *op. cit.*, p. 149-150.
- ³⁷ Idem, *ibidem*, p. 66-67. Carlos Delgado de CARVALHO, *op. cit.*, p. 204.
- ³⁸ Arthur Guimarães de Araújo JORGE, *op. cit.*, p. 67.

- ³⁹ In LINS, Alvaro. *Rio Branco (biografia)*. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega; Brasília: FUNAG, 1995, p. 220.
- ⁴⁰ In VIANA FILHO, Luís. *A vida do Barão do Rio Branco*. Brasília: Senado Federal/FUNAG, 1996, p. 221.
- ⁴¹ RICÚPERO, Rubens. Um personagem da República in *José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco; uma biografia fotográfica 1845-1995*. Brasília: FUNAG, 1995, p. 64.
- ⁴² Rio Branco, durante sua gestão frente ao Ministério das Relações Exteriores, implementou uma política, em relação aos países vizinhos, tendo como preocupação evitar intervenções imperialistas na América do Sul. Sobre o tema ver: DORATIOTO, Francisco Fernando Monteloliva. A política platina do Barão do Rio Branco. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, dez/2000 (no prelo).
- ⁴³ Despacho do Barão do RIO BRANCO para a Legação brasileira em Buenos Aires, 22.11.1904 in CONDURU, Guilherme Frazão. O subsistema americano, Rio Branco e o ABC. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*. Brasília: IBRI, ano 41, 2:1998, p. 68.
- ⁴⁴ In Arthur Guimarães de Araujo JORGE, op. cit., p. 74.
- ⁴⁵ Synesio Sampaio GOES FILHO, op. cit., p. 275.
- ⁴⁶ Alvaro LINS, op. cit., p. 221.
- ⁴⁷ Idem, ibidem, p. 224-225.
- ⁴⁸ Arthur Guimarães de Araújo JORGE, op. cit., p. 76-77.
- ⁴⁹ Luís VIANA FILHO, op. cit., p. 261; 264-265.
- ⁵⁰ *Sentence du Conseil Fédéral Suisse dans la Question des Frontières de la Guyane Française et du Brésil*. Du 1er. Décembre 1900.
- ⁵¹ RODRIGUES, José Honório. *Aspirações nacionais; interpretação histórico-política*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p. 81.
- ⁵² MAGNOLI, Demétrio. *O corpo da Pátria; imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808 -1912)*. São Paulo: Editora da Unesp; Moderna, 1997, p. 177.
- ⁵³ SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão; uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. Bauru, SP: EDUSC, 2.000, p. 81-96.
- ⁵⁴ Amado Luiz CERVO; Clodoaldo BUENO, op. cit., p. 94-95.

Resumo

O artigo descreve o processo histórico que levou grande parte da Amazônia a tornar-se brasileira. Analisa a política amazônica da Coroa portuguesa, na época colonial bem como do Império do Brasil e da jovem República brasileira em seu

objetivo de resistir a interesses imperialistas na região. Aborda o litígio entre o Brasil e a França pela posse do Amapá, definido em 1900, por arbitragem do Presidente da Confederação Suíça, em favor do lado brasileiro, defendido pelo Barão do Rio Branco.

Palavras-chave: relações Brasil-França, questão do Amapá, Barão do Rio Branco, Amazônia

Abstract

This article describes the historical process that led a great part of Amazon to become Brazilian territory. It analyses the Amazon policies of the Portuguese Kingdom in the colonial era. It also focuses on the policies pursued by the Brazilian monarchy and in the early years of the republican era when the country strove to resist imperialist interests in the region. It also focuses on the conflict between Brazil and France over the control of the Amapá State, settled in 1900 by the President of the Switzerland Confederation in favor of Brazil.

Key words: Brazil-France relationship, Amapá lawsuit, Baron of Rio Branco, Amazon

Resumen

El artículo describe el proceso histórico que llevó a gran parte de Amazonia a ser brasileña. Para tanto, es considerada la política amazónica de la Corona portuguesa, en la época colonial; del Império del Brasil y de la joven República brasileña en sus esfuerzos de resistir a intereses imperialistas sobre la región. Es estudiado también el litigio entre Brasil y Francia por la posesión de Amapá, definido en el año 1900, por arbitraje del Presidente de la Confederación Suiza, en favor del lado brasileño, defendido por el Barón de Río Branco.

Palabras clave: Relaciones Brasil-Francia, Cuestión del Amapá, Barón de Río Branco

Rubens de Oliveira Martins

Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília. Assessor de Política do Ensino Superior do MEC. Professor da UPIS.

Interfaces entre o conceito de ideologia em Marx e o de ilusão em Freud: anotações para uma análise do discurso das recentes políticas de educação superior no Brasil

Introdução

Neste trabalho partimos da análise do conceito de ideologia em Marx como análogo à idéia de “falsa consciência”, discutindo como este conceito é trabalhado em suas principais obras e como ele é condicionado por uma análise particular do processo capitalista de exploração do trabalho.

Nesse sentido será preciso discutir qual o sentido que a noção de “crítica” adquire para Marx e também qual o tipo de solução por ele vislumbrada para esta questão, o que nos levará à discussão sobre uma certa “antropologia” marxista que inclui uma visão *sui generis* do ser humano.

Em seguida apresentaremos a abordagem freudiana que discute a idéia de ilusão a partir de *O futuro de uma ilusão* e das considerações presentes em *O mal-estar na civilização*. A partir destes textos poderemos reconhecer a visão de Freud a respeito da situação específica da sociedade contemporânea e o tipo de indivíduos por ela determinados (ou a ela adaptados), bem como discutir os argumentos freudianos que conferem à psicanálise um papel fundamental no conhecimento desses processos.

Após a apresentação dos principais pontos dessas duas teorias iremos empreender uma discussão buscando as possibilidades de afastamento ou de aproximação dos conceitos de ideologia e de ilusão, em Marx e Freud, procurando estabelecer as interligações de suas visões de mundo e a permanência da atualidade dessas teorias como instrumentos de análise dos indivíduos e da sociedade contemporâneos.

Finalmente, tentaremos utilizar essas categorias explicativas para breves considerações acerca das atuais discussões sobre os discursos da política de educação superior do Ministério da Educação a partir de sua contraposição aos discursos que acusam tal política de “neoliberal”, com o objetivo de identificar nesses dois pólos quais os pressupostos que poderiam ser compreendidos à luz dos conceitos de ideologia ou de ilusão, bem como os limites que estariam envolvidos em tal tipo de análise.

Ideologia e alienação em Marx

Partindo de uma tradição filosófica fortemente influenciada por Hegel, Marx busca realizar uma atividade de Crítica que supere a anterior dimensão puramente especulativa com o objetivo de torná-la instrumento de transformação do mundo, como explicitado no famoso texto da XI Tese sobre Feuerbach.

“A Crítica é, nesse sentido, uma instância de julgamento cuja matéria litigiosa é a própria história, não a história feita, mas a que está em vias de ser feita. Essa função judicante é essencialmente discriminativa: julgar é decidir racional e praticamente entre as possibilidades que orientam o curso da história e que afloram no presente”. (ASSOUN, 1981, p. 37).

A crítica marxista então preocupa-se com o mundo real ao mesmo tempo em que se recusa a aceitar como natural o estágio a que se chegou— e que se mantém— na sociedade capitalista. Ao invés de ver nesse mundo o resultado da razão do espírito realizada na história, Marx realiza a crítica dessa mesma sociedade percebida como sendo a condicionadora da realidade.

A base da crítica marxista às relações sociais em que se baseia o capitalismo define-se por uma profunda convicção sobre a essência humana e sobre a importância da categoria trabalho. Marx não aceita que o trabalhador apareça apenas como “sujeito físico” inserido e submetido aos processos de produção material, como mero apêndice da máquina, que é o resultado da forma de sociabilidade típica de um sistema que limita as possibilidades de realização humana.

Uma vez que o trabalho humano encontra-se “distorcido” em sua essência e que a produção material encontra-se desconectada dos objetivos fundamentais da realização das necessidades humanas, os homens mantêm uma relação de estranhamento frente aos objetos do mundo social, permitindo que o capital venha a definir as posições desses homens e empobrecer o universo social.

Como os processos de subjetivação não são autônomos, ou seja, estão imbricados nos processos objetivos de produção, toda a relação entre os sujeitos e desses com o mundo torna-se relação de alienação.

Na sociedade capitalista o individual implica a noção de “sociabilidade capitalista” e os indivíduos nela são “indiferentes”, uma vez que se rompem os laços das relações sociais existentes em sociedades passadas com a universalização do valor de troca e a negação da diferenciação.

Somente uma sociabilidade, capaz de superar a indiferença e o nexos material

mediato que cria o isolamento e a indiferenciação das consciências, poderia transformar as relações entre os indivíduos, que se dão no plano da ideologia e que operam processos de “naturalização do nexa material”.

A sociabilidade capitalista, ao invés de ligar os homens entre si, é assumida pelas mercadorias, que adquirem autonomia em suas trocas e alienam os sujeitos segundo suas relações fetichizadas. Tudo se transforma em mercadoria, incluindo o trabalho humano já coisificado, sujeito então a um valor de troca e a um valor de uso intercambiáveis no equivalente monetário universal.

Se o valor de troca se universaliza, todos os seres são submetidos à mercadoria fetichizada, determinando processos que fazem parte da estrutura psíquica dos seres sociais e que levam à submissão dos sujeitos, dissolvidos no coletivo. Não há mais capacidade de identificação com o produto do trabalho, pois o homem fragmentado na estrutura da produção encontra-se também fragmentado na consciência.

A emergência de sujeitos conscientes somente é possível, então, por meio da práxis da atividade humana concreta, que revelaria as dimensões limitadoras da expressão das potencialidades e do desenvolvimento individual e coletivo da sociedade, que aparecem sempre como uma possibilidade que não se realiza.

Em *A Ideologia alemã*, de 1844, Marx e Engels definem os homens como resultado do que produzem e do modo como produzem. O intercâmbio social entre os homens vai produzir as “formas de consciência” e a linguagem.

“... não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos erros desse processo de vida.” (MARX, 1987, p. 37)

O mundo sensível é produto do desenvolvimento social e da indústria e não da “essência das coisas”. Assim, é a prática social que se torna o índice da crítica da realidade, definindo a equivalência entre conhecimento e ação.

As “teses” contra Feuerbach apresentam uma visão que revela a crítica marxista ao modo passivo com que o homem (e sua atividade) é tratado, defendendo que somente na práxis é que se torna possível encontrar a “verdade”. A crítica de Marx expõe as formas históricas de condicionamento do saber e a necessidade de destruição completa das bases concretas que sustentam tal estrutura para que se possa superar enfim a alienação.

Nesse sentido, a preocupação de Marx é de refletir sobre a totalidade das relações sociais, partindo da análise da propriedade privada dos meios de produção que possibilita a exploração do trabalho e a consequente separação entre produtor e o produto de seu trabalho (alienação capitalista). É o trabalho humano (a práxis) que se torna o centro do fazer-se humano, definindo o destino que de individual se transforma em coletivo.

Marx confere concretude ao processo de alienação ao estudar os diferentes tipos de propriedade, nas diferentes situações históricas, percebendo como cada modo de produção tem uma forma específica de exploração, de relacionamento político e econômico.

Os homens condicionam sua forma de existir pela produção que realizam: ao produzir seus meios de vida reproduzem também sua consciência, ou seja, o ser humano produz-se como homem por meio do trabalho, categoria central para Marx. Assim, a saída proposta para o idealismo filosófico é o entendimento da existência de indivíduos reais que produzem os meios necessários a sua própria vida e a sua reprodução.

No capitalismo o trabalho é uma necessidade objetiva que se torna alienadora ao invés de capaz de realizar a criatividade e a liberdade humanas. A análise da divisão do trabalho como determinante da estrutura das classes sociais implica de imediato a divisão entre trabalho material e intelectual, onde há aqueles que produzem e aqueles que somente se apropriam. A essência dos homens é, assim, o conjunto de suas relações sociais (que definem seu “ser social”), no movimento que vai da existência para a essência, e não o contrário. Para Marx:

“Os elementos materiais de uma subversão total são, de um lado, as forças produtivas existentes e, de outro, a formação de uma massa revolucionária que se revolte, não só contra as condições particulares da sociedade existente até então, mas também contra a própria produção da vida viçente...” (MARX, 1987, p. 57)

Assim, ao examinar as condições vigentes da produção total da vida humana, Marx está incluindo a produção da consciência por ela determinada, que na sociedade capitalista define a produção da ideologia da classe burguesa e os consequentes processos de alienação do proletariado. Aqui as idéias da classe dominante, seus valores, seus interesses transformam-se em ideologia ao ambicionarem aparecer como valores inerentes a toda a sociedade, como valores universais inquestionáveis.

No Manifesto Comunista, de 1848, Marx retoma a problemática da determinação das consciências a partir das idéias de dominação ideológica e também apresenta uma síntese dos conceitos envolvidos na crítica do sistema capitalista e sua ideologia da propriedade privada que legitima a ordem social e a reproduz.

Após a definição da luta de classes como característica *sui generis* do processo da história humana, Marx e Engels analisam a especificidade da emergência do domínio burguês que, ao mesmo tempo em que destruiu todos os laços feudais anteriores, também foi responsável pela emergência de sua classe antagonica, o proletariado, entendido como classe revolucionária.

“Na mesma proporção em que a burguesia, ou seja, o capital, se desenvolve, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos trabalhadores modernos, que só podem viver se encontrarem trabalho, e só encontram trabalho na medida em que este aumenta o capital”. (MARX, 1978, p.99)

Aqui o desenvolvimento capitalista inexorável aparece dialeticamente também como possibilitador do desenvolvimento da consciência de classe do proletariado, a princípio submetido às determinações da lógica alienante do domínio burguês e suas instituições como o Estado, a família, a escola, o trabalho. A contradição latente no capitalismo é a necessidade constante de novos desenvolvimentos e superações, bem como a contínua luta dentro da própria burguesia, que, por um lado, ao exigir níveis de formação cada vez mais especializados, vai determinar o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva, e, por outro, pelo nível de exploração de trabalho homogeneizado, vai possibilitar a consciência de classe que ultrapassava as fronteiras nacionais.

“A própria burguesia, portanto, fornece ao proletariado os elementos de sua politização, em outras palavras, as armas contra ela própria.” (MARX, 1978, p. 102)

Daí a conclusão lógica de Marx quanto ao fato da inevitabilidade da revolução proletária e da derrubada da sociedade burguesa e suas instituições, sempre como resultado da superação da alienação que a ideologia dominante operava sobre os trabalhadores no processo de exploração.

No *Dezoto de brumário de Luís Bonaparte*, de 1852, Marx analisa o desenvolvimento do poder do Estado e o conceito de classe social e de consciência de classe segundo suas determinações históricas.

A partir dos acontecimentos na França entre 1848 e 1852, ou seja, das jornadas revolucionárias de fevereiro de 48 ao golpe de estado de Napoleão III em 52, Marx desvenda a moderna expressão do poder político do Estado bem como seu modo de existência na vida social, como expressão das relações que se dão no interior da sociedade.

Ao contrário da idéia de um Estado que harmonize o sujeito coletivo, na sociedade capitalista esse Estado se mostra como índice da permanência da contradição entre seus interesses próprios e os interesses da sociedade, revelados com clareza pelo processo vivido na França nesse período.

A impossibilidade de conciliação revela-se então como resultado da existência de diferentes classes com diferentes interesses, sendo que a análise do processo político é baseada na análise do movimento da sociedade e de suas classes, que afinal expressam a existência de diferentes visões do poder, do Estado e da propriedade.

O pressuposto marxista nessa obra é o da emergência e fortalecimento do poder estatal, uma vez que os conflitos existentes na sociedade não se resolvem: é o Estado que coloca os limites para as lutas políticas, define seus rumos e enfim permite que a sociedade “sobreviva”. O desenvolvimento das lutas de classe nesse contexto está determinado, então, pelo desenvolvimento das formas de atuação do Estado.

O domínio do Estado associado ao domínio das forças armadas revela-se como determinante na definição da forma como se processam os enfrentamentos entre as diferentes classes (e suas frações) bem como na definição dos resultados desses embates. Somente pelo entendimento da atuação política dos grupos sociais torna-se possível refletir as formas como a História acompanha o caminho das forças sociais sem definir um movimento linear e acumulativo.

Marx nos mostra como as forças do passado ainda se mantêm, mesmo após a Revolução Francesa, combinadas em uma classe dominante que inclui latifundiários legitimistas e a aristocracia financeira orleanista, grupo que adquire uma concretude bastante diferente daquela do antigo regime, pois agora apresenta-se como ligada a interesses capitalistas bem definidos e por vezes antagônicos. Nesse novo cenário, encontra-se ainda uma pluralidade de forças políticas (desde a pequena burguesia social-democrata aos socialistas) que correspondem a um determinado estágio de desenvolvimento das forças sociais e econômicas.

A análise empreendida por Marx revela como Luís Bonaparte aproveita-se do jogo político das diversas facções enfraquecidas em suas lutas internas para

transformar estes embates em embates entre as forças políticas e o próprio Estado, já reificado ideologicamente em representante da sociedade. Essa análise nos mostra que num processo histórico específico, num determinado contexto, pode-se trabalhar com categorias que permitem apreender aquele plano histórico imediato sem invalidar a concepção de classe social que ele adota em um plano de maior abstração.

Aqui o Estado não é um mero reflexo das disputas das forças socio-políticas, mas tem um papel que se destaca no contexto: o jogo político não é aleatório, mas apresenta possibilidades que estão inseridas nas expressões da sociedade civil (forças sociais e econômicas). Não se pode autonomizar, enfim, as esferas política e sócio-econômica e a análise das classes torna-se a análise de suas formas de atuação e prática política, suas representações e sua consciência.

Em *O Capital*, o tema da alienação e da ideologia surge na discussão sobre o fetichismo da mercadoria como evidenciando o caráter capitalista das relações sociais, abarcadas pela forma mercadoria.

A forma mercadoria é uma forma unitária e totalizante, “fantasmagórica”, que surge como um “véu” que encobre toda a sociedade produzindo a consciência dos homens ao invés de mostrar-se verdadeiramente como seu produto.

O fetichismo da mercadoria cria uma objetividade social específica, uma reificação do ser social, onde a consciência é coisificada por sua ligação com os objetos em um tipo específico de alienação.

A noção de alienação aqui diz respeito a um processo de estranhamento do sujeito em relação às suas obras, um não reconhecimento. Trata-se de uma ruptura da dimensão subjetiva e um predomínio do mundo objetivo no qual a totalidade abstrata é percebida pelo processo em que a forma aparente é capaz de criar os conteúdos concretos, falseando a essência na aparência, o conteúdo reduzido à simples forma.

O caminho percorrido por Marx busca estabelecer os processos de mediação que permitem partir de algo que é uma forma abstrata (indeterminada) e chegar a uma forma concreta, isto é, um processo de conhecimento que se dá por meio de determinações.

A alienação emerge do processo de fragmentação do trabalho humano, que se torna a fragmentação do próprio homem nessa atividade fundamental que define sua essência e suas dignidade. O homem fragmentado é aquele cuja consciência é capaz de perceber-se apenas como parte de totalidade, deslocada e não mais inserida nos processos que constroem o mundo social: torna-se então uma “falsa consciência”.

Nesse movimento a ideologia apresenta-se como falsa consciência, como o conjunto das representações que se faz a partir de uma falsa concepção da realidade, a partir da noção de trabalho abstrato que oculta o trabalho particular e sua dimensão de exploração. Ideologia torna-se sinônimo de ideologia de classe, de instrumento de dominação, de mecanismo que oculta as verdadeiras relações de exploração debaixo de um véu de justificativas baseadas em interesses bem definidos que são apresentados como universalmente válidos.

O conceito de ilusão em Freud

Para se compreender a argumentação de Freud sobre o conceito de ilusão, presente em seu trabalho *O futuro de uma ilusão*, é preciso ter presente as bases conceituais de sua teoria do inconsciente e da repressão, na qual se delineia a visão de um conflito perene entre ego e mundo, entre consciente e inconsciente, entre instinto e repressão.

Em oposição ao princípio de prazer, por meio do qual o ego procura sua máxima satisfação diante do mundo, Freud contrapõe o princípio de realidade, definido pelas determinações impostas pela vida social, pela vida na civilização, como limites e obstáculos a esta plena realização. Daí ele poder afirmar que "...todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal." (FREUD, 1978, p. 88).

Ao contrário da visão harmônica da aceitação e do "desejo de sociedade", ou de obediência pacífica às regras sociais impostas, Freud nos coloca frente a um problema que é definido como a necessidade de que existam mecanismos que protejam a sociedade dos indivíduos e seus instintos destrutivos.

A civilização mostra-se então como o *locus* da renúncia forçada ao instinto e como instância marcada pela compulsão ao trabalho, gerando insatisfação e exigindo medidas de coerção e medidas de reconciliação para "recompensar" os homens por seus sacrifícios diante da necessidade da vida social.

O cenário que se apresenta então é definido pela frustração diante das regras de proibição, que privam os homens daquilo que desejariam instintivamente e que forma ao mesmo tempo as responsáveis pela superação do ser humano de um estágio animal anterior, mas também responsáveis pela manutenção do sentimento de hostilidade frente a civilização.

Nesse processo, Freud afirma que a coerção externa vai sendo internalizada através de um mecanismo mental que chamou de desenvolvimento do superego, instância censora que faz com que o indivíduo inclua como sendo seus os manda-

mentos da sociedade e assim deixe de ser opositor da civilização.

Para além das privações gerais a todos os indivíduos, Freud se refere ainda a privações que atingem apenas a certas classes da sociedade, gerando assim ódio e inveja frente aos favorecidos, o que determina uma contínua parcela de descontentamento na sociedade e a dificuldade em que os desfavorecidos internalizem as proibições culturais assim determinadas.

Outro ponto estudado por Freud é a natureza narcísica da satisfação dos indivíduos frente à sociedade no que diz respeito à cultura, sua produção e fruição, gerando uma espécie de etnocentrismo em relação àqueles que são diferentes e que por isso mesmo pode ter como subproduto um reforço de uma identidade compartilhada contra o “outro”.

Após essas considerações, Freud entra propriamente na questão acerca das idéias religiosas e seu papel na manutenção da civilização, como minimizando as hostilidades ou desobediência dos indivíduos.

Parte então da idéia de civilização como mobilização e defesa dos homens contra as forças da natureza, que é uma das dimensões mais sentidas pelos indivíduos que encontram-se diante da difícil tarefa de suportar tanto a vida quanto as restrições que precisam pagar à própria civilização.

Vencido este embate, restaria ainda a questão de como os homens podem defender-se de inimigos situados no sobrenatural, dos chamados “poderes superiores”. Nesse ponto se empreende a analogia com as conquistas da psicologia uma vez que para Freud o desejo e a necessidade humanas de segurança estariam fundadas em um protótipo infantil do qual a vida social é apenas a continuação.

“No decorrer do tempo, fizeram-se as primeiras observações de regularidade e conformidade à lei nos fenômenos naturais e, com isso, as forças da natureza perderam seus traços humanos. O desamparo dos homens, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs”. (FREUD, 1978, p. 97)

Há então uma relação entre o desamparo da criança e o desamparo do adulto, matizada pelo fato de que, diante de um destino definido fora do alcance da ação humana, por deuses inescrutáveis, permanecia a sensação de desamparo e de terror que não tinham solução, restando cada vez mais a estes “deuses” reforçar

seu papel de guardiães dos preceitos morais que deveriam nortear daqui em diante os comportamentos humanos. Os homens fazem então um movimento que transforma em sagrados estes preceitos morais da civilização e da sociedade, a partir da necessidade de “tornar tolerável” seu desamparo.

Ao empreender esta inversão, conforme havia já desvendado Feuerbach, entre o humano e o divino, os deuses podem aparecer aos homens como responsáveis pelo nivelamento dos males da civilização e por sua compensação. Os mundos natural e social ganham a possibilidade de tornarem-se inteligíveis, ainda que de acordo com os desígnios incertos da divindade, da qual se espera um ordenamento coerente e justo, e a vida humana (bem como a morte) adquire um sentido transcendente que lhe ajuda a suportar sua existência.

Esta gênese das idéias religiosas empreendida por Freud o encaminha para a questão fundamental do seu significado dentro do viés teórico da psicologia, de modo a poder discutir seu verdadeiro valor, ou seja, seu real significado para o ser humano e para a civilização.

Desse modo retoma a analogia da figura paterna, sempre ambivalente, que para a criança é tanto admirado quanto temido, para recuperá-la na imagem de um deus criado pelo homem, no qual se confia por ser capaz de protegê-lo da fragilidade que nos é inerente e que não obstante também é temido.

Uma primeira abordagem das idéias religiosas nos faz classificá-las naquilo que Weber chama de “sacrifício do intelecto”, uma vez que se caracterizam por ensinamento que nos são dados como existentes desde sempre e cuja validade não é questionada mas aceita e prezada, independentemente do recurso à razão.

Aqui chegamos à definição de Freud para a origem das idéias religiosas e que nos interessa em especial: “*são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos*” (FREUD, 1978, p. 107).

Para ele, a idéia de um “deus pai” reside na permanência da sensação de desamparo infantil, que só é atenuada por esta nova imagem de um ser que garanta a justiça moral do mundo e também afirme a continuidade de nossa existência, como necessidade para a permitir a realização dos desejos que a civilização nos obriga a adiar constantemente.

É interessante notar que para Freud a noção de ilusão não se confunde com a noção de erro, pois para ele o que caracteriza as ilusões é o fato de serem resultado de desejos humanos, daí poder aproximá-las dos delírios psiquiátricos. As ilusões então não estão associadas imediatamente à idéia de falsidade, de irrealização ou de contradição com o mundo real:

“Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação”. (FREUD, 1978, p. 108).

Desse ponto de vista Freud pode então classificar as idéias religiosas como ilusões, desprovidas da possibilidade de serem submetidas à prova, dependendo sua aceitação da pura disposição dos indivíduos.

Aqui Freud se junta à grande corrente iluminista que percebe apenas na razão científica a possibilidade do conhecimento da realidade e de nós mesmos. Assim, só pode concluir em definir como ignorância a capacidade de se aceitar argumentos débeis e falta de fatos que comprovem o valor e a força de tais crenças, que são capazes de servir de orientação e de governo para a vida dos homens.

A preocupação de Freud não é de verificar até que ponto as idéias religiosas são verdadeiras ou não, mas sim reconhecer nelas sua natureza psicológica de ilusões, restando então analisar as suas origens, seu período de nascimento, o tipo de homens que as criaram, seus motivos para então compreender o impacto de tais idéias sobre a alma humana.

Se o ponto de partida da argumentação freudiana é de que a religião pode ser um mecanismo de compensação às mazelas da civilização e à sua ausência de sentido, no desenvolvimento de suas idéias vai passar a afirmar que a propriedade ilusória que carrega consigo acaba por converter-se em um risco para a civilização caso não se altere a postura frente às idéias religiosas.

Freud afirma que a religião não conseguiu cumprir seu papel de reconciliar a vida humana com a civilização, e que assim seria preciso uma superação de suas ilusões, que poderia ser operada por uma ciência como a psicanálise, que é *“... um método de pesquisa, um instrumento imparcial, tal como o cálculo infinitesimal, por assim dizer”*. (FREUD, 1978, p.112).

Chegamos, afinal, ao questionamento sobre a necessidade das idéias religiosas para dar conta dessa busca de “felicidade” e controle moral dos homens na civilização, contrapondo a ela o fato de que no mundo moderno o desenvolvimento das ciências tem determinado uma nova forma de pensar o mundo e de explicá-lo para os homens.

A ciência tornou possível a releitura crítica da religião, de seus dogmas, de seus fundamentos, de seus erros, de sua incapacidade de continuar “comovendo” os homens e, principalmente, para Freud, de como sua estrutura assemelha-se com *“...os produtos mentais de povos e épocas primitivos”*. (FREUD, 1978, p. 113).

Defrontamo-nos com a idéia de que as ilusões religiosas encontram força nas “mentes primitivas”, isto é, naquelas massas ignorantes e não esclarecidas, que só podem ser controladas (e aceitam elas mesmas estes controles) por acreditarem em um castigo certo vindo de uma divindade onisciente e onipresente, motivo bastante para reprimir seus instintos.

Ao contrário, as mentes “esclarecidas” são, elas mesmas, veículos de civilização, mas que reconhecem a repressão exercida pela civilização segundo um outro ponto de vista, compartilhando da idéia da vantagem do compartilhamento e da defesa de seus valores. Resta então o problema das conseqüências advindas de um súbito “desencantamento” daquelas massas que tornaria sem sentido para elas os motivos da repressão de seus instintos mais violentos em um mundo desprovido de deuses.

Para Freud a saída desse impasse estaria na admissão corajosa de que as proibições alçadas à dimensão do divino não passam de construções humanas que visam à manutenção da civilização, ou seja, da própria existência humana pacífica e possível, sem que se caia em um mundo hobbesiano da incerteza e da insegurança.

Ao admitir tal humanidade nestes preceitos os homens poderão ver neles não mais instrumentos de castigo e dominação, mas algo construído coletivamente e que se deseja aprimorar constantemente, superando inclusive o atual estado de cristalização imutável que os caracteriza, num movimento de “*reconciliação com o fardo da civilização*”. (FREUD, 1978, p. 116).

A análise freudiana, que parecia ter chagado ao termo de um racionalismo otimista, levanta a dúvida da possibilidade de uma tal crença no comportamento absolutamente racional dos homens, lembrando como a psicanálise já havia desvendado os mecanismos inconscientes ligados aos impulsos.

A razão encontra-se então cativa da natureza violenta inerente ao ser humano, que se expressa tanto no assassinato original do pai primevo quanto no *Édipo* que deve ser reprimido pela criança em seu desenvolvimento.

No caso do desenvolvimento da civilização, trata-se de um processo de crescimento, numa situação análoga à da criança que vence o estado neurótico, sendo que para Freud é inevitável, pela razão, voltar as costas a esta revelação, sendo necessária então uma tomada de posição responsável para a “cura” de tal estado patológico. Coloca, pois, como alternativas o viver nas ilusões ou o viver no conhecimento dos significados daquelas ilusões, percebidas como tal, revelando seu otimismo com a possibilidade dessa “cura” que a psicanálise já provou realizável.

Às possíveis críticas de que a vida humana se tornaria insuportável sem o

recurso às idéias religiosas, Freud defende a idéia de que a própria cultura seria capaz de criar indivíduos livres da “neurose” religiosa e suas ilusões intoxicantes; homens que *“Terão de admitir para si mesmos toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo; não podem mais ser o centro da criação, o objeto de terno cuidado por parte de uma Providência beneficente”*. (FREUD, 1978, p. 123).

Há aqui grande proximidade com a idéia Nietzscheana de afirmação da vida, bem como do conceito weberiano de suportar o destino de nossa época. Permanecer no infantilismo não pode ser a alternativa para homens filhos da razão. Da mesma forma, esta nova atitude possibilita assumir com maior empenho e cuidado as tarefas impostas pela realidade e pela necessidade de tornar a vida suportável e a civilização menos opressiva.

Finalmente, Freud admite que seria preciso uma nova geração de homens capazes de empreender tal mudança, e que a dificuldade de não se deixar cair na tentação fácil de ceder ao imediatismo das explicações confortadoras da religião empurram tal resolução para o futuro.

“A primazia do intelecto jaz, é verdade, num futuro muito distante, mas, provavelmente, não num futuro infinitamente distante”. (FREUD, 1978, p. 126).

A razão assume um caráter e um caminho cujo destino é inexorável, revelando as contradições das ilusões religiosas, liberta os homens dessa submissão obscura e, ainda mais, liberta os homens da necessidade de fazer a defesa cega dessas mesmas ilusões diante da alternativa da destruição da civilização.

De toda forma o ganho é sempre maior: *“Visto estarmos preparados para renunciar a uma boa parte de nossos desejos infantis, podemos suportar que algumas de nossas expectativas mostrem que não passam de ilusões”*. (FREUD, 1978, p. 127).

Os homens tornam-se mais solitários e desencantados, mas ao mesmo tempo também se tornam senhores de seu destino, podem conhecer o mundo pela razão e então saber os potenciais latentes que ele apresenta e também os limites que nos impõe.

Como fecho de sua obra, Freud realiza a profissão de fé iluminista da razão científica ao afirmar: *“Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar.”* (FREUD, 1978, p. 128).

A construção freudiana do conceito de ilusão nos coloca frente a uma escolha que, afinal, caberia à vontade humana consciente de retirar-se do obscurantismo voluntário (ainda que herdado pelas determinações culturais ensinadas) para aceitar os pressupostos de uma ciência que não solicita nenhuma operação metafísica para explicar a vida humana e a civilização. Os males da vida social, as restrições aos instintos, o desamparo humano, a consciência de nossa fragilidade e efemeridade, nada disso justificaria a aceitação de uma ilusão acalentadora.

É possível que essas ilusões tenham uma “função” a desempenhar, mas isso não as torna mais reais, pelo contrário, acaba por torná-las mais resistentes à sua superação e assim faz com que continuem atuando no sentido de justificar uma repressão incapaz de adquirir sentido concreto para os homens, uma vez que remete suas explicações sempre para o plano de um futuro sobrenatural e abstrato.

Em um mundo marcado pela racionalização e pelo desenvolvimento do conhecimento científico, o preço de aferrar-se a tais ilusões pode ser extremamente alto e certamente assustador para aqueles que conhecem os mecanismos de funcionamento das paixões humanas e o risco de sua repressão sem um processo consistente de sublimação.

Entre a ideologia e a ilusão

Podemos afirmar que Marx e Freud encontram-se diante de uma tarefa comum, qual seja, a de recolocar a questão da vida social dos homens em termos estritamente ligados ao mundo real, sem necessidade de projeções para dimensões sobrenaturais imaginárias que justifiquem as repressões, injustiças ou as condições de vida existentes.

O que em Marx está determinado pelas relações sociais típicas do capitalismo, em Freud se refere a uma compreensão do aparelho pulsional, porém ambos dissolvem a fronteira entre indivíduo e sociedade uma vez que o exterior está constantemente em jogo com o interior (existe a presença constitutiva do “outro” na análise da ideologia e também da ilusão).

Em Marx o conceito de ideologia está ligado à idéia de “falsa consciência”, o que nos permite questionar qual o lugar de onde se torna possível enunciar tal afirmativa. Se há uma “falsa consciência” a ser denunciada é preciso postular a existência de uma “verdadeira consciência”, e sua possibilidade de enunciação legítima.

Tal tarefa torna-se possível em Marx pela tarefa da crítica que é capaz de desvendar os meandros do processo de exploração do trabalho na sociedade capitalista.

Assim, a ideologia é um atributo específico dessa situação, tornada extrema nas modernas sociedades industriais, nas quais o trabalho humano deixa de ser o índice da plena realização da essência do homem e de sua dignidade, para transformar-se em seu contrário, em uma instância que reduz os homens a seus atributos puramente animais, nos limites da sobrevivência material, incapazes de compreender a vida, o mundo e sua real situação.

Freud critica na religião, vista como ilusão, o seu caráter de delírio, isto é, construção rígida que não admite qualquer correção ou discussão. Em *O mal-estar na civilização* Freud retoma a questão do conflito entre a satisfação dos desejos individuais e as restrições impostas pela vida em sociedade, preocupando-se com os desdobramentos desse processo de repressão, seus custos e seus pretensos benefícios.

Seria uma ilusão também, para Freud, imaginar que os desejos de felicidade dos homens, adiados pelo princípio de realidade e sublimados pelos desvios de catexias operados na civilização, encontrem uma resolução de equilíbrio estável? Ou este processo, ao exigir demais dos homens, teria como resultado a produção de neuroses e revoltas contra a própria civilização?

Uma vez que a preocupação do processo civilizatório está centrada não mais nas satisfações individuais, mas na visão mais abrangente da vida comunal, ocorre que acaba por valorizar mais a repressão que a satisfação dos egos individuais.

Em uma alusão direta à questão colocada pelo marxismo a respeito das possibilidades de uma superação final desse conflito Freud assim se expressa:

“Nesse ponto, a ética baseada na religião introduz suas promessas de uma vida melhor depois da morte. Enquanto, porém, a virtude não for recompensada aqui na Terra, a ética, imagino eu, pregará em vão. Acho também bastante certo que, nesse sentido, uma mudança real nas relações dos seres humanos com a propriedade seria de muito mais ajuda do que quaisquer ordens éticas; mas o reconhecimento desse fato entre os socialistas foi obscurecido e tornado inútil para fins práticos, por uma nova e idealista concepção equivocada da natureza humana.” (FREUD, 1978, p. 192).

Freud refere-se aqui à idéia presente em Marx, especialmente no *Manifesto comunista* e na *Ideologia alemã*, cujas bases podem ainda ser encontradas em uma leitura roussoniana, de uma natureza humana capaz de ser moldada, e ainda mais, inclinada a realizar-se de forma harmoniosa.

Se em Freud o conflito e a necessidade de repressão dos instintos é inerente à natureza humana, daí a problemática das formas de construção da civilização segundo uma visão hobbesiana que admite que “*O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança*” (FREUD, 1978, p. 170), em Marx o problema apresenta-se determinado não pela natureza humana mas pela estrutura social do capitalismo.

Para Marx, o indivíduo que emerge da sociedade comunista é apresentado segundo uma certa antropologia otimista:

“... onde cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva, mas pode aperfeiçoar-se no ramo que lhe apraz; a sociedade regula a produção geral, dando-me assim a possibilidade de hoje fazer tal coisa, amanhã outra, caçar pela manhã, pescar à tarde, criar animais ao anoitecer, criticar após o jantar, segundo meu desejo, sem jamais tornar-me caçador, pescador, pastor ou crítico.” (MARX, 1987, p. 47).

Os temas da ideologia e da ilusão surgem outra vez a partir de um novo afastamento: para o primeiro é a “falsa consciência” que determina o obstáculo à plena realização das potencialidades humanas em termos de sua dignidade e harmonia social, para o segundo trata-se de entender como ilusório, ou seja, como inserção de desejos, não perceber as tendências de agressividade como premissa psicológica verdadeira, que exige então soluções e propostas menos simplificadoras.

É importante salientar, nesse ponto, que não se deve simplificar estas reflexões sobre ideologia e ilusão em uma aproximação desses conceitos com a idéia de mentira: a ideologia enquanto “falsa consciência” deve ser compreendida como limitação à possibilidade de superar um determinado ponto de vista, que não é totalmente falso, mas que se torna falso para a classe dominada, bem como para aqueles que não se percebem inseridos em sua lógica; o conceito freudiano de ilusão não é também análogo a uma mentira, uma vez que se define por idéias que carregam em si desejos que não se percebem como tal, tornando-se mais próxima da idéia de um delírio.

Mais ainda, enquanto para Marx o trabalho só se tornou um fardo quando absorvido pela lógica da dominação capitalista que retira suas potencialidades de realização humana, que seriam recuperadas na futura sociedade comunista, voltando a tornar-se atividade prazerosa e realizadora, para Freud o trabalho é sempre percebido como algo desagradável e penoso, absolutamente contrário aos desejos

do princípio do prazer, pois:

“O trabalho básico, na civilização, é não libidinal, é labuta e esforço; a labuta é ‘desagradável’ e por isso tem que ser imposta. (...) Se não existe um ‘instinto de trabalho’ original, então a energia requerida para o trabalho deve ser retirada dos instintos primários...” (MARCUSE, 1968, p. 86).

Ambas concepções, porém, partem de um mesmo pressuposto: a crença na razão científica como possibilitadora e ordenadora de uma nova situação nas relações entre os homens na civilização.

Para Freud, ao final, a razão é a saída possível para a civilização, a partir da idéia de homens que são capazes de deixar de lado suas ilusões, que acalentam sonhos e desejos infantis, para tomarem as rédeas de seus próprios destinos, sabedores das dificuldades e dos limites que a civilização nos impõe, mas também conscientes de que tal tarefa é necessária e a única possível para que se defina um processo contínuo de luta contra os instintos agressivos de nossa natureza.

Tal tarefa é muito mais recompensadora se realizada segundo estes pressupostos do conhecimento racional, que nos confere liberdade de pensar e agir, que segundo os pressupostos de uma defesa dos ideais religiosos, vistos como um subterfúgio e um esconderijo que ao mesmo tempo em que aprisiona as vontades as torna conformadas com esta mesma prisão. Deste ponto de vista outra vez podemos lembrar das palavras de Weber sobre o que é exigido do homem de ciência:

“A quem não é capaz de suportar virilmente esse destino de nossa época, só cabe dar o conselho seguinte: volta em silêncio, sem dar a teu gesto a publicidade habitual dos renegados, com simplicidade e recolhimento, aos braços abertos e cheios de misericórdia das velhas igrejas”. (WEBER, s.d., p. 51).

Em Marx, também a razão emerge com todo seu poder, pois é a partir da possibilidade da completa compreensão dos mecanismos operantes na sociedade capitalista que se torna possível sua crítica e sua superação. Sendo os homens seres racionais, estão aptos a compreender e interpretar a história e refletir sobre as condições materiais que os cercam, percebendo ainda suas determinações ideológicas, isto é, “falsas”.

Se a ideologia burguesa, ideologia de uma classe que se mostra como sendo a verdade de toda a sociedade, domina a consciência das massas operárias através da alienação no trabalho e nas demais instâncias da superestrutura, é somente pelo seu desmascaramento que as consciências poderão também tomar as rédeas de seus destinos.

Enquanto o mundo permanece como permeado por explicações “mágicas”, povoado pelo fetiche da mercadoria e pela naturalização das relações de classe, um véu ideológico recobre a realidade e impede a visão da “verdade” dos mecanismos de exploração.

A superação da exploração material do trabalho realiza-se por meio da práxis consciente que permite aos homens não perderem de vista o caráter essencial de seu trabalho e dos produtos dele, não mais como algo separado de sua essência, mas como resultado que tem um significado para além do individual, pois converte-se em produto coletivo. O caráter de falseamento da realidade, determinado pela violência da exploração do trabalho e pelos mecanismos de justificação ideológicos, ancora-se também nos obstáculos ao pleno uso da razão humana para refletir sobre sua vida.

Da mesma forma que para Freud os homens que se mantêm no estágio da “neurose infantil” – que necessita das ilusões religiosas – não estão inseridos no registro do conhecimento racional, para Marx os homens cujas consciências estão alienadas pela ideologia dominante também estão excluídos dessa mesma razão.

Para ambos trata-se de uma necessidade de educação que determine atitudes diferentes frente ao mundo, para além do puro conformismo e das saídas fáceis, sejam elas a da segurança de um futuro justificado no “além” ou de uma existência egoísta que deixa de perceber o “verdadeiro” destino da essência humana em realizar-se plenamente.

Pode-se também, desse ponto de vista, considerar o compartilhamento de um certo otimismo pela razão em ambos uma vez que pressupõem que os homens, a partir do conhecimento automaticamente iriam render-se aos seus argumentos, e se não o fazem é por estarem envoltos nas brumas obscurantistas das ideologias ou das ilusões.

Tanto Marx quanto Freud estão inseridos então na tradição de ciência iluminista (e quase que positivista), acreditando nas possibilidades de uma transformação dos homens (ainda que em Freud os limites para essa tarefa se mostrem claramente pela agressividade inerente à nossa natureza), definindo uma concepção que acredita na liberdade através do autoconhecimento.

Aqui liberdade não significa ausência de limites, mas uma opção consciente

e racional das necessidades envolvidas nas escolhas humanas. Em Marx, a revolução como libertação das relações sociais e das condições de exploração a que os homens foram submetidos e que não foram criadas por eles; em Freud, a terapia como possibilidade de libertar-se das neuroses definidas pelas condições adversas de repressão com as quais nos defrontamos na civilização.

Restariam ainda considerações a respeito dessas possibilidades de “libertação” dos homens frente a essas ilusões ou ideologias: seria suficiente colocar a consciência em ordem para que a sociedade fique em ordem? O exemplo das experiências dos regimes totalitários deste século nos remete a uma visão bastante sombria das possibilidades dessa libertação pela razão e da permanência da questão da ideologia ou da ilusão.

Como entender que a sociedade moderna produz homens capazes de entregarem-se às ideologias totalitárias? Talvez aqui nos aproximemos mais do “pessimismo” freudiano quanto à nossa natureza e aos riscos sua agressividade nos impõe, que à imagem de uma razão iluminista otimista. Não se trata de uma apologia do irracionalismo, mas de uma reflexão que nos coloca frente a desafios maiores que os imaginados até então.

Se a ideologia pode ser vista como justificção para uma realidade social que se deseja tornar imutável e legítima, é preciso ter em conta também que a noção de ilusão em Freud pode nos auxiliar a entender, a partir da visão de que os desejos que a moldam são também determinados historicamente, os mecanismos que fazem com que os homens sintam-se “à vontade” ou “satisfeitos” consigo e com o mundo diante de tal situação. Refletir apenas sobre a alienação determinada pela ideologia capitalista não é suficiente para dar respostas satisfatórias a fenômenos como esse.

Falar em ideologia e ilusão deve implicar uma reflexão sobre as relações de poder existentes em uma sociedade, relações essas que não se mostram transparentes, mas sempre mediadas por outras determinações que acabam por atenuá-las: ora é a exploração do trabalho, ora as justificções da necessidade da vida civilizada e suas repressões.

Se, como afirma Adorno, *“Só se pode falar sensatamente de ideologia quando um produto espiritual surge do processo social com algo autônomo, substancial e dotado de legitimidade. A sua inverdade é o preço dessa separação, em que o espírito pretende negar a sua própria base social”*. (ADORNO, 1978, p. 200), então os conceitos de ideologia e de ilusão podem mostra-se como que integrados em um processo de adaptação e de cristalização demandado pela moderna sociedade industrial, com suas revoluções tecnológicas e com sua estru-

tura de reprodução de imagens legitimadoras do *status quo*, através dos mecanismos da “indústria cultural”.

“Os indivíduos sentem-se, desde o começo, peças de um jogo e ficam tranquilos. Mas como a ideologia já não garante coisa alguma, salvo que as coisas são o que são, até a sua inverdade específica se reduz ao pobre axioma de que não poderiam ser diferentes do que são. Os homens adaptam-se a essa mentira mas, ao mesmo tempo, enxergam através de seu manto.” (ADORNO, 1978, p. 203)

Retornamos, pois, ao enigma moderno a respeito dos resultados de uma superação da ideologia capitalista— da sua possibilidade e do desejo dos indivíduos para essa tarefa— e das conexões com as necessidades de justificação ou de explicação “racional” para os fatos da vida, em especial, para seus reveses.

Vivendo em um mundo em que as idéias religiosas tornam-se cada vez mais enfraquecidas em seus princípios e substituídas por explicações esotéricas mais “ecumênicas” e de simples aceitação, poderíamos identificar um certo “desespero” na busca de sentido onde ele já não mais existe. Da mesma forma a pretensa “função” da ideologia de dominação capitalista mostra-se já desvendada sem que tenha ocorrido a esperada revolução das massas, que já não se importam com sua “classe” mas consigo mesmas, em um processo radical de individualismo apolítico, menos pela inexistência de possibilidades ou de liberdades de contestação e de participação que pela acomodação frente a um mundo “confortável” e ao mesmo tempo desiludido.

Afinal, a razão e sua “verdade” revelada não parece ter tido força suficiente, pelo menos até agora, para “comover” ou “convencer” os homens a libertarem-se de suas ilusões e da influência das ideologias, talvez porque estes estejam realmente submetidos a uma força mais forte do que se imaginava, ou porque a alternativa oferecida não os tenha seduzido.

Ideologia e ilusão nos recentes debates sobre a política de educação superior no Brasil

Nesse ponto do trabalho, após discutir algumas possibilidades de entendimento dos conceitos de ideologia em Marx e de ilusão em Freud, procuramos apontar a pertinência de sua utilização em um debate atual que envolve as diferenças de visão e de interpretação presente nos discursos oficiais do MEC e nos

grupos contrários a suas políticas sobre educação superior.

Para realizar tal tarefa dentro do âmbito limitado desse trabalho decidimos selecionar apenas um tema do referido debate, assim estaremos especificamente tratando da discussão sobre as formas de expansão do sistema de ensino superior. É importante ressaltar que a exposição que faremos em seguida sobre as políticas oficiais e suas críticas não receberá de nós, nesse momento e na medida de nossa capacidade, nenhum juízo de avaliação; apenas serão apresentadas para que possamos identificar a possibilidade e a pertinência dos conceitos de ideologia e ilusão nesse contexto.

Nos documentos oficiais do MEC a questão da expansão de vagas no ensino superior se apresenta segundo o slogan da “expansão com qualidade”, e traz consigo a estratégia de induzir o aumento da oferta de vagas pela participação ampliada da iniciativa privada no setor.

Tal estratégia baseia-se em diversos pressupostos, entre os quais: o número insuficiente de vagas existentes em cursos superiores para fazer frente ao crescimento da demanda provocada pelos egressos do ensino médio; o baixo número de jovens em idade universitária pelo sistema de educação superior ao se comparar o Brasil aos demais países da América latina; o contexto de escassez de recursos para ampliação das instituições públicas.

Ao mesmo tempo em que a política oficial define a necessidade da ampliação do número de instituições de ensino superior e de vagas, define também a necessidade de um modelo que permita a diversificação dessa oferta em diferentes tipos de instituições e novas modalidades de cursos superiores. Daí a superação do modelo baseado unicamente na universidade que congrega ensino, extensão e pesquisa, para modelos que permitam a presença de centros universitários especializados em campos de saber, faculdades integradas e institutos superiores de educação. Em relação aos tipos de cursos de nível superior, a ênfase está na idéia de educação continuada, educação à distância, cursos de graduação mais voltados à pesquisa ou à inserção profissional, cursos sequenciais e novos formatos para as licenciaturas.

Dando consistência a essa estratégia proposta, o MEC define seu papel como o de supervisão e de avaliação desse sistema, muito menos como regulamentador ou como controlador das possíveis distorções de oferta de determinados cursos em detrimento de outros – como é de se esperar da lógica da iniciativa privada.

Assim, seria através dos processos de avaliação periódicos a que estariam submetidos os cursos em funcionamento, bem como através da definição de pa-

drões de qualidade mínimos para autorizar novos cursos ou lhes dar o reconhecimento, que estaria garantida a qualidade e a melhoria dos cursos superiores, separando-se a atual estratégia— cujo início data de 1996 com a aplicação do primeiro Exame Nacional de Cursos (o “provão”)— de um momento anterior no qual havia apenas um procedimento burocrático a ser cumprido pelos interessados em abrir faculdades, sujeito também a influências de políticos ou a corrupção durante o processo.

A tradição política brasileira de implementar reformas de maneira autoritária, sem a necessária discussão comum ao regime democrático, durante mais de vinte anos desde a ditadura militar, definiu o fortalecimento dos movimentos estudantis e de docentes e intelectuais na organização da resistência a essas políticas. Nesse contexto, a universidade, de caráter público e gratuito, foi o centro das reflexões e das críticas àquele regime, tendo sido perseguida, punida e sofrido processos de esvaziamento durante esses anos.

Diante da atual política de contenção de gastos públicos, esses movimentos não cessam de denunciar a situação precária das universidades públicas, com sua falta de infraestrutura adequada, quadro de professores com carências de docentes titulados e mesmo de docentes em certas áreas, migração de docentes para as instituições particulares em busca de melhores salários, defasagem salarial de funcionários, inexistência de uma real autonomia financeira que permitisse o exercício da autonomia acadêmica plena.

Assim, ao discurso da avaliação do MEC se contrapõe o discurso de ingerência na autonomia universitária a partir de pressupostos empresariais de produtividade e eficiência que não condizem com a academia; à estratégia de expansão da oferta e de sua diversificação se contrapõe o discurso de privilegiamento do capital privado com recursos públicos e o desejo de “sucateamento” das instituições públicas, da cobrança de mensalidades e da perspectiva de formações voltadas para o mercado de trabalho que não propiciariam a construção de uma mentalidade crítica nos alunos; ao modelo de controle da expansão pelo mérito acadêmico sem considerações sobre a “demanda social” dos cursos contrapõe-se o discurso de que a educação encontra-se assim submetida à lógica do mercado, da oferta e da procura.

Conclusões

Essas discussões sumariamente destacadas são suficientes para permitir uma reflexão que indique a possibilidade de aprofundamentos ulteriores sobre

esse embate concreto a partir do instrumental baseado nos conceitos de ideologia e ilusão conforme discutidos anteriormente.

Partindo da noção marxista de ideologia como “falsa consciência”, ponto de vista de uma classe que exerce a dominação na sociedade, seria possível questionar se os pressupostos das políticas oficiais do MEC não estariam em conformidade com a estratégia que está submetida realmente à lógica do mercado e a seus valores, desejando tornar-se totalitária em todas as demais instâncias do real, inclusive na esfera da vida acadêmica.

Se o moderno desenvolvimento capitalista, segundo as lições do manifesto, envolve o contínuo avanço tecnológico, também é coerente pressupor que está entre seus interesses dinamizar e acelerar a qualificação da mão de obra necessária para embasar tanto a produção quanto o consumo desses novos produtos, a partir da definição de novas necessidades de consumo construídas real ou artificialmente.

A lógica da eficiência e da produtividade levaria ainda a um risco real de transformar a autonomia universitária em um apêndice das necessidades de formação qualificada para o mercado, marginalizando a pesquisa e servindo apenas como reprodução de mão de obra rapidamente formada e absorvida, dependente das flutuações das demandas. Ao lado disso, a comparação dos gastos das instituições públicas com as particulares poderia gerar no público leigo a idéia de desperdício de dinheiro público sem sentido, gerando uma corrente de opinião que condenasse a gratuidade do ensino superior público, uma vez que além de ineficiente seria destinado apenas a “filhos da classe privilegiada”.

A possibilidade de realizar uma leitura da ideologia sobre esse problema enquadra-se na perspectiva que enxerga os obstáculos colocados à produção da consciência nos homens que se encontram inseridos em uma lógica dominante e definida como tendo valor universal de verdade. Se o mercado, a produtividade e a eficiência são os valores fundamentais, qualquer outro discurso que se contraponha a eles será visto como equivocado ou falso.

Ocorre que definir esta estratégia como ideológica nos coloca frente ao problema de definir também como verdadeira os discursos contrários a ela, assumindo que a ideologia dominante estaria realmente atuando como um “véu” que impede que se perceba estar inserido em uma luta por valores antagônicos. Resta refletir sobre o quanto há também de ideológico, no sentido de visão parcial da verdade, no discurso que afirma a “pureza” da atividade acadêmica frente às políticas oficiais. A possibilidade de se colocar tal questão já revela o emaranhado a ser enfrentado quando nos deparamos com as discussões sobre ideologia.

Uma questão que poderia ser colocada ao conceito freudiano de ilusão é se

sua aplicação poderia resultar em um processo de “esterilização” da política, isto é, de se considerar ilusórias as idéias ligadas a uma possível superação do estado de coisas em que nos encontramos. Se bem que a idéia de ilusão em Freud é muito mais uma crítica ao imobilismo decorrente da aceitação passiva de idéias justificadoras de nossa situação de “desamparo” ela pode ter seu reverso na atitude oposta e imobilista que considere como ilusão exatamente a tentativa de superar o que está inexoravelmente dado.

Do primeiro ponto de vista, o conceito de ilusão como resposta à necessidade ao “desamparo” poderia ser analisado, no caso dos embates sobre as políticas de ensino superior, como a materialização, em uma autoridade na qual se deseja depositar toda a confiança para que ordene de forma justa e precisa os destinos e decisões sobre o mundo da educação superior. Essa autoridade governamental seria a imagem do próprio MEC, instância poderosa capaz de “punir” os infiéis (as instituições que não obedecem às suas exigências) e de “premiar” seus bons seguidores.

A possibilidade de revolta contra esse “pai” decorre exatamente de sua “traição” àquela confiança nele depositada, isto é, a partir do momento em que deixa de punir ou de premiar, ou ainda no momento em que seu papel não mais coincide com as expectativas antes nele depositadas. Não é outro o motivo pelo qual se escuta freqüentemente queixas a respeito dos processos de flexibilização de regras e normas, desejando-se o retorno de um mundo absolutamente bem definido e delineado em seus contornos.

No segundo ponto de vista, ao se considerar como ilusão, ou seja, como desejo delirante, a possibilidade de transformação do que está dado, estaremos na fronteira que liga o conceito de ilusão ao conceito de ideologia, pois além de uma justificação para a vida individual estaremos diante de uma justificação para toda a vida social. Se a civilização nos impõe restrições e regras nem sempre desejáveis, não deve implicar por isso, automaticamente, a que se entenda como justificada qualquer forma de repressão existente. São os homens que devem decidir sobre os limites e as necessidades com as quais se defrontam, de maneira racional, auxiliados pela ciência, que pode ajudá-los tanto a perceber o que há de coletivo e de determinante ideológico em seu mundo, quanto até que ponto este ideológico adquire a feição ilusória de algo sobrenatural e fora do alcance da crítica ou do entendimento.

Trata-se enfim de destacar dois planos de possibilidades para a realização das potencialidades humanas de maneira responsável e consciente: enquanto em Marx a tarefa é a de perceber a presença da ideologia para então superar a aliena-

ção, ou seja, perceber a presença de discursos “falseados” em sua pretensão de totalidade de explicações do mundo, para Freud a tarefa não se encontra no exterior, mas no interior do homem, sendo a ilusão, e sua aceitação, processos duplamente condicionados, tanto pelo exterior sintetizado na cultura, quanto pelo interior, como uma predisposição (ou um desejo) de se apegar a ela.

Notas

¹ Estaremos utilizando o conceito marxista de Ideologia tal qual é desenvolvido em *A Ideologia Alemã* (1844) e também no Manifesto Comunista (1848), ambos escritos em parceria com Frederich Engels. Nestas obras Marx e Engel explicitam a genealogia da estrutura da sociedade capitalista, a partir da exploração do trabalho humano e dos processos de divisão do trabalho, que determinariam a alienação do trabalhador, primeiro em relação ao resultado de sua atividade laboral, e em seguida em relação à própria estrutura de dominação à qual está submetido e que passa a ser vista como naturalizada. Ideologia torna-se sinônimo de falsa consciência, uma vez que é criada a partir do exterior, como verdade de uma classe específica: torna-se ideologia burguesa.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T.W., HORKHEIMER, M. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- ASSOUN, P.L.. *O freudismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- ASSOUN, P.L., RAULET, G. *Marxismo e teoria crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. In: *Freud*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores) O mal-estar na civilização. In: *Freud*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)
- HABERMAS, J. Técnica e ciência enquanto ideologia. In: *Benjamin/ Adorno/ Horkheimer/ Habermas*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).
- La teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Madrid: Cátedra, 1994.
- LÖWY, M. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen– marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Busca Vida, 1987.
- MARCUSE, H. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- MARX, K., ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. In: LASKI, H. J. *O manifesto comunista de Marx e Engels*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- A ideologia alemã. (Feuerbach)*. 6. Ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- MARX, K. O dezoito de brumário de Luís Bonaparte. In: *Marx*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (BRASIL). *Enfrentar e vencer desafios: educação superior*. Brasília: Secretaria de Educação Superior/MEC, abril/2000a.

ROUANET, S.P. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Teoria crítica e psicanálise. Rio de Janeiro: Tempo Social, 1990

WEBER, M. *Metodologia das ciências sociais: parte 1*. 3 ed. São Paulo: Cortez, Campinas: Unicamp, 1999.

Metodologia das ciências sociais: parte 2. 3 ed. São Paulo: Cortez, Campinas: Unicamp, 1999.

A ciência como vocação. In: *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1980.

Resumo

Este artigo pretende analisar as possíveis aproximações e afastamentos entre o conceito marxista de “ideologia” e a categoria freudiana de “ilusão”, a partir dos textos clássicos destes autores. Com base no entendimento das possibilidades e limites para a utilização de tais conceitos, procura-se aplicá-los como categorias úteis para a reflexão crítica sobre os recentes discursos a respeito das políticas de educação superior.

Palavras chave: ideologia, ilusão, modernidade

Abstract

This article intends to analyze the possible relationship between the concepts of ideology and illusion conceived by Marx and Freud, respectively, as presented in the classical works of these authors. Based on an overall assessment of the possibilities and limits of both concepts, they are applied as useful conceptual categories to think critically about recent political discourses on brazilian higher education policies.

Key words: ideology, illusion, modernity

Resumen

En este artículo se analizan las posibles aproximaciones entre el concepto de ideo-

logía a partir de textos clásicos de Marx y Freud, y la categoría de ilusión, como la emplea este último autor. Con base en el conocimiento de las posibilidades y de los límites para la utilización de estos conceptos, se los toman como categorías útiles para el análisis crítico de los recientes discursos acerca de políticas públicas de educación superior en Brasil.

Palabras clave: ideología, ilusión, modernidad

OPINIÃO

Carlos Henrique Maurício da Rocha
Mestre em Administração pela UFMG.
Professor do Departamento de Economia
da UPIS.

A profissionalização da gestão das empresas familiares num contexto de mudança: um estudo de caso no setor têxtil

Introdução

O processo de abertura de mercado, iniciado no Brasil no começo da década de 90, trouxe diversas conseqüências para a economia do país. As empresas nacionais passaram a se defrontar com a concorrência de produtos estrangeiros, por vezes, de qualidade superior e com preços mais competitivos. Muitas empresas não resistiram a essa mudança repentina de ambiente e simplesmente desapareceram. Mesmo aquelas que conseguiram sobreviver, vivenciaram ou têm vivenciado muitas dificuldades. Mudanças, drásticas em muitas ocasiões, foram necessárias e muitos empregos foram sacrificados ao longo desse processo.

As empresas familiares ostentam como desafio adicional a necessidade de um equacionamento bem sucedido da relação família e organização. A solução mais propalada por consultores e pesquisadores, que se dedicam ao estudo desse tipo específico de empresa, é o processo de profissionalização que encerraria em seu bojo uma série de medidas que visariam separar a esfera da gestão empresarial da familiar, posto que a racionalidade peculiar a cada uma delas seria incompatível. Segundo BERNHOEFT (1998), com o processo de profissionalização, a empresa estaria capacitada a responder com maior grau de eficácia aos desafios do ambiente de negócios, cada vez mais complexo e competitivo.

Esse trabalho tem como propósito principal entender como esse processo se articulou com as demais mudanças acontecidas na esfera da organização do trabalho, mais comumente conhecida como *reestruturação produtiva*, no âmbito de uma empresa familiar do setor têxtil e como se deu sua contribuição ao aumento da eficácia organizacional.

Tendo em vista que os estudos sobre empresas familiares se concentram basicamente em dois segmentos – o primeiro representado pelos estudos de uma perspectiva gerencial e o segundo balizado pela perspectiva das ciências sociais e humanas – vale dizer que o presente trabalho se identifica mais claramente com o viés gerencial, sem desprezar, no entanto, as contribuições advindas de outros campos de conhecimento.

O escopo da pesquisa

As empresas familiares são maioria em todo o mundo, chegando a representar cerca de 90%¹ do total das empresas instaladas (AVELAR, 1998). Entre as 300 maiores empresas do Brasil estão 280 familiares que, juntas, representam um patrimônio da ordem de US\$ 46 bilhões. A globalização da economia e a abertura de mercado intensificaram a concorrência direta com as empresas estrangeiras, o que tem feito com que a gestão assuma importância crescente no desempenho dessas organizações, pois já não bastam mais somente o pioneirismo e a tradição no mercado para garantir o sucesso (ROCHA, 1998).

Convém ressaltar ainda que, no país, de cada 100 empresas familiares, 30 permanecem na segunda geração e apenas 5% chegam à terceira geração (AVELAR, 1998). Segundo BERNHOEFT (1998), o capitalismo brasileiro está exigindo, nessa virada de milênio, empresas familiares mais capitalizadas e administradas por profissionais preparados, o que sugere a implementação de processos de profissionalização da gestão. GALBRAITH (1983:64) entende o processo de profissionalização da gestão como algo inexorável já que "... as empresas tendem a evoluir no sentido de substituir o empresário, como força direcional da organização, pela administração, essa uma entidade coletiva e imperfeitamente definida, nos moldes do modelo burocrático".

A profissionalização, assim, pode ser entendida como a evolução do processo de gestão empresarial, sempre no intuito de tornar a organização mais eficaz. Em paralelo a essas mudanças, muitas empresas fizeram alterações radicais em seu processo de produção, modernizando-se tecnologicamente e adotando novas formas de organização do trabalho, compatíveis com as necessidades de qualidade, custo e flexibilidade exigidas pelo mercado.

Dessa forma, parte das empresas familiares teve que conviver ao mesmo tempo com alguns desafios significativos: profissionalizar a gestão, investir em tecnologia e implementar definitivamente novas formas de organização do trabalho, em consonância com o processo de *reestruturação produtiva* que vem ocorrendo mundialmente.

A pesquisa aqui proposta é norteada pela seguinte questão: *de que forma o processo de profissionalização da gestão contribui para o aumento da eficácia organizacional das empresas familiares, num contexto de modernização tecnológica, reestruturação produtiva e abertura de mercado?*

O setor têxtil se presta a esse tipo de investigação, pois foi um dos mais afetados por esse processo. A abertura da economia permitiu que países como

Coréia do Sul, Taiwan, Hong Kong, Indonésia, Tailândia, Índia e Paquistão, entre outros, pudessem mostrar seu poder competitivo em nosso mercado, acenando com um novo padrão de concorrência, baseado não apenas em preços, mas também em qualidade, flexibilidade e diferenciação de produtos.

Metodologia

O tipo de pesquisa é qualitativo, caracterizando-se, fundamentalmente, de acordo com GODOY (1995:62), por ter "...o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental", que procura compreender os fatos sob uma perspectiva dinâmica no contexto em que eles ocorrem.

No caso específico, buscamos o entendimento do processo de profissionalização da gestão e suas relações com acontecimentos pertinentes ao ambiente interno e externo às organizações e, para tal, recorreremos a uma abordagem descritiva e analítica. O estudo de caso foi a estratégia escolhida e compuseram o universo da pesquisa as empresas familiares que passaram por processo de profissionalização de sua gestão recentemente em função da necessidade de se adaptar às novas condições competitivas. Mais especificamente, o estudo se refere àquelas empresas que, após a abertura da economia, investiram em tecnologia e implementaram novas formas de organização do trabalho.

A amostra foi uma empresa de grande porte (de acordo tanto com o critério de número de empregados quanto de faturamento anual) de Minas Gerais que se enquadrou dentro das características acima. O setor têxtil foi o escolhido, pois, além de esse ser composto, quase na sua totalidade, por organizações familiares, foi particularmente afetado pela concorrência de companhias estrangeiras.

A coleta de dados foi realizada basicamente através dos seguintes procedimentos:

- a) Pesquisa de campo – com entrevistas semi-estruturadas, posto que conduzidas por meio de um roteiro orientador com tópicos e questões divididas em vários blocos temáticos, que variaram de acordo com os níveis organizacionais e/ou os papéis desempenhados pelos entrevistados na empresa. Foram realizadas 38 entrevistas, entre os meses de setembro de 1999 e fevereiro de 2000, no Escritório Central e em duas das três fábricas pertencentes à empresa; e b) Pesquisa documental, com análise de dados secundários obtidos na organização tais como relatórios, memorandos, jornais internos e na *internet*, no *site* da organização pesquisada.

O contexto de mudança: a reestruturação produtiva

Tal como o processo de inovação tecnológica, o processo de inovação organizacional irrompe definitivamente no Brasil a partir do início dos anos 90, embora suas raízes remontem ao final dos anos 70, quando entra em crise o modelo de substituição de importações sob o qual se estruturou a fase anterior de desenvolvimento.

No Brasil dos anos 80, esse processo é caracterizado pela adoção de Círculos de Controle de Qualidade – CCQ's – e de novas formas de organização do trabalho baseadas, sobretudo, nas técnicas japonesas de *Total Quality Control* – TCQ – (Controle de Qualidade Total) de forma parcial, sem que as empresas se preocupassem em alterar, de modo significativo, as formas de organização do trabalho (LEITE, 1994).

Somente a partir dos anos 90, o processo de *reestruturação produtiva* se instala de maneira efetiva no Brasil. A partir daí, a busca por maior qualidade e produtividade se traduz na adoção de estratégias integradas que visavam novas formas de gestão da mão-de-obra. No interior das empresas, esses esforços, resultado de decisão da direção, se articularam de forma mais integrada a partir da introdução de algum tipo de “Programa de Qualidade Total” (LEITE, 1994). As mudanças que têm sido observadas são, em síntese, as seguintes:

Em relação ao processo de produção, NEVES (1999:331) afirma que “...o trabalho não mais se organiza na interface do operador/máquina/posto de trabalho, onde tempos e movimentos são programados e controlados”. Ainda segundo NEVES (1999:331), “tenta-se, de toda maneira, a eliminação dos *tempos mortos* (tempo de preparação das máquinas, regulagem, limpeza, manutenção, panes), buscando-se o máximo de produtividade”. O operário é chamado a intervir e participar de maneira mais ativa dentro do processo de produção, opinando e contribuindo com dados para a maximização do uso das máquinas.

Em relação à estrutura, a necessidade de agilizar processos e decisões aponta para uma administração mais descentralizada e menos hierarquizada. A tendência é de maior focalização, com a terceirização de setores considerados não essenciais. O movimento consiste, também, na tentativa de concentrar os esforços da empresa na fabricação de produtos nos quais detém vantagens competitivas, externalizando a produção dos demais componentes necessários à confecção do produto final e gerando, via de regra, redes de subcontratação com as empresas, das quais passa a comprar os produtos que antes produzia (LEITE, 1994).

Em relação à gestão, observam-se transformações significativas, no sentido

de maior investimento no treinamento, formação, qualificação e estabilização da mão-de-obra, além da adoção de novos mecanismos de controle. Este último se faria mais por meio da adesão e internalização das regras, do que via imposição concreta de ordens e proibições. Paralelamente, um certo estímulo à competição no interior da empresa, a possibilidade de carreira e a valorização da capacidade de adaptação atuariam como mecanismos complementares de administração da mão-de-obra (LIMA, 1995). Nesse contexto, o papel gerencial tende a perder o caráter autoritário. O chefe passa a ter como papel principal a função de tradutor das regras da organização para seus subordinados. Seu papel é mais de motivador e facilitador do que de comandante, evitando conflitos e criando um clima harmônico que permita a participação e o surgimento de um espírito de equipe, sempre voltado para a tarefa.

Por fim, no tocante às relações industriais, a política é de tentativa de criação de uma relação indivíduo/empresa, estabelecendo-se medidas para individualizar as reivindicações. O objetivo é o de afastar os trabalhadores dos sindicatos, que passam a ser encarados como indesejáveis e desnecessários. Ainda em relação a esse aspecto, algumas empresas optaram por uma estratégia de cooptação ou *parceria* com o sindicato.

O sucesso ou não dessas políticas tem sido razão direta da capacidade da empresa em mobilizar a subjetividade dos trabalhadores, criando fortes laços de identidade entre esses e a empresa, objetivo maior das estratégias de Gestão de Recursos Humanos dessas organizações (NEVES, 1999). O tipo de gestão adotado pela empresa que procura adotar essas políticas também influencia o sucesso de sua implementação. No nosso caso, o foco recaiu sobre as empresas familiares.

As empresas familiares

Definir o que é uma empresa familiar parece, à primeira vista, uma tarefa simples. Entretanto, quando nos deparamos com a literatura a respeito do assunto, observamos alguns pontos de divergência entre os autores. Um conceito bastante adotado e já clássico é o de DONNELLEY (1967), que define como familiar a empresa que conserva o vínculo com uma mesma família durante, pelo menos, duas gerações e na qual a relação empresa/família exerce influência tanto sobre as diretrizes empresariais quanto sobre os interesses e objetivos da família. DAILEY et al. (1977:784) classificam como empresa familiar aquela na qual o vínculo com a família exista há pelo menos uma geração mediante uma relação dinâmica entre os membros da família e os executivos da empresa, de forma a exercer forte influência sobre

a política da empresa. Para BARRY (1978), o controle acionário da empresa, por uma única família, é considerado a condição principal para que uma empresa seja definida como familiar, seja ela de capital fechado ou aberto. LODI (1986) resgata o conceito de DONNELLEY, quando afirma que o que define uma empresa como familiar é a influência recíproca entre a família e a firma. OLIVEIRA (1999:18) reforça esse conceito quando afirma que "...a empresa familiar caracteriza-se pela sucessão do poder decisório de maneira hereditária a partir de uma ou mais famílias".

Segundo GAJ (1990:192), é comum confundir-se empresas de capital fechado com empresas familiares. No entanto, esse autor, assim como BARRY, considera que elas também podem ser de capital aberto. GRACIOSO (1998b) alerta para o fato de que a propriedade não é suficiente para definir empresa familiar, sendo necessária também a existência de uma estrutura gerencial na qual a maioria dos cargos-chave é preenchida por membros da família proprietária, sendo corroborado por GALLO e LACUEVA (1983) que reforçam esse ponto de vista usando como parâmetro o controle acionário-administrativo da empresa, classificando como familiares as empresas em que trabalham duas ou mais gerações de uma mesma família, que, além de sócia majoritária, detêm a maior parte das responsabilidades da alta direção. Segundo LANZANA e COSTANZI (1999:33), "um critério mais adequado se encontra na relação entre propriedade e controle (...). Pode-se definir empresa familiar tradicional como aquela em que um ou mais membros de uma família exerce(m) considerável controle administrativo sobre a empresa..." Esse é o conceito adotado pelo presente trabalho, na medida em que contempla muito das idéias dos que o precederam.

A profissionalização da gestão das empresas familiares

Ainda que nos dias atuais seja corriqueiro nos depararmos com o termo *profissionalização*, inclusive em publicações não específicas da área de negócios e administração, faz-se necessário defini-lo mais precisamente.

Para LODI (1986:25), em termos mais amplos,

"profissionalização é o processo pelo qual uma organização familiar ou tradicional assume práticas administrativas mais racionais, modernas e menos personalizadas; é a adoção de um determinado código ou de conduta num grupo de trabalhadores; é a substituição de métodos intuitivos por métodos impessoais e racionais; é a substituição de formas de contratação de trabalho arcaicas ou patriarcais por formas assalariadas".

No âmbito da gestão organizacional, mais especificamente, a profissionalização pode ser entendida como um processo de evolução em direção a um nível maior de formalidade, que pode ser traduzida em termos do desenvolvimento da estrutura organizacional. O conceito de empresa profissionalizada, em muitos pontos, se assemelha ao de organização burocrática, descrita por WEBER² (1982), sobretudo nos seguintes aspectos: a prevalência do poder do administrador profissional sobre o administrador patrimonial³; o predomínio da racionalidade funcional⁴; a delimitação da autoridade e sua distribuição de forma estável; a exigência de qualificação para o emprego das pessoas; e a maior formalização e documentação das ações administrativas.

Todavia, de acordo com BERNHOEFT (1989:19), “...ao falarmos em profissionalização da empresa familiar é importante considerar que ela não se refere, exclusivamente, aos aspectos organizacionais”, já que a mudança na estrutura deverá, obrigatoriamente, ser precedida pela conscientização, daqueles que detêm a propriedade e o poder, da necessidade imperativa da separação entre a família, a propriedade e a gestão. É importante salientar aqui que profissionalização da gestão não é sinônimo de afastamento de todos os membros da família da direção da empresa e sim de prevalência do critério da vocação e da competência entre os administradores escolhidos para gerir o negócio.

Caracterização da empresa pesquisa

Fundada há mais de 100 anos, em uma cidade próxima à região de Belo Horizonte (MG), a organização pesquisada, denominada Companhia de Tecidos Alfa⁵, é uma Sociedade Anônima, administrada com poderes e atribuições definidas por lei e pelo estatuto social. Seu Conselho de Administração é composto de quatro conselheiros. A Diretoria Executiva é formada por cinco membros: um Diretor-Superintendente, um Diretor-Presidente, um Diretor Industrial, um Diretor Comercial e um Diretor Administrativo-Financeiro (as três primeiras posições são, atualmente, ocupadas por membros da família proprietária da empresa e, as outras duas, por executivos contratados do mercado).

A Alfa é uma indústria integrada, posto que atua da fiação à estamparia e está posicionada entre as maiores empresas do setor no Brasil e em Minas Gerais. Sua produção destina-se quase que exclusivamente ao mercado interno (principalmente São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Pernambuco e Ceará) e atinge cerca de 15.000 ton./ano.

Pode-se dizer que, do começo do século passado ao início da década de 90, a empresa experimentou grande prosperidade, reinvestindo seus lucros sempre na modernização tecnológica e na aquisição e incorporação de outras unidades fabris. Com relação à facilidade de colocação de seus produtos no mercado interno nesse período, um dos assessores da empresa lembra que "...a empresa não precisava de se preocupar em vender, ela era comprada, a nossa produção era sempre vendida com três meses de antecedência".

No início da década de 90, a empresa passa a vivenciar uma nova fase, caracterizada por mudanças significativas no ambiente competitivo, causadas pela globalização e conseqüente abertura da economia engendrada pelo governo Collor. A Alfa, a partir desse estímulo, começou a repensar sua estratégia de crescimento, baseada até então na expansão de sua produção via aquisição de outras fábricas, ingressando numa nova fase em sua história, caracterizada por uma busca de maior competitividade. A questão administrativa ganha uma outra relevância e os esforços são direcionados no sentido da modernização e profissionalização da organização. Embora tenham acontecido em paralelo e sejam complementares, inicialmente trataremos separadamente de cada um desses processos.

A modernização da Alfa

O processo de modernização inicia-se com a percepção pela direção da empresa de que essa representava uma questão de sobrevivência para a organização. Embora ainda em curso, pode-se afirmar que as mudanças mais agudas aconteceram de 1993 a 1998. Em paralelo às transformações na estrutura administrativa, investimentos foram feitos na compra de novos equipamentos, nas mudanças no processo de organização do trabalho nas fábricas e na gestão como um todo. Tais modificações se assemelham ao processo de reestruturação produtiva já descrito no referencial teórico deste trabalho.

Em relação à estrutura, a empresa procurou efetivamente reduzir o número de gerentes, coordenadores, supervisores, chefias e encarregados, sobretudo nas áreas de apoio, aglutinando e extinguindo funções. O objetivo, além, naturalmente, de reduzir custos, foi dar mais agilidade ao processo decisório e aproximar mais os níveis de direção da empresa dos níveis operacionais.

No nível das gerências intermediárias, em consonância com o modelo de *administração participativa* adotado pela empresa, outras mudanças foram engendradas, basicamente no sentido de incentivar a adoção de atitudes mais *democráticas* em relação aos trabalhadores, baseadas, conforme relata um dos gerentes

da organização, “...numa nova relação com o empregado, na valorização de sua contribuição e no incentivo à sua participação”.

Em relação aos investimentos em novos equipamentos, segundo estimativa de um dos diretores da empresa, foram gastos, no período de 1989 a 1999, cerca de R\$ 140 milhões, a maior parte desse montante na importação de máquinas. A empresa valeu-se de um empréstimo de perfil longo, contraído junto ao BNDES, para fazer frente a essas despesas. Principalmente nos setores de fiação e tecelagem, esses novos equipamentos, dotados de tecnologia de base microeletrônica, possibilitaram uma melhoria de qualidade do produto e um considerável aumento da produtividade, em grande parte pela eliminação de postos de trabalho. Esse fato reflete uma tendência do segmento, como um todo, de tornar-se cada vez mais intensivo em capital.

Em relação às mudanças no processo e organização do trabalho nas fábricas, essas podem ser apontadas, juntamente com o processo de automação, da qual é causa e consequência, pelas transformações quantitativas e qualitativas observadas no quadro funcional da Alfa nos últimos anos. No período, de 1990 a 1999, a empresa reduziu seu efetivo de cerca de 4.200 para em torno de 1.500 funcionários. Mesmo considerando que parte dessa diminuição se explica pelo fechamento de duas unidades fabris, pela terceirização de alguns serviços como limpeza, portaria, folha de pagamento, controle de ponto etc., a redução foi bastante significativa.

Tendo como metas centrais a redução de custos, a melhoria da qualidade e maior flexibilidade na linha de produção, a empresa optou pela adoção de um programa de “Gestão pela Qualidade Total”. Um dos desafios maiores foi mudar a concepção de eficácia produtiva nas fábricas: “...nossa estrutura aqui, assim como toda indústria têxtil, tinha uma característica muito especial voltada para a eficiência de máquina, eles não se preocupavam muito com qualidade.” (Coordenador).

Inicialmente, foram estabelecidos grupos participativos como estratégia de implantação do novo modelo de gestão. Os CCQ's e grupos de melhoria contínua em geral teriam três funções principais: disseminar os novos métodos de trabalho da empresa baseada na *filosofia da Qualidade Total*; treinar os trabalhadores nas *ferramentas da Qualidade*⁶ e estudar efetivamente os problemas na linha de produção, propondo soluções aplicáveis e que gerassem ganho para a organização.

Entre os grupos participativos se destaca o *Kaisen*, dentro da concepção da Alfa, uma técnica de intervenção rápida, focada e relativamente radical realizada nos setores da empresa. Por buscar a máxima otimização da mão-de-obra, essa técnica é vista com desconfiança por alguns operários, pelo aceleração do ritmo

de trabalho e conseqüente redução do número de empregos que gera, conforme exemplifica um Operador de Máquina: "...antes eram cinco emendadores, cinco operadores, hoje tem só dois e um ajudando, tem até uma brincadeira aí em cima que o *kaisen é sai cem* (risos)...". No entanto, pode-se dizer que graças a um bom trabalho de *conscientização* dos trabalhadores, levado a cabo pela Alfa, o grau de adesão aos objetivos organizacionais, mormente os ligados à implantação da Qualidade Total, pode ser atestado por um discurso quase uníssono de exaltação à *filosofia do kaisen*, como comprova a maior parte dos depoimentos dos operários da empresa, que enxergam a participação como uma oportunidade de aprendizagem. Essa idéia do trabalho qualificante é reforçada pelo investimento na empresa no treinamento de seus trabalhadores. Uma das principais metas do treinamento é implantar a multifuncionalidade em todos os postos de trabalho. Em algumas áreas, isso já é uma realidade, conforme observado durante a realização da pesquisa.

No que diz respeito às relações industriais, pode-se afirmar maior qualificação do trabalhador da Alfa, contudo, não tem se traduzido em ganhos reais de salário ou em maiores conquistas por parte de seus operários, o que se explica, em grande parte, pelo enfraquecimento do poder reivindicatório do sindicato da categoria. Tal fato, embora encontre correspondência numa certa crise do movimento sindical em nível mundial⁷, que se traduz num desequilíbrio de forças entre capital e trabalho, tem outros agravantes se analisarmos a situação brasileira e, mais particularmente, o caso dos tecelões.

À queda de número de afiliados, causada pela perda de postos de trabalho no setor têxtil, somam-se o recrudescimento das taxas de desemprego no país nos últimos anos e uma certa crise de lideranças sindicais como principais fatores explicativos para a perda de terreno do Sindicato dos Tecelões. O deslocamento de unidades fabris de algumas empresas têxteis para locais historicamente menos industrializados, mais pobres e menos politizados, tem agravado esse quadro, o que tem facilitado o trabalho de relações industriais para a empresa.

Em relação à gestão, com o intuito de reforçar o comprometimento dos funcionários, a Alfa tem feito mudanças em suas Políticas de Recursos Humanos, o que inclui, além dos aspectos já citados anteriormente, uma mudança de enfoque em relação ao papel dessa área na empresa. As áreas de Recursos Humanos e de Qualidade da empresa foram fundidas, com o intuito, a médio prazo, segundo os gestores da empresa, de vincular desempenho (de acordo com os indicadores de qualidade e produtividade grupais) à remuneração. Isso fez com que houvesse uma mudança do perfil dos gestores de Recursos Humanos da empresa. Em uma das unidades, por exemplo, essa função, tradicionalmente ocupada por um profissional

de formação superior (geralmente psicólogo), hoje é exercida por uma funcionária oriunda da área de produção, no entanto, com livre trânsito e popularidade entre os operários.

Essas modificações visaram incrementar ainda mais os níveis de produtividade: no primeiro caso, aumentando o controle do grupo sobre o desempenho individual (papel antes exercido pelos chefes) e, no segundo, aproximando a direção da empresa dos trabalhadores, facilitando a comunicação, antecipando problemas de Administração de Recursos Humanos e buscando conquistar a cooperação e a cumplicidade operária com os objetivos organizacionais, através da utilização de pessoas dotadas, já anteriormente, de certa liderança, aceitas e julgadas como *confiáveis* pelo grupo.

Essa tentativa de controle da subjetividade operária, representada pela modernização da gestão, traz no seu bojo, entre outras coisas, a sofisticação das Políticas de Recursos Humanos que se traduziu, no âmbito da empresa pesquisada, em um eficiente instrumento de modelagem do comportamento dos trabalhadores. Isso se evidencia pela satisfação dos diretores da empresa com os resultados alcançados e com o grau de conformismo observado entre os operários, apesar de esses terem tido mais perdas que ganhos com as modificações introduzidas (aumento do nível de exigência de desempenho e disciplina, aceleração do ritmo de trabalho, perda da capacidade de mobilização, perdas salariais, dentre outras).

A modernização do processo de gestão contribuiu para que a empresa interrompesse uma seqüência de três anos de prejuízos seguidos e conseguisse a certificação na ISO 9002⁸ em processos específicos nas suas três unidades fabris e em seu Escritório Central. Em paralelo a essas mudanças, a empresa iniciou, e a ele deu prosseguimento, o processo de profissionalização de sua gestão, que será descrito e analisado em seguida.

A profissionalização da Alfa

Vivenciando, hoje, o início da transição da quarta para a quinta geração de dirigentes, a Alfa profissionalizou sua gestão para fazer frente às mudanças no ambiente competitivo. Para melhor compreender esse processo, baseamo-nos no referencial teórico anteriormente desenvolvido para extrairmos as dimensões mais usualmente utilizadas pelos autores para o entendimento da profissionalização. Essas dimensões são: a relação entre a família e empresa, o processo sucessório e o padrão de racionalidade administrativa. Embora relacionadas, optamos por tratá-las separadamente num primeiro momento.

No tocante à relação entre a família e a empresa, pode-se dizer que diferentemente da grande maioria das empresas familiares, em que os embates resultantes da disputa de poder acabam por minar a organização, levando até à extinção do negócio, os dirigentes da empresa estudada sempre souberam evitar conflitos mais graves que pusessem em risco a companhia.

As estratégias de preservação da empresa se materializaram ao longo do tempo em regras, por vezes, tácitas, por vezes explícitas de convivência entre os ramos da família proprietários da companhia. Segundo um dos diretores familiares da empresa, até recentemente cada um desses grupos, mais representativos em termos de participação acionária, tinha o direito de indicar um membro para a Diretoria Executiva da organização.

Embora também se possa atribuir a separação entre as esferas familiar e empresarial na Alfa a outros fatores, como, por exemplo, o tipo de relacionamento, as crenças, os valores, o tipo de educação etc. que identificam os diferentes padrões de configuração familiar e que predis põem a uma maior afetividade ou animosidade entre seus membros, a habilidade política sempre foi uma competência demandada entre os diretores da empresa, por vezes, tão ou mais importante que os conhecimentos específicos a respeito da gestão do negócio. Dentro da empresa, hoje, a tarefa de coordenação política é formalmente atribuída pelos estatutos da organização ao Diretor-Presidente. Esse papel é exercido, segundo um dos diretores familiares da Alfa, buscando-se agregar todos os grupos familiares representativos dentro do capital da empresa, seja mantendo-os informados do que está sendo feito na organização, função também exercida pelo Conselho de Administração, através da Relação com Investidores (só que de maneira oficial), seja para acomodar pessoas no Conselho Consultivo da empresa. Esse Conselho foi criado exatamente para facilitar esse processo de articulação política, vindo em substituição ao antigo acordo de contemplar os ramos mais expressivos da família em termos de capital com um cargo na Diretoria. Na prática, um membro do Conselho Consultivo recebe um salário da empresa, não participando, entretanto, de sua gestão. Dessa forma, a direção da empresa conta com uma proteção que lhe confere autonomia para administrar a organização relativamente livre da ingerência do meio familiar.

Em relação ao processo sucessório, pode-se dizer que a Diretoria da Alfa optou por iniciar sua profissionalização a partir de modificações nos princípios de ingresso em seu quadro diretivo, antes regido pelo critério da consangüinidade e da partilha de poder entre os grupos familiares mais representativos, conforme já exposto.

O processo de profissionalização da Alfa se iniciou em 1993, quando as mudanças feitas na estrutura administrativa na empresa redundaram no deslocamento de todos os diretores da empresa na época (à exceção dos atuais Diretor-Superintendente e Diretor-Presidente) para o Conselho de Administração, conforme lembra um desses executivos remanescentes: “Nesta época, nós fizemos uma modificação na companhia na parte de administração e daí nós resolvemos aos poucos tirar a família da gestão e profissionalizar a empresa” (Diretor). A estrutura só foi recomposta a partir da contratação de dois executivos do mercado para a Diretoria Comercial e para a Diretoria Administrativo-Financeira e pela ascensão à Diretoria Industrial de um membro da quinta geração da família, filho de um dos ex-diretores da empresa, primeiro sucessor familiar conscientemente preparado para assumir uma posição de comando. Esse preparo incluiu duas pós-graduações (uma delas no exterior, em Administração e Tecnologia Têxtil), estágio em várias áreas da empresa, ocupação de cargos gerenciais e liderança de projetos importantes para a organização.

Se em relação à Diretoria da empresa nota-se um efetivo esforço na adoção de procedimentos identificados com uma administração profissional, o mesmo não é possível afirmar em relação ao Conselho Administrativo da empresa. Presidido hoje pelo Diretor-Presidente da empresa e composto por mais três ex-diretores da organização, a atuação do Conselho Administrativo da Alfa é revestida de um caráter de informalidade que prejudica a implementação de uma postura mais atuante na definição de estratégias, aprovação de investimentos e cobrança de resultados, entre outras coisas.

Todos os membros do Conselho de Administração contam com salas no Escritório Central da empresa e praticamente cumprem expediente diário, acompanhando o dia-a-dia da gestão, através de um livre e constante acesso às salas dos diretores e outros funcionários da companhia. O Conselho acaba funcionando como uma espécie de alternativa ocupacional para os ex-diretores da Alfa, não sendo aproveitado em seu potencial como estância de aperfeiçoamento da gestão, conforme narra um dos executivos não-familiares da empresa:

“... aqui na Alfa, o Conselho ainda é 100% da família e permanece dentro da empresa. É muito difícil você ter formalidade num ambiente que você se vê todo dia, você discute os assuntos todo dia, você pergunta na hora que está tomando café. Isso é impossível, não pode existir (...) não há cobrança, as reuniões são meramente informativas” (Diretor).

Em relação ao padrão de racionalidade administrativa, a Alfa tem se empenhado, nos últimos anos, no sentido de substituir suas práticas organizacionais, mais identificadas com um modelo de autoridade *tradicional*, por um sistema mais próximo do modelo *racional-legal*, em direção à maior burocratização (dentro do conceito *weberiano*). Para descrever esse processo nos valem de alguns indicadores que caracterizam o modelo burocrático, que serão enumerados e confrontados com a situação da Alfa:

- a) a prevalência de critérios de competência para ocupação de funções (meritocracia) – O fato de tradicionalmente só membros da família ocuparem as posições na Diretoria da empresa impediu que as pessoas que se destacavam em outras posições gerências na organização tivessem maiores aspirações de crescimento, causando, em alguns casos, a perda de bons profissionais para o mercado. A entrada de profissionais não pertencentes à família na Diretoria Executiva da companhia significou, para esses funcionários, a possibilidade de ocupação, no futuro, de cargos mais estratégicos na empresa, traduzindo-se em fator de motivação para esses.

No caso de promoções, a empresa tem buscado utilizar-se de critérios objetivos para definir o melhor ocupante para o cargo, seja através de aplicação de testes seja valendo-se de informações sobre o desempenho e as metas alcançados pelos funcionários, apesar de um sistema formal de Avaliação de Desempenho ainda estar sendo desenvolvido.

Com isso, a Alfa tem procurado dar transparência a seus critérios de seleção interna buscando minimizar favorecimentos e *apadrinhamentos* típicos de um modelo paternalista de gestão, caracterizado pelo desenvolvimento da devoção às pessoas em detrimento da lealdade à organização, representada pelos cargos dentro da cadeia de comando hierárquica. Isso é acompanhado pela substituição, no recrutamento externo, de uma das práticas mais tradicionais da Alfa, que consistia em dar preferência a candidatos que tivessem parentes já trabalhando na empresa pela prevalência de critérios puramente técnicos de escolha.

- b) um maior controle, formalização e documentação dos processos e ações administrativas – Um dos diretores não-familiares da Alfa, comparando a empresa com as outras organizações de grande porte nas quais trabalhou, vê nesse ponto uma das maiores fragilidades da companhia. A informalidade, uma característica por vezes ressaltada como positiva pelo gestores da empresa, manifesta-se sobretudo na pouca documentação dos processos e ações administrativas, situação que é explicada por DAVEL e COLBARI (2000:56) da seguinte forma:

“...o vínculo a uma família cria um clima organizacional e uma cultura que legitima certas formas organizacionais e hábitos gerenciais, válidos mais pela sua origem do que simplesmente pela sua funcionalidade e racionalidade empresarial. Produz-se então uma tensão constante entre estabilidade e mudança...”

Isso implica a dificuldade do estabelecimento de sistemas mais formais e acurados de planejamento e acompanhamento dos resultados organizacionais, situação que a organização tem procurado reverter. Segundo um dos diretores da Alfa, “estão sendo criados itens de controle não só para as áreas operacionais, mas também para a diretoria”. De acordo com esse executivo não-familiar,

“...a empresa ainda é muito carente de processos, normalizações e procedimentos, o que impede que o processo de profissionalização da empresa esteja concluído, já que esse só estará consolidado quando estiverem implantados todos os mecanismos que tornem os processos e procedimentos mais fortes que o poder” (Diretor),

ou seja, quanto prevalecer o modelo burocrático de gestão no interior da organização.

- c) a delimitação mais clara da autoridade e sua distribuição de forma estável. – Nesse aspecto, embora a empresa venha empreendendo esforços no sentido de não estabelecer diferenças entre os gestores contratados e os familiares, ainda se percebem heranças de períodos anteriores ao início do processo de profissionalização da Alfa, quando, pelo fato de os gestores também serem proprietários da empresa, seus poderes ultrapassavam a fronteira delimitada pela amplitude de seus cargos.

Um dos diretores não-familiares da empresa atesta esse fato, quando se refere a ingerências cometidas em sua área de atuação: “...muitas vezes é um pedido, uma palavra, vinda de alguém mais influente”. Não obstante haja, até certo ponto, uma negação em relação a esse aspecto, o que em tese dificultaria que fosse combatido, existe uma intenção da Diretoria da empresa em legitimar os executivos não-familiares da organização. Pode-se afirmar que o principal foco de resistência nesse sentido são os membros do Conselho de Administração que, conforme explica um dos gestores não-familiares, “...de maneira informal e despreziosa insis-

tem em opinar no dia-a-dia da empresa, valendo-se, em última instância, de sua condição de proprietários para exercer influência direta sobre os funcionários” (Diretor).

- d) a preponderância do papel e o do cargo sobre a personalidade. – Esse aspecto, muito ligado ao anterior, na Alfa se evidencia numa situação verificada na Diretoria Executiva da empresa. O cargo de Diretor-Presidente, diferentemente das funções executivas que se poderia supor seriam suas atribuições, foi desenhado a partir dos conhecimentos e habilidades de seu atual ocupante, numa inversão de valores se considerarmos o que reza o modelo burocrático. Quando a empresa iniciou as mudanças, que culminaram no início de sua profissionalização, a idéia era manter a Diretoria Executiva com quatro componentes, como funcionava até então. No entanto, devido a sua experiência, habilidade e aceitação por todos os ramos familiares, o atual Diretor-Presidente foi mantido na função, sendo criado o cargo de Diretor-Superintendente para efetivamente ocupar a função de executivo número um da empresa. O Diretor-Presidente, hoje na Alfa, se ocupa das atribuições com as quais mais se identifica profissionalmente que são a coordenação da assessoria jurídica da empresa, o planejamento tributário e, como já mostrado anteriormente, a mediação política entre os grupos familiares detentores do controle acionário da organização.

À luz do conceito de profissionalização, pode-se questionar esse posicionamento da empresa, porém tem sido inegável a importância desse elemento de harmonização entre os interesses organizacionais e familiares nas mudanças ocorridas na Alfa. Pode-se até afirmar que, sem a existência dessa liderança, a organização não teria conseguido empreender as transformações que implementou em seu modelo de gestão. A liderança desse familiar tem sido consolidada por uma imagem de integridade e de interesse na manutenção da sobrevivência da empresa, sendo balizada por uma estratégia de negociação e consenso, calcada numa habilidade política pessoal e inata. Esse fato pode nos levar a discutir se o processo de mudança da Alfa estaria apoiado sob uma base subjetiva, contrastante com a própria lógica de racionalidade administrativa que tem se buscado implementar.

Entretanto, apesar da necessidade de mudança ser apontada pelo mercado, dificilmente ela ocorreria se não encontrasse ressonância sob a forma de iniciativa no interior da organização. Nesse sentido, pode-se dizer que a transformação é gerada de dentro para fora, nascendo da visão de um ou mais membros da família que, dotados de poder, influência e maior capacidade de leitura das tendências do

ambiente, rompem com o modelo de administração familiar tradicional do qual fazem parte e se colocam a serviço da profissionalização.

Mesmo que alguns gestores considerem esse processo consolidado na Alfa, isso ainda não é uma realidade por completo na empresa, conforme foi visto, conquanto muitos avanços tenham sido feitos. Considerando que a modernização da organização ocorreu em paralelo a essas transformações, cabe analisar a relação entre esses dois processos

As relações entre a modernização e a profissionalização na Alfa

A resposta da Alfa aos desafios representados pelo ambiente se deu, conforme o relatado, em duas frentes concorrentes, porém focadas em níveis organizacionais diferentes. Enquanto a modernização tecnológica e a *reestruturação produtiva* se refletiram mais incisivamente sobre a rotina operacional, o processo de profissionalização se concentrou mais diretamente nos níveis mais elevados da gestão da organização, o que em parte é explicado pela própria natureza das duas transformações e em parte pelo fato de a Alfa não ter cultivado ao longo de sua existência o hábito de alocar familiares em funções não diretivas.

Isso fez com que, na pesquisa, a maioria dos trabalhadores demonstrasse praticamente ignorar o processo de profissionalização da empresa, referindo-se, sim, às mudanças inseridas em sua rotina pela inovação tecnológica e pelas transformações na organização do processo de trabalho, com destaque para a implantação da Qualidade Total. Não é possível indicar com exatidão onde se inicia um processo e termina outro. Pode-se, todavia, afirmar que com a profissionalização da gestão a empresa ganhou rapidez no processo decisório em nível estratégico, antes moroso, devido à busca de consenso entre todos os membros familiares da Diretoria, estratégia de evitação de conflitos adotada na preservação da unidade familiar.

Essa agilidade contribuiu para que a empresa respondesse com presteza ao acirramento da concorrência e aos desafios representados por essa nova contingência, reposicionando tempestivamente suas estratégias de Gestão de Recursos Humanos, Produção, Logística, *Marketing*, Finanças etc.

À necessidade de maior qualificação e comprometimento da mão-de-obra corresponderam o refinamento e maior sistematização dos processos de Gestão de Recursos Humanos (escolarização dos trabalhadores, grupos participativos, *endomarketing*, meritocracia, treinamento etc.). À necessidade de um novo posicionamento mercadológico corresponderam mudanças no processo manufatureiro no

intuito de conferir mais flexibilidade e agilidade à produção. À necessidade de equacionamento de preços, melhoria da qualidade do produto e do serviço ao cliente corresponderam mudanças na Gestão Financeira (maior controle de custos), na Produção (Qualidade Total, *Just in Time* etc.) e na Logística (agilização da entrega), que acabaram por se refletir em todos os sistemas e subsistemas organizacionais.

A admissão de executivos dotados de *expertise* em sua área de atuação oriundos do mercado para a Diretoria da empresa, que vieram somar-se a familiares mais bem preparados, fruto da profissionalização do processo sucessório, possibilitou à empresa aportar *Know-How* (o *Kaisen* foi trazido por um dos diretores contratados, por exemplo), o que antes só era possível através da utilização de consultorias externas.

A inovação irrompeu na empresa a partir da influência desse novo corpo diretivo que tomou atitudes ousadas se comparadas com a forma de administrar consagrada pela gestão familiar tradicional predominante, até então, na Alfa.

Um dos principais desafios que permanecem é a profissionalização do Conselho de Administração, situação complexa de ser operacionalizada, pois representa a superação de hábitos arraigados entre os ex-gestores familiares e atuais acionistas da empresa, e que, certamente, demandará muita negociação e, acreditamos, só será consumada efetivamente quando alguns dos atuais diretores ascenderem ao Conselho.

Ainda com relação à confluência da profissionalização e da modernização da empresa, é importante ressaltar que a necessidade de descrição e padronização de muitos dos processos organizacionais em função da certificação pela ISO veio ao encontro das iniciativas de sistematização do planejamento e controle desses mesmos processos, viabilizadas pela adoção de maior formalização e pragmatismo no trato das questões empresariais.

Pragmatismo esse necessário para que a empresa readequasse seu quadro funcional, através de um forte programa de enxugamento de pessoal, decisão menos complexa se tomada num ambiente profissionalizado, em que a objetividade e impessoalidade representada pelo trato técnico desse tipo de questão se sobrepõem à subjetividade e ao paternalismo, comuns na administração familiar tradicional, que tende a adiar ou evitar atitudes mais firmes e drásticas em relação a esse assunto.

Sendo assim, a profissionalização e a modernização da organização focalizada são processos imbricados e que se refletiram diretamente no aumento da eficácia e competitividade empresarial, de acordo com o que atestaram tanto trabalhado-

res como gestores da empresa, que vislumbram com entusiasmo, inclusive, as perspectivas futuras, que incluem a busca de atuação em outros mercados. Esse otimismo é resultado da sinergia entre os dois processos que, adotados de forma sincronizada na Alfa, se mostraram complementares.

Considerações finais

À indagação se a modernização seria possível sem a profissionalização e vice-versa responderíamos, tendo como parâmetro a investigação realizada, que seria difícil que a empresa estudada conseguisse se modernizar, no campo produtivo, sem abrir mão de algumas de suas práticas arcaicas de administração, sobretudo estando inserida em um nicho concorrencial da economia. Ao mesmo tempo, a modernização demandou, devido a sua própria natureza, maior competência administrativa, o que realimentou a profissionalização da gestão.

Profissionalização essa que poderia ser questionada em sua capacidade de conservação, já que não se encontra ainda totalmente estabelecida. Nesse caso, ela seria entendida, dentro de uma perspectiva sistêmica e contingencial, como um movimento episódico de adaptação do organismo empresarial às mudanças ambientais, adaptação passível de ser revertida, caso esse mesmo ambiente se configurasse diferentemente. Essa nos parece uma possibilidade pouco provável, pois a burocracia possui mecanismos de sustentação de tal forma incisivos que a preocupação maior deve ser mantê-la sob controle para que não comprometa a fluidez, a agilidade, a flexibilidade e a capacidade de inovação, atualmente tão solicitadas pelo mercado às organizações.

No entanto, conforme defendem os autores que se identificam com uma abordagem baseada no desenvolvimento⁹ das organizações, a burocratização, entendida aqui como uma manifestação do processo de profissionalização, seria não um fim, mas um meio, um estágio intermediário em direção a um estado de maturidade, em que a empresa assumiria uma conformação orgânica, descentralizada e diversificada. A organização *pós-moderna*, produto dessa evolução, se diferiria frontalmente da burocracia, caracterizando-se como um estágio superior de conformação organizacional distinguindo-se pela sua delegação, participação e comunicação intensiva baseada em redes de cooperação e dependência interna e externa, tal como *joint ventures*, alianças estratégicas, cadeias lineares etc.

Nesse sentido, o destino de toda empresa familiar seria a extinção ou o abandono da administração familiar tradicional, com a adoção de uma nova lógica organizacional e administrativa e a segregação das esferas familiar e organizacio-

nal, o que, embora confirme em parte as conclusões do presente estudo, seria, na nossa opinião, uma afirmação temerária dada à complexidade do tema, às inúmeras variáveis e nuances envolvidas e até à existência de outras pesquisas que apontam numa direção contrária.

A ausência de um consenso em relação a essas questões deve servir como um incentivo, instigando outras investigações a respeito das organizações familiares, posto que a perspectiva gerencial e empresarial necessita ser complementada por outras abordagens como a política, a histórica, a social, a psicológica, a econômica, entre outras, tendo em vista que nem todos os problemas enfrentados por esse tipo de empresa podem ser compreendidos e solucionados por meio de abordagens racionalistas/funcionalistas da administração.

Notas

¹ Segundo pesquisa realizada pela J.B. Lodi Consultoria, nos Estados Unidos, 96% das empresas que produzem 50% dos bens e serviços do país são familiares. Na Itália, o número de companhias familiares alcança 99% do total e na Suécia 90% (AVELAR, 1998). De acordo com GRZYBOWSKI e TEDESCO (2000), na economia argentina, as empresas familiares somam ao redor de um milhão e são responsáveis por 70% dos postos de trabalho. Na Alemanha, informa LETHBRIDGE (1997), as empresas familiares respondem por metade do faturamento e cerca de dois terços dos empregos do setor industrial. Na Grã-Bretanha, as empresas familiares representam 75% dos negócios e estima-se que sejam responsáveis por 50% dos empregos (COHN, 1991).

² WEBER enunciou o tipo ideal de burocracia a partir da observação de que as organizações, ao crescerem em tamanho e em complexidade, apresentavam a necessidade da divisão do trabalho e os conseqüentes problemas de coordenação advindos dessa divisão. Isso exigia novas e mais eficazes formas de controle, exercido em nome da legalidade e do poder fundado sobre regras estabelecidas racionalmente. Essas regras padronizariam a conduta humana e tornariam possíveis sua previsão e sua direção, dotando, em nível ampliado, a organização de calculabilidade, eficiência e estabilidade no tempo.

³ Aquele que deriva da propriedade sua fonte de poder (PEREIRA, 1974).

⁴ “Na racionalidade funcional não se aprecia propriamente a qualidade intrínseca das ações, mas seu maior ou menor concurso para atingir um fim preestabelecido” (RAMOS, 1983:39).

⁵ Nome fictício.

⁶ Referem-se a um conjunto de técnicas baseadas em escalas gráficas, acompanhamentos estatísticos e metodologias de geração de idéias em grupo utilizadas para solução de problemas. Ver mais em Brassard, M. *Qualidade: ferramentas para uma melhora contínua*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1995.

⁷ Ver mais em PEREIRA, A. F. Sindicalismo internacional: dilemas e propostas. In: NETO, A. M. C. e CARVALHO, R. A. A. (orgs.). *Sindicalismo e negociação coletiva nos anos 90*. Belo Horizonte: I.R.T. da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1998.

⁸ Conjunto de normas de Gestão da Qualidade, estabelecidas por uma entidade criada em 1946, com sede na Suíça, a International Organization for Standardization – ISO. As normas da série ISO 9000 asseguram a estabilidade e padronização do processo de produção para se obter a qualidade do produto. Ver mais em KANHOLM, J. ISO 9000 explicada. São Paulo: Pioneira, 1997.

⁹ A evolução das organizações, sob as abordagens baseadas no desenvolvimento, segundo DAVEL et al. (2000:101) "...se refere a um processo em progressão (ordenado e seqüenciado) de eventos em uma entidade organizada durante o tempo. O desenvolvimento, então, representa um processo de mudança progressivo, padronizado e previsível do menor e mais simples estágio para um outro maior e mais complexo".

Referências Bibliográficas

- ATTUCH, L. O começo da solução. In: *Revista de Economia do Estado de Minas*. Belo Horizonte, n. 10, p. 13-19, fev. 1999.
- AVELAR, A. *Os desafios das empresas familiares*. Estado de Minas, Belo Horizonte, 16 ago. 1998, Caderno de Economia p. 5.
- BARRY, B. O desenvolvimento da estrutura de organização na empresa familiar. In: *Revista do IDORT*, v. 551, n. 552, p. 18-30, jan./fev. 1978.
- BETHLEM, A. S. A empresa familiar: oportunidades de pesquisa. In: *Revista de Administração*, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 88-97, out./dez. 1994.
- BERNHOEFT, R. *O novo capitalismo empresarial brasileiro*. Gazeta Mercantil, São Paulo, 28 ago. 1998, p. 3.
- Empresa familiar: sucessão profissionalizada ou sobrevivência comprometida*. São Paulo: Nobel, 1989.
- COHN, M. *Passando a tocha: como conduzir e resolver problemas de sucessão familiar*. São Paulo: McGraw-Hill, 1991.
- DAILEY, R. C. et al. La empresa de familia en los E.E.U.U. *Revista Administración de Empresas*, v. 8, n. 93, dez., p. 783-9, 1997.
- DAVEL, E. e COLBARI, A. Organizações familiares: Por uma introdução a sua tradição, contemporaneidade e multidisciplinaridade. In: *Organizações & Sociedade*. Escola de Administração da UFBA, Salvador, v. 7, n. 18, mai./ago. 2000.
- DAVEL, E. et al. Desenvolvimento tridimensional das organizações familiares: avanços e desafios teóricos a partir de um estudo de caso. In: *Organizações & Sociedade*. Escola de Administração da UFBA, v. 7, n. 18, maio/ago. 2000.
- DONNELLEY, R. G. A Empresa familiar. In: *Revista de Administração de Empresas*. Rio de Janeiro, p. 161-98, jun. 1967.
- GAJ, L. *Tornando a administração estratégica possível*. São Paulo: McGraw-Hill, 1990.

- GALBRAITH, J. K. *O novo estado industrial*. São Paulo: Matheus Guazelli, 1983.
- GALLO, M. e LACUEVA, F. A crise estrutural nas empresas familiares: uma observação internacional do fenômeno. In: *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 15-21, jul./set. 1993.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 5-63, mar./abr. 1995.
- GRACIOSO, A. A saga das empresas familiares brasileiras. In: *Revista da ESPM*, p. 32-37, nov./dez. 1998.
- GRZYBOVSKI, D. e TEDESCO, C. Empresa Familiar x competitividade: tendências e racionalidades em conflito. In: *Revista da ISSN*, v. 1, n. 4, maio, 2000.
- LANZANA, A. e COSTANZI, R. As empresa familiares brasileiras diante do atual panorama econômico mundial. In: MARTINS, I. G. e MENEZES, P. L. e BERNHOEFT, R. (Org). *Empresas familiares brasileiras: perfil e perspectivas*. São Paulo: Negócio, 1999.
- LEITE, M. P. Reestruturação produtiva, novas tecnologias e novas formas de gestão da mão-de-obra. In: *O mundo de trabalho. crise e mudança do final do século*. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- LIMA, M. E. A. *Os equívocos da excelência: As novas formas de sedução na empresa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LETHBRIDGE, E. Tendências da empresa familiar no mundo. *Revista do BNDES*, Brasília, n. 7, 1997.
- LODI, J. B. *A Empresa familiar*. São Paulo: Pioneira, 1986.
- NEVES, M. A. Reestruturação produtiva e estratégias no mundo do trabalho: as consequências para os trabalhadores. In: NETO, A. M. C e CARVALHO R. A. (orgs.). *Sindicalismo e negociação coletiva nos anos 90*. Belo Horizonte: I.R.T. da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1998
- OLIVEIRA, D. P. R. *Empresa familiar: como fortalecer o empreendimento e otimizar o processo sucessório*. São Paulo: Atlas, 1999.
- PEREIRA, L. C. B. *Empresários e administradores no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1974.
- RAMOS, G. *A nova ciência da administração*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1981.
- ROCHA, A. *Empresas familiares são maioria no mundo*. Diário do Comércio, Belo Horizonte, 7 ago. 1998, p. 5.
- WEBER, M. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

Resumo

O texto aborda tendências recentes quanto à profissionalização da gestão de empresas familiares com base em estudo de caso de empresa têxtil de grande porte do estado de Minas Gerais. Enfoca o processo de profissionalização à luz dos desafios colocados pelo cenário de turbulência e pelas dificuldades enfrentadas pelas empresas brasileiras após a abertura da economia brasileira no início dos anos noventa. Analisa ainda as relações entre a profissionalização, de um lado, e de outro, a modernização tecnológica e da gestão de recursos humanos identificada com a reestruturação produtiva.

Palavras-chave: profissionalização, empresa familiar, reestruturação produtiva

Abstract

The text discusses recent trends in the management of familial companies taking into account the case of a large textile company from Minas Gerais. Professionalization is focused from the perspective of the challenges derived from the turbulence and difficulties faced by the Brazilian companies after the opening of the Brazilian economy in the early nineties. The relationship between professional management, human resources and technological management is also studied.

Key words: professionalization, familial company, productive reorganization

Resumen

El texto discute la tendencia reciente de profesionalización de la gestión de empresas familiares con base en estudio de caso de empresa textil de grande porte ubicada en el estado de Minas Gerais. Aborda el proceso de profesionalización bajo la luz de los desafíos planteados por el escenario de turbulencia y por las dificultades enfrentadas por empresas brasileñas luego de la apertura de la economía en principios de los años noventa. Son analizadas las relaciones entre la profesionalización, y la modernización tecnológica y de la gestión de recursos humanos, a su vez identificada con la reestructuración productiva.

Palabras clave: profesionalización, empresa familiar, reestructuración productiva

Considerações iniciais

A humanidade já passou por diversas crises, como as decorrentes de epidemias, da falta de alimentos e de petróleo, sendo que, sem dúvida alguma, uma das próximas será a de disponibilidade de água de boa qualidade. Quando há abundância de água, ela pode ser tratada como bem livre, sem valor econômico, entretanto, com o crescimento da demanda, começam a surgir conflitos entre usos e usuários da água, que passa a ser escassa e, então, precisa ser gerida como bem econômico, ao qual deve ser atribuído o valor adequado.

No Brasil, o tratamento predatório dado aos recursos ambientais ao longo das últimas décadas, em particular aos recursos hídricos, decorre da demora na implementação de dispositivos que atenuem os impactos advindos do crescimento industrial, urbano e agrícola. Neste contexto, o grande desafio para o gerenciamento dos recursos hídricos, consiste na mudança de postura do setor público, dos usuários e da comunidade, com vistas à integração participativa, no âmbito de bacias ou regiões hidrográficas, objetivando implantar uma nova Política Nacional de Recursos Hídricos.

Recursos hídricos no Brasil - perspectivas de escassez

Com uma área de 8.512.000 km² e com mais de 170 milhões de habitantes, o Brasil é hoje o quinto país do mundo, tanto em extensão territorial como em população. Com dimensões continentais, os contrastes existentes quanto ao clima, distribuição da população, desenvolvimento econômico e social, entre outros fatores, são muito grandes, fazendo com que o país apresente os mais variados cenários.

O Brasil tem uma posição privilegiada perante a maioria dos países quanto ao seu volume de recursos hídricos. Porém, o mesmo se encontra irregularmente distribuído pelo seu território, como bem afirma Arnaldo Augusto Setti (SETTI, 2001: 77): “mais de 73% da água doce disponível do País encontra-se na bacia Amazônica, que é habitada por menos de 5% da população. Portanto, apenas 27% dos recursos hídricos brasileiros estão disponíveis para 95% da população”.

A idéia de abundância serviu durante muito tempo como suporte à cultura do desperdício da água disponível, à não realização dos investimentos necessários para seu uso e proteção mais eficientes, e à sua pequena valorização econômica. O problema da escassez hídrica no Brasil decorre, fundamentalmente, da combinação do crescimento exagerado das demandas localizadas e da degradação da qualidade das águas. Esse quadro é uma consequência do aumento desordenado dos processos de urbanização, industrialização e expansão agrícola, verificada a partir da década de 1950.

O crescimento demográfico brasileiro associado às transformações por que passou o perfil da economia do país refletiu-se de maneira notável sobre o uso de seus recursos hídricos na segunda metade do século. A migração da população do campo para a cidade e a industrialização, além de exercerem significativo aumento da demanda das águas dos mananciais também exigiram o crescimento do parque gerador de energia elétrica, que, por sua vez, implicou na necessidade de construção apreciável de aproveitamentos hidrelétricos. (SETTI, 2001: 77)

Ao longo da década de 70 e, mais acentuadamente na de 80, a sociedade começou a despertar para as ameaças a que estava sujeita se não mudasse de comportamento quanto ao uso de seus recursos hídricos. Nesse período, várias comissões interministeriais foram instituídas para encontrar meios de aprimorar nosso sistema de uso múltiplo dos recursos hídricos e minimizar os riscos de comprometimento de sua qualidade, principalmente no que se refere às futuras gerações, pois a vulnerabilidade desse recurso natural já havia começado a se fazer sentir.

Reformulação institucional brasileira na área dos recursos hídricos

O ponto de partida para a reformulação institucional brasileira na área de gestão das águas pode ser atribuído à criação pela Portaria Interministerial nº 90, de 29 de março de 1978¹, dos Ministérios do Interior e das Minas e Energia, do Comitê Especial de Estudos Integrados de Bacias Hidrográficas (CEEIBH)².

A partir da Constituição de 1988³, várias unidades da Federação aprovaram leis que reorganizaram o Sistema de Gestão dos Recursos Hídricos. O novo modelo preconiza a gestão integrada dos usos múltiplos da água, tendo por base a bacia hidrográfica. Descentralizado e participativo, requer articulação e negociações en-

tre os órgãos dos diferentes níveis de governo (federal, estadual e municipal), os usuários da água e as entidades não governamentais da sociedade civil organizados nos comitês de bacia.

Com base na necessidade de adequação do sistema brasileiro de gestão de recursos hídricos foi sancionada, em 8 de janeiro de 1997, a Lei nº 9.433 que institui a Política Nacional de Recursos Hídricos e cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos⁴.

O Brasil já dispunha de um texto sobre o direito da água desde 1934, o Código de Águas. Porém, tal ordenamento não foi capaz de incorporar meios para combater o desconforto hídrico, a contaminação das águas e conflitos de uso, tampouco para promover os meios de uma gestão descentralizada e participativa, exigências dos dias de hoje. Foi exatamente para preencher essa lacuna que foi elaborada a Lei n.º 9.433 de janeiro de 1997, cujo projeto havia sido exaustivamente debatido durante os anos 80 e 90, até sua promulgação. (SETTI, 2001: 88)

Para Ana Cláudia Graf (GRAF, 2000: 52), a Lei nº 9.433 “adota novos paradigmas quanto aos usos múltiplos das águas, à participação popular na gestão destes recursos e, reconhecendo que se trata de um recurso finito, vulnerável e, dotado de valor econômico”.

Se a realidade hoje mostra um quadro adverso, com os cursos d’água sendo mal utilizados e, em muitos casos, já com sérios problemas de escassez, por outro lado tem-se a certeza de que a mudança desse cenário não depende tão somente de leis e iniciativas governamentais. Somente a gestão compartilhada das águas trará as necessárias mudanças para transformar uma realidade preocupante num futuro cheio de possibilidades.

Agência Nacional de Águas - ANA: gestão colegiada

O disciplinamento do uso da água no Brasil recebeu novo impulso com a aprovação da Agência Nacional de Águas (ANA), entidade federal de coordenação e apoio do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, previsto no art. 21, inc. XIX, da Constituição da República e na Lei 9.433. Terá natureza de autarquia de regime especial e será vinculada ao Ministério do Meio Ambiente dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal.

A função administrativa da ANA é controlar, por meio de outorga de uso, a utilização de águas de domínio da União⁵. São outorgas de captação e vazão para os empreendedores que usam a água como insumo de produção ou como elemento de diluição de efluentes. Entre os principais desafios que a ANA deverá encontrar estão os problemas que ocorrem nas águas de domínio da União, a exemplo da poluição dos mananciais, das secas, enchentes e da existência de ações desordenadas desencadeadas pelo uso inadequado da água

Por adotar um modelo de gestão de recursos hídricos com decisões colegiadas, a atuação da agência se dará de forma articulada com órgãos e entidades públicas e privadas que compõem o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos⁶. Os Comitês de Bacia Hidrográfica deverão criar as suas respectivas agências de bacia, que prestarão apoio técnico e administrativo ao trabalho desenvolvido por eles.

Cada comitê e agência de bacia desempenhará papel importante em questões como a definição do valor da cobrança pelo uso da água, em suas respectivas áreas de atuação. A ANA será a responsável pela implementação da cobrança, nas águas de domínio da União, cabendo aos comitês de bacia decidir sobre a aplicação desses recursos. Os comitês deverão estimular o uso racional da água, desenvolvendo atividades de conscientização da população e adotando medidas de combate ao desperdício de recursos hídricos. Têm assento nessas entidades as prefeituras municipais, usuários da água, organizações não-governamentais, agricultores e indústrias.

Já as agências de bacia têm como tarefa elaborar periodicamente relatórios da situação dos recursos hídricos, que serão encaminhados ao respectivo Comitê de Bacia Hidrográfica. Atualmente, cobra-se apenas pelo serviço de tratamento, e distribuição, e não pela água. A instituição da cobrança representa o reconhecimento desse bem natural como um insumo de grande valor econômico. Os recursos arrecadados através da cobrança pelo uso da água serão destinados à implementação e recuperação de bacias hidrográficas e mananciais em todo o país.

O desafio da sustentabilidade gestão dos recursos hídricos

Uma política orientada para o desenvolvimento sustentável da água deve ser baseada em quatro funções básicas (ROUSSEL, 1999): (1) gerenciamento administrativo: Saber quem faz o que, poder reprimir os abusos e separar a função de fomento dos usos da regulação dos mesmos (função normalmente exercitada pelo estado); (2) planificação das intervenções: Planificar com base num diagnóstico da

situação atual da bacia, considerando os usos dos solos e dispor de uma instância de tomada de decisão e acompanhamento; (3) financiamento das intervenções: Dispor de um circuito econômico estável que permita compromissos financeiros em longo prazo; e (4) definição das responsabilidades no nível da gestão dos usos: Saber quem possui, quem é responsável e quem opera as instalações. (funções que podem ser exercitadas pelos municípios ou delegadas a empresas).

Nesse contexto, vale destacar, que não cabe mais a postura do usuário espectador, à espera de propostas surgidas nas esferas governamentais. A nova ordem é à busca de alternativas pelo cidadão ou grupo de cidadãos, para resolver os problemas da água, levando em conta as necessidades e dificuldades vivenciadas pelas próprias comunidades.

Frente ao desafio da sustentabilidade, a preocupação com os recursos hídricos deve ter destaque em uma pauta de questões sócio-ambientais, visto que o número de países que já enfrenta problemas com a escassez deste recurso natural é cada dia maior. O bom gerenciamento dos recursos hídricos só será possível com uma gestão integrada, algo visto por muitos como possível só com o desenvolvimento sustentável.

A água possui um valor inestimável. Além de ser um insumo indispensável à produção e um recurso estratégico para o desenvolvimento econômico, constitui um fator determinante na manutenção dos ciclos biológicos, geológicos e químicos que garantem equilíbrio aos ecossistemas. É ainda um bem cultural e social indispensável à sobrevivência e à qualidade de vida da população. (GRAF, 2000: 51)

É necessário regulamentar, planejar e gerenciar esses usos e definir prioridades, de forma a que as águas se mantenham com qualidade para as presentes e para futuras gerações, possibilitando um desenvolvimento sustentável, tal como preconizado pelos documentos aprovados durante a CNUMAD⁷ Rio 92.

Pela Constituição de 1988, a água é elevada a condição de ‘bem ambiental’. Para Celso Fiorillo, (FIORILLO, 2000: 118), “o bem ambiental é, pois, um bem de uso comum, (...) um bem que pode ser desfrutado por toda e qualquer pessoa dentro dos limites constitucionais”.

São ambientais todos os bens que adquirem essencialidade para a manutenção da vida de todas as espécies (biodiversidade) e de todas as culturas (sociodiversidade); e meio ambiente ecologicamente equilibrado é

aquele capaz de manter a vida de todas as espécies que o compõem”.
(SOUZA FILHO, 1999: 05)

Por tudo o quanto se afirmou acima, sendo a água um bem de uso do povo e essencial à sadia qualidade de vida, não se lhe pode negar a natureza jurídica de bem difuso ambiental.

A utilização da água, juridicamente falando, está condicionada à manutenção do equilíbrio ecológico do ambiente. Isto logicamente não quer significar que todo e qualquer uso implique um desequilíbrio juridicamente relevante, mas configura um limite fundado na sustentabilidade ambiental, que deve ser observado por todos, Poder Público e coletividade. (GRAF, 2000: 56)

De um modo geral, a legislação brasileira de recursos hídricos (nacional e estaduais) tem refletido preocupações fundamentais da sociedade atual, tais como: o respeito às questões ambientais, a inserção da participação social no processo de gestão, o estabelecimento de regras, normas e procedimentos para o uso e preservação dos recursos hídricos.

Trata-se de uma legislação arrojada, pois não estabelece apenas princípios básicos de participação social, mas abre canais efetivos de participação através da criação de organismos colegiados de base (Comitês de Bacia Hidrográfica) e de coordenação (Conselhos Estaduais e Nacional), que, em todos os níveis, têm poder consultivo, deliberativo e normativo sobre a gestão de recursos hídricos. (GARJULLI, 2001: 14)

Em termos de arcabouço jurídico-legal, os princípios e mecanismos estabelecidos na legislação facilitam a gestão participativa.

Os entraves encontram-se mais acentuados no momento da implementação dessa legislação, quer pela inadequação do aparelho de Estado para garantir o exercício da gestão participativa e descentralizada, quer pelas contradições existentes na própria legislação complementar. (GARJULLI, 2001: 16)

Três aspectos são considerados fundamentais para a implementação de uma política de gestão participativa dos recursos hídricos (GARJULLI, 2001: 52): 1)

a estrutura organizacional para implementação da gestão participativa; 2) a metodologia de apoio ao processo participativo; e 3) a descentralização e participação social no que concerne à implementação dos instrumentos de gestão.

Estes aspectos estão estritamente interligados e são essenciais à efetivação de uma política de gestão participativa dos recursos hídricos. Mas, é necessário um longo período de sensibilização e mobilização social e até mesmo mudanças culturais para que se possa efetivar o processo de gestão participativa.

A consolidação da gestão participativa dependerá muito mais da capacidade de descentralização do poder de decisão do Estado e do respeito ao ritmo próprio que o processo organizativo tiver em cada bacia hidrográfica, do que da pressa em formalizar colegiados que em pouco tempo passam a não representar os verdadeiros interesses dos usuários e da sociedade de cada bacia, inviabilizando, assim, a implementação da política de gestão de recursos hídricos. (GARJULLI, 2001: 57)

Tanto o Estado como a Sociedade devem se preocupar com o gerenciamento dos recursos hídricos, de forma racional e, conseqüentemente, sustentável.

Considerações finais

Pode-se notar que o setor de recursos hídricos no Brasil está ganhando importância e interesse por parte da sociedade. Tem havido uma certa ampliação no nível de consciência da população e, sobretudo, dos administradores públicos sobre a necessidade de um maior cuidado com as questões ambientais. Isto ocorre, em um primeiro momento, em relação aos prejuízos causados à economia a curto, médio e longo prazos e aos danos à saúde, frequentemente de efeitos imediatos.

Diante disto, tem-se verificado nos últimos anos um crescimento acentuado de instituições públicas federais, estaduais e municipais, bem como uma avalanche de leis, estabelecidas quase sempre por pressões de setores organizados da sociedade civil ou, então, por recomendações de organismos internacionais de financiamento.

Sob o aspecto jurídico-institucional, pode-se afirmar que o Brasil dispõe de legislação ambiental comparável aos países do primeiro mundo e de instituições públicas de gestão ambiental que seguem os modelos internacionais. O grande desafio está na implementação dessa legislação, de forma a garantir o exercício da

gestão participativa e descentralizada dos recursos hídricos, de forma a promover o uso racional deste recurso natural, algo que demanda tempo, e principalmente, interesse.

Notas

¹ Ver a portaria na íntegra em: (SETTI, 2001: 270-274).

² O CEEIBH, em sua composição, reunia os titulares da Secretaria do Meio Ambiente (SEMA), do Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica (DNAEE), das Centrais Hidrelétricas Brasileiras (ELETROBRÁS), do Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS), das Superintendências de Desenvolvimento Regional e os Secretários de Estado indicados pelos respectivos Governadores.

³Ver Constituição Brasileira, Gráfica do Senado Federal, Brasília, 1988.

⁴ Ver a Lei na íntegra em: (SETTI, 2001: 294-310).

⁵ No domínio da União estão os lagos, rios e quaisquer correntes de águas em terrenos de seu domínio, ou que banhem mais de um Estado, sirvam de limites com outros países, ou se estendam a território estrangeiro ou dele provenham, bem como os terrenos marginais e as praias fluviais e os potenciais de energia hidráulica (art. 20, III e VIII). Nos termos do § 1º deste artigo, é assegurada, nos termos da lei, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, bem como a órgãos da administração direta da União, participação no resultado da exploração de recursos hídricos para fins de geração de energia elétrica. (GRAF, 2000:56)

⁶ A Lei 9.433 também criou o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, com o objetivo de coordenar a gestão integrada das águas (I); arbitrar administrativamente os conflitos relacionados com os recursos hídricos (II); implementar a Política Nacional de Recursos Hídricos (III); planejar, regular e controlar o uso, a preservação e a recuperação dos recursos hídricos (IV); e, promover a cobrança pelo uso de recursos hídricos (V).

⁷ Conferências das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

- ÁGUAS DO BRASIL MMA/SRH/IMIC, Ano 1, n.º 2, Salvador-BA, 2000.
- CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE 1988. Gráfica do Senado Federal, Brasília.
- FIORILLO, Celso Antônio Pacheco. *O Direito de Antena da face do Direito Ambiental no Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2000.
- GARJULLI, Rosana. Oficina Temática: Gestão Participativa dos Recursos Hídricos – Relatório Final. Aracaju: PROÁGUA/ANA, 2001.
- GRAF, Ana Cláudia Bento. A Tutela dos Estados sobre as Águas. In: FREITAS, Vladimir Passos de. *Águas – Aspectos Jurídicos e Ambientais*. Curitiba: Juruá, 2000.

- ROUSSEL. Desenvolvimento Sustentável da Água. In: DINIZ, Nilo; SILVA, Marina e VIANA, Gilney (2001). *O Desafio da Sustentabilidade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.
- SETTI, Arnaldo Augusto,... (et al). *Introdução ao Gerenciamento de Recursos Hídricos*. Brasília: ANEEL, ANA, 2001.
- SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. *O Dano Ambiental e sua Reparação*. Curitiba: Juruá, 1999.

Legislação:

Decreto 24.643, de 10 de julho de 1934 – Código de Águas;
Lei 6.938, de 31 de agosto de 1981 – Política Nacional do Meio Ambiente;
Lei 9.433, de 08 de janeiro de 1997 – Política Nacional de Recursos Hídricos;
Projeto de Lei 1.617/99 e 3/2000 – regulamentação da Agência Nacional de Águas (ANA).

Resumo

O texto discute a gestão sustentável dos recursos hídricos no Brasil. Argumenta-se que a preocupação com os recursos hídricos deve ter destaque na agenda ambiental visto que um grande número de países já enfrenta problemas com a escassez deste recurso natural. O bom gerenciamento dos recursos hídricos só será possível com a gestão integrada, esta indissolúvelmente relacionada ao desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: gestão integrada, recursos hídricos, desenvolvimento sustentável

Abstract

The text discusses the sustainable management of hydric resources in Brazil. It argues that the issue must be regarded as an outstanding one in the environmental agenda as several countries already face critical shortage of water. A sound and integrated management of hydric resources is inextricably associated to sustainable development.

Key words: Integrated management, hydric resources, sustainable development

Resumen

El texto discute la gestión sustentable de los recursos hídricos en Brasil. Sostiene que la preocupación con los recursos hídricos debe tener posición destacada en la agenda ambiental una vez que un gran número de países enfrenta problemas con la escasez de este recurso natural. La buena gestión de los recursos hídricos solo será posible bajo un enfoque integrado indisolublemente relacionado al desarrollo sustentable.

Palabras clave: gestión integrada, recursos hídricos, desarrollo sostenible

Ruy Montenegro

Diretor da UPIIS. Mestre em Gestão do Turismo e Meio Ambiente pela Universitat de Lles Balears, Espanha.

Paulo Vicente Guimarães

Professor aposentado da UnB. Doutor em Educação pela Universidade de Paris. Pós-doutor em Educação pela Universidade de Lancaster, Inglaterra.

Manoel Moacir Costa Macêdo

Professor da UPIIS. Ph.D em Sociologia pela Universidade de Sussex, Inglaterra.

Turismo Rural e Ecoturismo no Distrito Federal**Introdução**

Até fins do século XIX, as viagens eram privilégios das classes econômicas e socialmente mais favorecidas. O turismo se caracterizava pela busca de descanso e de cuidados com a saúde, bem como de reuniões cívico-culturais e realização de negócios. A falta de segurança fez com que as longas viagens exigissem suficiência de recursos financeiros e de meios de transportes adequados. A partir da Revolução Industrial, os comboios transformaram-se no meio de comunicação preferido para viagens de negócios, de lazer e de recreação.

O desenvolvimento dos meios de comunicação provocou maciça movimentação de pessoas em todo o mundo. A atividade turística projetou-se no cenário econômico, exigindo eficiência na formação de profissionais especializados de reconhecida competência, para lidar com um público cada vez mais exigente. Nos países desenvolvidos, o turismo se transformou em atração de amplos recursos. Tornou-se o novo setor de competição, de negócios e desafios, atingindo todos os países em movimento de globalização de mercados. Essa tendência natural da atividade turística despertou a atenção dos governos, que passaram a enxergar, nela, fator de reequilíbrio orçamentário e de grande rentabilidade.

Nas décadas de 50 e 60 do Século XX, o desenvolvimento industrial e a melhoria da situação socioeconômica da população causaram o excepcional desenvolvimento do turismo de massa nos países desenvolvidos. O novo mercado de turismo, com seu marketing revolucionário, envolve situações não cogitadas no tempo em que os deslocamentos de pessoas eram envolvidos em auréola de coragem, aventura e mitos.

As férias e o descanso remunerado, a possibilidade de livre circulação das pessoas, os avanços comerciais e tecnológicos dos meios de transporte e comunicação, os pacotes turísticos de massa, entre tantos outros aspectos da vida con-

temporânea, colaboraram, de maneira expressiva, para o crescimento da movimentação de pessoas. Mas, nos países em desenvolvimento, a atividade turística, apesar de trabalhada com afinco, ainda enfrenta dificuldades.

O Presidente da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) e membro do Conselho Estratégico da Organização Mundial de Turismo (OIT), Caio Luiz de Carvalho (2001), assinala que a atividade turística reduz o desemprego. Ao tratar do turismo no mundo e nas Américas, ele demonstra que “a indústria de viagens e turismo é, hoje, considerada como a maior fonte de geração de empregos no mundo; em 1996, foi responsável pela absorção de 265 milhões de trabalhadores (1 em cada 9)”.

Carvalho afirma, ainda, que, “segundo matriz insumo-produto do IBGE, o turismo impacta 52 segmentos diferentes da economia, empregando, em sua cadeia, desde a mão-de-obra mais qualificada, em áreas que se utilizam desde alta tecnologia (transportes e comunicações) até as de menor qualificação, tanto no emprego formal quanto no informal”. Apoiado em informações da EMBRATUR/OMT, ressalva-se que:

No Brasil, os dados da World Travel and Tourism Council relativos a 1994 (compilados pela WEFA), apontam que a atividade turística, direta ou indiretamente, era responsável pela manutenção de 5,8 milhões de postos de trabalho (um em cada 11 trabalhadores). Este resultado deve-se, principalmente, ao desempenho da função do turismo doméstico, uma vez que, do total de 560 milhões de viagens internacionais realizadas naquele ano, o Brasil participou com apenas 0,4%.

A Organização Mundial do Turismo (EMBRATUR/OMT, 2000), assegura, diante das evidências, que a atividade turística deverá tornar-se a principal fonte geradora de riquezas no decorrer do Século XXI. A participação da atividade turística alcança, hoje, mais de 10% do Produto Mundial Bruto, que resulta em valores superiores a US\$ 3,5 trilhões, gerando impostos e taxas que ultrapassam a cifra de US\$ 655 bilhões, ou seja, 19,26% do total, em todo o mundo. Isso é confirmado por Carvalho (2001), para quem o turismo assume lugar de destaque na economia mundial, à frente das receitas geradas com exportações de petróleo, veículos automotivos e equipamentos eletrônicos, informática e indústria aeroespacial.

As projeções colocam a atividade turística em situação extremamente favorável, pois os valores apresentados acima poderão dobrar até 2005. Nesse ano, a produção mundial bruta está prevista para US\$ 7,9 trilhões. Justamente pela importância econômica, social e cultural que tem, o turismo deve ser realizado com res-

ponsabilidade e qualidade, em especial quanto à defesa do turista. Por isso, o III FIPAL (EMBRATUR/OMT, 2000) inclui, entre suas conclusões que:

Em escala nacional, os participantes do desenvolvimento da atividade turística – legisladores, autoridades locais e fornecedores de produtos turísticos – deveriam investigar, conjuntamente, as formas de proteger o consumidor turístico de qualquer uso indevido das tecnologias de informação no marketing e na venda dos serviços turísticos [...] dêem garantia à confidencialidade dos dados pessoais dos consumidores turísticos que estejam armazenados no suporte eletrônico.

Nesse sentido, as conclusões do III FIPAL, divulgadas em documento conjunto da OMT e da EMBRATUR, assinalam que a Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento da Assembléia Geral das Nações Unidas definiu: “uma sociedade de desenvolvimento sustentável é aquela que satisfaz as necessidades da atualidade sem comprometer a capacidade das gerações futuras para satisfazer as suas” (EMBRATUR/OMT, 2000). O mesmo documento afirma que a realização da atividade turística de sucesso e a proteção do meio ambiente tornam-se, inquestionavelmente, inseparáveis. Tanto que, atualmente, no tocante ao ecoturismo, os pontos turísticos de maior procura são aqueles que possuem atributos naturais destacáveis, com arredores limpos e protegidos. E assinala que o ambiente passa a ser base da atração turística.

O turismo, como se vê, pode efetivar-se no sentido macroeconômico (promovido pelo Estado ou por um subsetor do turismo oficial) e no microeconômico (desenvolvido no plano das empresas turísticas). Ambas as situações exigem trabalhos de grande sensibilidade. A atividade turística tornou-se sofisticada, no atendimento do turismo interno de cada país e na atenção aos visitantes estrangeiros: os “turistas” (visitantes que pernoitam) e os “excursionistas” (visitantes por um dia).

Fica, assim, no plano do indiscutível, que a dinâmica do turismo internacional é fator: a) de extraordinárias perspectivas para as economias em desenvolvimento; b) permite distribuição de renda mais democrática; c) estimula a produção de bens específicos; d) oferece oportunidades de geração de emprego; e) permite a expansão de receitas nacionais e locais; f) permite a implantação de infra-estruturas locais; g) protege e preserva o patrimônio cultural e ecológico; e h) possibilita o intercâmbio cultural. Além disso, criaram-se vários tipos de turismo: de lazer, de saúde, cultural, de eventos, de negócios, de compras, esportivo, religioso, ecológico, permitindo o desenvolvimento do turismo rural e do ecoturismo.

Sob essa perspectiva, pretende-se neste trabalho responder à seguinte ques-

tão: qual a valia econômica do turismo rural e do ecoturismo para o Distrito Federal? O referencial teórico substantivo que dará suporte ao estudo advém dos argumentos do professor José Graziano da Silva (1998) que encontrou evidências das transformações ocorrentes no nosso meio rural. Para ele, o

“novo rural brasileiro é um conjunto de atividades não-agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer e a várias atividades industriais e de prestação de serviços, bem como a um conjunto de novas atividades agropecuárias, localizadas em nichos de mercados”.

Isso é fundamental para a economia do DF, cujas políticas públicas ainda estão sendo construídas para estimular o crescimento agrícola e aumentar o valor da produção. E o crescimento do número de aposentados reclama atenção maior das políticas públicas. Pelo número crescente, os aposentados tendem a se deslocar da metrópole para o campo, por motivos econômicos, sociais e de qualidade de vida. Assim, as limitadas informações sobre o turismo em espaço rural do DF e do Entorno e a inexistência de estudo de profundidade sobre o assunto caracterizam a importância deste trabalho para a economia do Distrito Federal. Procura investigar pontos essenciais do problema apresentado, inclusive a sustentabilidade do turismo rural e do ecoturismo, cujas perspectivas são, para Flores et alii (1998) multidimensionais e envolvem elementos econômicos, sociais, culturais, psicológicos, ecológicos, físicos e históricos.

O turismo rural e o ecoturismo na literatura

Apesar de ser extensa a literatura internacional que analisa a agricultura familiar e a pluriatividade – o que permite afirmar que os avanços teóricos e metodológicos mais significativos estão vinculados à corrente da sociologia rural –, há evidente carência de textos acadêmicos e de livros sobre o turismo rural e o ecoturismo no Brasil. Por isso mesmo, este trabalho recolheu em livros e em artigos de jornais, em projetos de lei e revistas, folders e trabalhos apresentados em encontros, conferências, debates, palestras e seminários o material para estudo, análise e interpretação. A essa coleta de informações se juntam textos oficiais, possibilitando a formação de importante acervo atualizado, mesmo porque o assunto é novo como foco de interesse.

Este ensaio admite os argumentos de Marsden (1990), de que o processo de reestruturação capitalista e o papel da agricultura familiar e da pluriatividade são distintos da proposta da sociologia rural e da economia política. Neste contexto, Sérgio Schneider (1994), examina a emergência e a consolidação de atividades não-

agrícolas no espaço rural e a formação de unidades produtivas agrícolas crescentemente identificadas com a pluriatividade de seus membros. Procura demonstrar os mecanismos e as estratégias, que viabilizam formas familiares de produção no campo e a combinação permanente de atividades agrícolas e não-agrícolas, em uma mesma família; caracteriza e define a pluriatividade como recurso ao qual a família faz uso.

Teixeira (1998) analisa o crescente mercado de atividades não-agrícolas no meio rural, responsável, cada vez mais, pela ocupação econômica do campo, introduzindo novas estratégias familiares de reprodução. Para ela, a definição de turismo rural aponta para duas tendências: 1) preocupação com os elementos que compõem a oferta de agroturismo, turismo verde e eqüestre, de caça, dentre outros; 2) distribuição dos rendimentos gerados pela atividade turística e recebidos pela comunidade rural ou pelos agricultores.

É importante considerar que para este trabalho os benefícios gerados pelo turismo rural e pelo ecoturismo deverão ser revertidos para o bem-estar da população da área onde vivem e trabalham as pessoas. Ou seja, o referido setor turístico é entendido como viagens conscientizadas, “áreas naturais que conservam o meio ambiente” e atividades que cooperam para o bem-estar das comunidades locais.

Oxinalde (1994) adverte em relação ao fato de que o primeiro problema que se enfrenta ao estudar o turismo rural é o das definições. A dificuldade se estende aos termos “turismo” e “rural”, que ele considera ambíguos, pois o turismo rural engloba modalidades turísticas complementares que não se excluem. Diz ele que o turismo no meio rural é a soma de ecoturismo e dos turismos verde, cultural, esportivo, agroturismo e turismo de aventura.

No contexto atual do turismo internacional, a tendência mais recente refere-se à prática de atividades voltadas para o meio ambiente; ou melhor, para o Ecoturismo, para o Turismo Rural e para o Agroturismo, em especial, porque a prática de atividade turística de sucesso e a proteção do meio ambiente são inquestionavelmente inseparáveis. Justamente por isso, os pontos turísticos de maior procura, atualmente, são os que possuem atributos naturais destacáveis, com arredores limpos e protegidos. Isso, aliás, é destaque da Carta de Goiás, que se preocupa com a qualidade do produto turístico, a segurança do turista e a preservação do meio ambiente.

Para a Carta de Goiás (EMBRATUR, 1999), a limpeza pública deve motivar campanhas de sensibilização das comunidades locais e da exigência de tratamento de esgotos para cidades credenciadas como turísticas. Assim, o ambiente passa a ser base da atração turística; as pessoas estão motivadas por maior consciência, em relação à importância

de preservar a natureza e à necessidade de ser abandonada, mesmo que por breve período, a vida estressante dos compromissos profissionais, acadêmicos e sociais.

O turismo em espaço rural é ativado, nos países hegemônicos, desde o século passado (Teixeira, 2000). Na Europa, é intensa a atividade turística em espaço rural, especialmente na Espanha e em Portugal. Desenvolve-se experiência em parcerias na Áustria (Eisenwurzen – Alta Áustria), na França (Collombeyles-Belles – Lorena e no País Basco – Aquitânia), na Irlanda, (Cavan-Monaghan), no Reino Unido (Fermanagh – Irlanda do Norte), na Itália (Vinschgan/Van Venosta e Gargano), em Portugal (Margem esquerda do Guadiana – Alentejo).

Nos Estados Unidos, a atividade ecoturística é considerada essencialmente saudável; pode comportar forte sinergia entre a prática esportiva e a natureza e, dentre as suas modalidades, destacam-se: caminhadas, campismo, canoagem, observação da natureza (turismo contemplativo), viagens a pé, cavalgadas, competições de bicicleta em trilhas e banhos de mar e de cachoeira. Pesquisa realizada naquele país, em 1999, revelou que são diversos os fatores que motivam a preferência pelo ecoturismo. Essa pesquisa foi feita com 211 turistas divididos em cinco grupos, de acordo com as suas motivações, e que são apresentados na tabela 1:

Tabela 1 - Motivações para o ecoturismo, nos EUA - 1999

	Excitação	Fuga	Sociabilidade	Bem-estar	Desmotivados	TOTAL
Viagens a pé	3	10	2	2	1	18
Caminhadas	9	17	9	11	6	52
Campismo	11	22	9	6	5	53
Canoagem	4	7	3	4	2	20
Observação da Natureza	7	19	14	18	10	68
TOTAL	34	75	37	41	24	211

Fonte: Manual de Ecoturismo. União Européia/ EMBRATUR. 1994.

No Brasil, o meio rural e a paisagem natural encontram-se, a partir da última década do Século XX, em fase de profunda mudança, tanto no aspecto ocupacional quanto no da interpretação do significado atual (Carneiro, 1997; Graziano 1999). A importância turística do meio ambiente e da área rural, no País, levou Adyr Rodrigues (1996), a produzir extensa coletânea, que reúne estudos como o de Carminda Cavaco (1996), para quem:

... os ensinamentos das experiências européias de desenvolvimento local indicam que se deve combinar as “propostas de valorização dos produtos agrícolas com planos de desenvolvimento do artesanato e de atividades ligadas ao turismo e à cultura tais como feiras e festas centradas em temas regionais e locais: produtos, trabalhos, tradições, jogos e cantares, comidas, sabores e cheiros... Em síntese, para lá do crescimento econômico (...) importa o desenvolvimento, que é simultaneamente econômico e social e também territorial, envolvendo processos de mudança estrutural, produção social significativa, redistribuição mais equilibrada da riqueza, melhoria dos rendimentos, das condições de vida e das expectativas, sobretudo dos grupos sociais menos favorecidos.

Embora turismo rural e ecoturismo não tenham dimensão legal específica no País, o que se pretende é examiná-los no contexto das políticas públicas do DF. Vale-se, para tanto, das estatísticas de organismos governamentais, obediente à orientação da Comissão de Estatística da ONU (CENU), em seu 31º período de sessões (Nova York, 29/fevereiro a 03/ março de 2000) de que as estatísticas oficiais merecem fé. Como será exposto a seguir, a relevância do ecoturismo e o turismo rural resultam em fatores positivos para o DF, para o Entorno e para a economia do País. Criam, por exemplo, novas oportunidades de trabalho; fixam o homem no campo, ou próximo de sua localidade de origem, junto à sua família; permitem o aparecimento de novas opções e práticas econômicas e possibilitam maior remuneração a esses trabalhadores do campo, além de outros importantes serviços.

O Distrito Federal enquanto área tradicionalmente turística

O potencial de demanda turística da Capital da República, de efeito multiplicador, torna o turismo rural e o ecoturismo do Distrito Federal e do Entorno atividades que precisam ser melhor promovidas, principalmente pela intrínseca geração de empregos (que, apesar de não ser o objetivo único do turismo, afigura-se como um dos seus principais resultados), tanto dos diretamente relacionados com a direção e o funcionamento do setor, quanto dos resultantes do desenvolvimento da indústria turística, além daqueles que, indiretamente, derivam do montante de recursos obtidos pelas atividades produtivas da área. O mapa 1, mostra a cidade de Brasília e parte do Distrito Federal.

Mapa 1 - Brasília e cidades-satélites



Fonte: EMBRATUR. 1994.

Desde a construção de Brasília, milhares de turistas acorreram à região para testemunhar o esforço da gente brasileira e conhecer os traços revolucionários da arquitetura que transformaria conceitos e modelos clássicos. O Palácio da Alvorada, a Praça dos Três Poderes com os palácios do Planalto, do Congresso e do Supremo Tribunal e com o Panteão da Liberdade e o Mastro da Bandeira; a Esplanada dos Ministérios, com os palácios do Itamarati e da Justiça, a Catedral e o Teatro Nacional, os eixos Monumental e Rodoviário, a Estação Rodoviária e as superquadras se juntaram ao Catetinho e às construções antigas de Planaltina e das cidades do Entorno.

A Capital da República, entre os cartões-postais que encantam o mundo, apresenta ao turista a Torre de Televisão, com a sua Feira de Artesanato e o Museu Nacional de Gemas; o Palácio do Buriti e o Memorial JK, o Parque da Cidade, o Jardim Botânico, o Zoológico e os vitrais do edifício-sede da Caixa Econômica Federal.

A arquitetura religiosa ergueu igrejas, como a de D. Bosco, na Avenida W3 Sul; templos como o da Boa Vontade, na Quadra 915, perto do Campo da Esperança – em forma de pirâmide, com sete faces e o maior cristal puro encontrado no Centro-Oeste, de 40 centímetros de altura por 18 de diâmetro, pesando 21 quilos –, com seu

“caminho de peregrinação” em espiral, desenhado no piso, em pedras negras e cumprido pelos visitantes descalços até pequeno círculo de cobre. Isso, sem falar na Catedral e na Ermida de Dom Bosco. E no 41º aniversário, Brasília incorpora um dos maiores complexos hoteleiros do País, o Blue Tree Alvorada com dois hotéis: o Blue Tree Park e o Blue Tree Towers.

Convém salientar que o Distrito Federal possui uma comunidade histórica, a Rua do Mato, na área de Sobradinho, e uma comunidade mística, o Vale do Amanhecer, localizado em Planaltina, a 42 km de Brasília, pela DF 15, onde, diariamente, se realizam mais de cem rituais de variados cultos. Na praça principal do Vale, há um lago na forma de uma estrela de Davi e uma pirâmide, para “energização” dos visitantes.

No Morro da Capelinha, também em Planaltina, há, durante a Semana Santa, encenação da Via Crucis, com a participação de milhares de peregrinos e turistas. Na área de Brazlândia, os turistas encontram o Vale do Rio do Sal, a Serra de Miguel Inácio e a Chapada da Vendinha, enquanto, na região do Gama, caminhada ao longo do ribeirão Engenho das Lages mostra fazendas históricas. E, no Entorno, há mais duas comunidades místicas, a Cidade da Paz, em Alto Paraíso, e a Cidade Eclética, no Município de Santo Antônio do Descoberto, além de grutas com inscrições rupestres e o complexo de Itiquira, em Formosa.

Tudo, sem esquecer os eventos folclóricos de Pirenópolis, cidade histórica em que se realiza um circuito de corridas de aventura, formado por três modalidades: 30 km de mountain bike (ciclismo em terreno acidentado), 5 km de bóia-cross (Câmara de pneu de caminhão usada para descer rios) e 45 km de trekking (caminhada ao ar livre em pleno cerrado). Isso é uma referência aos aspectos culturais da região do Distrito Federal, amplo mercado de turismo, em especial, do turismo rural e do ecoturismo, cuja história precisa ser conhecida.

A relevância do turismo rural e do ecoturismo no DF

Brasília, que a UNESCO elevou a Patrimônio Cultural da Humanidade, foi planejada, em meados do Século XX, para 500.000 habitantes. O planejamento para o Distrito Federal incluía, como providência para impedir a descontrolada expansão urbana, um cinturão verde ao redor do Plano Piloto. O Governo Federal desapropriou as áreas circundantes de Brasília e as transferiu à propriedade do Governo do Distrito Federal. Mas os primeiros administradores da Capital da República priorizaram o abastecimento da população e o turismo urbano, principalmente. O turismo rural e o ecoturismo não integravam a agenda governamental.

A implantação definitiva da Capital Federal dependia do abastecimento. Desconheciam-se termos como “pluriatividade rural”. Com razão, o Governo distrital estava mais interessado na agricultura regional. A atividade agrícola foi estimulada pelo poder público, interessado em implantar uma agricultura modelar no DF, de acordo com as seguintes estratégias: 1) fundação de núcleos rurais; 2) assentamento de nisseis em Vargem Bonita, de gaúchos no Programa Agrícola e de sem-terra no Conglomerado Agro-Urbano. A estrutura fundiária passou a caracterizar-se pela posse e uso, mas não da propriedade da terra. Embora grupos de antigos proprietários defendessem privilégios, surgiu, na área rural do Distrito Federal, a concessão de uso, semelhante ao arrendamento de terras públicas, com pesados investimentos na infra-estrutura agrícola, em sistema de transporte, em educação, habitação e abastecimento.

Cerca de 40 anos depois de inaugurada Brasília, os registros oficiais mostram profunda transformação: a população do DF atingiu dois milhões de pessoas, com a seguinte evolução da população economicamente ativa, no período de 1981 a 1997, conforme mostra a tabela 2.

Tabela 2 - Evolução da população economicamente ativa do DF, de 1981 a 1997 (mil/hab).

Ano	Urbano	Rural	Total
81	485	13	498
92	738	37	775
93	729	47	776
95	798	46	844
96	748	118	866
97	825	61	886

Fonte: Tabulações especiais do Projeto Rurbano-NEA/IE/UNICAMP - 1997

Dentro da população economicamente ativa do espaço rural do DF, é possível distinguir-se a parcela dedicada a atividades agrícolas das não-agrícolas e da não empregada em atividade agropecuária. Com o tempo, surgiram em Brasília mudanças estruturais na atividade rural, principalmente quanto à constituição familiar, ao ambiente econômico, às oportunidades locais, ao nível de endividamento dos produtores e às aspirações quanto ao estilo de vida. Passaram a ser identificadas famílias rurais pluriativas, ou não-agrícolas, com novos sujeitos sociais do novo mundo rural brasileiro.

O conceito de pluriatividade enfatiza a importância conferida ao conjunto de políticas sociais. Surgiram caseiros, moradores de condomínios fechados e aposentados. Tornou-se preciso avaliar o impacto socioeconômico e ambiental das “novas” atividades desenvolvidas no meio rural do DF, introduzindo-se o tema da legislação ambiental, trabalhista e a necessidade de um código do uso do solo, água e outros recursos naturais. O Instituto de Economia da Unicamp, ao formular o Projeto Rurbano, encontrou, conforme a tabela 3, a seguinte evolução da atividade no meio rural do Distrito Federal:

Tabela 3 - Evolução da população economicamente ativa rural, de 1981/1997 (mil/hab).

Ano	Agrícola	Não agrícola	Desemprego	Total
1981	6	6	1	13
1992	12	24	1	37
1993	19	27	1	47
1995	13	30	3	46
1996	21	84	13	118
1997	16	40	5	61

Fonte: Tabulações especiais do Projeto Rurbano-NEA/IE/UNICAMP - 1997.

Quanto à evolução da população economicamente não-ativa, na área rural do Distrito Federal, no mesmo período, a tabela 4 mostra o seguinte:

Tabela 4 - População economicamente não-ativa rural do DF, de 1981 a 1997 (mil/hab)

Ano	Aposentados	Outros	Aposentados	Outros
1981	46	362	1	11
1992	76	406	3	29
1993	85	452	4	29
1995	92	462	3	31
1996	97	435	11	74
1997	116	471	8	37

Fonte: Tabulações especiais do Projeto Rurbano. NEA/IE/UNICAMP. 1997.

A partir dos dados apresentados nas tabelas, observa-se que:

- 1) A taxa de crescimento da PEA (População Economicamente Ativa), entre

1981 e 1992, ficou em 3,9% ao ano, caindo para 2% a.a., entre 1991 e 1997. No período 81/92, o crescimento da população rural atingiu 10,1%. A população rural economicamente ativa, de 13.000 pessoas, em 1981, saltou para 37 mil em 1992 e para 61 mil em 1997. Percentualmente, a taxa de crescimento da população ativa rural foi maior que a urbana, no período.

- 2) Foi grande a evolução da população rural economicamente ativa, entre 1981 e 1997. O crescimento dessa população economicamente ativa, ocorrido entre 1981 e 1992, assinalou 10% a.a.. No mesmo período, o PEA-rural agrícola situou-se em 6,5% a.a., enquanto a taxa do PEA-rural não-agrícola subiu a 13%. Entre 1991 e 1997, a população rural economicamente ativa não-agrícola obteve o crescimento de 19% ao ano. Em 1981, o número de empregados agrícolas era igual ao de não-agrícolas; mas, em 1996, o número de não-agrícolas era quatro vezes maior e, em 1997, apenas 26% da população rural economicamente ativa desempenhavam atividades agrícolas.
- 3) A população não-economicamente ativa do Distrito Federal apresentava 46.000 aposentados na área urbana e, na rural, apenas 1.000. Também merece referência o significativo crescimento da população economicamente não-ativa no Distrito Federal, que pulou dos cerca de 11.000 habitantes em 1981 para algo em torno de 37.000, em 1997.

Como demonstrado, o setor rural do Distrito Federal apresenta crescimento extraordinário em relação ao urbano. Entretanto, as políticas públicas do Distrito Federal objetivam fundamentalmente o crescimento do valor da produção agrícola por meio da agroindustrialização do produto de lavouras e criação (atividades tradicionais). O crescente número de aposentados pode aumentar a procura de atividades do campo, com o objetivo de complementação das rendas de aposentadorias. Isso beneficia o turismo rural e o ecoturismo. Admite Botelho Filho (2001) que “a simples presença de aposentados na área rural pode apresentar uma série de novas oportunidades de geração de postos de trabalho, demanda por serviços e geração de renda local com o turismo”.

O potencial do turismo rural e do ecoturismo é muito promissor para Brasília, que recebe, em média, 900.000 turistas por ano. O seu trade turístico é formado por 430 agências de viagens, 60 (12.000 leitos) hotéis, 90 empresas locadoras de automóveis, 18 empresas organizadoras de eventos e 35 restaurantes (SEBRAE/DF, 2001). O turismo do DF sofre inovações constantes; por isso, as empresas se especializam, para oferecer atividade rica

nos setores cultural, ecológico, esportivo, de eventos, de saúde, de negócios, de compras, religioso, rural e de lazer. Quanto às atividades turísticas ecológicas e rurais, a situação geográfica de Brasília torna-a pólo de ecoturismo e de turismo rural, com opções que invadem a área do chamado Entorno de Brasília.

No Distrito Federal e Entorno, tais atividades turísticas vão da Chapada Imperial, localizada na Área Rural de Brazlândia, à Fazenda Velha, entre o Paranoá e Planaltina; da Chácara da Lúcia, ou loteamento Nova Flórida/Estiva Alexânia, em Goiás, a 90 quilômetros do Plano Piloto, a Buriti Alegre, que fica no Km 42,5 da DF 001, entre os trevos da Marinha e Unai, indo pela Escola Fazendária; do Hotel Fazenda Araras, no Km 36 da BR 020, em Formosa, Goiás, à Chácara Irmão Sol, no Núcleo Rural Lago Oeste, Sobradinho; do Pólo Rural, com acesso pela Estrada Parque de Taguatinga, ao Centro de Lazer Flamboyant, Setor Oeste do Gama, acessado pelo Núcleo Rural Ponte Alta Norte; da Chácara Araguaia, à qual se chega pela Estrada Parque do Paranoá Norte, ao Pesque-Pague Sol Nascente, entre Sobradinho e Planaltina, com entrada pela Embrapa.

Na capital da República, desenvolvem-se, de forma empresarial consciente, estratégias de expansão do ecoturismo e do turismo rural para valorizar e preservar o imenso patrimônio natural e cultural existente. O objetivo é expandir o turismo interno, valorizar a imagem do Distrito Federal e do Brasil no exterior, bem como prestigiar o homem, destinatário final da integração e do desenvolvimento econômico, social, cultural e da cidadania da área fundamental de decisões do País. É processo apoiado na ação especial do empresariado e da administração local, para que o turista encontre aqui excelentes condições sociais e culturais da população, além da segurança e dos mecanismos necessários à conservação, ao desenvolvimento e ao uso adequado dos recursos da natureza.

Sem esquecer atrativos como os mananciais de água, a flora, a fauna e a geomorfologia, o turismo em espaço rural é a alternativa que está levando a sociedade a repensar a situação ecológica. Aliás, essa orientação está nas conclusões do III Fórum Internacional de Parlamentares e Administrações Locais: Protagonistas das Políticas Turísticas no Século XXI (EMBRATUR/OMT, 2000), cujas conclusões prevêm, no item três, a especialização do turismo:

Entende-se que os processos de globalização, liberação e descentralização que estão sendo produzidos no desenvolvimento turístico, requerem

uma ação especial por parte das administrações locais. Nesse sentido, o turismo, por constituir movimento de pessoas tendo por objetivo o lazer, negócios, saúde, estudo e outros propósitos e, ainda, no fornecimento de bens e serviços dos viajantes e visitantes, durante seu deslocamento e no seu destino final, constitui uma forma específica e poderosa de mundialização, que contribui na criação de um, já emergente, mercado único de turismo.

Pois bem, a capital brasileira, cuja arquitetura revolucionária encanta o mundo, tem, à disposição de todos – a quarenta quilômetros da estação rodoviária, no Plano Piloto –, casa grande em estilo colonial, com capela, cozinha e fogão de lenha, capela e carro de boi, instrumentos e utensílios de barro, latão, bronze e ferro esmaltado. No km 42,5 da DF 001 (35 km da Estação Rodoviária), o Agroturismo Buriti Alegre atende o visitante com “almoço na roça”, passeio a cavalo, pesque-pague, trilha ecológica, horta orgânica, plantas ornamentais e educação ambiental proporcionada pelo Projeto Agrociência, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater- DF).

Entre Sobradinho e Planaltina, na BR 020, está o Centro de Lazer Sol Nascente com cinco tanques grandes para pesca, piscina de água corrente, restaurante rural, trilha ecológica, casa para hospedagem, bica d'água e pomar com árvores frutíferas do cerrado. No Pólo Rural, localizado no Setor de Mansões de Taguatinga, encontram-se todas as características rurais: muita área verde e mata ciliar margeando o córrego que faz divisa com a área urbana. Também há atrações como pesque-pague e comida típica.

No Entorno de Brasília, podem ser encontradas propriedades semelhantes e, também (a) localidade em que a maioria da população descende de escravos; (b) atrações que vão da Fazenda Recreio Mugy, do Restaurante Rural Trem da Serra e da Chácara Buriti Alegre às belezas naturais da Chapada dos Veadeiros; (c) eventos em Pirenópolis, na Chapada dos Veadeiros; (d) trilhas, escaladas e rapel; (e) centenas de belíssimas grutas. Isso tudo, sem falar em hotéis-fazenda como o Araras, em Formosa, com entrada à esquerda, Km 36 da BR 020. Ali há restaurante rural, chalés, passeio a charrete e cavalo etc.

O Projeto Agroturismo-DF, surgido em 1996, tem implantação promovida em parceria com o SEBRAE/DF, Sindicato Rural, DER e EMATER/DF. É trabalho que permite, atualmente, o funcionamento de mais de cinquenta pro-

jetos de turismo rural e de ecoturismo (SEBRAE/DF, 2001). É evidente que o meio rural do Distrito Federal e do Entorno vem passando por profundas mudanças, assumindo “novas funções” e introduzindo novas estratégias familiares no campo, mediante a dinâmica do emprego rural baseado nas atividades não-agrícolas.

Com isso, ocorre a revitalização de áreas que entravam em estagnação. É importante o que está acontecendo. A atividade turística em área rural e o “turismo verde” abrem oportunidades de emprego e de melhor qualidade de vida, no DF e no Entorno. Principalmente porque inserem perspectivas novas no ambiente cultural e ampliam as funções não-agrícolas para o espaço rural, que Carmina Cavaco (1996), entende englobar:

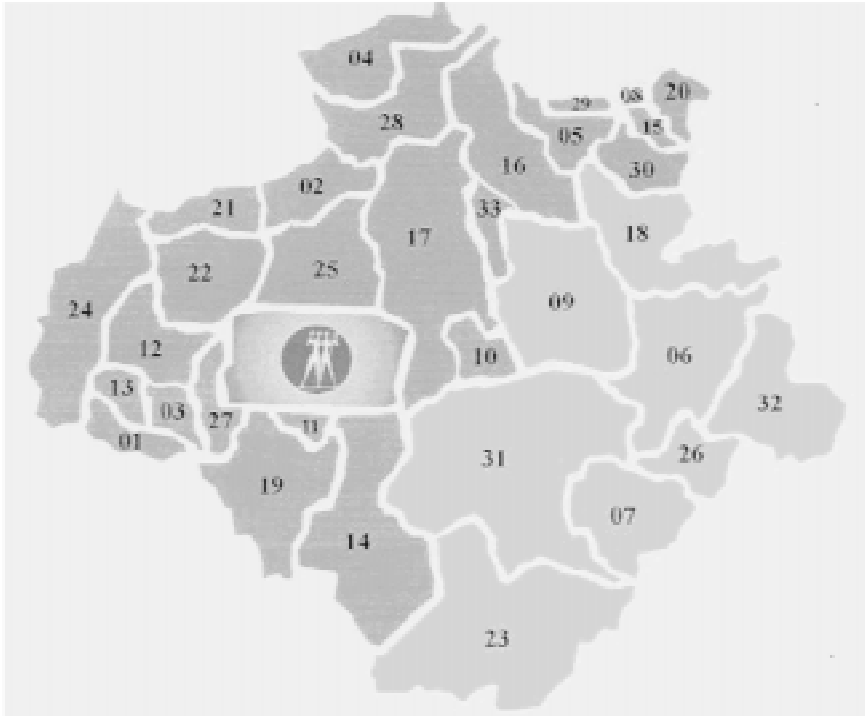
- a) equilíbrio territorial, compensando os efeitos do despovoamento induzidos pela concentração urbana;
- b) equilíbrio biológico, com conservação dos ecossistemas e dos processos biológicos;
- c) produção de paisagem de qualidade, aberta e natural;
- d) produção de recursos, notadamente de água limpa, recurso natural cada vez mais raro;
- e) suporte de atividades, distração e recreio ao ar livre e
- f) combate às contaminações do ar, da água e do solo.

A Política Nacional de Turismo, prevista no Projeto de Lei que o Poder Executivo submeteu à apreciação do Congresso (nº 4.769-B/94, na Câmara) e nº 51/98, no Senado), prevê entre seus objetivos:

- estimular a municipalização do turismo pela concentração dos processos de planejamento e gerenciamento das atividades turísticas.
- criar, consolidar e difundir pólos turísticos, com vistas a diversificar os fluxos entre as Unidades da Federação e beneficiar especialmente as regiões de menor nível de desenvolvimento.

Há perspectivas de que esses dois dispositivos possam constituir alavancas para o turismo do DF – não diretamente especificado na proposição, mas que, no item V, do art. 2º, pode ser incluído na expressão “entre as Unidades da Federação” – e da Região do Entorno, vistos no mapa 2.

Mapa 2 - O Distrito Federal e o Entorno



Fonte: Subsecretaria para o Desenvolvimento do Entorno, Brasília, 1999.

- | | |
|--------------------------------|--|
| 1 - Abadiânia - GO | 18 - Formoso - MG |
| 2 - Água Fria de Goiás - GO | 19 - Luziânia - GO |
| 3 - Alexânia - GO | 20 - Mambai - GO |
| 4 - Alto Paraíso de Goiás - GO | 21 - Mimoso de Goiás - GO |
| 5 - Alvorada do Norte - GO | 22 - Padre Bernardo - GO |
| 6 - Arinos - MG | 24 - Pirenópolis - GO |
| 7 - Bonfinópolis - MG | 23 - Paracatu - MG |
| 8 - Buritinópolis - GO | 25 - Planaltina - GO |
| 9 - Buritis - MG | 26 - Riachinho - MG |
| 10 - Cabeceiras - GO | 27 - Santo Antônio do Descoberto(1) - GO |
| 11 - Cidade Ocidental - GO | 28 - São João d'Aliança - GO |
| 12 - Cocalzinho de Goiás - GO | 29 - Simolândia - GO |
| 13 - Corumbá de Goiás - GO | 30 - Sítio D'Abadia - GO |
| 14 - Cristalina - GO | 31 - Unaí - MG |
| 15 - Damianópolis - GO | 32 - Urucuia - MG |
| 16 - Flores de Goiás - GO | 33 - Vila Boa - GO |
| 17 - Formosa - GO | |

Conforme está salientado neste trabalho, a municipalização do turismo é estimulada pela EMBRATUR, como fator de desenvolvimento local, que favorece, por consequência, o turismo rural e o ecoturismo do Distrito Federal, cuja região apresenta belezas naturais de todo tipo: trilhas, estradas e caminhos; rios, córregos e cachoeiras; grutas; flora com espécies típicas (pequi, mangaba, peroba, murici, pau terra, ipê) e fauna com lobo-guará, ema, seriema e tantos outros. Ao largo da Capital do País, há extensa vida campestre que carrega as tradições da região; há também a aplicação de técnicas sofisticadas para a produção agrícola e pecuária. A paisagem natural de Brasília é formada pelo Cerrado, cuja diversidade forma ecossistema único e no qual foram classificadas mais de 3 mil espécies vegetais – a segunda vegetação mais rica da Terra.

O Distrito Federal, ponto de encontro das três grandes bacias hidrográficas brasileiras, possui fauna rica e variada. Constitui o segundo maior conjunto animal do planeta, com 1.576 espécies conhecidas. Releva dizer que a isso é acrescentado o Entorno, com 99.191,1 km², os quais, somados aos 5.783 km² do DF, totalizam a área de 104.974,1 km² a ser trabalhada pelo turismo rural e pelo ecoturismo.

Os resultados do presente estudo poderão servir de subsídios aos governos Federal e do Distrito Federal, aos professores e alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em turismo e mesmo empresas que, direta ou indiretamente, se vejam envolvidas com atividades turísticas no espaço rural do Distrito Federal e do Entorno.

É verdade que este ensaio estuda um corte da política nacional do turismo, dando ênfase à importância econômica do turismo rural e do ecoturismo no Distrito Federal. Apesar dessa limitação, é de acreditar-se que algumas de suas resultantes tenham caráter generalizado, podendo servir de subsídios às políticas de turismo, especialmente do turismo rural e do ecoturismo, em todos os Estados da Federação. É possível ainda que este estudo preencha as lacunas existentes no campo da pesquisa sobre o turismo no espaço rural do DF e da área que a circunda, fixando objetivos claros como o faz a seguir.

Nos dias atuais, as atividades do setor econômico-ocupacional, que envolvem viagens e turismo, são consideradas como a maior fonte de geração de empregos no mundo. Apesar do destaque econômico da importância do turismo tratado no presente estudo, especialmente do turismo no espaço rural do DF e do Entorno, essa atividade se vem tornando indispensável no processo de desenvolvimento econômico, social, cultural e de interação e socialização políticas das sociedades contemporâneas, com proteção ambiental.

O turismo tornou-se, portanto, atividade que mais e mais promove e integra todas as ordens institucionais da estrutura social de cada país, especialmente dos países desenvolvidos. Assim, não menos importante é a função mediadora exercida pela educação, no desenvolvimento do turismo, especialmente no exercido em

espaço rural, por meio da formação de talentos humanos de alto nível, destinados a esse setor da economia. No contexto, a educação exerce a função de promover a permanente renovação do conhecimento.

Essa renovação ocorre pela sustentação das políticas e estratégias de expansão das atividades turísticas no mundo. O movimento financeiro mundial das atividades turísticas ilustra a economia do setor, assim entendido o movimento de turistas no mundo, que ultrapassou a casa dos 600 milhões de participantes, com receita superior a US\$ 3,5 trilhões/ano. Foram gerados US\$ 655 bilhões em impostos, respondendo por 10,9% dos gastos, em consumo geral; 10,7% dos investimentos de capital e 6,9% dos dispêndios de Governo (Oliveira et al, 1997).

No Distrito Federal, a política de turismo, em geral, e a de turismo rural e de ecoturismo, em especial, não é menos desconfortável. O espaço rural da Capital da República apresenta diversificação e oportunidades turísticas. Brasília foi elevada, pela UNESCO, a Patrimônio Cultural da Humanidade; mas ela não pode ser considerada apenas arquitetura e exemplo urbanístico planejado de cidade-estado. Ela se insere num dos mais importantes ecossistemas do País, o Cerrado, com fauna e flora diferentes e pouco estudadas.

Turismo no espaço rural: estratégia para uma nova gestão

A expansão do turismo leva a novas estratégias de negócios. E nesse contexto aparecem os proprietários rurais que, pelas dificuldades do cotidiano, se encontram na alternativa de enfrentar as mudanças sociais, econômicas e culturais, assumindo o papel de empresários. Essa perspectiva se amplia, no setor rural brasileiro, empurrando o proprietário de grandes áreas a definir-se entre a produção intensiva de alimentos, para atender às exigências do mundo globalizado, e a adoção de atividades não-agrícolas no campo.

Roque e Vivan (1998), admitem que “a nova geração de produtores, agora denominados empresários do setor rural, podem ser considerados estrategistas que procuram novas metodologias administrativas, com o objetivo de criar novos programas e projetos para o meio rural”. Para eles, “em países europeus como a França, Portugal, Espanha e Irlanda, é habitual receber turistas no campo” conforme enfatizam:

Se nos ativermos a dados históricos e voltarmos à antiguidade, podemos identificar existência de famosos paradores como o de Santiago de Compostela, na Espanha, visto como abrigo de viajantes e caçadores, com acomodações a baixos custos. Em Portugal, o turismo rural é caracteriza-

do pelo acolhimento familiar, sendo classificados de “turismo de habitação”, que se caracteriza pelas suas casas apalaçadas ou residências de valores arquitetônicos no campo.

Sem qualquer conotação de euforia, o Brasil é país de excepcional potencialidade turística. Mas ainda com pouca afirmação econômica no turismo. Suas extensas fronteiras e de orla marítima; suas montanhas, rios, lagos e grutas, florestas tropicais e subtropicais; sua flora e sua fauna de incalculável riqueza pouco têm sido explorados para atividades turísticas. E seu espaço rural de conceito múltiplo – “turismo do interior”, “agroturismo”, “turismo alternativo”, “turismo endógeno”, “turismo verde”, “ecoturismo”, “turismo de rotas agrícolas”, “roteiros” ou “circuitos do meio rural”, – está à espera de resgate, de valorização cultural e de integração às atividades produtivas do dia-a-dia da propriedade rural, da coleta de leite e da produção de queijo; do plantio generalizado e da colheita; da criação de gado, de bubalinos e de animais silvestres; do cultivo de ervas medicinais e atrações como trilhas e coletividades. Roque e Vivan (2000), citando Zimmermann, referem o pioneirismo do município de Lages, Santa Catarina, em relação ao turismo rural brasileiro. Afirnam:

Esta região, antes de ser considerada a capital nacional desse tipo de turismo, era somente um local de parada na travessia do Planalto Serrano catarinense para o Estado do Rio Grande do Sul. A base de sua economia era a pecuária praticada nas inúmeras propriedades existentes e a exploração da madeira. Com a escassez da madeira nativa, foram necessárias mudanças e, em 1986, alguns produtores resolveram diversificar sua área de atuação, abrindo a propriedade rural para visitantes que vinham passar o fim de semana e vivenciar o dia-a-dia da fazenda. Inicialmente, o visitante chegava na propriedade pela manhã para tomar o café e nela permanecia até o anoitecer, participando das atividades como a tosa das ovelhas, a doma dos potros, inseminação artificial, entre outras atividades. Posteriormente, essa atividade foi denominada “agroturismo”, surgindo outras como a de fazendas-hotéis ou hotéis-fazendas, que forneciam pouso aos turistas. Aceitar o turista não só para visita, mas também para o pernoite, exigiu uma nova e ampla concepção empresarial por parte dos proprietários rurais, sendo que esta aceitação pode ser considerada já como uma etapa de desenvolvimento da ativação do turismo no espaço rural.

A situação do município de Lages é semelhante à de milhares de outras existentes por todo o Brasil. Não é diferente da do espaço rural do Distrito Federal,

cujos proprietários rurais se conscientizam da necessidade de “implementar atividades que garantam vantagens competitivas e que agreguem valores aos produtos, permitindo sua integração nos programas de desenvolvimento sustentável”, como sugerem Roque e Vivan (2000).

O proprietário rural do Distrito Federal tem exemplos a seguir – desde as “farm houses” dos rancheiros americanos ou das “country vacations” neozelandesas às práticas européias. Nas diferentes regiões do País, há muito a realizar, em relação ao turismo rural. No Rio Grande do Sul, os municípios que integram a chamada “Quarta Colônia” praticam o turismo ligado à natureza e ao espaço rural. Em São Paulo, as belas e antigas fazendas de café e cana de açúcar adotam estratégias de turismo rural e de ecoturismo. Em Minas Gerais, surgiram as rotas da cachaça e do queijo e das flores.

No Espírito Santo, o agroturismo está em expansão, tanto quanto no Rio de Janeiro, com a sua “Rota do Café na região de Vassouras e a “Rota da Truta” na área serrana. Em Mato Grosso, a área do Pantanal permite o surgimento de hotéis-fazendas e pousadas-rurais. Na Bahia, a “Rota do Cacau” está em pleno desenvolvimento, tanto quanto a “Rota dos Engenhos”, em Pernambuco. E, no Distrito Federal, além da criatividade da concepção de Brasília, com sua beleza arquitetônica, o turismo se exerce no plano das igrejas e templos, dos edifícios e monumentos, das visões panorâmicas e de comunidades de misticismo, além do ecoturismo desenvolvido nas cidades-satélites de Brazlândia, Sobradinho e Planaltina, e na região do Entorno.

Educação e turismo

Referências em livros, jornais e outros meios de comunicação de massa, tanto quanto em conversas pessoais repetem que, para alcançar-se o nível de desenvolvimento turístico sustentável, é essencial o conhecimento, a educação permanente e o desempenho estratégico no turismo da área. Turismo é lazer, mas, na essência, é negócio, atividade econômica; por isso mesmo, exigente da ação planejada para obter a correspondente reação nos mais variados campos da inteligência e da criatividade. É impossível desvincular-se o turismo do marketing. Tanto que o III Fórum Internacional de Parlamentares e Administrações Locais (EMBRA-TUR/OMT, 2000) tratou da Influência da era da informática no turismo, da incidência econômica do turismo, da política turística, da avaliação do marketing do turismo, do código mundial de ética para o turismo, da dimensão sócio-cultural do turismo, da ordenação turística e desenvolvimento sustentável.

Com as mudanças que marcam a vida humana neste princípio de Século XXI, a gestão pública deve, necessariamente, estar alerta para a integração da

educação com o setor turístico e fomentá-la. O turismo – enquanto atividade econômica surpreendente, no restabelecimento do equilíbrio de negócios públicos e privados -, exige educação permanente e continuada. Isto é, há relação de dependência entre o setor econômico-ocupacional, na área do turismo e o processo educacional de formação de talentos humanos para atender esse setor. Os serviços que o turismo presta são mercadorias imateriais, intangíveis, não armazenáveis e não transportáveis porque são valores internalizados no sistema de personalidade individual. Cria um processo de socialização dos valores da natureza turística, que circula socialmente e gera as condições humanas na área do turismo. O processo produtivo do turismo se relaciona com a procura de eventos, pelo turista potencial.

Observa-se, hoje, segundo Guimarães (1998):

“... o crescente divórcio entre o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos do mundo contemporâneo, base da promoção da cidadania e do desenvolvimento, enquanto categoria global, e as limitadas oportunidades de acesso e capacidades de assimilação a essa produção intelectual mundial pelo mais rico potencial humano do País, a inteligência da criança, do jovem e do adulto brasileiro”.

O mesmo autor considera que, “a partir de 1970, particularmente a instabilidade e mutação dos mercados de trabalho começaram a retirar dos trabalhadores, mesmo os mais qualificados, a segurança do emprego”. Essa tendência de acordo com o mesmo autor, se agrava “com a mundialização do comércio e da produção industrial, dando origem a estratégias como o *outsourcing*, de *downsizing* e de *re-engineering*, destinadas a reduzir ao mínimo as necessidades de mão-de-obra e passando a exigir-lhe maior qualificação”.

O consumo dos serviços turísticos é simultâneo à produção. Justamente pelo fato de não se poder falar em produção do turismo sem que haja simultâneo consumo; é impossível cogitar-se de turismo, como atividade econômica e sustentável, sem educação competente voltada para a indústria turística. Ainda mais quando essa atividade desponta como grande oportunidade de geração de emprego.

Quanto ao turismo rural e ao ecoturismo, a necessidade de educação e a dimensão sócio-cultural são as mesmas, conforme a exposição que fez, no III Fórum Internacional de Parlamentares, o Prof. Dr. Peter Keller (EMBRATUR/OMT, 2000).

Como atividade resultante das relações humanas, os dois tipos de turismo

reclamam consciência da necessidade do crescente ordenamento da ocupação das áreas urbanas e semi-urbanas com seus problemas sociais e ambientais, de saúde pública, de economia, de história e cultura.

O turismo ambiental precisa de política pública competente e de estratégia voltada para o desenvolvimento sustentável, tanto quanto para as conseqüências ambientais. Justamente por isso, a educação relacionada com o turismo se afirma e aprimora em nível de ensino superior.

No Departamento de Turismo das Faculdades Integradas da União Pioneira de Integração Social (UPIS), de Brasília, os estudantes aprendem que o profissional do turismo precisa saber sobre marketing, relações humanas e comerciais entre países e negociação, além de: patrimônio natural, cultural, ecologia, manejo, conservação/preservação, recursos, atrativos e produtos ecoturísticos, atrativos valorativos de qualificação, valores econômicos do atrativo, modelos de inventário, turismo rural, pesquisas sócio-ambientais, estratégias de ação e práticas interativas e interdisciplinares, agentes sociais envolvidos e parceiros reais e potenciais, projetos demonstrativos de práticas sustentadas com geração de emprego e renda, planos de ação ambiental, planejamento participativo com empresários, hoteleiros, pousadeiros, associações de moradores e governos locais.

No mundo atual, o turismo tem tudo a ver com a formação universitária, com a aprendizagem de atitudes, de valores e comportamentos e de técnicas de promoção e gestão de empresas privadas e instituições públicas. Guimarães (1998), assinala que, além da exigência de maior qualificação, “as economias centralizadas no Estado começaram a abandonar as estratégias político-industriais, de planejamento da produção, levando à sua liberalização e, conseqüentemente, deixando a população economicamente ativa sem o amparo do Estado”. E dá ênfase ao fato de que:

... é preciso constatar que a sobrevivência econômica das nações e o aumento da justiça social passa pela capacidade que têm as sociedades de assegurarem o pleno emprego assalariado de toda a população economicamente ativa, independente da mobilidade da mão-de-obra por diferentes empregos ou ocupações profissionais. Mesmo abandonando, hoje, o conceito de Estado do Bem Estar Social, é mais oneroso para a sociedade a sustentação de desempregados do que a criação de novas oportunidades de emprego. [...] Numa situação clara de instabilidade e de mutabilidade de emprego, o capital mais valioso para o trabalhador é a sua qualificação profissional e a capacidade de adaptar-se a novas exigências

as do perfil profissional reclamado pelo mundo do trabalho. [...] Por outro lado, a própria competitividade das empresas passa pela sua permanente flexibilidade e capacidade de adaptação a novas exigências de mercado, novas metodologias e tecnologias de produção e de comercialização de produtos e serviços, o que é possível somente com a qualificação da mão-de-obra e muita educação para a mudança.

O turismo rural e o ecoturismo do DF, portanto, inclui o conhecimento histórico, social, econômico e político da Capital da República. Isto somente pode ser efetuado por meio da educação centrada nos valores sociais e culturais presentes no turismo. Assim, a formação intelectual e profissional dos talentos humanos apresenta-se como fundamental para o desenvolvimento das atividades turísticas. A própria qualidade do serviço turístico está sempre dependente do investimento intelectual que se faz nesse importante setor da economia do Distrito Federal.

Em Brasília, os ambientalistas da área acadêmica e o Fórum das ONGS Ambientalistas do Distrito Federal e do Entorno já promoveram, duas vezes, o evento denominado Conferência Ambiental do Distrito Federal, com o objetivo de responder a questões como: Brasília é sustentável do ponto de vista do meio ambiente, ou não?

O desenvolvimento do turismo causou mudanças importantes no setor educacional. O crescimento do fluxo de turismo em algumas regiões do planeta – como a Europa, por exemplo – traz implicações sobre o produto oferecido, o meio ambiente e a infra-estrutura. A preocupação maior está na área de formação de talentos humanos, com a exigência de elevados padrões de formação e de treinamento para garantir a qualidade do produto e do serviço perante o consumidor na área do turismo.

A sustentabilidade do turismo em espaço rural

Atualmente, é comum ouvir-se expressões como desenvolvimento sustentável ou auto-sustentabilidade. A atividade turística não poderia livrar-se de indagações quanto a sustentabilidade. Em especial, no espaço rural do Distrito Federal, apesar de interpretações de que o desenvolvimento sustentável rompe com a lógica de exclusão. Reconhecido internacionalmente, afirmado e reafirmado neste artigo como a indústria que oferece maior captação de recursos no mundo, o turismo precisa ser sustentável em todas as suas modalidades. Em especial no realizado em espaço rural.

Na área do Distrito Federal, essas modalidades contam com excepcional ambiente natural. Têm tudo para manter a sustentabilidade. Ainda mais quando a extensão

do Entorno e as áreas próximas possuem atrações de rara beleza, com mananciais de águas quentes e grutas entre as quais estão das maiores da América do Sul.

Ambientalistas e moradores da região de Santa Bárbara (DF 140) estão atentos à ocupação da área, por “agricultores” e “invasores”. Afirmam que têm o objetivo de evitar crimes ambientais. Entende-se que a adoção de práticas de ecoturismo e de turismo rural podem manter a preservação da belíssima região de Santa Bárbara, substituindo “ocupação desordenada” por preservação de ecossistemas. No DF, turismo rural e ecoturismo podem ser promovidos de forma sustentável, porque atendem à advertência de Simon e Bailey (1993), para os quais:

Condições biofísicas necessárias para a sustentabilidade global demandam que a sociedade não utilize os recursos naturais em ritmo maior do que o de sua regeneração pelo meio ambiente, nem produza dejetos mais rapidamente do que o meio ambiente possa absorvê-los, desfazer-lhes a toxicidade e diluí-los e, ainda, não diminua a capacidade do ecossistema de gerar serviços de apoio à vida.

O turismo em espaço rural – seja na modalidade ecológica ou de aventura, cultural ou de negócios, destinado a jovens e de outras faixas etárias (sociais), a misticismo e saúde ou a esportes – é atividade que une a exploração econômica à valorização do ambiente rural e da cultura local. No Distrito Federal e no Entorno, as modalidades que mais se destacam são o turismo rural (como fazenda hotel, pesque-pague, pousada, restaurante típico, artesanato, industrialização caseira) e ecoturismo (promovido em áreas naturais preservadas, com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar a fauna e a flora e manifestações culturais). O misticismo promovido na Cidade da Paz, na Chapada dos Veadeiros, é, também, muito concorrido, além das atividades desenvolvidas em Pirenópolis.

Há, portanto, no setor, a preocupação de preservar a natureza, de definir melhor as escalas temporais e espaciais dos limites biofísicos, as quais se evaporam na escala global e de longo prazo. Importante é ressaltar que a necessidade de promover o bem estar social está associada à forma racional e bem planejada do uso de capitais produtivos, principalmente os naturais. Sabe-se que muitos males da sociedade (miséria, desemprego, doença, falta de habitação) podem ser combatidos com o desenvolvimento da atividade turística associada à educação – importante como alternativa econômica, pelo relativo baixo custo de instalações e pelos benefícios que pode trazer, a curto e médio prazo. Principalmente no ambiente rural, com o recurso às atividades não-agrícolas que, mesmo passando à fonte principal,

não significa, necessariamente, abandono da atividade agrícola.

No Distrito Federal, conforme especificado anteriormente, registra-se grande crescimento, no setor. Proprietários rurais, com a finalidade de complementar seus rendimentos, vêm diversificando suas atividades, contribuindo sobremaneira para o aumento das receitas e melhorando o mercado de trabalho e a qualidade de vida das comunidades locais. As recomendações da ECO/92 (Rio) apontam para três aspectos importantes que devem constituir preocupação constante das pessoas envolvidas no planejamento e na implantação de atividades turísticas no meio rural: a sustentabilidade do processo, a diversidade característica e representativa de cada unidade e a inserção da comunidade local (Graziano da Silva, 1999).

O sucesso do turismo em espaço rural está na garantia da sustentabilidade do empreendimento, no que se refere aos aspectos ambiental, econômico e social. Para se tornarem sustentáveis as trocas da sociedade com a natureza, devem ser satisfeitos princípios ecológicos: conservando o ambiente, tratando do lixo, evitando poluição e desmatamentos e queimadas predatórias e assentamentos irregulares. O redirecionamento do enfoque para o desenvolvimento local é tendência que objetiva, antes de tudo, amenizar as distorções e os desequilíbrios (êxodo rural, degradação ambiental e abarrotamento nas grandes metrópoles) provocados pelo modelo de desenvolvimento produtivista adotado no pós-segunda guerra (Graziano da Silva et alii, 1998). A sustentabilidade do turismo rural e do ecoturismo se assenta no fato de que promovem a revitalização das zonas rurais desfavorecidas ou atingidas pela crise econômica gerada pelas perversas políticas agrícolas.

No exame da sustentabilidade inclui-se o estudo de viabilidade, que é de grande importância para o sucesso ou fracasso de qualquer empreendimento. Trata-se de trabalho que visa a verificar os aspectos técnico-econômicos, administrativos, financeiros e de comercialização, entre outros, relativos a toda cadeia produtiva. Pela análise desses fatores, pode-se tomar as decisões necessárias, assumindo, contudo, os riscos inerentes à atividade, sejam eles biológicos, ambientais e oscilações de preços. Interessante é que estudos em profundidade, do tipo Projeto Rurbano, concluem que:

“... o turismo rural pode constituir-se em importante vetor de desenvolvimento regional, desde que o controle dos processos seja regional e as comunidades locais se apropriem dos benefícios gerados. Nessa nova perspectiva, o enfoque tradicional de trazer capital de fora para explorar negócios é inadequado. Há que considerar-se o potencial da comunidade local e as diversidades geográficas e culturais das áreas rurais” (Graziano da Silva et al 1998).

Nesse sentido, Graziano da Silva & Del Grossi (1998) preocupam-se com “a proletarização total e o abandono da atividade agrícola” pela sustentabilidade do turismo rural e do ecoturismo, resultante da expansão das atividades não-agrícolas. Mas, asseguram que:

Embora as atividades não-agrícolas deixem de ser complementares e passem a ser a principal fonte de rendas para as unidades familiares pluriativas, isso não significa necessariamente o abandono da atividade agrícola. As trajetórias possíveis de transformação social são múltiplas e a escolha de permanecer, investir ou sair da agricultura depende, entre outros fatores, das políticas públicas voltadas para esse segmento. Isso nos leva a uma outra constatação: a perda da importância na agricultura não significa um esvaziamento dos espaços rurais e nem o abandono por completo da atividade agrícola. Esta pode até voltar a ser mais importante para a reprodução social dos agricultores, se o quadro da conjuntura econômica e política for mais favorável para eles.

Como mostrado no curso deste trabalho, o seu principal foco refere-se ao turismo no espaço rural do Distrito Federal e do Entorno. Evidentemente, não lhe cabe elaborar um roteiro turístico, indicando locais de industrialização de alimentos (pães, bolos, cucas, roscas, queijos, conservas, geléias, doces, mel e outras), ou restaurantes de comidas típicas, ou locais de artesanato, passeios de carroça ou a cavalo, trilhas para caminhadas ecológicas.

A viabilidade econômica do turismo em espaço rural do DF

A partir de dados oriundos da SEBRAE/DF (2000), e da área de turismo da Secretaria de Indústria e Comércio do Distrito Federal, é analisado o caso de um “sítio de recreação”. O fundamental é demonstrar a validade econômica do empreendimento turístico no meio rural. O investimento apresentado parte do pressuposto que a propriedade tem estrutura previamente formada. Assim, têm-se o seguinte:

1. Investimento financeiro: além do investimento fixo, também recursos financeiros iniciais são necessários ao funcionamento do estabelecimento, denominado capital de giro. Verifica-se que, para o exemplo em análise, o valor necessário para esse investimento financeiro inicial é da ordem de R\$ 68.245,86 (sessenta e oito mil e duzentos e quarenta e cinco reais e oitenta e seis centavos).

2. Custos fixos: outro aspecto importante é a definição dos custos fixos, aqueles que ocorrem mesmo quando não se vende nenhum produto ou serviço. Dessa forma, relacionou-se os custos fixos de um empreendimento do tipo “sítio de recreação” e tem-se o valor de R\$ 4.780,45 (quatro mil e setecentos e oitenta reais e quarenta e cinco centavos).
3. Custos variáveis: os custos variáveis são proporcionais aos serviços prestados: aquisição de mercadorias e insumos diversos, R\$ 3.500,00; impostos sobre a receita [3% - DF, ou R\$ 750,00 e 5,8% imposto federal, ou R\$ 1.450,00; combustível, R\$ 100,00] e outros 3% sobre os demais itens, ou seja, R\$ 174,00, totalizando R\$ 5.974,00.
4. Preço final: o passo seguinte é a definição do preço final dos serviços que serão prestados pelo estabelecimento. Para tanto, deve-se realizar pesquisa de mercado, analisando, além dos custos fixos e variáveis do empreendimento, o nível econômico do público-alvo e os preços dos concorrentes.

Visando exemplificar esse processo, tomaram-se os preços praticados por diversos estabelecimentos no Distrito Federal, e calculou-se o valor médio e a previsão do volume mínimo de vendas, de acordo com o mercado. Assim, é projetada uma quantidade mínima de ingressos no sítio, da ordem de 1.000 pessoas/mês, ao preço médio de R\$ 25,00 por visitante, totalizando um valor bruto de R\$ 25 mil, preços esses baseados na média dos praticados em estabelecimentos semelhantes no mês de março de 2000.

Para avaliar o empreendimento no aspecto econômico-financeiro, utilizam-se os indicadores de resultados de operacionalidade, que são rentabilidade, lucratividade, ponto de equilíbrio e prazo de retorno do investimento. Estimando-se uma receita operacional da ordem de R\$ 25 mil, é fácil chegar à identificação dos custos variáveis e dos fixos, que chegam a ordem de R\$ 5.974,00 e R\$ 4.780,45, respectivamente. Com a margem de contribuição de R\$ 19.026,00, totalizam-se as receitas, menos as despesas, em R\$ 14.245,55.

5. Rentabilidade: sendo a taxa de rentabilidade calculada dividindo-se o lucro líquido no período pelo investimento inicial, tem-se uma taxa de 20,87% ao mês.
6. Lucratividade: como a lucratividade é o valor percentual que a empresa obtém na forma de lucro, após a dedução de todas as despesas (lucro líquido

do dividido pelo valor das receitas operacionais), obtém-se uma taxa de 56,98%.

7. Ponto de equilíbrio: com o objetivo de mostrar em que nível das vendas de uma empresa é obtido valor suficiente para cobrir todas as suas despesas ou custos, calcula-se o ponto de equilíbrio, dividindo os custos fixos pela receita operacional, menos os custos variáveis e multiplicando-se o resultado obtido por cem. O resultado alcançado com essa conta será o percentual que, multiplicado pela receita operacional projetada, indicará o valor do faturamento a ser atingido para cobrir os custos fixos totais e variáveis até aquele momento. A partir daí, o empreendimento passa a ter lucro em suas atividades. Assim, quanto menor essa taxa, ou menor for o ponto de equilíbrio em relação à receita, menos arriscado será o negócio.

8. Prazo de retorno do investimento: é o tempo necessário para se obter a recuperação de todo o capital investido no empreendimento por meio dos saldos obtidos. Encontra-se esse prazo dividindo-se o valor do investimento total pelo lucro apurado no período. No caso em estudo, prazo de retorno do investimento está calculado em 4,79, aproximadamente cinco meses, para que, em forma de lucro, o investimento retorne ao proprietário. Analisando-se todos esses dados, e principalmente a taxa de lucratividade de 56,98%, que é considerada excelente, numa economia estável, verificamos que tais empreendimentos, se bem administrados, podem ser um ótimo negócio aos seus proprietários.

Considerações finais

Procurando responder o problema previamente levantado, sobre a importância econômica do turismo rural e do ecoturismo para o Distrito Federal e a sua região limítrofe denominada Entorno, conclui-se, como viável economicamente a atividade turística. Adicionam-se ainda os mecanismos de melhoria dos rendimentos das atividades no meio rural, ampliando assim o emprego, a renda e a riqueza da área rural do DF e do Entorno.

Ademais, o estudo tratou o espaço rural não apenas em seu sentido de recursos naturais – o solo, a água, a fauna e a flora – mas em tudo quanto lhe integra o quadro físico, o cotidiano que habita esse espaço, o patrimônio

construído, juntando-lhe a noção de competitividade ambiental e de competência dos agentes locais, para sustentabilidade do ambiente. Isso implica necessariamente o desenvolvimento do turismo rural e do ecoturismo como componente fundamental do desenvolvimento econômico sustentável, mas, também, respeito ao ecológico, ao social, ao cultural, e ao estético. Essa orientação se ajusta à solução do aparente conflito entre exploração dos recursos naturais e a proteção ambiental, que marca o desencontro entre ambientalista e defensores do desenvolvimento econômico, encarando a natureza na condição simultânea de motor do desenvolvimento sustentável do espaço rural.

Verificou-se a carência, seja na área oficial, ou privada, visto sob o ângulo do potencial exato dos espaços rurais do País e do Distrito de conteúdos legais especialmente aqueles relacionados ao Distrito Federal e ao Entorno, que estabeleçam normas correspondentes aos sistemas de exploração e às práticas de turismo rural e ecoturismo.

Assim, torna-se essencial a formulação de política nacional e distrital de turismo, com interdependência entre suas diferentes dimensões – a econômica, a social, a ambiental, a política e a histórica –, com suporte de uma forte política educacional para o setor. Isto significa, de acordo com os princípios da sustentabilidade, que se estabeleça projeto de educação especializada para a formação de recursos humanos, com vistas à expansão do turismo rural e do ecoturismo, de forma a promover o trabalho a ser desenvolvido no País, no Distrito Federal e no Entorno.

Além disso, é importante a formulação de normas legais sobre a atividade turística em espaço rural, o levantamento exato dos recursos físicos, de tudo o quanto diz respeito ao ambiente e à paisagem, como ordenamento espacial. É preciso que a omissão seja corrigida. Tudo quanto se há promovido no País, em matéria de turismo, resulta de atos administrativos que precisam ser legitimados em texto de lei.

Ficou salientado que o turismo é fonte geradora de empregos; destaca-se pela facilidade com que promoções e novos investimentos geram empregos; tem a peculiaridade de gerar vagas em áreas com desemprego estrutural, como centros de cidades e áreas rurais, com predominância nos postos de ocupação em micros, pequenas e médias empresas. Por isso mesmo, o poder público deve adotar providências que permitam o desempenho do turismo em espaço rural, no sentido de utilização do máximo possível de mão-de-obra disponível.

A Capital da República e a Região do Entorno têm condições naturais e históricas para realizar atividades de turismo rural e de ecoturismo sustentáveis; o turismo rural e o ecoturismo, da mesma forma que o turismo em geral, exigem formação profissional de nível superior, do pessoal que a ele se dedica. E Brasília tem faculdades, a exemplo da mantida pela UPIS, de alta competência para atender à demanda. O turismo em área rural e o ecoturismo assumem importância fundamental para incrementar o potencial turístico do Distrito Federal, principalmente pelas condições históricas e culturais da área. O ecoturismo, também chamado turismo ecológico, é segmento alternativo do turismo e sinônimo de desenvolvimento sustentável, que encontra excepcionais condições ambientais de ser implantado com sucesso no Distrito Federal e no Entorno.

Além disso, os resultados mostrados na avaliação econômica de um sítio de recreação demonstram de forma evidente a viabilidade econômica de empreendimentos turísticos na região do estudo. Ou seja, a lucratividade da referida simulação alcançou uma taxa de 56,98%. Essas evidências, adicionadas aos estudos exploratórios e a extensa documentação bibliográfica sobre a importância do turismo no Distrito Federal, levam à resposta do problema de pesquisa deste trabalho previamente formulado, isto é: o turismo rural e o ecoturismo demonstram valia econômica para o Distrito Federal.

Conclui-se, enfim, que a atividade turística pode ser ótima opção como prática de atividade econômica sustentável no meio rural. Ainda mais quando, ao se analisar os resultados obtidos, comprovar-se que o investimento, para instalação de um Sítio de Recreação, pode retornar ao proprietário em menos de cinco meses de funcionamento. E os riscos da atividade turística, comparados com os das intempéries que tanto influenciam a atividade agropecuária, são bem menores.

Notas

¹A expressão “revolução industrial” foi difundida, a partir de 1845, por Engels, um dos fundadores do socialismo científico.

²O Projeto de Lei (nº 4.769/94, na Câmara; nº 51/98, no Senado) que “dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, institui o Sistema Nacional de turismo e dá outras providências” nada estabelece, especificamente, sobre o ecoturismo, o turismo rural e o agroturismo turismo. A Constituição Federal (arts. 24, 180, 216 e 225, parágrafos e itens) refere-se ao meio ambiente, à promoção do turismo pela União, Estados e Distrito Federal e à proteção do patrimônio turístico e paisagístico.

³UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) adotada pela Conferência de Londres, da ONU, em 16 de novembro de 1945 e instalada em 4 de novembro de

1946, quando 20 Estados-Membros depositaram o respectivo instrumento de aprovação. Em outubro de 1999, a UNESCO chegou ao número atual de 188 Estados-Membros).

⁴A expressão “novo rural brasileiro” vem da “Pesquisa para caracterização do novo rural brasileiro”, criada e batizada de “Projeto Rurbano”, pelos professor José Graziano da Silva e seus colaboradores do Núcleo de Economia Agrícola da Unicamp.

Referências Bibliográficas

BOTELHO FILHO, Borges Flávio. *Dinâmica hegemônica das ocupações rurais não agrícolas no Distrito Federal*. Brasília, 2001.

CARVALHO, Caio Luiz de. *Como a indústria do turismo pode ajudar o País a superar as dificuldades econômicas e reduzir nossas desigualdades sociais*. Brasília: EMBRATUR. 2001.

CAVACO, Carmina. *Turismo Real e desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 1996.

EMBRATUR. *Manual de turismo rural*. Brasília: Instituto Brasileiro de Turismo, Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, 1994.

EMBRATUR. *Frente Parlamentar de Turismo/Subcomissão Permanente de Turismo da Câmara dos Deputados. Carta de Goiás*. Brasília: Governo de Goiás/UPIS, 1999.

EMBRATUR/OMT. *Conclusões do III Fórum Internacional de Parlamentares e Administrações Locais (FIPALL): protagonistas das políticas turísticas do Século XXI*. Madri, 2000.

FLORES, M. X.; MACÊDO, M. M. C. & ROSA, S. L. do C. Agricultura Familiar e Reforma Agrária: Contradições e Desenvolvimento. In: *Agricultura Familiar: Desafios para a Sustentabilidade*. Aracajú: Embrapa Tabuleiros Costeiros e Ministério de Agricultura e Desenvolvimento, 1998, 71-82.

GRAZIANO DA SILVA, J. & DEL GROSSI, M.E. A pluratividade na agropecuária brasileira em 1995-1996. In: *Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*. 36, Poços de Caldas, MG, 1998. Anais. Brasília, SOBER, 1998.

GRAZIANO DA SILVA, J.; VILARINHO, C.; DALE, P.J. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: UFSM (ed.). *Turismo rural e desenvolvimento sustentável*. Santa Maria, 1998, cap. I, p. 11-49.

GRAZIANO DA SILVA, J. Políticas agrícolas e não-agrícolas. In: *Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*. 36, Poços de Caldas, MG, 1998. Anais. Brasília: SOBER, 1998, p. 117-142.

- GRAZIANO DA SILVA, J. *O Novo Rural Brasileiro*. Campinas: Unicamp, 1999.
- GUIMARÃES, Paulo Vicente. *A contribuição ao consórcio interuniversitário de educação continuada e a distância no desenvolvimento nacional*. Brasília: UNB, 1998.
- MARSDEN, T. Towards the political economy of pluriactivity. *Journal of Rural Studies*. London, v. 6, n. 4, 375-382, 1990.
- OLIVEIRA, Ana Maria; MOREIRA, Ana Paula Bellarmino da Silva; TORZO, Ângela; SATHLER, Evandro; PICANÇO, Maria Coeli Tostes. *Ecoturismo e desenvolvimento sustentável*. Niterói: Faculdade de direito da Universidade Salgado de Oliveira, 1997.
- OXINALDE, Miguel Del Regviero. *Ecoturismo: nuevas formas de turismo en el espacio rural*. Barcelona: Bosch Casa Editorial. 1994.
- ROQUE, Andréia Maria e VIVAN, Antônio Marcos. *O turismo no espaço rural para a nova gestão brasileira*. Lavras: UFAL, 1998.
- SCHNEIDER, S. *Os colonos da indústria calçadista*. Campinas: Unicamp, 1994.
- SEBRAE. Brasília. Internet. Maio 2001.
- SIMON, F. e BAILEY, Franz. *Eco-san: the false prophets of ecological apocalypse*. New York: St. Martin. 1993.
- TEIXEIRA, Vanessa Lopes. *Turismo rural na região serrana do Estado do Rio de Janeiro*. Campinas: Unicamp, Projeto Rurbano, 2000.

Resumo

O turismo é a principal fonte de geração de empregos no mundo contemporâneo. Seus impactos estendem-se a variados setores da economia, gerando oportunidades de emprego para mão de obra qualificada como também para aquela menos qualificada. O presente texto analisa a importância econômica e a sustentabilidade do turismo rural e do ecoturismo no Distrito Federal no marco do chamado *novo rural* brasileiro, o qual compreende um amplo conjunto de atividades agrícolas e não-agrícolas predominantes no meio rural.

Palavras chave: turismo, turismo rural, ecoturismo

Abstract

Tourism is the main source of employment worldwide. Its impacts spread through various economic sectors, creating job opportunities for qualified and unqualified

labor. The present text analyses the growing relevance and the sustainability of rural tourism and ecotourism in the Federal District in the framework of the so-called *brazilian new countryside*, which comprises the prevailing agricultural, and non-agricultural activities in rural areas.

Key words: tourism, rural tourism, ecotourism

Resumen

El turismo es el principal fuente de empleo en el mundo contemporáneo. Sus impactos alcanzan diferentes sectores de las economías generando oportunidades de trabajo para la mano de obra calificada como también para aquella de menor calificación. En el presente texto se analizan la creciente importancia y la sustentabilidad del turismo rural y del ecoturismo en el Distrito Federal en el marco del llamado *nuevo rural* brasileño, lo cual designa el conjunto de actividades agrícolas y no agrícolas que prevalecen en el entorno rural.

Palabras clave: turismo, turismo rural, ecoturismo

INFORMAÇÃO

Kelly Cristine F. O. Bessa

Geógrafa Ms. do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

Beatriz Ribeiro Soares

Professora Doutora do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

Novas espacialidades nas áreas de cerrado brasileiro: considerações sobre a rede urbana

A atualidade, expressando um novo ciclo de expansão do capitalismo, é marcada por alterações nas esferas tecnológicas, comunicacionais, organizacionais, econômicas e políticas, bem como sociais, ideológicas e culturais.

No Brasil, essas mudanças são determinadas pela modernização agrícola, pela incorporação de novas áreas ao processo produtivo global, por novos padrões de mobilidade espacial da população, por novas funcionalidades urbanas e novas redes de interações espaciais. Todas elas implicam em nova divisão territorial do trabalho que, por sua vez, redefine, a partir da integração uma economia global, o papel das cidades e das regiões.

Graças aos processos de modernização, caracterizados pela difusão do meio técnico-científico-informacional, a urbanização brasileira ganha novo conteúdo e nova dinâmica. Durante anos, em razão das economias de aglomeração, ocorre uma crescente concentração das atividades econômicas em poucas cidades, as quais tiveram reforçado o seu papel de principais focos da atividade econômica do país. Contudo, considerando as novas tendências de urbanização e a difusão das inovações do período técnico-científico-informacional, desde a década de 70, processa-se uma verdadeira revolução urbana no Brasil, pois intensifica-se o processo de urbanização e acentua-se a importância das grandes cidades, bem como das cidades médias e locais.

Essas transformações recentes permitem pensar numa redefinição dos papéis urbanos, tanto no que se refere à metrópole e sua região, como no que diz respeito às cidades grandes e médias, que passam a se constituir em pólos regionais ou em metrópoles regionais; assim como com relação às cidades locais, que se transformam em “cidades do campo”.

Destarte, este trabalho tem por objetivo analisar o processo de urbanização das áreas de cerrado, bem como discutir a inserção das cidades dessa região no sistema urbano brasileiro, identificando, particularmente, o significado das cidades médias.

A importância das áreas de cerrado brasileiro está centrada, primeiramente, na significativa extensão por eles ocupada, ou seja, cerca de dois mi-

lhões de km², equivalendo a uma área de aproximadamente 24% do território nacional, que se estende do paralelo 4° de latitude Sul até a linha do trópico de Capricórnio e da coordenada 41° a 64° de longitude Oeste, ocupando principalmente o Brasil Central. Essa ocupação ocorre de forma contínua, abrangendo parte dos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Goiás, Tocantins, Bahia, Minas Gerais, Piauí, Maranhão, além do Distrito Federal, e ainda surge como manchas ou, na colocação de CHAGAS (1999:19), “como manifestações residuais sob a forma de relictus” em outros estados, a saber: Amazonas, Pará, Amapá, Roraima, Alagoas, São Paulo, Paraná, entre outros, e na ilha de Marajó (vide FIGURA 1).

Figura 1 - BRASIL: ÁREAS OCUPADAS POR CERRADO, 1993



Fonte: FIBGE, 1993

Digitação: Celso A. Siqueira

Em segundo lugar, pela sua rica biodiversidade, visto que, de acordo com CHAGAS (1999:19-21), esse ecossistema é caracterizado por “aspectos fisionômicos variados” e, por esse motivo, “difícilmente, pode-se falar em cerrado, mas em cerrados”. Dessa forma, “o cerrado típico (...) tem sua estrutura definida pela presença de dois estratos: um arbóreo-arbustivo e outro herbáceo”, sendo que em seu interior “encontram-se formas vegetacionais estruturalmente diferenciadas do cerrado típico”, entre elas: campo cerrado, campo sujo, campo limpo e cerradão.

E, em terceiro lugar, por se tratar de espaço econômico/social heterogêneo, com a recente ocupação econômica, caracterizada, particularmente, pela modernização agrícola, pela agroindustrialização e pela terciarização; e com a aceleração do fenômeno urbano, que será tratada de forma específica neste estudo.

Nas áreas de cerrado, a urbanização teve sua origem vinculada a três tipos de atividades econômicas: mineração (Cuiabá, Goiás, Diamantina, entre outras); pecuária (Itaberaí, Aquidauana, Campo Grande, Anápolis, entre outras) e circulação (Três Lagoas e Uberlândia). Todavia, a construção de Brasília, a implantação das malhas viária e energética e a modernização do campo dinamizaram a urbanização dessa região.

Contudo, deve-se apontar que as transformações verificadas na urbanização não são totalmente dependentes apenas destes fatores, visto que o urbano possui também seu próprio movimento, dotado de relativa autonomia e que assim como o campo também possui processos gerais centrados na dinâmica da acumulação, em que se verifica a implantação de toda uma infra-estrutura de apoio à produção e à distribuição das mercadorias produzidas, a intensificação dos fluxos de transporte e de comunicações, bem como a diversificação dos serviços e do comércio.

A construção de Brasília no Planalto Central, juntamente com as políticas de interiorização do país, teve grande impacto político, econômico e social nas áreas de cerrado. Situada em posição central, ou seja, no contato entre o litoral e o sertão e entre as áreas dinâmicas, estagnadas e despovoadas, a nova Capital Federal tornou-se ponto de convergência, por meio da criação da malha rodoviária, entre as regiões Sul/Sudeste e Nordeste, bem como da penetração nas regiões Norte e Centro-Oeste. Além das rodovias, foram também implantadas usinas hidrelétricas que permitiram o desenvolvimento industrial de algumas cidades desta região.

Dessa maneira, pensada em um contexto maior de interiorização, a construção da nova capital federal promoveu a dinamização de vasta região, especialmente aquelas ocupadas por cerrados. Além dos investimentos federais, naquele momento ocorreu também a aplicação, via governo Estadual, de recursos para a melhoria da infra-estrutura e a implantação de distritos industriais junto a algumas cidades, especialmente aquelas situadas em Minas Gerais.

A partir da década de 70, o processo de modernização do campo afetou grande parte do território brasileiro, aí incluindo-se as áreas de cerrado. Segundo Corrêa (1995), os impactos da modernização agrícola dizem respeito, particularmente, à estrutura fundiária, aos sistemas agrícolas, aos produtos cultivados, às relações sociais de produção e à mobilidade demográfica. Todavia, a modernização do campo afetou, sobremaneira, a urbanização, à medida que a partir dela tornou-se possível, nas cidades das regiões agrícolas modernizadas, a adoção de algumas outras inovações, principalmente, aquelas ligadas à prestação de serviços, bem como à informação, à comunicação e ao mundo financeiro.

Dessa forma, de acordo com as colocações de Corrêa (1995), a modernização do campo nas áreas de cerrado implicou, por um lado, na refuncionalização dos centros urbanos já existentes e, por outro, na criação de novos núcleos.

Anteriormente, a rede urbana das áreas de cerrado apresentava-se desarticulada, ou seja, com pequena integração interna, tendo sido estruturada em decorrência da baixa densidade demográfica e econômica e pelo limitado dinamismo das áreas voltadas à pecuária e aos grandes latifúndios.

A refuncionalização dos centros antigos é evidente e ocorre a partir da implantação de novas atividades. É interessante ressaltar que estas atividades são provenientes de fora, implantadas para atender às demandas da agricultura (crédito, insumos, maquinário, beneficiamento, estocagem) e dos novos produtores. Dessa forma, os centros urbanos tornaram-se, simultaneamente, reflexos da modernização do campo e condicionantes de sua reprodução.

Esse processo foi marcado pela intensificação dos fluxos de transporte e de comunicação, bem como pela diversificação do comércio e dos serviços, e assim implicou novos padrões de interações espaciais; padrões que foram viabilizados pelas redes técnicas implantadas, que acompanham ou precedem a modernização do campo.

Esses novos padrões caracterizam-se pela importância de fluxos a longa distância e das ligações com outros centros urbanos com os quais não mantinham interações no passado. Ao mesmo tempo, as interações espaciais tradicionais são mantidas e reforçadas pela participação mais efetiva de centros que ascenderam na hierarquia urbana, a exemplo de Barreiras e Rondonópolis.

A modernização do campo foi capaz também de induzir ao aparecimento de novos núcleos urbanos, que apesar de pequenos, eram inexistentes na década de 70. Entre os núcleos criados nas áreas de cerrado destacam-se Mimoso do Oeste (Distrito de Barreiras), Novo Paraná, Roda Velha, Bela Vista e Águas Claras (Corrêa, 1995). Estes pequenos núcleos são locais de concen-

tração da força de trabalho e de prestação de serviços vinculados à agricultura moderna.

A formação de uma rede urbana nas áreas de cerrado brasileiro foi determinada pelo dinamismo das atividades econômicas; pela localização dos centros de poder, tanto federal quanto estaduais; bem como pela divisão política dos estados do Mato Grosso e de Goiás, modificando a configuração territorial e as relações sócio-espaciais e políticas da região.

Analisando a distribuição da população nas áreas de cerrado, confirmamos sua concentração em áreas urbanas, apontando sensível decréscimo populacional junto às metrópoles; significativo crescimento dos municípios entre 50 mil e 500 mil habitantes; relativa estabilidade da distribuição espacial da população; e redução das taxas de crescimento populacional pós década de 80, quando comparada às décadas anteriores.

No que diz respeito ao último recenseamento do IBGE (1996) para a Contagem Populacional, fica evidenciado o expressivo grau de urbanização para as áreas de cerrado e, concomitantemente, o decréscimo de sua população rural, que passa a incrementar as áreas urbanas. Esse processo pode ser verificado nas cidades mais populosas da região, em que os percentuais de população urbana oscilam entre 92,2% a 100%, com índices expressivos nas capitais estaduais, bem como no Distrito Federal e nas cidades entre 100 mil e 500 mil habitantes (tabela 1).

Com relação à densidade demográfica, observa-se uma concentração de população na porção sul, mais precisamente no oeste e sul de Minas Gerais, e na área central de Goiás, com taxas entre 25,01 a 100 hab/Km². No restante, a ocupação é muito rarefeita, com índices iguais ou inferiores a 25 hab/Km², sendo que junto aos estados de Mato Grosso, Tocantins, Maranhão, Piauí e Bahia encontramos densidades inferiores a 2 hab/Km².

Nas áreas de cerrado observa-se também o crescimento numérico das cidades acima de 50.001 habitantes, este é um dado importante a ser considerado no cerrado brasileiro, pois na década de 60 eram em número de 15. Dentre estas, 66,7% estavam na faixa de tamanho populacional entre 50 mil e 100 mil habitantes e o restante nas faixas de 100 mil a 500 mil (26,7%) e 500 mil a 1 milhão de habitantes (6,7%). No início dos anos 90, esse número de cidades cresceu para 46. Destas, 47,8% estavam na faixa entre 50 mil e 100 mil habitantes; outros 43,5% entre 100 mil e 500 mil; 4,3% entre 500 mil e 1 milhão de habitantes (Campo Grande e Goiânia), e outros 4,3% na faixa acima de 1 milhão (Belo Horizonte e Brasília), como retrata a Tabela 2.

Tabela 1 - Áreas de cerrado: grau de urbanização das cidades mais populosas, 1996

Cidades	Pop. Total	Pop. urbana		Pop. Rural	
		Pop. urbana	%	Pop. Rural	%
Belo Horizonte	2.091.371	2.080.145	99,5%	11.303	0,5%
Brasília	1.821.946	1.692.248	92,9%	129.698	7,1%
Goiânia	1.003.477	998.121	99,5%	5.977	0,6%
Campo Grande	600.069	592.007	98,7%	8.062	1,3%
Contagem	492.214	454.020	92,2%	38.330	7,8%
Uberlândia	438.986	430.439	98,1%	8.547	1,9%
Cuiabá	433.355	426.903	98,5%	6.452	1,5%
Montes Claros	271.608	253.083	93,2%	18.526	6,8%
Aparecida de Goiânia	265.868	265.868	100,0%	-	-
Anápolis	264.975	244.670	92,3%	20.305	7,7%
Luziânia	242.522	232.866	96,0%	9.656	4,0%
Uberaba	237.433	229.031	96,5%	8.402	3,5%

FIBGE, 1996.

Tabela 2 - Áreas de cerrado: distribuição dos municípios por faixa de tamanho populacional acima de 50.001 habitantes, 1960/1996

Anos	Total	50.001 a 100.000		100.001 a 500.000		500.001 a 1.000.000		Mais de 1.000.000	
		Pop.	%	Pop.	%	Pop.	%	Pop.	%
1960	15	10	66,7%	4	26,7%	1	6,7%	-	-
1970	26	16	61,5%	8	30,8%	1	3,8%	1	3,8%
1980	36	21	58,3%	12	33,3%	1	2,8%	2	5,6%
1991	46	22	47,8%	20	43,5%	2	4,3%	2	4,3%
1996	50	22	44,0%	24	48,0%	1	2,0%	3	6,0%

Fonte: FIBGE, 1960-1991. FIBGE, 1996.

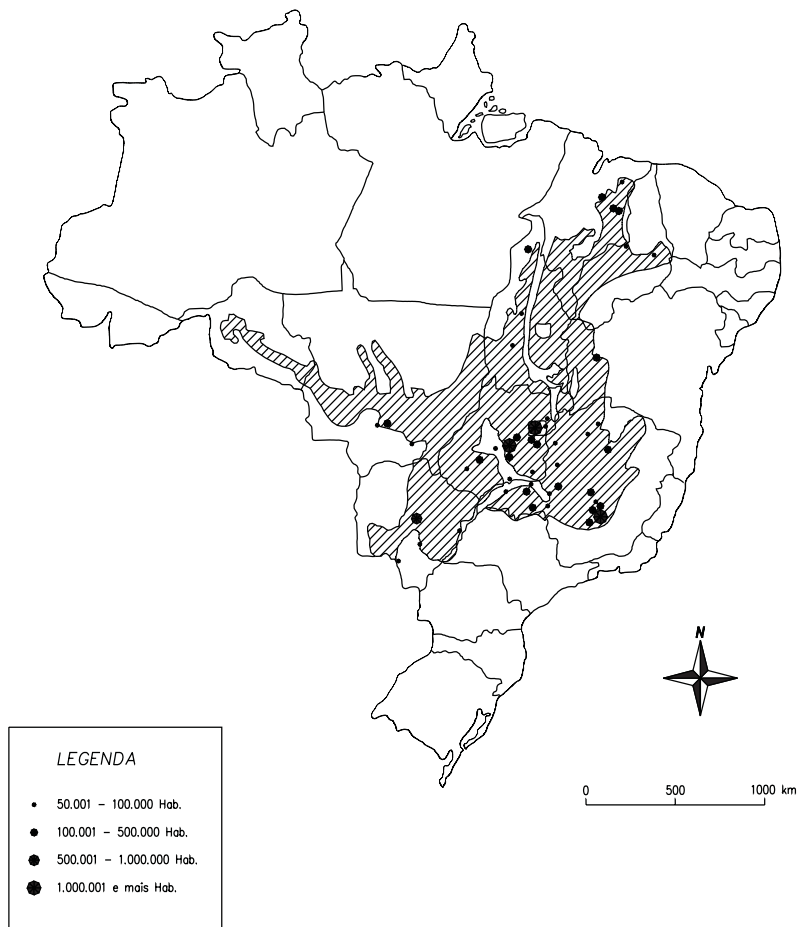
Segundo dados da Contagem Populacional de 1996 (IBGE, 1996), existiam três cidades milionárias (Belo Horizonte, Brasília e Goiânia); uma cidade entre 500 mil e 1 milhão de habitantes (Campo Grande); 24 cidades entre 100 mil e 500 mil (entre elas: Contagem, Uberlândia, Cuiabá, Montes Claros, Aparecida de Goiânia, Anápolis, Betim, Luziânia, Uberaba e Ribeirão das Neves); e outras 22 entre 50 mil e 100 mil (Itumbiara, Três Lagoas, Araguari, Araxá, Ituiutaba, Januária, Unai, Picos, Palmas, entre outras) (figura 2).

Na Tabela 3, observamos que a evolução populacional das cidades das áreas de cerrado brasileiro, entre os anos de 1960 e 1996, vem demonstrando desaceleração nas taxas de crescimento das cidades milionárias, que nos períodos censitários, entre 1960/70, 1970/80 e 1980/91, cresceram de forma bastante expressiva, respectivamente 80,6%, 44,2% e 15% (Belo Horizonte); 285,1%, 118,6% e 35,6% (Brasília); e 152,3%, 87,4% e 28,9% (Goiânia). Entretanto, no período 1991/96, esse percentual de crescimento foi reduzido nas cidades de Belo Horizonte e Goiânia, para taxas abaixo da média nacional (2,1% e 9%). Brasília, porém, mantêm, para esse período, taxa de crescimento acima da média nacional, de 14,1%.

Nas cidades com faixa de tamanho entre 500 mil e 1 milhão de habitantes, constata-se uma desaceleração, visto que estas apresentam, entre os anos 1960/70, 1970/80 e 1980/91, padrões elevados de crescimento populacional, como, por exemplo, Campo Grande, que cresceu 91,6%, 107,9% e 80,2%, respectivamente e que teve, para o período de 1991/96, as taxas reduzidas para 14,2%.

No entanto, as chamadas cidades intermediárias ou médias (100 mil a 500 mil habitantes, segundo critérios do IBGE) apresentaram índices de crescimento populacional bastante expressivos nas três últimas décadas, explicados por sua inserção e dependência de dinâmicas externas, ou seja, por processos e atividades provenientes, particularmente, das demandas da modernização da agricultura e da implantação do complexo agroindustrial, por programas de desenvolvimento industrial ou, ainda, por estarem localizadas em regiões metropolitanas, como é o exemplo de Aparecida de Goiânia, Betim, Contagem, Ribeirão das Neves e Santa Luzia (gráfico 1).

Figura 2 - Áreas de cerrado: aglomerações com mais de 50.000 Habitantes, 1996



FONTE: Fundação IBGE - Contagem populacional, 1996

Adaptação: Kelly C. Bessa
Digitalização: Celso A. Siqueira

Tabela 3 - Áreas de cerrado: cidades com mais de 50.000 habitantes e taxas médias de crescimento, 1960-1996 (continuação)

Municípios	População total					Taxa média de crescimento			
	1960	1970	1980	1991	1996	1960/ 1970	1970/ 1980	1980/ 1991	1991/ 1996
BAHIA									
Barreiras	-	20.934	41.803	78.938	113.695	-	99,7	88,8	44,0
DISTRITO FEDERAL									
Brasília	139.796	538.351	1.176.935	1.596.274	1.821.946	285,1	118,6	35,6	14,1
GOLÁS									
Anapólis	68.016	105.121	180.015	239.047	264.975	54,6	71,2	32,8	10,8
Aparecida de Goiânia ¹	-	7.476	42.597	178.326	265.868	-	469,8	318,6	49,1
Catalão	25.699	27.390	39.194	54.486	58.507	6,6	43,1	39,0	7,4
Formosa	21.708	29.224	43.397	62.974	68.704	34,6	48,5	45,1	9,1
Goiânia	151.013	381.055	714.174	920.257	1.003.477	152,3	87,4	28,9	9,0
Itumbiara	48.402	64.272	70.376	79.457	78.669	32,8	9,5	12,9	-1,0
Jataí	27.680	41.374	53.420	65.855	69.192	49,5	29,1	23,3	5,1
Luziânia	27.444	32.800	79.079	207.257	242.522	19,5	141,1	162,1	17,0
Planaltina	6.123	8.989	16.165	40.181	58.576	46,8	79,8	148,6	45,8
Rio Verde	39.823	55.819	74.741	95.895	100.586	40,2	33,9	28,3	4,9
Santo Antônio do Descoberto	-	-	13.735	35.375	107.672	-	-	157,6	204,4
Trindade	16.549	22.446	30.610	53.930	69.838	35,6	36,4	76,2	29,5
MARANHÃO									
Caxias	128.653	88.703	125.507	145.709	146.045	-31,1	41,5	16,1	0,2
Chapadinha	39.506	45.018	52.758	56.856	59.521	14,0	17,2	7,8	4,7
Codó	71.156	93.134	108.965	11.537	110.292	30,9	17,0	-89,4	856,0
Timon	28.616	36.903	74.403	107.394	118.428	29,0	101,6	44,3	10,3
MATO GROSSO									
Cuiabá	56.828	100.865	209.553	401.112	433.355	77,5	107,8	91,4	8,0
Rondonópolis	22.302	62.551	81.366	125.107	142.524	180,5	30,1	53,8	13,9
Várzea Grande	-	18.146	76.676	161.608	193.401	-	322,6	110,8	19,7
MATO GROSSO DO SUL									
Campo Grande	73.258	140.366	291.777	525.612	600.069	91,6	107,9	80,1	14,2
Dourados	84.668	79.269	100.987	135.779	153.191	-6,4	27,4	34,5	12,8
Ponta Porã	29.847	33.871	37.515	55.830	58.505	13,5	10,8	48,8	4,8
Três Alagoas	31.690	55.494	57.993	68.067	74.797	75,1	4,5	17,4	9,9

Fonte: FIBGE, 1960-1991. FIBGE, 1996.

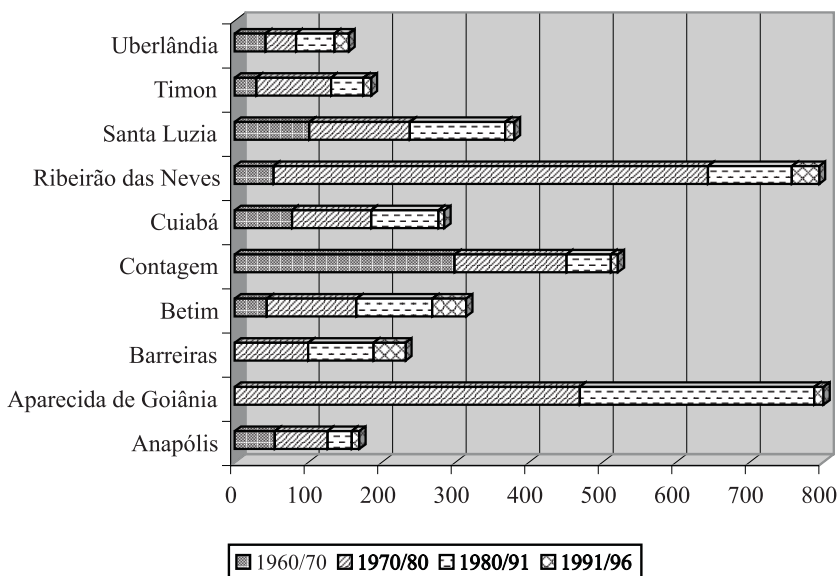
¹Municípios da Região Metropolitana de Goiânia.

²Municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Tabela 3 - Áreas de cerrado: cidades com mais de 50.000 habitantes e taxas médias de crescimento, 1960-1996 (conclusão)

Municípios	População total					Taxa média de crescimento			
	1960	1970	1980	1991	1996	1960/ 1970	1970/ 1980	1980/ 1991	1991/ 1996
MINAS GERAIS									
Araguari	35.520	63.368	85.290	91.202	95.403	78,4	34,6	6,9	4,6
Araxá	24.041	35.676	44.666	69.858	74.206	48,4	25,2	56,4	6,2
Belo Horizonte	683.908	1.235.001	1.780.855	2.048.861	2.091.371	80,6	44,2	15,0	2,1
Betim ²	26.409	37.883	84.183	170.616	249.451	43,4	122,2	102,7	46,2
Contagem ²	27.914	111.338	280.477	448.822	492.214	298,9	151,9	60,0	9,7
Curvelo	51.826	45.494	50.784	58.995	63.467	-12,2	11,6	16,2	7,6
Divinópolis	52.840	80.348	117.330	151.345	171.565	52,1	46,0	29,0	13,4
Ituiutaba	29.724	64.656	75.919	84.581	87.467	117,5	17,4	11,4	3,4
Januária	59.943	62.615	71.992	86.871	77.739	4,5	15,0	20,7	-10,5
Montes Claros	131.337	116.464	177.308	247.286	271.608	-11,3	52,2	39,5	9,8
Paracatu	25.348	36.773	49.096	62.708	68.047	45,1	33,5	27,7	8,5
Patos de Minas	31.471	76.211	88.802	102.766	112.712	142,2	16,5	15,7	9,7
Patrocínio	13.933	35.578	45.395	60.561	68.478	155,4	27,6	33,4	13,1
Ribeirão das Neves ²	6.387	9.734	67.257	143.874	197.025	52,4	590,9	113,9	36,9
Santa Luzia ²	12.573	25.301	59.892	137.602	153.914	101,2	136,7	129,8	11,9
São Francisco	45.305	58.505	61.915	70.081	55.232	29,1	5,8	13,2	-21,2
Sete Lagoas	41.405	66.636	100.628	143.611	167.340	60,9	51,0	42,7	16,5
Uberaba	72.053	124.490	199.203	210.803	237.433	72,8	60,0	5,8	12,6
Uberlândia	88.282	124.895	240.961	366.711	438.986	41,5	92,9	52,2	19,7
Unai	45.975	52.427	68.079	69.661	73.664	14,0	29,9	2,3	5,7
PIAUI									
Floriano	22.183	35.869	43.144	51.445	52.222	61,7	20,3	19,2	1,5
Picos	47.708	52.747	71.065	78.425	76.194	10,6	34,7	10,4	-2,8
TOCANTINS									
Araguaina	10.622	37.915	71.566	103.396	105.019	256,9	88,8	44,5	1,6
Gurupi	11.915	24.575	38.686	56.741	64.725	106,3	57,4	46,7	14,1
Palmas	-	-	3.288	24.261	86.116	-	-	637,9	255,0

Gráfico 1 - Áreas de cerrado: taxas de crescimento populacional das cidades, 1960-1996



Fonte: FIBGE, 1960-1991. FIBGE, 1996.

De acordo com Bessa (1999:22), “é bastante provável que os altos custos da terra urbana nas metrópoles tenham contribuído em parte com esse movimento”. Enfim, podemos considerar um aumento da importância dos centros intermediários na região do cerrado brasileiro, ou seja, daqueles que apresentam papéis regionais e locais expressivos.

As cidades médias brasileiras, de modo geral, nas últimas décadas vêm apresentando um importante crescimento populacional associado ao crescente desenvolvimento econômico, fundamentado na implantação de uma base infra-estrutural ligada aos transportes e às comunicações. Esses fatores possibilitaram a integração maior destas cidades ao seu espaço regional e, conseqüentemente, ao território nacional. Além disso, essas cidades apresentaram bons índices de qualidade de vida, relacionados à existência de cursos superiores, boas escolas de ensino fundamental e médio, hospitais especializados, bons índices de qualidade ambiental, centros de consumo de mercadorias e lazer, entre outros.

As chamadas cidades locais também apresentaram um crescimento populacional importante mais, em alguns casos, pode ser constatada a existência de aglo-

merações urbanas em que houve expressivo esvaziamento de suas populações e atividades econômicas, drenadas pelas cidades com um papel regional mais significativo. A região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba é um exemplo importante, pois algumas de suas cidades locais apresentaram, na Contagem Populacional (IBGE, 1996), decréscimos populacionais superiores a -30%, como são os exemplos de Canápolis (-33,9%) e Iturama (-33,5%), conforme ilustra a Tabela 4.

Para a análise da formação da rede urbana nas áreas de cerrado brasileiro, consideramos duas pesquisas da Fundação IBGE; primeiramente, aquela acerca do grau de centralidades das cidades brasileiras e, posteriormente, a de hierarquização urbana (FIBGE, 1993/1996a).

Tabela 4 - Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: evolução populacional dos municípios que apresentam taxas de crescimento negativas, 1960/1996

Municípios	População total					Taxa média de crescimento			
	1960	1970	1980	1991	1996	1960/ 1970	1970/ 1980	1980/ 1991	1991/ 1996
Campina Verde	4464	21940	21677	20057	18875	391,5	-1,2	-7,5	-5,9
Canápolis	2362	9777	7142	15912	10515	313,9	-27,0	122,8	-33,9
Capinópolis	2522	14280	13286	15061	15013	466,2	-7,0	13,4	-0,3
Centralina	3133	3977	11376	13811	10310	26,9	186,0	21,4	-25,3
Iturama	1518	42644	48525	45642	30349	2709,2	13,8	-5,9	-33,5
Lagoa Formosa	2806	19180	18520	15951	15901	583,5	-3,4	-13,9	-0,3
Perdizes	1031	9973	9406	10730	10520	867,3	-5,7	14,1	-2,0
Prata	4725	18501	19873	24631	20801	291,6	7,4	23,9	-15,5
Presidente Olegário	1948	27250	24515	23258	17124	1298,9	-10,0	-5,1	-26,4
Tupaciguara	10642	25127	25685	26561	21403	136,1	2,2	3,4	-19,4

Fonte: FIBGE, 1960-1991. FIBGE, 1996.

Nos estudos de centralidade urbana (Tabela 5 e figura 3), é possível verificar, nas áreas de cerrado, a existência, para 1996, de duas cidades, Belo Horizonte e Goiânia, exercendo, tanto para o Brasil como para suas áreas de atuação, centralidades máximas. A cidade de Brasília, apesar de ser capital nacional, segundo a pesquisa, exerce no Brasil uma centralidade forte e para sua área de atuação, máxima.

As cidades de Cuiabá, Campo Grande, Montes Claros e Uberlândia exercem no Brasil centralidade forte e nas suas áreas de atuação, muito forte. As demais cidades das áreas de cerrado, consideradas na pesquisa, exercem no

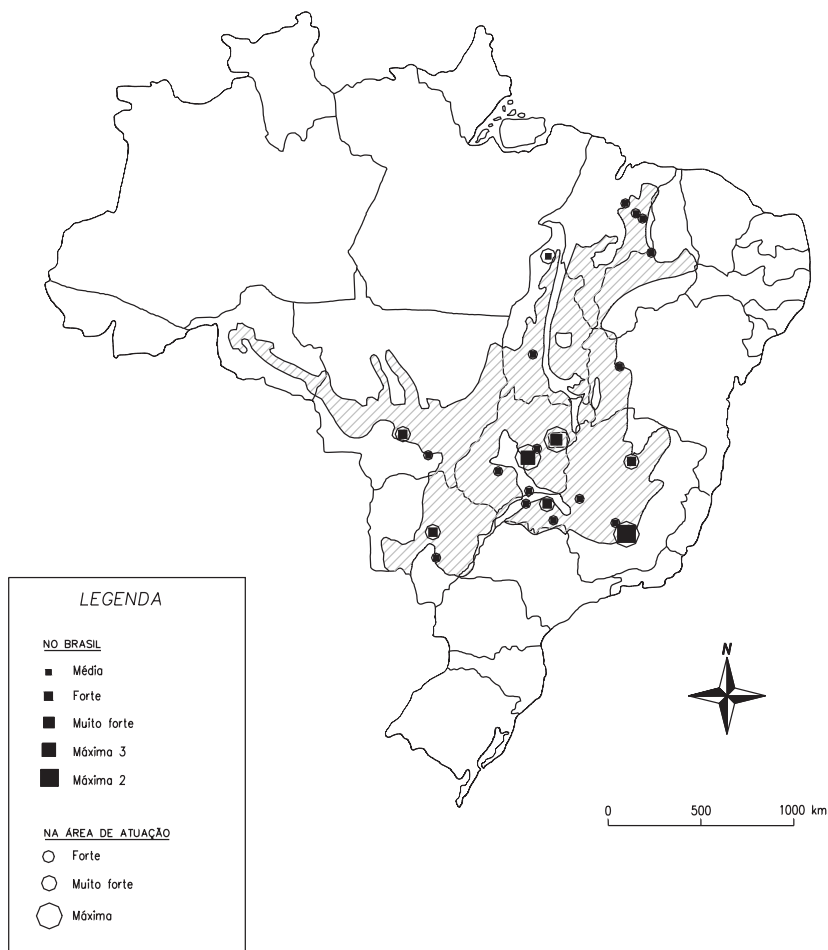
Brasil centralidade média, sendo que nas suas áreas de atuação direta, exercem centralidades fortes. Aqui abre-se uma exceção para a cidade de Anápolis que, no Brasil, exerce centralidade média, porém na sua área de atuação exerce centralidade muito forte.

TABELA 5 - Áreas de cerrado: cidades com centralidades mais expressivas, 1996

Municípios	Classes de centralidades	
	no Brasil	na área de atuação
Caxias	Média	Forte
Codó	Média	Forte
Timon	Média	Forte
Florianópolis	Média	Forte
Araguaína	Média	Muito Forte
Gurupi	Média	Forte
Barreiras	Média	Forte
Anápolis	Média	Muito Forte
Goiânia	Máxima 3	Máxima
Itumbiara	Média	Forte
Rio Verde	Média	Forte
Cuiabá	Forte	Muito Forte
Rondonópolis	Média	Forte
Campo Grande	Forte	Muito Forte
Dourados	Média	Forte
Belo Horizonte	Máxima 2	Máxima
Contagem	Média	Forte
Ituiutaba	Média	Forte
Patos de Minas	Média	Forte
Montes Claros	Forte	Muito Forte
Uberaba	Média	Forte
Uberlândia	Forte	Muito Forte

Fonte: FIBGE, 1993/1996a.

**Figura 3 - Áreas de cerrado:
cidades com centralidade expressivas, 1996**



Fonte: Fundação IBGE - Anuário Estatístico do Brasil, 1996.

Adaptação: Kelly C. Bessa

Digitalização: Celso A. Siqueira

A Fundação IBGE (1993/1996a), em seus estudos sobre as cidades brasileiras, adotou vários componentes urbanos para estabelecer uma hi-

erarquia urbana entre as cidades. Esses componentes consideram o nível de bens e de serviços existentes em cada aglomeração e a demanda por estes, ou seja, as cidades pequenas possuem bens e serviços muito frequentes; as cidades médias já possuem bens e serviços menos frequentes; e as cidades grandes possuem bens e serviços de consumo raro. Assim, criou-se várias categorias hierárquicas de cidades: Metrôpoles Nacionais, Metrôpoles Regionais, Centros Submetropolitanos, Capitais Regionais e Outras Cidades.

Nas áreas de cerrado é possível verificar a presença de duas Metrôpoles Regionais, Belo Horizonte e Goiânia; dois Centros Submetropolitanos, Campo Grande e Cuiabá; 10 Capitais Regionais, Florianópolis, Brasília, Anápolis, Rondonópolis, Dourados, Patos de Minas, Montes Claros, Divinópolis, Uberaba e Uberlândia, sendo que as demais cidades são consideradas Outras Cidades, Caxias, Balsas, Palmas, Itumbiara, Ituiutaba e Barreiras (vide tabela 6 e figura 4).

Nas demais áreas da região pode ser observado um incremento econômico; a criação de cidades e a modernização de outras, fosse pela modernização agrícola, com a introdução de novas tecnologias para o plantio e armazenamento de grãos; a implantação de novas atividades relacionadas à pecuária e à avicultura, bem como turismo rural e ecológico.

É necessário destacar que recentemente a atividade turística, seja ela rural, cultural ou ecológica, vem se transformando em alternativa para o desenvolvimento sustentável das pequenas cidades do cerrado, visto que apresenta novas possibilidades de desenvolvimento regional. Desse modo, as cachoeiras, as antigas fazendas e a paisagem natural tornaram-se elementos importantes nessas aglomerações. Verifica-se, por exemplo, o caso de Pirinópolis e Chapadão do Céu, em Goiás, da Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso, entre outros.

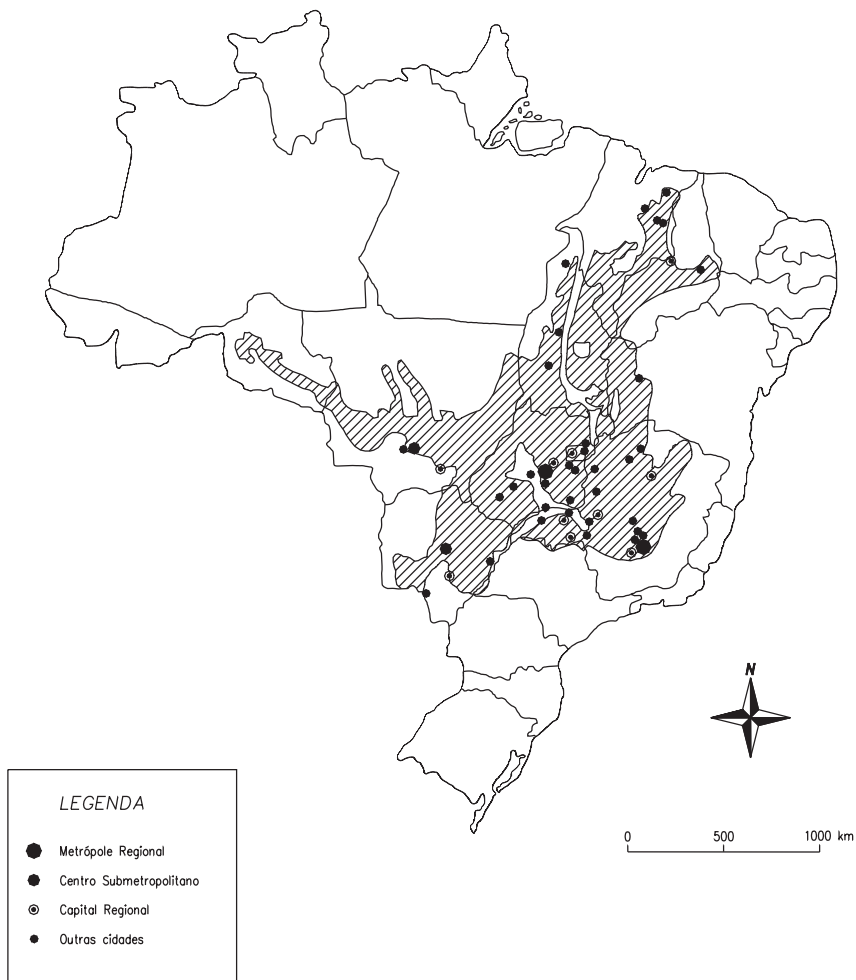
Em decorrência da modernização da agricultura, as cidades de pequeno porte passaram a ser consideradas como “cidades do campo”, por apresentarem aspectos e atividades muito relacionadas e inteiradas com a vida rural modernizada, e por estarem inseridas em “região agrícola”, como coloca SANTOS (1993:68): “... nas regiões agrícolas é o campo que, sobretudo, comanda a vida econômica e social do sistema urbano...”. Estas cidades apresentam forte especialização agrícola e, em consequência, transformaram-se em cidades econômicas, onde se verifica a requalificação do urbano em decorrência das demandas do campo modernizado.

Tabela 6 - Áreas de cerrado: hierarquia urbana, 1996

Cidades	Hierarquia urbana
Belo Horizonte	Metrópole Regional
Goiânia	Metrópole Regional
Campo Grande	Centro Submetropolitano
Cuiabá	Centro Submetropolitano
Anápolis	Capital Regional
Brasília	Capital Regional
Divinópolis	Capital Regional
Dourados	Capital Regional
Florianópolis	Capital Regional
Montes Claros	Capital Regional
Patos de Minas	Capital Regional
Rondonópolis	Capital Regional
Uberaba	Capital Regional
Uberlândia	Capital Regional
Balsas	Outras cidades
Barreiras	Outras cidades
Caxias	Outras cidades
Ituiutaba	Outras cidades
Itumbiara	Outras cidades
Palmas	Outras cidades

Fonte: FIBGE, 1996a.

Figura 4 - Áreas de cerrado: hierarquia urbana, 1996



Fonte: Funda o IBGE - Anuário Estatístico do Brasil, 1996.

Adapta o: Kelly C. Bessa

Digitaliza o: Celso A. Siqueira

Podemos citar o exemplo de Balsas (MA), que representa para a média, na atualidade, o novo eldorado das áreas de cerrado, pois existem ali, segundo a Revista  poca (ADEODATO, 1998), forte incidência de sol, chuvas uniformes, relevo plano e solo homogêneo e de fácil corre o; 240 proprietários rurais; uma

produção de soja que ultrapassa 320 mil toneladas, numa área de 166 mil hectares; possibilidades de escoamento rápido da produção via Ferrovia Norte-Sul. Os 40 produtores ligados ao Programa de Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER) produziram naquele ano cerca de 38 mil toneladas de soja e 10 mil de arroz, bem como milho e feijão.

No município de Balsas foram criados 10 mil empregos diretos e indiretos, pois foram instalados indústrias e serviços de suporte à produção e à exportação de soja. Com o desempenho dos exportadores Ceval e Cargill, o município está diretamente conectado com a bolsa de mercadorias de Chicago (EUA). Foram construídos, pela Eximcoop, silos de secagem e armazenagem de grãos. Tendo em vista esse quadro, foram instaladas na região transportadoras, empresas de consultoria técnica agrícola e filiais de fábricas de fertilizantes, bem como uma fábrica de óleo de soja e a Cooperativa Batavo Nordeste. Outros novos negócios estavam sendo criados, entre eles hotéis, restaurantes, clínicas médicas, locadoras de automóveis, escritórios de advocacia e contabilidade, entre outros.

Considerações finais

Nesse sentido, a rede urbana nas áreas de cerrado brasileiro está sendo consolidada pelo dinamismo das atividades econômicas (modernização agropecuária, agroindustrialização, terciarização); pela presença dos centros de poder e administração pública, tanto federal como estadual (Brasília, Cuiabá, Campo Grande, Goiânia, Palmas, Terezina e Belo Horizonte); pela ampliação do dinamismo de alguns centros urbanos, em particular das cidades médias; pela criação de novos espaços urbanos, as chamadas “cidades do campo”; e pela criação de uma base infra-estrutural associada, primordialmente, aos transportes, às comunicações e à geração de energia; e, mais recentemente, pelo turismo rural e ecológico.

Esses fatores econômicos e funcionais foram capazes de modificar a configuração territorial e as interações sócio-espaciais e políticas na referida região, sendo que os dados demográficos demonstram complexidade na distribuição espacial da população; crescimento demográfico acima da média nacional, apesar da redução das taxas pós-década de 1980, quando comparada às décadas anteriores, apontando para um sensível decréscimo percentual junto às metrópoles e significativo crescimento dos municípios entre 50 mil e 500 mil habitantes; bem como uma concentração populacional em áreas urbanas visto que os dados evidenciam de-

créscimo da população rural que passa a incrementar as áreas urbanas, elevando sensivelmente as taxas de urbanização.

A conjugação desses fatores promoveu maior articulação da rede urbana nas áreas de cerrado brasileiro, particularmente das metrópoles e das cidades médias e locais com o sistema nacional de cidades.

Essas articulações orientam-se a partir das redes formadas por Goiânia/Brasília/Palmas, São Paulo/Campo Grande/Uberlândia, Cuiabá/norte de Mato Grosso e Belo Horizonte/norte de Minas Gerais. Nessa rede, os centros urbanos passam a representar pontos-nós, garantindo uma articulação interna e externa, bem como viabilizando a produção, a circulação e o consumo, ou seja, a acumulação de capital e a reprodução social na região.

Notas

¹ O presente estudo tratará apenas das áreas de cerrado contínuas.

² De acordo com a EMBRAPA (1976), o cerrado ocupa uma área de 1.880.000 Km², o que equivale a 23% do território brasileiro. Ab'Saber (1971), Ferri (1976) e Dias (1992), colocam que as áreas de cerrado brasileiro ocupam 2.000.000 Km², equivalendo a 24% do território nacional. E, na colocação de Reichardt (1977), o ecossistema cerrado ocupa, no Brasil, uma área de 2.128.000 Km², correspondendo a 25% do seu território (citado por Chagas, 1999).

³ Essas regiões modernizadas, segundo SANTOS (1993), denominam-se espaços agrícolas e não rurais, uma vez que contêm cidades que estão adaptadas às demandas do campo modernizado.

⁴ Algumas das cidades que compõem essa rede encontram-se em áreas de transição ou contato entre o cerrado e outros biomas brasileiros. São elas: Araguaína (TO), Trindade e Itumbiara (GO), Várzea Grande e Rondonópolis (MT), Ponta Porã e Dourados (MS) e as cidades das regiões metropolitanas de Belo Horizonte e de Goiânia, entre outras.

⁵ De acordo com Santos (1993:74), "*cidades milionárias*" são aquelas com mais de 1 milhão de habitantes.

⁶ Essa pesquisa, baseada no papel das cidades; na presença de centros distribuidores de bens e serviços; na presença de funções urbanas mais ou menos complexas, bem como na intensidade com que estes são demandados, estruturou o cartograma "*Cidades Brasileiras com Centralidades mais Expressivas*", onde os diferentes níveis de centralidade foram encontrados com base no total de fluxos existentes para cada cidade, ou seja, quanto maior a intensidade dos fluxos ou da demanda, maior a centralidade. Assim, criou-se a seguinte classe de centralidade: no Brasil – média, média para forte, forte, muito forte, máxima 3, máxima 2 e máxima 1; na área de atuação – média, forte, muito forte e máxima.

⁷ Essa articulação é também caracterizada pela superposição de novas redes às redes até então existentes, em função do rápido crescimento urbano.

Referências Bibliográficas

- ADEODATO, S. *O eldorado de Balsas*. Época, Rio de Janeiro: Editora Globo, ano I, n. 26, nov. 1998.
- BESSA, K. C. F. O. As novas redes do cerrado e a realidade urbana brasileira. Uberlândia: IGUFU, 1999. (mimeo).
- CHAGAS, I. Estrutura e funcionamento do bioma cerrado. *Cadernos Geográficos*, Montes Claros: Unimontes, vol. 1, n. 1, p.19-20, out. 1999.
- CORRÊA, R. L. A urbanização nas áreas de cerrado: algumas notas. *Sociedade & Natureza*. Uberlândia: EDUFU, ano 7, n. 13/14, p. 147-150. 1995.
- FUNDAÇÃO IBGE. *Anuário estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1996a. *Contagem populacional*. Rio de Janeiro: IBGE, 1996. Regiões de influência das cidades. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. *Censo demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, 1970-1991.
- GEIGER, P. P. *Evolução da rede urbana brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais/Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos/Ministério da Educação e Cultura, 1963. 457 p.
- GONÇALVES, M. F. (org.). *O novo Brasil urbano: impasses/dilemas/perspectivas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995. 358 p.
- SANTOS, M. O meio técnico-científico e a urbanização no Brasil. *Espaço & Debates*, São Paulo: NERU, ano VIII, n. 25, p. 58-62, 1988. *A urbanização brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1993. 157 p. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1994. 190 p. *A natureza do espaço: técnica e tempo/razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996. 293 p.
- SOARES, B. R. *Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização*. Formação, Presidente Prudente: Curso de Pós-Graduação em Geografia, n. 6, p. 55-64, 1999.
- SOARES, B. R. Urbanização no cerrado mineiro: o caso do Triângulo Mineiro. In: SILVA, J. B. et. al. *A cidade e o urbano*. Fortaleza: EUFC, 1997. p. 105-130.

Resumo

O texto trabalho analisa novas espacialidades urbanas advindas do processo de modernização econômica nas áreas de cerrado brasileiro e discute o papel das cidades médias nesse contexto.

Palavras-chave: novas espacialidades, cerrados brasileiros, cidades médias

Abstract

The objective of the present study is to discuss new patterns of urban spaciality derived from economic modernization in the region of the Brazilian savannah; it also aims at evaluating the role and significance of the regional medium sized cities in that context.

Key words: new space, Brazilian savannah, medium sized cities

Resumen

El texto analiza las nuevas espacialidades urbanas asociadas al proceso de modernización económica en áreas del *cerrado* brasileiro, discutiendo el rol de las ciudades medianas en ese contexto.

Palabras clave: nuevas espacialidades, cerrados brasileiros, ciudades medianas

A inefabilidade da obra de Oswald de Andrade afasta qualquer tentativa ingênua de aproximação apressada. A radicalidade de sua escrita parece exigir um movimento igualmente radical do pensador que deseja compreender a dimensão do autor de *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Além do que, Oswald de Andrade não foi um homem comum. Milionário, viu a sua fortuna desaparecer com a baixa do café. Viveu sempre rodeado de artistas, de pensadores e de todo tipo de pessoas interessantes da França e do Brasil. Tornou-se comunista e militante, mas largou o partidão (PCB) com severas críticas aos andamentos de sua política interna e externa. Os seus amores reverberavam na São Paulo do início do século XX. Tamanha as ambigüidades de sua vida, tamanha a densidade e a complexidade de sua obra que foram poucos os exegetas de seu legado. Todavia, inefável é, simultaneamente, o impossível de se exprimir por palavras e o que encanta e inebria: a obra de Oswald de Andrade afasta e atrai, repele e encanta.

Oswaldiar – um verbo irregular por excelência – coloca-nos, portanto, diante de alguns dilemas: é possível abordar a obra de Oswald de Andrade sem virar uma presa de seu próprio pensamento? como fazer uma aproximação acadêmica sem se transformar em um “chato boy” (termo cunhado por Oswald de Andrade)? o Canibal Oswald devorou os conceitos de Freud, Nietzsche, Montaigne, transformando e alterando as suas idéias. Por meio deste processo de devoração, transformou o Tabu em Totem. Digerindo o inimigo, reelaborou os significados, em um processo simultaneamente assimilador e inovador. É exequível a tarefa de devorar antropofagicamente Oswald?

Rubens Martins resolveu se debater com o campo semântico proposto pelo verbo *oswaldiar*. O livro *Um Ciclone na Paulicéia* é uma tentativa de análise das condições sócio culturais vividas por Oswald de Andrade, dos limites da atuação colocados por este contexto, dos grupos em disputas pela hegemonia do campo de poder intelectual. Enfim, o autor pretende fazer uma radiografia da São Paulo oswaldiana, nuançando o fio tênue entre indivíduo e sociedade.

Rubens Martins busca traçar uma genealogia² do processo de conformação do campo intelectual no qual Oswald de Andrade se encontra submerso. Nesse momento, o autor expõe os percalços da transição dos intelectuais no final do século XIX, analisando a “*legitimação da seriedade*” no percurso da institucionalização do Modernismo. Entre as figuras da seriedade emergente e as do boêmio,

o autor aborda aquilo que chamou de o “mito” Oswald. Interessante notar que Martins não se deixa levar por classificações apressadas e caminhos fáceis, mas mostra as ambigüidades de Oswald de Andrade e do próprio processo da legitimação da seriedade e da abnegação da boêmia. Por fim, ele questiona os espaços de marginalidade e de autonomia em um campo social estrito. Neste ponto do texto, traz-se à baila os debates clássicos da sociologia entre indivíduo e sociedade. Além disso, em uma parte extremamente feliz, o autor interpreta uma análise por dentro da obra de Oswald de Andrade.

O termo “campo social” remete diretamente à obra de Pierre Bourdieu, utilizado como suporte teórico conceitual das análises de Rubens Martins. Essa escolha leva à seguinte indagação: a teoria de Bourdieu forçaria a uma petrificação da análise? Ou, de outra forma, o arcabouço teórico conceitual de Bourdieu não sufocaria a análise de Rubens Martins? Existe mesmo uma crítica, muito comum na Academia, segundo a qual a teoria de Pierre Bourdieu proporcionaria a desqualificação dos sujeitos sociais, colocando-os como fantoches de determinações sociais preexistentes. Nesse sentido, caberia ao sociólogo somente acessar as determinações subjacentes às posições sociais. Não se trata aqui, entretanto, de efetuar uma exegese hermenêutica de Bourdieu, mas, antes, sugerir como Martins desenvolveu as suas análises e como elas iluminariam a obra de Oswald de Andrade.

A revolução de 30 agitando o País, a crise mundial do capitalismo, os abalos estéticos advindos da Europa, uma São Paulo em constante mudança, esse era, em linhas gerais, o quadro sócioeconômico a que Oswald de Andrade teve que responder como intelectual e como artista. É justamente a “solução” oswaldiana que Rubens Martins busca desvendar. Assim, o autor de *Um Ciclone na Paulicéia* analisa o processo de formação intelectual de Oswald de Andrade e o seu percurso *anarco-experimentalista*³, que proclamava o modernismo como um movimento inacabado.

Martins conta-nos que, depois da fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, e o aparecimento de sua primeira geração, houve a institucionalização dos saberes e os pensamentos assistemáticos não conseguiram legitimidade intelectual. Para uma posição como a de Oswald de Andrade, de “revolução permanente” do modernismo – como dizia Pagu, fazendo referência às idéias de Trotski –, de uma crítica humorística em direta contraposição a emergente postura de “seriedade intelectual”, a marginalidade foi a conseqüência imediata. Martins narra a tensão oswaldiana da necessidade de inserção institucionalizada e a sua autonomia. Assim, resume Rubens Martins (pág. 150),

A vida de Oswald de Andrade pode ser analisada segundo o binômio autonomia-marginalidade, uma vez que, desde o início de sua atuação no

campo intelectual de São Paulo, sempre se encontrou em uma situação que possibilitou o exercício da mobilidade entre estes dois termos.

Dessa forma, sem desprezar a autonomia do pensamento oswaldiano, Martins desenha o quadro social e as relações sociais da época, sugerindo como esse mesmo quadro e a situação marginal de Oswald de Andrade possibilitou-lhe a negação de consensos absolutos, constituindo-se em mola propulsora para a sua arte.

A importância do trabalho de Rubens Martins repousa na densidade das tensões que se manifestam, muitas vezes à revelia de qualquer racionalização sob as quais o autor poderia se justificar. Os pontos altos do argumento de Rubens Martins talvez sejam: 1) a cuidadosa elaboração da história da ascensão da “seriedade”, do “intelectual sério” e disciplinado, em contraposição à queda vertiginosa da boêmia e da exclusão quase que completa do bom humor, do chiste e da graça, que Martins denominou de “legitimação da seriedade” – o que conduz à desconstrução da oposição antinômica sério x humor; 2) a demonstração da relevância de uma “sociologia da literatura”; 3) a leitura interna de *Serafim Ponte Grande*, que indica a possibilidade da forma e do conteúdo serem tratados em intrínseca conexão.

A legitimação da seriedade

Foi por meio da insistência oswaldina em sua veia sarcástica, irônica, zombeteira, em seus trocadilhos exemplares, em suas sátiras bem direcionadas, que se operou uma oxigenação da vida intelectual de São Paulo no início do século XX. A “*legitimação da seriedade*” provocou, como demonstra o autor de *Um Ciclone na Paulicéia*, um enrijecimento da literatura – sem falar, é óbvio, da escrita acadêmica. Lembra Martins (pág. 69),

A postura oswaldiana não vê na sátira um elemento gratuito, mas instrumento que possibilita realizar um exercício pedagógico que, por meio do riso e do ridículo, opõe às opressões e aos dogmatismos, os quais, cristalizados em opiniões fechadas e oficiais, eram responsáveis pela estagnação cultural e pelo fechamento de alternativas para novas mudanças.

Trata-se uma pedagogia do riso e será ela a fundar o matriarcado de Pindo-

rama. O Matriarcado de Pindorama é a projeção de nosso passado mítico – sem a propriedade privada e sem as sublimações sexuais, sem classes sociais e sem a repressão do “processo civilizatório” – para o futuro com os seus avanços estéticos, científicos e tecnológicos. Eis a utopia oswaldiana. Nada mais apropriado para falar de um tempo ao mesmo tempo de retorno à infância – antes da “descoberta”, antes das caravelas portuguesas – do que o cômico, o gracejo, o chiste, pois, segundo Freud, esses exercícios lúdicos da linguagem aludem ao homem o seu estado infantil. Dessa maneira, forma e conteúdo em Oswald constituem um todo indissolúvel.

Rubens Martins enfatiza a importância da alegria, do cômico, do jocoso no texto de Oswald de Andrade, revelando que foi justamente por construir as suas narrativas desta forma que Oswald conseguiu a profundidade muitas vezes não alcançada por autores pretensamente sérios. Não que Martins oponha o sério e o humor ou que valorize um em detrimento do outro. O movimento é o de romper com esta oposição.

O questionamento empreendido por Rubens Martins da oposição sério x humor pode ser lida como uma sutil crítica à Academia. Desconsiderando uma tradição que vem de Marx, Freud, passando por figuras como Derrida e Lacan⁴, a Academia tem primado por uma atitude de desconfiança com empreendimentos carreguem momentos de humor. Entretanto, com toda a sua facécia, ou melhor, por meio dela, Oswald de Andrade conseguiu falar da opressão colonial, da exploração capitalista, do patriarcado, do colonialismo cultural, entre outros. *Um Ciclone na Paulicéia* ressalta essa característica, fazendo-nos aprender com Oswald de Andrade, “o papel profilático, regenerador e humanizador do humorismo”⁵.

Sociologia da Literatura

Todos sabemos a importância que a literatura teve na formação daquilo que se convencionou chamar de Ciências Sociais no Brasil. Foi dos literatos o papel de pensar o Brasil, de procurar compreendê-lo e de elaborar as primeiras teorias sobre a “nação”. Sobre esse fenômeno já se gastou muita tinta. Todavia, faz parte de certa mentalidade de alguns sociólogos eleger temas quentes e frios, importantes e secundários e tentar desqualificar outros. Não são poucos os que alegam que a literatura deve ficar para os seus “especialistas”, tratando-se de uma questão secundária para um sociólogo. Mesmo que não se argumente de forma direta contra as análises sociológicas que objetivam entender os fenômenos literários, a pouquíssima produção de trabalhos que se dedicam a tal projeto contrasta com a extensa dimensão da literatura para a formação do pensamento social brasileiro.

Assim, a obra de Rubens Martins encontra-se envolta nas tensões e conflitos das disputas dos possíveis “objetos” sociológicos, contribuindo na luta daqueles que advogam a dignidade e a necessidade de a sociologia dedicar atenção especial à literatura, ao cinema, às artes plásticas, entre outras formas de expressão.

Os dizeres da forma

Aqueles que se deparam com a obra de Oswald de Andrade pela primeira vez sentem o impacto de sua estrutura fragmentária e de seu ritmo acelerado, um “estilo telegráfico” com “metáforas lancinantes”. O estilo para Oswald de Andrade constituía o cerne de sua arte e é por meio dele que podemos encontrar a radicalidade – no sentido de ir à raiz – de sua linguagem. Recentemente, diversos autores têm afirmado a importância dos “*dizeres da forma*” e de como é necessário perceber não só “*o que se diz*”, mas “*como se diz o que se diz*”. Em todas as áreas das Ciências Sociais, por exemplo, os pesquisadores procuram cuidar da construção de sua narrativa, dos elementos retóricos utilizados e de seu próprio lugar no texto. São os contemporâneos experimentos de escrita.

Nesse sentido, o que aprendemos com Oswald de Andrade? Como a leitura de sua obra ajudou aos pesquisadores no processo de construção de textos em Ciências Sociais? Uma resposta a essas indagações poderia chegar a resultados decepcionantes. Entretanto, a escrita oswaldiana pode nos auxiliar e nos ensinar, criando possibilidades diferentes e alternativas para os problemas textuais das narrativas. A sua técnica de montagem dos fragmentos que organizados formam os contextos, lembra a linguagem cinematográfica. Em Ciências Sociais temos algumas obras ilustrativas da produtividade desse diálogo entre as diversas formas de narrativas, destacando-se às de Walter Benjamin e às de Michael Taussig – no primeiro temos uma íntima relação com o surrealismo e no segundo uma estrutura textual altamente fragmentária como as de um Eisenstein.

Aliás, se observássemos com mais cuidado a literatura (Joyce, Beckett, Guimarães Rosa, Oswald), a música (Wagner, R. Strauss, Stravinski), o cinema (Eisenstein, Pudovkin, F. Lang, Rouch), entre outras formas de expressão, muito da maneira como escrevemos seria alterada, aumentando as possibilidades narracionais.

* * *

Um Ciclone na Paulicéia origina-se da dissertação de mestrado de Rubens Martins. Uma dissertação, pelo próprio espaço e tempo de pesquisa, tem certamen-

te os seus “limites” – para utilizar uma expressão cara para o autor. Rubens Martins poderia, por exemplo, ter aprofundado a sua concepção de mito. A “desconstrução” derridariana, com certeza, daria outra dimensão a *dermanché* que Rubens Martins empreende entre o sério e o humorístico. A análise interna da obra de Oswald de Andrade – bosquejada no último capítulo do livro – proporcionaria também uma desconstrução da dicotomia obra/artista⁶, permitindo o autor alçar maiores vôos. Entretanto, se é verdade que uma obra é bem sucedida por aquilo que contém, também é verdade que o seu sucesso depende daquilo que ela suscita. Clássico, dirá Calvino, é um livro que nunca terminou o que tinha para dizer. Os “limites” do trabalho de Rubens Martins assemelham-se aos limites da vida intelectual em São Paulo: um convite à ação e ao pensamento.

Oswald de Andrade consideraria *Um Ciclone Na Paulicéia* obra de um “*chatoboy*”, se lhe fosse possível opinar? Uma obra acadêmica e aborrecida elaborada para agradar os pares, na tentativa de obtenção de títulos!? Não. Por que, entre numerosos outros motivos rápida e parcialmente elaborados aqui, o texto de Rubens Martins é interessante por sugerir os perigos advindos de nos considerarmos importantes demais, a ponto de não podermos rir de nós mesmos. Freud já havia notado que os chistes ajudam a suportar os desejos recalçados, produzindo formas aceitáveis socialmente. Assim, o chiste é um produtor de prazer, a busca do humor de nossa infância passada. Daí a bandeira de Oswald de Andrade⁷: “*Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucuras, sem prostituição e sem penitenciárias do Matriarcado de Pindorama*”. O texto de Rubens Martins lembra-nos e convida-nos a fartarmos da utopia oswaldiana: a alegria. Se a “*alegria é prova dos nove*”, como insistia Oswald de Andrade, *Um Ciclone na Paulicéia* passaria no teste oswaldiano!

Notas

¹ Martins, Rubens Oliveira. *Um Ciclone na Paulicéia. Oswald de Andrade e os limites da vida intelectual em São Paulo (1900-1950)*. São Paulo: Unibero, 2001.

² Apesar da utilização do termo “genealogia”, Martins não empreende uma abordagem foucaultiana.

³ Termo de José Guilherme Merquior, em *O fantasma romântico e outros ensaios*. Petrópolis, Vozes: 1980.

⁴ Marx construía inversões como ninguém, como atesta o seu *A Miséria da Filosofia*. Freud dedicou-se expressamente ao estudo dos chistes, das frase de espírito (*witz*). Derrida colocou as inversões no centro de sua filosofia e Lacan elaborou a sua teoria com impagáveis trocadilhos.

⁵ Cândido, Antônio. “Os Dois Oswalds” In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993 (pág. 36).

⁶ Até porque obra e artista estão em íntima conexão, bastando lembrar, só para título de exemplo, como Oswald encarna em seu personagem Jorge d’Alvellos e como cria a personagem Mongol, símile fictícia de Pagu, em *A Escada* (último volume da *Trilogia do Exílio*).

⁷ Andrade, Oswald. *Do Pau Brasil à Antropofagia e às Utopias*. In: *Obras Completas v. VII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Resumo

O texto analisa a obra *Um Ciclone na Paulicéia*, de Rubens Martins, ressaltando a visão de Martins acerca da trajetória histórica e intelectual de Oswald de Andrade.

Palavras-chave Oswald de Andrade, humor, literatura

Abstract

The text analyses *Um Ciclone na Paulicéia*, by Rubens Martins, highlighting the vision of Martins as to the historical and intellectual trajectory of Oswald de Andrade.

Key words: Oswald de Andrade, humor, literature

Resumen

El texto analiza la obra *Um Ciclone na Paulicéia*, de Rubens Martins, destacando la visión de Martins sobre la trayectoria histórica e intelectual de Oswald de Andrade.

Palabras clave: Oswald de Andrade, humor, literatura

Larissa Cristina Sampaio Macêdo

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). São Paulo - SP

* **GRACIOSO, Francisco.** São Paulo: Atlas, 1997. 249p.

Marketing: o sucesso em 5 movimentos.*

Apesar dos problemas econômicos, o Brasil tem um histórico de destaque nos estudos de *marketing*. Embora não esteja, em alguns aspectos, no mesmo nível dos países mais desenvolvidos, o *marketing* brasileiro tem evoluído nos últimos anos, identificando-se como um novo *marketing*. Estas transformações foram observadas pelo administrador, publicitário e profissional de *marketing* Francisco Gracioso. Com mais de 30 anos de experiência em cargos de direção e em consultoria empresarial, o autor acompanhou as mudanças ocorridas no cenário do *marketing* brasileiro nas últimas décadas.

Além de tratar da evolução do *marketing* no Brasil e no mundo, o autor enfatiza o seu verdadeiro conceito, o seu papel e sua importância nas empresas; que por muitos anos concentraram suas expectativas apenas na produção e na distribuição, deixando o mercado em segundo plano. As estratégias de *marketing* e a orientação para o mercado também são pontos fortes desta obra pois para o autor elas são essenciais para a obtenção de bons resultados.

No Brasil pós-real, o *marketing* voltou a ser fundamental para o sucesso das empresas, mas trata-se de um novo *marketing*, em que a orientação para o mercado é o mais importante. Para o autor, neste novo mercado, aberto à competição, só têm sucesso os que compreenderem o novo papel do *marketing*, desenvolverem uma visão estratégica, respeitarem a linguagem dos números e partirem para a busca da excelência, usando a criatividade para introduzir inovações e provocar as mudanças que se tornarem necessárias, sem, com isso, deixarem de lado a cultura da empresa, necessária para a manutenção de seus valores e crenças

O autor descreve o *marketing*, com a intenção de mostrar ao leitor, de uma forma simples, como o *marketing* funciona e como compreendê-lo e utilizá-lo melhor. A própria divisão do livro em cinco movimentos tem como objetivo facilitar a compreensão do *marketing* no seu sentido dinâmico e diversificado. O livro, além de fácil leitura, é pedagógico, pois ilustra os conceitos de *marketing* utilizando casos reais para facilitar a compreensão do leitor.

Ao longo da obra o autor enfatiza os pontos essenciais para a “busca da excelência”. Estes pontos são identificados como a importância da preservação da

cultura organizacional para a perenidade da empresa. Nas palavras do autor “a cultura empresarial não é apenas fator de estabilidade das estruturas da organização. É também fator de integração dos diretores e funcionários, em torno de ideais comuns que vão muito além dos interesses materiais” (p.74).

A importância da orientação para o mercado é de grande valia para os negócios, pois “o que chamamos de “mercado” é realmente parte integrante e inseparável de um sistema de interesses muito mais amplo e complexo que envolve fornecedores, distribuidores e revendedores, além dos concorrentes e consumidores, para não falar do ambiente macroeconômico e social” (p.81). Isto implica dizer que a compreensão do mercado é obrigatória para conhecer e atender as suas próprias necessidades, como também ressaltar a utilização, quando exigida, das estratégias de *marketing* como a segmentação do mercado e a identificação de nichos; a importância de estar atento para o que está acontecendo no país e no mundo, para, deste modo, tomar as decisões que rapidamente se fizerem indispensáveis.

Embora o livro tenha sido atualizado e ampliado em 1997 ele está desatualizado em relação ao ano 2001. Por exemplo, tem-se na sessão referente aos estudos de casos (p.179) o relato dos conflitos entre a Brahma e a Antarctica, sendo que, apesar de toda a rivalidade entre as duas marcas líderes do mercado de cerveja, elas se fundiram formando a Ambev. Isto é uma demonstração de aliança estratégica, pois atualmente a Ambev detém a liderança do mercado nacional de cervejas.

Finalmente, o livro traz contribuições importantes para aqueles que desejam conhecer a natureza do *marketing*, sua utilidade e seu papel nas grandes empresas e na vida das pessoas. O *marketing* está presente em quase todos os lugares que frequentamos, e a todo instante estamos deparando com uma de suas estratégias. A obra tem um enfoque original, valioso e indispensável para os profissionais de marketing, propaganda e executivos que ocupam cargos estratégicos em empresas. É uma leitura complementar para as disciplinas da área de marketing dos cursos de Administração de Empresas e Comunicação Social e útil tanto para leigos na área de *marketing* quanto para profissionais, pois consegue mostrar o que é o *marketing* de maneira fácil e simplificada.

Albene Miriam F. Menezes

Professora do Departamento de História da UnB. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

***SARAIVA, José Flávio Sombra (org.).**

Entre a preponderância européia e a emergência americano-soviética (1815-1947), Vol. I; Entre a ordem bipolar e o policentrismo (de 1947 a nossos dias)", Vol. II. Brasília: IBRI, 2001.

Relações Internacionais - Dois Séculos de História*

A História das Relações Internacionais vem se consolidando como um campo de estudo, pesquisa e publicação na historiografia brasileira e os dois volumes organizados pelo professor José Flávio Sombra Saraiva, da Universidade de Brasília, mais que preencher uma lacuna, cumpre, como obra paradigmática, o papel de repassar em análise, de forma competente, a conformação do sistema internacional dos dois últimos séculos. O leitor interessado nas vicitudes das relações internacionais dispõe, com esses textos, de reflexões que superaram o desafio da percepção nacional.

Na realidade, os dois volumes não são inéditos, mas sim, a reedição da obra, publicada em 1997 com o título *Relações Internacionais Contemporâneas. Da Construção do Mundo Liberal à Globalização, de 1815 a nossos dias* (Brasília: Paralelo 15). Não obstante, oportunamente vem a lume, pois constitui referência não só para os estudantes universitários, como para o público interessado em se informar e compreender as transformações na seara das relações internacionais nos últimos 175 anos – vale dizer, da história contemporânea. Na 1ª edição, a obra foi publicada em um único volume com letras em tamanho menor. Com logotipos maiores, o texto original se transformou em dois volumes, de leitura mais agradável.

Título que inaugura a coleção Relações Internacionais, editada pelo Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI) com o suporte da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), o Volume I, intitulado “Relações Internacionais Dois Séculos de História, entre a preponderância européia e a emergência americano-soviética (1815-1946)”, tem suas 268 páginas divididas em 5 capítulos com textos de 3 professores do Departamento de História da Universidade de Brasília (José Flávio Sombra Saraiva, Amado Luiz Cervo e Wolfgang Döpcke), o que atesta a vocação da UnB como centro pioneiro e dinâmico dos estudos internacionalistas no Brasil.

Com a publicação da coleção referida (com lançamento previsto de 10 títulos), o grupo de historiadores das relações internacionais daquela universidade deslança uma fase sistematizada de consolidação de sua trajetória. Tendo o professor Amado Luiz Cervo como verdadeiro decano e secundado pelo professor Sombra Saraiva, organizador dos títulos acima, junto com colegas de outros centros, colocam a produção historiográfica brasileira em posição de destaque na América Latina, que, juntamente com a produção argentina, constitui o que Saraiva designa de construções austrais das abordagens da história das relações internacionais.

Denis Rolland, do Instituto Universitário da França, no prefácio do Volume I, que não consta na edição original, comenta que “*a obra...é, sem dúvida, uma moderna contribuição ao campo das relações internacionais. Ela não fica a dever às sínteses publicadas na Europa nos últimos anos.*”

No capítulo 1, do mencionado volume, o organizador da obra, em síntese esmerada, informa o leitor sobre a “História das Relações Internacionais: o objeto de estudo e a evolução do conhecimento”. As construções historiográficas dos principais centros de estudos internacionalistas, assim como de alguns dos mais interessantes centros marginais, são avaliadas por Saraiva com olhar crítico e realista.

A abordagem do tema “entre a preponderância européia e a emergência americano-soviética” foi subdividida em quatro grandes momentos:

- a) Sob o título “Hegemonia coletiva e equilíbrio: a construção do mundo liberal (1815 a 1871)”, Amado Luiz Cervo conduz o leitor, por uma análise segura e competente, a se informar e refletir sobre *a ampliação do sistema internacional da Europa para o mundo inteiro sob a forma de uma rede de interações tecida por um elemento cultural comum*. Do Congresso de Viena, do exercício da hegemonia coletiva (1815-1848) ao movimento das nacionalidades e do novo equilíbrio de poder (1848-1871) são narrados fatos e eventos. Teses são debatidas e reavaliadas. Analisadas são, também, as atitudes de países americanos *diante da preeminência européia do século XIX*.
- b) “Apogeu e colapso do sistema internacional europeu (1871-1918)” é o título do texto de Wolfgang Döpcke. Historiador alemão radicado em Brasília, Döpcke contribui com seu conhecimento da historiografia alemã para a ampliação do espectro do olhar analítico sobre os temas abordados. A crise do sistema internacional é tratada em seus vieses econômico, diplomático, político e imperialista. Estende-se a análise sobre as questões relativas à África

ca, Américas e Ásia. As relações internacionais dos Estados europeus são enfocadas sob a ótica da influência *das concepções políticas de segurança do chanceler alemão Otto von Bismarck*. *A Europa continental sob a diplomacia de Bismarck: crises diplomáticas e alianças (1871-1890)* e *O surgimento da bipolaridade na Europa e a Primeira Guerra Mundial (1890-1914)* são subitens que concentram o tratamento das sumo referidas relações. Contribuição singular da síntese de Döpcke vem a ser o item *o debate sobre as causas e a culpa da guerra*, quando são discutidas de forma crítica as principais teses sobre as causas da Grande Guerra tanto da historiografia alemã, quanto da francesa, inglesa e norte-americana.

- c) “A instabilidade internacional (1919-1939)” é o recorte temporal e temático do capítulo 4 narrado por Amado Luiz Cervo. Problematizada é a Paz de Versalhes. Segundo Cervo, *o fato é que a regulamentação da paz destruiu o sistema de equilíbrio anterior e engendrou um período de instabilidade nas relações internacionais, marcado pela reviravolta nas relações entre as potências e pelo crescimento dos egoísmos nacionais*. “A regulamentação da paz e as falhas da ordem”, “Europa: a zona de alta pressão”, “As novas grandes potências: União Soviética, Japão e Estados Unidos no sistema internacional”, “Às margens do sistema internacional: regiões tranquilas, regiões dominadas” e “Convergindo para o conflito mundial (1933-1939)” constituem os aspectos priorizados por ele para analisar as tendências das relações internacionais do período. O autor aborda a questão da instabilidade do entre guerras, em seus traçados gerais e específicos, e chama atenção para *o fato político mais chocante do período entre os dois conflitos: o aparecimento dos fascismos, um fato europeu, que levou ao colapso dos valores e das instituições do mundo liberal e rachou a opinião das nações em todo mundo*. Conclui que no início a guerra, que era européia, evoluiu para a guerra mundial em 1941, quando os exércitos alemães invadiram a URSS e a aviação japonesa bombardeou a base norte-americana de Pearl Harbour.
- d) “A agonia européia e a gestão da nova ordem internacional (1939-1947)” é o tema do 5º capítulo, abordado por Sombra Saraiva. *A agonia da guerra civil européia (1939-1941)*, *A mundialização da guerra e a emergência dos flancos (1941-1945)* e *A nova ordem internacional: o mundo já é outro (1945-1947)* são as subdivisões temáticas enfocadas. Saraiva chama atenção para *a arrancada norte-americana... sustentada na generosidade com a democracia britânica, na defesa dos seus interesses comerciais e na*

demonstração da sua força e da vontade de potência. A participação norte-americana na guerra se dá sob o compromisso da abertura total das economias nacionais aos interesses financeiros e comerciais norte-americanos. Assim, *emergia um novo conceito* na esfera das relações internacionais: *o de superpotência*. Consoante a nova ordem internacional vem a prevalecer o espírito de Yalta: a política das áreas de influência na Europa se tornaria um modelo a ser aplicado à própria política mundial com a consagração do unilateralismo do poder soviético na Europa oriental. A Guerra Fria se desenrolava já no desenrolar da 2ª Guerra Mundial.

“Conclusões – o valor da história”, escrita por José Flávio Sombra Saraiva vem a ser uma interessante síntese sobre os textos do Volume I consoante as questões que animam o debate dos estudos das relações internacionais, mormente o diálogo entre os historiadores profissionais e o esforço de abstração dos teóricos.

Os textos do Volume II da obra *Relações Internacionais. Dois Séculos de História. Entre a ordem bipolar e o policentrismo (de 1947 a nossos dias)* foram escritos por três autores de trajetórias consolidadas no campo dos estudos internacionalistas: Amado Luiz Cervo, Paulo Roberto de Almeida e José Flávio Sombra Saraiva.

Com prefácio inédito do Reitor da Universidade de Brasília, Lauro Mohry, que chama atenção para o fato da *instituição (UnB) vir dando passos céleres no sentido do relançamento da área em bases institucionais inéditas*, o volume estrutura a abordagem do tema em quatro capítulos e uma conclusão ao longo de suas 212 páginas.

- a) “Dois gigantes e um condomínio: da Guerra Fria à coexistência pacífica (1947- 1968)” é o tema do 1º capítulo abordado por Saraiva. “A ordem internacional da Guerra Fria (1947-1955)” e “A bipolarização imperfeita na coexistência pacífica (1955-1968)” são os aspectos enfatizados. Ele endossa a tese da flexibilização da ordem bipolar imperfeita. Analisa no contexto histórico a *migração da ordem internacional da bipolaridade para um sistema condominial mais flexível entre as duas superpotências*. Disserta sobre *a retomada do desenvolvimento japonês, a explosão afro-asiática e os caminhos ambivalentes da América Latina e a Europa reanimada*.
- b) “Détente, diversidade, intransigência e ilusões igualitárias (1969-1979)”, texto do professor organizador, identifica esses quatro fenômenos nomeados no título como os movimentos basilares nas relações internacionais dos anos 1970. A *détente* teria sido a característica mais nítida do período

com a flexibilização no relacionamento americano-soviético. Levanta a tese que a diversidade de interesses leva a percepção por parte de algumas regiões de que *haveria brechas para sua própria afirmação*. A faceta da intransigência teria sido marcada pela *construção de uma “nova ordem econômica internacional” pelos países do Terceiro Mundo*. As ilusões igualitárias se defrontaram com a “crise econômica”, especialmente a energética e a financeira.

- a) “As duas últimas décadas do século XX: fim do socialismo e retomada da globalização”, dissertação do diplomata e sociólogo Paulo Roberto de Almeida, vem a ser o maior capítulo da obra, com cerca de 40% das páginas. A abordagem dos acontecimentos do período é estruturada em uma introdução e seis subitens. Na introdução é discutida a dificuldade em conceituar o período. Analisadas são diferentes tentativas de diversos autores nesse sentido. No subitem *A década de 1980: dez anos que abalaram o mundo*, o autor chama atenção para o fato dos anos 1980 terem sido marcados *pela superação do conflito Leste-Oeste e pela fragmentação do Terceiro Mundo*. *A Nova Guerra Fria e a derrocada do socialismo* abrem caminho para um *novo tipo de gestão hegemônica das relações internacionais – uma espécie de Pax Consortis* entre os principais atores internacionais. No subitem *A economia mundial: crises, crescimento e diversificação*, Almeida registra, dentre outras observações, a inquietante constatação de que *Na seqüência da vaga neoliberal e livre-cambista... o que se nota de mais significativo nas relações econômicas internacionais é que o Sul se fragmenta irremediavelmente*. *Relações estratégicas internacionais e conflitos regionais; A década de 1990: a nova balança do poder mundial e Novos e velhos problemas: a complexa agenda mundial* são os outros recortes temáticos abordados no mesmo padrão analítico, consistente e competente.
- b) “O fim do século XX: dificuldade para construção de uma ordem global” é o tema desenvolvido por Amado Luiz Cervo. *Depois da Guerra Fria, um período de transição, As tendências de globalização e integração e o papel do Estado-nação, A expansão mundial dos negócios e, Política internacional e segurança* são os tópicos em análise.

A guisa de conclusão, Sombra Saraiva aventa um balanço da 2ª metade do século 20, e questiona se haveria “uma nova ordem internacional?” e conclui: *Demonstrou-se, neste volume, que existe certo descompasso entre a evolução da economia política do capitalismo e a formação de sistemas e ordens internacionais contemporâneas*.

Redigidos em um estilo a possibilitar a compreensão de um público não especializado e sem apresentar as exigências formais de textos acadêmicos, (notas de rodapé, notas de observação ou citações de fontes documentais de arquivo) os textos dos dois volumes de *Relações Internacionais. Dois Séculos de História* abordam de forma dialética as vicitudes do contexto internacional nos dois últimos séculos. Os quatro autores expõem, de forma crítica, idéias, conceitos e tendências interpretativas da historiografia contemporânea. Introduzem inovadoramente áreas tradicionalmente marginais no debate das grandes questões internacionalistas na abordagem dos ordenamentos internacionais. O leitor é convidado e conduzido com competência a se informar e refletir sobre as relações internacionais, seus velhos e novos paramentos.

Os dois volumes em pauta trazem a lume, basicamente os mesmos textos da 1ª edição, praticamente sem acréscimos ou revisões no conteúdo. O que, em essência, diferencia as duas edições, além dos títulos e capas, são os inéditos prefácios, a introdução do volume II e as conclusões de autoria do organizador, alguns títulos incluídos nas listas bibliográficas apostas ao fim dos capítulos e a composição gráfica, com uma leve modificação na diagramação e no tamanho das letras (que vão transformar o mesmo texto da edição original de um em dois volumes).

Normas para os colaboradores

1. Os artigos devem conter em torno de 25 laudas com 30 linhas de 65 toques, aproximadamente 49.000 caracteres.
2. Os originais devem ser encaminhados ao Editor, em disquete, programa Word 7.0 (ou 97), com uma cópia impressa. *Usar apenas formatação padrão.*
3. Os artigos devem estar acompanhados de resumos em português, espanhol e inglês, contendo aproximadamente cada um, oitenta palavras.
4. Em seguida ao nome do autor, devem constar informações sobre a formação e a vinculação institucional, com o máximo de cinco linhas.
5. Notas, referências e bibliografia devem estar de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas e colocadas ao final do artigo.
6. Resenhas devem ter cerca de 75 linhas de 65 toques, ou seja, aproximadamente 4.900 caracteres.

diagramação, arte-final, impressão e acabamento

 *gráfica e editora*
inconfidência

fores: (61) 552.4024 552.2510 fax: (61) 386.2350
brasilía distrito federal

Site: www.graficainconfidencia.com.br
E-mail: graficainconfidencia@zaz.com.br